

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Dissertação de Mestrado

“O QUE É QUE CAVALO SABE”:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O VÍNCULO ANIMAL-
HUMANO NA EQUOTERAPIA”

Luna Castro Pavão

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden

São Carlos, SP, Março de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“O QUE É QUE CAVALO SABE”:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O VÍNCULO ANIMAL-
HUMANO NA EQUOTERAPIA”

Luna Castro Pavão

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá (PPGAS/UnB)

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo Wagner (PPGAS/UFSCar)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade Federal de São
Carlos, como requisito para obtenção do título de Mestre
em Antropologia.

São Carlos, SP, Março de 2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P337cs Pavão, Luna Castro.
'*O que é que cavalo sabe*' : um estudo antropológico sobre o vínculo animal-humano na equoterapia / Luna Castro Pavão. -- São Carlos : UFSCar, 2015.
260 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

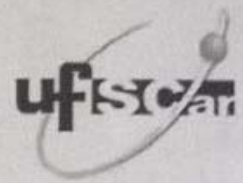
1. Antropologia. 2. Relações homem-animal. 3. Equoterapia. 4. Cavalo. 5. Pessoas com deficiências. 6. Corpo. I. Título.

CDD: 306 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL

Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas.coordenacao@ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Luna Castro Pavão

17/03/2015

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá
Universidade de Brasília / UNB

Submetida à defesa em sessão pública
Realizada às 14:00h no dia 17/03/2015.

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo
Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá

Homologado na CPG-PPGAS na
_____ª Reunião no dia ____/____/____.

Prof. Dr. Geraldo Luciano Andrello
Coordenador do PPGAS

*À Eliane, minha mãe, e seus brilhos que, não só em memória, vêm me
presentear.*

E para José Teodoro, meu avô, que muito me incentivou nos estudos.

AGRADECIMENTOS

Das trilhas mais ou menos intensas (e extensas) que a tarefa de pesquisar nos brinda, é com muita honra que retomo abaixo aqueles/as que circularam e permaneceram comigo nestes anos de mestrado, todas/os relacionadas/os com a escrita desta dissertação. São estes meus agradecimentos sinceros:

Ao prof. Felipe Ferreira Vander Velden, pelo privilégio em tê-lo como orientador de pesquisa e pela atenção diante dos apuros em que nela (me) encontrei, além de dividir comigo algumas de suas ideias cintilantes, as quais me influenciarão por toda uma vida. Agradeço, Felipe, pelas conexões que fizemos e outras que, espero, ainda teceremos juntos.

Aos financiamentos da Capes e Fapesp, que viabilizaram esta pesquisa e, particularmente à última, pela concessão da Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior (BEPE).

A todos os participantes dos atendimentos de equoterapia no Centro Hípico onde fiz minha pesquisa de campo. Em particular, agradeço aos terapeutas, pela generosidade ao permitir minha entrada e permanência na Hípica, e por terem partilhado comigo um pouco de seu trabalho naquele local (além, claro, das muitas caronas). Sou muito grata também aos cavalos deste local que, intencionalmente ou não, dividiriam comigo suas experiências naquele lugar; particularmente, agradeço ao cavalo Dominó, que me permitiu imaginar (não sem certo pesar), de perto e de cima, o que pode ser isto da gente *montar* no cavalo, e do cavalo ser montado por gente. Agradeço, ainda, aos auxiliares-guia, por permitirem que eu acompanhasse seu dia-a-dia de trabalho na Hípica. E deixo meus agradecimentos também aos praticantes, por terem autorizado que eu adentrasse uma ocasião tão particular de suas vidas que é uma sessão de terapia, alguns manifestadamente, outros por intermédio de seus familiares, a quem eu também agradeço.

Aos docentes do PPGAS da UFSCar, em especial ao prof. Luiz Henrique Toledo, pela participação na banca do exame de qualificação e suas inúmeras contribuições, mais que originais,

para os rumos de minha pesquisa. Ao prof. Jorge Mattar Villela pelo valioso auxílio com a tradução de uma carta de apresentação. À prof.^a. Catarina Morawska Vianna, pela ajuda na escrita de uma resenha. À prof.^a. Marina Denise Cardoso e a Marcos Castro, por suas sugestões críticas durante o II Seminário de Antropologia. À R@U, Revista de Antropologia da UFSCar. E aos funcionários que fazem parte do PPGAS e viabilizam as atividades neste local.

Vão também meus agradecimentos especiais aos professores Wagner Xavier de Camargo e Guilherme José da Silva e Sá, pelo generosos e estimulantes aceites em fazer parte da banca de defesa, e suas respectivas contribuições.

Ao prof. Eduardo Kohn e à oportunidade ímpar de estarmos em contato na McGill University, em Montreal. Agradeço por sua generosidade em me receber como aluna em terras longínquas, momentos em que desenvolvi muitas das ideias aqui elaboradas. Agradeço também à prof. Lisa Stevenson, pelos cuidados comigo, e à prof.^a. Katherine Lemons, pelas aulas instigantes.

À Ana Cristina Ramirez Barreto, Dona Davis, Anita Maurstad, Susan DiGiacomo, Carlos Naconecy, à loja *Artevegan* e seu gentil empréstimo do livro “Acertos Abolicionistas: a vez dos animais”, e à Sônia T. Felipe, pela presteza na troca valiosa de e-mails e ideias.

Aos colegas da turma de mestrado 2012 de Antropologia Social da UFSCar: Débora Vallilo Siqueira, Gabriel Bertolo, Gabriel Garcez Bertolin, Daniel Ramos da Silva Melo, Ana Elisa Santiago e Sheiva Sorensen. Além destes, quero agradecer, em particular, à Ana Maria Stabelini, Bruna Potechki e Dayana Zdebsky de Cordova, pela leitura e comentários de textos que se transformaram nesta dissertação, e pelo apoio crucial contínuo. A Iván Acuña, pelas correções na tradução de um artigo. Às colegas de orientação, Debora Siqueira e Miriam Stefanuto, sempre dispostas a trocar ideias, livros e petiscos veganos. À Mayra Vergotti Ferrigno. A Leonardo Carbonieri Campoy pela extensa conversa via e-mails e suas dicas bibliográficas. A todas/os da República Barravento, ou que nela fizeram suas passagens, registro aqui minha gratidão pelos (extra)ordinários momentos em que partilhamos um pouco de tudo. Especialmente, à tríade Tay-

Day-Camis, e pelo conforto trazido em momentos derradeiros.

Aos estudantes que conheci da McGill University, pelo inestimável acolhimento. Agradeço ao diálogo oportuno com alunos do curso “Anthropology and the Animal”, 2014. À Mónica Cuéllar Gempeler e seu apoio atencioso na escrita de um *paper*, a Vineet Rathee e suas sugestões na escrita de um resumo, à Miranda Dahlin pela companhia incomparável, a Daniel Ruiz-Serna e Camilo Gomez, a ambos, pela diversão em aulas e além delas. Agradeço aos demais colegas de curso, Adam Fleischmann, Graham Fox e Caroline Seagle, bem como aos colegas de escritório, que trouxeram, nas horas de estudo, momentos de conforto e alegria: Anne-Elise Keen, Darcie DeAngelo, Brodie Noga, Corey Wright, e Catherine Larouche. À Kristin Flemons e Julianne Yip, pela atenção na Conferência de Antropologia dos alunos pós-graduandos. À Clementine Koenig pelas sugestões sobre a minha pesquisa, e Natasha Way, por oferecerem-me um abrigo colorido em terras gélidas. À Ola Pilatowski, pela dica preciosa de mídia digital. À Justine Duterme e suas valiosas confissões sobre cavalos. A Antoine Duterme, por trazer a beleza imprevisível da vida.

À família da qual sou alegremente uma parte. À Carolina e Giulia, por estarmos sempre ligadas ainda nas distâncias aparentes. A Paulinho Ferruge, pelo empréstimo do *Grande Sertão*. Às queridas avós Helena e Edna, pela força, acalento e *mimos*. À tia Maristela, por seus argutos palpites e tradução em partes deste trabalho. Ao apoio de tias e tios; primas e primos. À Marília Mattos, e sua presença enérgica. Finalmente, deixo registrada minha gratidão a Marcelo, meu pai, que continua a apoiar meus caminhos.

A todos que ajudaram com as tecnologias e parafernálias informáticas; foram cruciais.

Por fim, agradeço a tudo o que me empurra para o convívio com o que diz respeito não apenas aos humanos, *tipicamente* humanos. Destes encontros fortuitos, espero ter conseguido deslocar para cá reflexões (ou confusões?!) semeadas no curso desta pesquisa.

Quando, então, trouxeram reunidos todos os animais, estavam ajuntando a cavalhada. Regulava subida manhã, orçado o sol, e eles redondeavam no aprazível – tropilha grande, pondo poeira, dado o alvoroço de muitos cascos. Fiz um rebuliz? Dou confesso o que foi: era de mim que eles estavam espantados. Aí porque a cavalaria me viu chegar, e se estrepoliu. Q ue é que cavalo sabe? Uns deles rinchavam de medo; cavalo sempre relincha exagerado. Ardido aquele nitrinte riso fininho, e, como não podiam se escapulir para longe, que uns suavam, e já escumavam e retremiam, que com as orelhas apontavam. Assim ficaram, mas murchando e obedecendo, quando, com uma raiva tão repentina, eu pulei para o meio deles: - “Barzabú! Aquieta, cambada!” – que eu gritei. Me avaliaram. Mesmo pus a mão no lombo dum, que emagreceu à vista, encurtando e baixando a cabeça, arrufava a crina, conforme terminou o bufo de bufôr.

– Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p.445, grifo meu.

PAVÃO, L. C. “*O que é que cavalo sabe*’: Um estudo antropológico sobre o vínculo animal-humano na equoterapia”. 260p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

RESUMO

De uma perspectiva antropológica, esta pesquisa examina as relações entre pessoas e cavalos na equoterapia, um método terapêutico oferecido, dentre outros locais, em um Centro Hípico na cidade de São Carlos, SP. Na etnografia que apresento, o objetivo é discutir o papel que os cavalos manifestam no interior desta terapêutica que, conforme definido pela Ande Brasil (2010), se propõe ao “desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais”. Foco minha análise nas sessões de atendimento; nestas, os *praticantes* (termo nativo, usado em referência às pessoas que fazem equoterapia e que, em sua maioria, são também chamadas de *especiais*), seus familiares, terapeutas e auxiliares-guia conectam-se aos cavalos e entre si de modos distintos. Seguindo os atores em seus modos relacionais de comunicação e ação, o corpo e suas disposições corporais emergem como o eixo comum para negociarem certos tipos de *contato*, *comando*, *disciplina* e *controle*. Neste cenário, pretendo examinar de que maneira as relações entre humanos e cavalos, de um lado, e as relações entre pessoas consideradas com e sem deficiência, de outro lado, aparecem juntas, e como este encontro permite repensar as noções de “humano” e “animal” a partir de seus impactos mútuos. Espera-se que os tópicos etnográficos aqui delineados possam, quiçá, contribuir para a temática das socialidades transespecíficas.

Palavras chave: relações humano-animal, equoterapia, cavalos, pessoas com deficiência, corpos

PAVÃO, L.C. “*What does the horse know*”: An anthropological study on the animal-human bond in equine therapy. 260p. Masters Thesis – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

ABSTRACT

From an anthropological perspective, this research examines the relationships between people and horses in the “equine therapy”, a health treatment held, among other venues, at an Equine Center in São Carlos city, São Paulo (Brazil). In this ethnographic account, the goal is to discuss the role that horses play within this therapeutic which, according to Ande Brasil (2010), is intended to help with the “*biopsychosocial development of people with disability issues and/or special needs*”. I focus on the therapeutic sessions; in these, the *praticantes* (the native term, used in reference to the people addressed by this therapy, and who are, in majority, called *specials*), their parents, therapists, and auxiliary-guides connect to themselves and to the horses in distinct ways. By following these actors in their relational ways of communicating and acting, the body and its embodied dispositions emerge as the common axis at negotiating certain types of *contact, command, discipline, and control*. In this set, I examine the way in which the relationships between humans and animals, from one side, and the relationships between people with and without disability, from another side, when joined, might shake the notions of “human” and “animal” in their mutual impacts. It is expected that the ethnographic themes presented here may contribute to the transpecies socialities debate.

Key words: human and animal relationships, horses, disabled people, equine therapy, bodies.

SUMÁRIO

Introdução	13
Introdução ao tema	15
Síntese dos capítulos	28
Alguns lugares dos animais	31
Aproximações às terapias com animais	43
Zooterapias tradicionais, cinoterapia e animais de <i>serviço</i>	47
Capítulo 1: O centro hípico e as sessões de equoterapia	55
1.1. Metodologia	58
1.2. O cenário	69
1.3. Os personagens e suas breves biografias	80
1.3.1. Cavalos	82
1.3.2. Praticantes	90
1.3.3. Terapeutas	101
1.3.4. Auxiliares-guia	104
1.4. Os preparativos para as sessões	107
Capítulo 2: A equoterapia dita e vista	115
2.1. A equoterapia na teoria	118
2.2. A entrada dos praticantes na equoterapia	131
2.3. “ <i>Seu corpo todo está mexendo</i> ”. Exemplos de montarias	136
2.4. O grupo como um todo: o conjunto	147
2.5. Algumas condições prévias à montaria	155
2.5.1. <i>Seleção e avaliação</i> dos cavalos	155
2.5.2. O <i>treinamento</i> dos cavalos	160

2.5.3. A <i>adaptação</i> dos praticantes	163
2.6. Especulações sobre os cavalos	164
2.7. Possíveis Interlocuções	170
Capítulo 3: Diferentes humanos, diferentes animais	175
3.1. Quem são os humanos	178
3.1.1. “ <i>Há algo em comum entre eles, além da diferença?</i> ”	180
3.1.2. Terapeutas	187
3.1.3. Auxiliares-guia	190
3.2. Quem são os cavalos	193
3.2.1. Cavalos <i>multifuncionais</i> : da máquina ao terapeuta	194
3.2.2. Cooperação e desobediência (do) animal	202
3.2.3. Os cavalos e sua <i>natureza</i>	206
3.2.4. Cavalos-símbolo	212
3.2.5. Cavalos-mediadores	214
3.2.6. Cavalos feitos x <i>vocação terapêutica</i>	216
3.3. O que pode o encontro humano-cavalo na equoterapia?	222
3.4. Outros efeitos do encontro	234
Conclusão: Afinal, “O que é que cavalo sabe?”	243
Bibliografia	254
Textos	254
Imagens e vídeos	260

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO AO TEMA

“Não se trataria de restituir a palavra aos animais mas talvez de aceder a um pensamento, mesmo que seja quimérico ou fabuloso, que pense de outra maneira a ausência do nome ou da palavra, e de outra maneira que uma privação”

– Jacques Derrida, *O animal que logo sou*, p.89.

Em uma de minhas visitas iniciais a campo, devido a uma tarde chuvosa, o primeiro atendimento que eu viria a presenciar foi feito na área interna de um amplo galpão, usado pela *equipe*¹ de equoterapia de um Centro Hípico, este localizado no interior do Parque Eco-Esportivo *Damha*, na cidade de São Carlos, SP.

Marina², a primeira terapeuta que eu conheci, contou-me que a pessoa que faz equoterapia é chamada de *praticante*, o que, imagino, pretende enfatizar a participação ativa do sujeito nas atividades que a terapia envolve, ao contrário da noção de “paciente”, que remete a um quadro de doença e passividade daquele que se encontra em tratamento (embora este último também tenha sido usado pelos terapeutas em suas falas, além de outros, como *cliente* e *aluno*, ainda que em poucas ocasiões).

Na literatura da área, encontramos a seguinte concepção sobre a natureza da participação do praticante: “*A aprendizagem das tarefas motoras requer que o praticante participe ativamente das sessões e não seja apenas um receptor de estímulos e movimentos impostos*” (Severo, 2010, p.152,

¹ O termo nativo *equipe* refere-se àqueles que oferecem os atendimentos terapêuticos. A *equipe* é composta sempre por terapeuta + auxiliar-guia + cavalo. Vale mencionar que o auxiliar-guia é a pessoa encarregada de conduzir os cavalos durante as montarias, bem como de *pegá-los* no pasto (no início da manhã) e levá-los de volta (ao final da tarde). Ele também é incumbido de preparar os animais para as sessões de montaria, realizando uma série de procedimentos que irei descrever posteriormente.

² São adotados pseudônimos para todos os participantes da pesquisa, excetuando-se os cavalos pois, sem desmerecer sua condição de sujeitos e agentes, o uso de seus nomes não acarretaria implicações legais quanto à proteção de suas identidades. Já o uso de fotografias neste trabalho foi autorizado pelos terapeutas, alguns praticantes (aqueles que se comunicavam verbalmente) e seus familiares.

grifos meus), e assim: “*nesta atividade a pessoa participa de sua reabilitação, na medida que interage com o cavalo*” (ANDE apud Lima, 2005, p.42). Ao usar este termo, fica claro que uma certa capacidade de ação está em jogo para os praticantes (“*requer que o praticante participe ativamente*”), e que está relacionada ao modo como estes interagem com os cavalos (“*na medida que interage com o cavalo*”), temas que serão aprofundados posteriormente no texto³. Mas retomemos, antes, à narrativa de minhas primeiras impressões no local.

Chocolate, um cavalo de porte considerável e cor marrom-escuro, já estava pronto para ser montado. Ele era um dos dez cavalos participantes da *equipe* de equoterapia no momento de minhas visitas a campo e, conforme meus interlocutores apontaram, este cavalo possuía um modo de andar mais acelerado do que os demais. Certa vez, umas das terapeutas da equipe me disse que Chocolate “não é muito de morder”, mas que, ao invés disto, ele “gosta das pessoas”, embora *detestasse* que encostassem em sua garupa. Quando no pasto, ele era considerado o “coitado da turma” pois recebia sua comida por último, ou seja, a porção de ração que lhe cabia chegava depois que os outros cavalos, com quem Chocolate dividia os piquetes, já houvessem recebido suas quantias respectivas. Além disto, durante minha estadia em campo, presenciei alguns treinamentos que Marina executou com este cavalo pois, conforme ela me reportara, ele estava “desobedecendo muito”. Chocolate foi, por vezes, chamado de *gordo*, *gordo preguiçoso* e *cabeçudo* pelos terapeutas. Apesar destas considerações e registros a serem nuançados no desenrolar deste trabalho, o cavalo permanecia ali; assim eu o observava, prostrado e atado à parede. A poeira de terra que recobria sua pelagem, adquirida por conta de sua permanência no pasto instantes antes, foi retirada pelo auxiliar-guia, Gabriel, que também escovou o longo cabelo de sua crina e rabo.

Um carro em lenta velocidade estacionou em frente à entrada principal do galpão. A primeira garota que eu viria a conhecer, Jéssica, chegou ao galpão após ter sido retirada de dentro

³ Além disto, o uso de *praticante* no lugar de “paciente” pode ser também uma maneira de a equoterapia se diferenciar das demais terapias.

deste veículo por sua mãe, que a colocou no chão logo em seguida. Apoiando-se em sua mãe, seu corpo pendendo para o dela, elas aguardaram ali mesmo, ao lado do banco na área de recepção, até que a terapeuta as cumprimentasse. Jéssica tinha em seu queixo um curativo. Ela começou a fazer equoterapia aos seis anos de idade, ocasião em que não tinha muito *equilibrio*, e sua mãe buscava um tratamento que *ajudasse* a garota a *andar*. Jéssica teve paralisia cerebral ao nascer e, de acordo com a terapeuta, tinha problemas neurológicos, *batia* muito, falava poucas palavras, e não se sabia o quanto ela podia entender. Hoje, sete anos mais tarde, Jéssica não sabia se sentar; andar, só de andador, e ainda assim, só o fazia quando queria, como ponderou sua mãe que, muitas vezes, para fazê-la andar dentro de casa, tinha de *empurrá-la no andador*.

Após cumprimentá-las, Marina pegou o capacete de segurança, que estava pendurado na plataforma, o colocou em Jéssica, e disse a ela: “Agora vamos falar 'Oi' para o Chocolate”. Chocolate, preso à corda cujas extremidades estavam, uma, amarrada à parede, e a outra, ao cabresto, permaneceu parado, até o momento em que Gabriel desamarrou o nó e o levou para o espaço entre a plataforma e o paraflanco⁴. Enquanto isso, a terapeuta e a garota, de mãos dadas, subiram os degraus da plataforma. Já em uma altura mais elevada, Marina pediu a Gabriel para que levasse o cavalo um passo à frente, de modo que Chocolate se aproximasse delas.

Marina ajudou Jéssica a montar no cavalo, passando uma das pernas da garota por sobre o dorso do animal. Depois perguntou à Jéssica, desta vez já montada no cavalo, se ela estava *firme*; em seguida, a terapeuta desceu da plataforma e certificou-se de que o assento pélvico e os glúteos de Jéssica estavam adequadamente encaixados na manta, sem pender mais para um lado do que para outro. Simultaneamente, Gabriel interagiu com o cavalo, que tentou, algumas vezes, morder a corda que balançava de um lado para o outro. Enquanto isto, Marina checkou se também os pés da garota,

⁴ Equipamento feito com tábuas de madeira, com cerca de 1m, usados como obstáculos nas pistas de Hipismo. Já na equoterapia, além de servir de suporte para as cordas do cabresto, demarcava o lugar onde o cavalo deveria permanecer enquanto o praticante estivesse montando nele, da plataforma.

um de cada lado e apoiados no estribo, estavam alinhados à mesma altura. A mãe de Jéssica, ao nosso lado, observava os procedimentos, e entregou à terapeuta uma toalha de pano pequena que, por sua vez, foi enrolada na alça da manta sobre o cavalo. Finalmente, o grupo⁵ começou a se mover pelo galpão (e eu os seguia, acompanhando pelo chão).

Conforme caminhavam, Marina mantinha suas mãos apoiadas em Jéssica, segurando as costas e uma das pernas da garota. Notei que a garota calçava uma botinha de plástico nos pés; esta bota, de acordo com a terapeuta, era uma órtese⁶, um tipo de prótese⁷ que dá suporte e estimula partes específicas do corpo. Enquanto nos movíamos dentro do galpão, a cabeça da garota pendia para baixo, em direção ao peito. Marina disse que Jéssica é um caso *bastante problemático*. Seu corpo é *hipotônico*, um corpo cuja constituição muscular é dita ser *mole* (em oposição a um corpo hipertônico que, por sua vez, seria mais *rígido*).

Jéssica balançou seu corpo para frente e para trás. Marina se dirigiu a ela, dizendo: “Você está se divertindo? Está balançando, né? Que alegria!”. Jéssica olhou ao redor e mexeu sua cabeça lentamente para os lados, e então Marina me chamou, dizendo: “Ela quer te ver, Luna, vem mais pra frente”. Dei alguns passos aproximando-me de Jéssica, permanecendo ao seu lado, e na direção oposta à Marina, e seguimos em frente. Continuando a explicação, Marina falou-me sobre os benefícios que o cavalo traz à pessoa nele montada, por exemplo, transmitindo estímulos para os músculos e para o sistema nervoso. Ao deslocar-se no chão, ela salientou, o cavalo movimenta seu corpo em três direções distintas: de um lado para outro, de cima para baixo e para frente e para

⁵ Para designar o conjunto total da sessão, formado por terapeuta + auxiliar-guia + cavalo + praticante (acrescido ou não de algum familiar), lanço mão do termo “grupo” (e devo incluir, aliás, eu mesma neste grupo, uma vez que minhas observações sobre ele se desenvolveram na medida em que eu estava ali presente), à diferença do termo nativo *equipe* que, por referir-se somente àqueles que oferecem os atendimentos, não inclui os praticantes (e a mim).

⁶ A órtese é um dispositivo indicado para facilitar de atividades motoras. Há órteses para diversas finalidades, por exemplo, minimizar as limitações impostas pela rigidez encontrada no padrão de adução do polegar e permitir a melhora da qualidade de movimento, contribuindo para um aumento significativo dos aspectos fundamentais da função manual (Rodrigues *et al*, 2007).

⁷ Próteses são aparelhos ou dispositivos destinados a substituírem órgãos, membros ou partes dos membros “destruídos” ou “gravemente acometidos” (FADERS).

trás⁸. Esta explicação, porém, se interrompeu quando a garota moveu um de seus braços em direção à terapeuta, como se quisesse acertá-la. Naquele momento, Marina pediu ao auxiliar-guia para que parasse o cavalo, e se aproximou à garota, dizendo-lhe: “Não pode bater”. Em seguida, a *equipe* retomou a caminhada. Com a voz bem baixinha, Jéssica pronunciou a palavra “Cupa”. De acordo com Marina, ela estava pedindo desculpas. Instantes depois, Jéssica pediu-lhe que cantasse, numa pronúncia que eu não pude reconhecer, mas Marina assim entendeu. Jéssica sabia falar estas duas palavras apenas (*desculpa e canta*), e aprendera com Marina. Muitas vezes, porém, estas palavras eram ditas “totalmente fora de contexto”, ponderou Marina (embora, obviamente, naquele momento, a verbalização estivesse totalmente dentro do “contexto”). Enquanto percorríamos o trajeto, Marina começou a cantar uma música infantil, a canção da “Dona Aranha”.

Em seguida, porém, Jéssica tornou a bater, desta vez no capacete que protegia sua cabeça, e depois sorriu, inclinando sua cabeça para a terapeuta. Marina, após isso, segurou a mão de Jéssica com mais precisão, e repetiu a ela: “Não bate”. De acordo com a terapeuta, Jéssica *batia* em qualquer pessoa, além de *bater* no cavalo, em si mesma, e em sua mãe. Mas ela não *batia por mal*, este era o jeito que ela usava para se comunicar e “chamar a atenção dos outros”. Depois de alguns instantes, o grupo parou de caminhar, para que Marina posicionasse a garota, desta vez, de costas sobre o cavalo. Chocolate, enquanto isso, mexeu sua cabeça para lá e para cá. O auxiliar-guia segurou mais forte e mais próximo à argola, ponto no qual a guia que o auxiliar segurava amarrava-se ao cabresto. Enquanto reposicionava o corpo da garota, Marina pediu ao cavalo: “Espera um pouco”.

Instantes depois, fizeram o ziguezague com o cavalo dentro do galpão, um movimento de curvas que, assim me foi dito, pode aumentar a capacidade de *autocontrole* do praticante. Enquanto isso, Marina pegou a toalha que estava amarrada na alça da manta, e enxugou a saliva que escorria

⁸ Veremos como, mais adiante, este movimento, dito tridimensional, é apreendido pelos terapeutas em seus comentários científicos acerca das possíveis vantagens da equoterapia.

no queixo de Jéssica. Chocolate se movia vagorosamente. O auxiliar-guia disse que o cavalo estava *quieto* naquele momento. Seus cascos, tocando o chão de concreto, faziam ecoar um barulho significativo e compassado. Depois de alguns instantes, a terapeuta cantou outra canção de criança (novamente sobre animais; desta vez, a da “Borboletinha”), numa tentativa de *acalmar* a praticante. Jéssica, porém, novamente ergueu seu braço em direção à terapeuta. Marina, então, tomou o braço de Jéssica em suas mãos, e o deslizou sobre a crina do cavalo, para frente e para trás e, simultaneamente, disse à garota: “Carinho, carinho”; e depois repetiu as frases: “Não bate” e “Não pode bater”. Mas Jéssica continuou a disparar seu braço em sua direção; Marina, então, pegou de sua bolsa uma faixa costurada à mão (também dada pela mãe da garota), e envolveu-a no braço e ombro de Jéssica, de modo a fazê-la parar de *bater*. Uma vez com a faixa ao seu redor, a garota não mais lançou seu braço. Depois de uma última volta dentro do galpão, completando assim meia hora desde que a garota havia montado no cavalo, a *equipe* retornou onde a sessão iniciara. Trinta minutos, assim me explicaram os terapeutas, era a duração precisa de cada sessão, quando as contrações e os estímulos eram proporcionados na medida certa ao corpo do praticante. Menos do que isto, não seria suficiente para se chegar ao *ajuste tônico*; mais do que isto, cansaria os praticantes que, embora não parecesse, conforme Marina disse, faziam grande esforço corporal ao montarem no cavalo, porque “mexia em todo o seu corpo”.

Já próximos à plataforma e ao paraflanco, com o cavalo parado, Marina retirou a garota de cima do animal e a colocou no chão. Gabriel, por sua vez, levou Chocolate próximo à parede e amarrou-lhe ali, e o cavalo bebeu a água do balde, este pendurado na barreira de proteção da baia. A mãe de Jéssica, já dando suporte à garota, segurando-lhe por trás, caminhou na direção do cavalo, e disse à Jéssica que fizesse um carinho nele; afagaram, as duas, a barriga de Chocolate. Marina, de sua parte, havia entrado na salinha, e de lá voltou com uma cenoura (que havia retirado de dentro da geladeira da cozinha da Hípica) em suas mãos. Ofereceu à Jéssica, perguntando-lhe se queria dar a

cenoura ao cavalo. A garota, porém, virou seu rosto, e Marina deu a cenoura ela mesma. Depois de uma breve conversa entre a terapeuta e a mãe da praticante, na qual Marina comentou que a sessão tinha sido *ótima* e que Jéssica não ficou *caindo para a frente*, elas caminharam em direção ao carro, lentamente, a mãe segurando-a e conduzindo-a. De lá, conversaram por mais alguns instantes e em seguida foram-se embora.

A sessão terapêutica recontada acima sinaliza algumas dinâmicas que as montarias trazem, e que tentarei detalhar e desenvolver no andamento deste trabalho. Temos nela exemplos de como o grupo, como um todo, se desloca espacialmente: a praticante montada no cavalo, o cavalo deslocando a praticante, o auxiliar-guia conduzindo o cavalo, e a terapeuta, por sua vez, interagindo com praticante, cavalo e auxiliar-guia. Com este último, informando-lhe, verbalmente, o ritmo e a direção dos movimentos que deve puxar o cavalo. A descrição da sessão de Jéssica e Chocolate⁹ é ilustrativa também no que concerne aos eventuais comportamentos de praticantes ao montar o cavalo, e às sucessivas intervenções de terapeutas no curso dos trinta minutos do trajeto. Estes e outros arranjos, bem como os comportamentos dos cavalos, e os movimentos que eles são designados a fazer, serão discutidos com mais detalhes adiante no texto.

Tendo em vista este tipo de dinâmica relacional, meu trabalho propõe uma reflexão acerca da presença de cavalos como integrantes de uma certa *equipe* de equoterapia (que atende no Centro Hípico do Parque Eco-Esportivo *Damha*, localizado na cidade de São Carlos, SP), e o modo como eles são percebidos tanto pelos outros membros da *equipe* como por aqueles que vão buscar este tratamento, ou seja, os praticantes e seus familiares. Assim, pretendo entender como os sujeitos

⁹ Ao se referir às sessões, os terapeutas geralmente mencionavam os nomes dos praticantes. Depois, se fosse o caso, acrescentavam qual dos cavalos *usaram* ou *usariam* naquela sessão.

humanos, todos eles e cada um, se vinculam aos cavalos, e como apenas uma parte deles (terapeutas, familiares e alguns praticantes, em geral, por motivos que discutiremos adiante) pensa a presença do animal neste local, em vistas das finalidades terapêuticas em questão.

Da parte da literatura especializada na área, a equoterapia é definida como um método que, a partir do contato com o cavalo, pretende “desenvolver o praticante em suas dimensões biológica, psicológica, social e espiritual, nas áreas de saúde e educação” (Severo, 2010, p.333). Procuo, então, analisar o estatuto que os cavalos detêm na equoterapia, atendo-me, simultaneamente, a dois eixos de análise, a saber: 1) a percepção humana sobre o grau de participação creditado a eles em sua “eficácia terapêutica”, instanciada na equoterapia, e 2) os relacionamentos cara-a-cara (Haraway, 2008), os quais suscitam trocas intercorporais e intercomunicativas entre todos os envolvidos nas sessões terapêuticas, humanos e animais, valendo-me, sobretudo, da análise de sessões como a que narrei acima, com Jéssica e Chocolate.

Pergunto, ainda, se a inserção destes animais na equoterapia, como uma espécie de assistente ou auxiliar dos terapeutas, objetifica estes cavalos como instrumentos, ferramentas, máquinas e/ou recursos ou se, mais do que isto, estes cavalos são tornados agentes terapêuticos, sujeitos complementares ou mesmo substitutos dos terapeutas, considerando, para tal, a perspectiva das pessoas envolvidas?

Após investigar de que modo a presença dos cavalos foi dada, avaliada e repensada nas diversas circunstâncias pelos distintos atores, buscarei apontar de que maneira a importância que o cavalo tem nesta terapêutica traz elementos que autorizam uma rediscussão sobre o vínculo humano-animal, bem como pode repercutir nas definições de “humano”, “animal”, “sujeito” e “objeto”.

Passemos, adiante, a considerar como se consolidaram a equoterapia e outras instâncias terapêuticas que se sustentam a partir de relações de humanos com outros animais. A ideia de que

certos animais podem estimular a saúde de seres humanos remonta à Antiguidade (Hurn, 2012; Serpell, 2000). Os primeiros relatos sobre a inclusão de animais em tratamentos terapêuticos foram registrados no ano de 1792, quando, em um centro de tratamento da Inglaterra, cães, gatos e outros animais foram inseridos para desenvolver o autocontrole de pessoas com “deficiência mental”. Diversas outras instituições também se valeram dos animais para fins terapêuticos: na Alemanha, no ano de 1867, o sanatório *Bethel* empregou cães para tratar de epiléticos; a fazenda *Green Chimneys* em Nova Iorque, no ano de 1948; o Centro *Beitostolen* na Noruega, fundado para reabilitação de cegos; a prisão feminina em *Washington*, em 1981, e também a Cruz Vermelha dos Estados Unidos, em 1944, quando promoveu um programa intitulado *Army Air Force Convalescent*, cuja intenção era reabilitar aviadores feridos na guerra por meio do emprego de animais (Domingues, 2010). É por volta da década de 60, porém, que o estudo sobre as possibilidades terapêuticas da interação humano-animal passa a ser sistematizado. Neste momento, o psiquiatra Boris Levinson foi consagrado o precursor das terapias com animais, quando, em 1962, escreveu “*Pet Oriented Psychotherapy*”, no qual seu próprio cão aparece como “dispositivo terapêutico no tratamento de crianças com transtorno de comportamento, déficit de atenção e problemas de comunicação” (Domingues, 2010, p.36).

No que concerne ao Brasil, é salientada a atuação pioneira de Nise da Silveira, psiquiatra, psicanalista e terapeuta ocupacional que, por volta da década de 50, incluiu a livre circulação de animais (majoritariamente, cães e gatos) em ateliês de artesanato como tratamento terapêutico para pacientes com transtornos psíquicos (Capote & Costa, 2011). Segundo relato de Silveira, “Sem nenhum exagero, pode-se dizer que os terapeutas de Carlos foram os cães Sultão e Sertanejo. A posição de coterapeuta coube ao médico e aos monitores” (Silveira *apud* Althausen, 2006, p.31). A importância da presença do animal é também descrita nos seguintes termos:

A expressão verbal de Carlos era praticamente ininteligível. As palavras fluíam em abundância, frequentemente pronunciadas com veemência, mas não se ordenavam em

proposições de significado apreensível. O grande número de neologismos tornava ainda mais difícil a compreensão de sua linguagem. O caminho para o entendimento com Carlos fez-se por intermédio do animal (Silveira *apud* Althausen, 2006, p.31).

De caráter “inovador” (Capote & Costa, 2011), diz-se que as Terapias Assistidas por Animais “podem contribuir positivamente para as pessoas com necessidades especiais, pois pode facilitar a socialização, cognição, fala, parte física, autocuidados, autoestima, entre outros” (p.19). Neste quadro terapêutico, animais são considerados fonte de “conforto tátil” e capazes de uma comunicação não-verbal não “ameaçadora” e sem “julgamentos”:

Animais usados em programas de terapia assistida com animais podem também, comprovadamente, beneficiar indivíduos isolados ou anti-sociais, tais como pessoas com deficiência física e mental; vítimas de abuso e jovens infratores, ao oferecerem uma 'forma de comunicação não-verbal encorajadora, não-ameaçadora e sem julgamentos, além do conforto tátil', que pode ajudar a 'quebrar o ciclo vicioso de solidão, desamparo e exclusão social (Hurn, 2012, p.160, tradução minha)¹⁰.

De acordo com Bachi (2012), na base das terapias assistidas por animais tem-se a premissa de que as pessoas têm a habilidade de criar ligações bastante próximas com animais¹¹. Esta habilidade, porém, é também creditada aos animais, na medida em que se é dito que eles oferecem “amor incondicional” e uma certa comunicação “sem julgamentos”. Além disto, encontramos também a ideia de que os animais oferecem companhia e atenção tal como um humano o faria em interação social: “Para pessoas com comprometimentos físicos ou mentais, os animais oferecem o mesmo nível de companhia e atenção encontrado na interação social com outros humanos” (Bachi, 2012, p.368)¹². Serpell *et al* também apontam a habilidade dos animais em criar ligações sociais:

A maioria destes animais são escolhidos porque eles são inerentemente sociais– isto é, eles são internamente motivados a buscar interações sociais com outros e porque eles formam laços fortes em relação a seus parceiros humanos”¹³ (2000, p.418, minha tradução, grifos

¹⁰ “Animals used in animal-assisted therapy programmes have also been empirically proven to benefit withdrawn or anti-social individuals such as the physically or mentally disabled, victims of abuse and young offenders through the provision of 'a form of non-threatening, non-judgemental, reassuring non-verbal communication and tactile comfort' which can help 'to break the vicious cycle of loneliness, helplessness and social withdrawal”.

¹¹ “This ability of humans to bond so closely with animals is a foundation of Animal-Assisted Activities and Therapies (AAA/T)” (Bachi, 2012, p.373).

¹² “For people with physical or mental challenges, animals offer the same level of companionship and attention in social interaction as another human” (Bachi, 2012, p.368).

¹³ “Most of these animals are picked because they are innately social and because they form strong bonds of attachment

meus).

É nos anos 1990, contudo, que houve um crescimento explosivo desta terapêutica (Serpell, 2000), quando diversos centros de tratamento de saúde, hospitais, asilos, clínicas de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia, dentre outros, passam a oferecer uma linha de tratamento terapêutico chamada “Zooterapia” ou “Terapia Assistida por Animais”¹⁴. No Brasil, projetos como o Instituto para Atividades, Terapias e Educação Assistida por Animais de Campinas- ATEAC, Projeto Cão-Cidadão-Unesp (Araçatuba), Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais-INATAA; a Associação Brasileira de Zooterapia; Organização Brasileira de Interação Homem Animal Cão Coração- OBIHACC; o “Projeto Dr. Escargot” (Pirassununga), o “Projeto *Pet Smile*”, dentre outros, são exemplos deste crescimento.

No que se refere particularmente à equoterapia, as primeiras organizações, “*Riding for Disable Association*” e “*North American Riding for the Handicapped Association*”, foram criadas, respectivamente, na Inglaterra e nos Estados Unidos, ambas no ano de 1969. Esta última, atualmente com o nome *Professional Association of Therapeutic Horsemanship International* (PATH Intl.), abriga cerca de 850 centros filiados ao redor do mundo. Segundo informações disponíveis em seu sítio eletrônico¹⁵, há mais de 4 mil instrutores licenciados e especialistas na área equina, além de contar com mais de 7 mil membros associados. Ainda em seu *website*, esta associação “ajuda” mais de 58 mil crianças e adultos, incluindo-se cerca de 3 mil militares veteranos e ativos.

for their human partners”. E, justamente por esta razão, dizem os autores, nesta terapêutica, os “animais de assistência” (Serpell, 2000, p.418) estariam em risco potencial de estresse, uma vez que ela envolve uma alta rotatividade de pessoas e suas diversas características, quebrando assim com os laços sociais previamente estabelecidos.

¹⁴ O termo “Terapias Assistidas por Animais” refere-se às “terapias nas quais o animal é utilizado como motivador” (Oliva, 2010, p.128). O uso deste termo foi recomendado pela entidade norte-americana *Delta Society*, fundada em 1977 e sem fins lucrativos, a qual “busca promover a interação entre animais e humanos a fim de obter melhora na saúde e qualidade de vida de ambos” (Domingues, 2010, p.37). É a *Delta Society*, ainda, que profissionaliza esta fatia terapêutica, e prevê alguns critérios de seleção e treinamento numa tentativa de diminuir os “riscos de dano” a todos os envolvidos, animais incluídos. (Serpell et al, 2000, p.415).

¹⁵ <http://www.pathintl.org/>

Atualmente, nos Estados Unidos, somam-se mais de 700 centros de equoterapia (Bachi, 2012). No Canadá, segundo informações da *The Canadian Therapeutic Riding Association* (CanTRA), fundada em 1980, há atualmente 80 centros filiados a ela, os quais oferecem “alta qualidade terapêutica, recreação, habilidades sociais e programas de esporte” para crianças e adultos com deficiência¹⁶. Já no Reino Unido, são aproximadamente 500 os grupos e centros filiados à *Riding for Disabled Association* (RDA), a mais antiga organização deste ramo na região. No Chile, por sua vez, a primeira organização ligada a terapia com cavalos, a *Sociedad Chilena de Kinesiterapia e Hipoterapia*, foi criada em 1992.

No Brasil, por sua vez, a equoterapia foi instituída por um conjunto de militares¹⁷ e civis que fundaram a Associação Nacional de Equoterapia- Ande Brasil, em 1989. Esta associação também cunhou o termo “equoterapia” no país¹⁸, uma junção das palavras *equus*, em latim, equivalente a cavalo, e *therapeia*, equivalente à terapia, em grego (Barbosa, 2013). Há, atualmente, mais de 400 centros de equoterapia espalhados pelo país (Severo, 2010). Segundo relato de presidente da mesma,

(...) buscávamos a institucionalização da equoterapia no Brasil e enfrentávamos o desafio de formatar os fundamentos doutrinários, de organizar os cursos de capacitação e de estabelecer uma estratégia para definir e conscientizar profissionais das áreas da saúde e da educação relativamente aos benefícios que a atividade equoterápica proporciona à pessoa portadora de deficiência e/ou com necessidades especiais (Severo, 2010, p.12).

Esta entidade oferece cursos de especialização em equoterapia para profissionais atuarem na

¹⁶ De acordo com informações do sítio eletrônico da Associação, “*CanTRA is a registered charity that promotes challenge, achievement and empowerment for children and adults with disabilities through the use of the horse. CanTRA also provides education and instructor certification. There are now 80 plus member centres across Canada providing high quality therapeutic, recreation, life skills and sport programs*”. Fonte: <http://cantra.ca/programs/>

¹⁵ Esta origem militarizada da equoterapia é assim explicitada: “O Exército Brasileiro tem participação essencial na equoterapia, fornecendo recursos humanos, recursos materiais e cavalos, além do envolvimento de suas unidades de cavalaria, especialmente no Rio Grande do Sul” (Severo, 2010). Temos assim, arrisco dizer, as bases para pensarmos numa hipotética relação entre cavalos, estábulos, poder, guerra e Estado com saúde, estabilidade e “deficiência”.

¹⁸ Em mais de uma vez, durante nossas conversas, Marina disse que “equoterapia” é um termo que, por sua sonoridade, gera confusão, levando o ouvinte a pensar que teria algo a ver com “ecologia”. Alternativamente, é possível encontrar também o termo “Terapia Assistida por (ou com) Cavalos” em alguns estabelecimentos. *Hipoterapia*, por sua vez, é um dos programas englobados pela equoterapia, ao lado do programa *lúdico* (este também chamado de *aulinha*) e do programa *pré-esportivo* (este chamado também de *equitação terapêutica*).

área, e também orienta a criação de outros centros de equoterapia em todo o país, que devem seguir suas normas de exigência. Além disto, membros da Ande Brasil atuaram para que o Conselho Federal de Medicina legitimasse a prática como um método terapêutico efetivo no país. Em sua proposta, o cavalo está presente como mecanismo de estímulo e desenvolvimento de habilidades sociais, psíquicas e físico-motoras de pessoas com autismo, paralisia cerebral, esclerose múltipla, dentre outros (Tannus de Mesquita, 2006).

Justamente, minha pesquisa se estrutura buscando entender a participação dos cavalos nas *mudanças positivas* que a equoterapia pode trazer ao *desenvolvimento* dos praticantes, de acordo com as expectativas e resultados apontados por terapeutas, praticantes e seus familiares. Em minhas idas a campo, foi-me dito que os praticantes têm *melhorias* em sua saúde¹⁹, na fala, na postura corporal e em seu modo de caminhar, além de seu comportamento mudar para melhor; praticantes ficam mais *calmos*, com mais *autoestima* e *confiança* e, até mesmo – como me foi dito em campo – ganham uma nova *visão de mundo*.

Uma vez que a equoterapia pretende *melhorar* as condições de saúde e trazer mais *qualidade de vida* aos praticantes – que, por serem considerados pessoas com deficiência, têm, de certo modo, sua humanidade “deslocada”, ponto que retomaremos mais adiante no texto – a partir do contato com os cavalos, temos elementos suficientes para pensar de que modo os conceitos de “humano” e “animal” podem repercutir entre si nesta conexão. Pretendi, assim, examinar a natureza de relacionamentos que trazem juntos, e de uma só vez, pessoas com deficiência²⁰ e cavalos.

¹⁹ A própria noção de *melhoria* deve ser discutida com mais atenção neste tema de pesquisa, dada sua recorrência nas explicações internas à equoterapia. Ideia que aparece também no seguinte trecho, que, tratando da atitude do terapeuta em relação ao praticante, menciona a expectativa de uma “vida melhor”: “A maioria dos praticantes deseja saber a verdade. No entanto, todos os praticantes merecem uma revelação menos brutal e mais velada da realidade para assegurar a esperança de uma vida melhor” (Severo, 2010, p.24).

²⁰ Vale destacar ainda que, entre os interlocutores de minha pesquisa, não é tão comum o uso do termo “pessoas com deficiência” ou “pessoas com necessidades especiais”, mas o emprego da categoria sintética e genérica “especiais”. Daí decorre a pergunta central sobre a singularidade dos humanos, ou seja, o que faz destes humanos, humanos? Em que consiste sua humanidade, uma vez que se adota o termo especial para situá-las no convívio? Ou ainda, de que modo estaria a humanidade destas pessoas sob suspeita, se, conforme Lopes aponta, “a ‘deficiência’ é um devir propriamente humano” (2014, p.103)? Além de remeter à ideia de único, excepcional, saliente, particular e diferenciado, o termo

O exame desta justaposição para fins terapêuticos importa na medida em que apresenta o exercício da alteridade intrahumana (no par *especiais* e *típicos*) em relação à uma alteridade não humana, o cavalo. Neste sentido, cavalos e praticantes, juntos, vêm a “falar” – cada um ao seu modo, certamente – sobre a condição humana²¹; os primeiros, ao situarem a oposição de fundo naturalista entre humanos e animais (oposição, por sua vez, fundada sobre certos traços eleitos como próprios e distintivos da espécie humana); os segundos, ao lançarem o debate no que concerne àqueles que se aproximam mais ou menos das características consideradas distintivas humanas, traçando o contraste entre pessoas *especiais* e *típicas* (distinção esta que, no limite, também remete à distinção humano-animal).

Assim, nesta pesquisa, procurei mostrar que quem “fala” não são apenas os terapeutas profissionais – estes sendo, contudo, os que efetivamente falam, com suas falas autorizadas sobre o funcionamento da equoterapia, e sobre quem são e como se comportam os cavalos e os praticantes – mas também os cavalos, os praticantes, seus familiares e os auxiliares-guia, que, em seus entrelaçamentos, se contrastam uns aos outros repetidamente.

É deste modo que, espero, este trabalho possa contribuir para a temática dos contatos transespecíficos e, sobretudo, apontar para reformulações simbólicas e políticas das categorias de “humano” e “animal” (Despret, 2004; Haraway, 2008; Kohn, 2013; Vander Velden, 2012).

“especial”, a meu ver, carrega também um ranço depreciativo, e o mesmo se dá com a definição (controversa) de deficiência que, além de indicar o que a pessoa não tem (membros, uma perna ou um braço; capacidades, de ver, andar, falar, pensar), define também, inversamente, o que ela apresenta mas desta vez em termos de uma negatividade (um problema, um comprometimento, uma lesão, uma perna a menos), ou seja, remetendo novamente a um sentido depreciativo, de falta e falha tomadas como pertencentes à própria pessoa. Além disto, procurei, neste trabalho, desvincular-me da concepção biomédica de deficiência que a circunscreve no âmbito do indivíduo, como um problema próprio a ele; no entanto, isto não significa negligenciar as formas de diferenciação que agenciam sua posição nas diversas instâncias sociais, tampouco desconsidero seu reconhecimento enquanto uma categoria política e suas formas de ativismo. A este respeito, consultar Kim, 2013, p.100-101 e p.240 e Lopes, 2014, p.86-7.

²¹ Embora pretendo demonstrar o que podemos pensar a respeito do humano nesta amálgama, a proposta de minha pesquisa concentra-se menos no *antropos* e mais nos impactos recíprocos entre humanos e outros animais, conforme aparecem nesta modalidade de parceria (por vezes agonística) entre pessoas e cavalos em ambiente terapêutico.

Síntese dos capítulos

Este trabalho está dividido em três capítulos principais. Antes de adentrarmos na discussão nos capítulos, porém, faço uma aproximação à temática das terapias com animais em geral, nas sociedades modernas, e à equoterapia como uma modalidade particular destas terapias. Apresento os benefícios que o método terapêutico em questão pode trazer às pessoas que dela se servem, conforme o que a equoterapia diz sobre ela mesma, tanto a partir das conversas com os terapeutas em campo, mas também reunindo alguns discursos oficializados nas publicações na área. Sendo um método terapêutico, a equoterapia se apoia em um saber científico e médico.

Discutirei também a sugestão de que a equoterapia carrega elementos em comum com zooterapias tradicionais ou populares. Nesta mistura, como eu a enxergo, a equoterapia se mostra um fenômeno heterogêneo, que agrupa tanto certas práticas da ciência moderna como também princípios de ações simpáticas e de magia e, por juntar estes diferentes campos semânticos em seu corpo, ela se apresenta como uma espécie de “*massa confusa de acontecimentos*” (Mauss, 2000, p.20).

Além de esboçar o que tomo por similaridades e diferenças entre as zooterapias modernas e as populares, incluo também uma breve revisão da presença de cães na cinoterapia, de modo a aproximar e contrastar outra modalidade terapêutica que envolve animais no bojo de seu funcionamento, e traçar a especificidade da equoterapia frente à esta. Imagino que a dinâmica terapêutica na qual são incluídos cães seja deveras distinta da inclusão dos cavalos na equoterapia, sobretudo, porque a primeira se inclina a alcances *afetivos, emocionais e psicológicos*, pelo contato com *pets* domésticos de pequeno a médio porte, contrariamente ao foco nos alcances sobretudo *físicos e motores* que encontramos na equoterapia, pelo contato com um animal de grande porte. Esboço, finalmente, uma comparação entre os cavalos da equoterapia e demais equinos usados para

outro rol de finalidades humanas, no intuito de distinguir o que faz do cavalo da equoterapia um cavalo em particular diante dos outros.

Após situar o que imagino ser a exclusividade dos cavalos da equoterapia, pontuo o debate ético-político no que concerne às relações que a chamada sociedade ocidental moderna estabelece com os animais, em termos gerais, e o modo como este debate pode elucidar ou mesmo obliterar certos aspectos da interação humano-animal que decorrem da equoterapia. Proponho, neste momento, uma reflexão sobre as atitudes humanas e sua apreensão utilitária dos animais, valendo-me de revisões críticas a estas posturas, tal como aquelas propostas pelo movimento de defesa animal.

No que se refere ao capítulo um, exponho a metodologia de que lancei mão para fazer de minhas idas ao Centro Hípico uma possibilidade de contribuir para a discussão sobre as relações humano-animal. Apresento também as dificuldades que surgiram na minha etnografia, tal como a escolha dos eventos a serem descritos e como foram analisados neste trabalho. Além disto, discuto o modo como meus interlocutores possibilitaram que eu me inserisse em campo, e de quais estratégias analíticas usei para cumprir os objetivos deste estudo. É neste espaço do texto que explico a dificuldade lançada ao buscar um saber sobre o *outro*, desafio fundamental colocado pela antropologia em sua maneira de produzir conhecimento, também vivenciada, diariamente, pelos próprios interlocutores terapeutas neste contexto, em relação aos cavalos e aos praticantes. Depois, descrevo o cenário de campo: o local onde a Hípica está situada, a dinâmica do entorno, e as pistas disponibilizadas para as sessões de montaria. Em seguida, apresento com mais detalhes o universo social desta pesquisa, situando a biografia dos cavalos, de alguns dos praticantes, terapeutas e auxiliares-guia que conheci em minhas visitas. Para finalizar, situo os procedimentos iniciais da equipe em seu dia-a-dia de trabalho.

Já no capítulo dois, exploro o modo como a equoterapia apresenta seus benefícios em

termos técnico-científicos, examinando, criticamente, os principais argumentos e concepções sobre os corpos dos cavalos e dos praticantes, e o que pode ocorrer com eles nas montarias. Em seguida, procuro explicar o funcionamento das sessões de atendimento, estando, desta vez, do lado da equoterapia conforme ela se dá em ação. Neste caso, a intenção foi apresentar as possíveis relações que emergem entre o grupo, constituído por cavalo, auxiliar-guia, praticante e terapeuta. Também demonstro de que modo atuam os membros deste agrupamento, ao longo dos trinta minutos de cada sessão de montaria, e como se articulam em um todo que caminha junto, com um objetivo preciso: beneficiar a saúde dos praticantes. Ressalto, ao final, algumas condições necessárias que possibilitam que o grupo se mantenha articulado.

Já no capítulo três, analiso o modo como a associação humano-animal, ao se consumir, sobretudo, durante a montaria, pode reverberar em praticantes, familiares, terapeutas e auxiliares-guia. A partir desta trajetória, faço um movimento conceitual para seguir o impacto etnográfico destas dinâmicas relacionais nos conceitos de “humano” e “animal”. Na seção “Quem são os humanos?”, procurei destacar a singularidade de cada membro humano engajado nas sessões de montaria, enfatizando, contudo, a relação entre *especiais* e *típicos*. Na seção “Quem são os cavalos?”, aponto as múltiplas caracterizações dos cavalos ao longo das relações com as pessoas, e sua variação de acordo com cada perspectiva humana e cada momento particular da sessão. Em “O que pode o encontro humano-cavalo na equoterapia”, aprofundo a discussão sobre os desdobramentos deste entrelaçamento heteróclito entre pessoas e cavalos, como uma conjunção temporária que pode trazer benefícios para alguns e impactos de outras naturezas para outros.

Finalmente, concluo este trabalho discutindo *o que é que cavalo sabe*, da perspectiva dos atores humanos partícipes neste contexto. Para estes, além de *saber*, os cavalos da equoterapia *sentem, percebem e fazem*, noções estas que reconhecem um conjunto de capacidades agentivas destes animais. Esta postura, porém, vai de encontro a seu uso utilitário e à percepção dos cavalos

como recursos orientados para finalidades exclusivamente humanas, aproximados, por vezes, na equoterapia, à condição de uma máquina (ainda que “orgânica”).

Da conjunção corporal entre Jéssica e Chocolate, naquela tarde de chuva, partiremos para uma reflexão mais delongada sobre a combinação de lugares e movimentos, sol e vento, compassos e descompassos, corpos e gestos, conversas e olhares, todos estes ingredientes nesta zona de contato (Haraway, 2008) entre diferentes pessoas e diferentes animais, e veremos em que medida este quadro relacional pode nos oferecer sugestões para uma antropologia além do humano (Kohn, 2013).

Alguns lugares dos animais

“O excepcionalismo humano nos cega”

– Anna Tsing *apud* Haraway, *When Species Meet*, p. 218.

Antes de desenvolvermos a discussão sobre a equoterapia propriamente dita, é oportuno traçar algumas notas em relação à certa consideração dada aos animais na chamada sociedade moderna, na qual proliferam dicotomias que separam as concepções a respeito do que é um animal (Knight, 2005; Haraway, 2008; Vander Velden, 2012).

Este estudo iniciou-se, sobretudo, guiado pela vontade de analisar o modo como os cavalos são apreciados na equoterapia. Aparentemente, os cavalos, neste contexto, ocupam posição valorizada em termos de sua capacidade de agenciar melhores condições de saúde aos praticantes, se compararmos aos cavalos que servem como força de trabalho em transporte de cargas, ou como alimento para as sociedades que ingerem carne de cavalo. Mas, pergunto, seriam os cavalos, na equoterapia, reconhecidos em sua agentividade e subjetividade? Ou, então, seria a equoterapia uma

prática correlata à biomedicina, alimentação²² e formas de entretenimento que, ao se apropriar dos animais como se fossem objetos, nega-lhes a condição de sujeitos em si, dotados de interesses próprios e da capacidade de ação no mundo (excetuando-se os *pets* domésticos, aos quais a condição de sujeito é, aparentemente, mais bem garantida)?

Este trabalho, portanto, se preocupa em entender a condição dos cavalos na equoterapia, verificando se eles são tornados máquinas, recursos e/ou objetos a serem explorados, ou se, de outro lado, eles são tornados agentes, sujeitos e/ou seres sencientes²³, respeitados em sua liberdade de escolha. Por isso, considero importante situar alguns debates fundamentais implicados na reflexão crítica sobre o relacionamento entre humanos e animais na sociedade moderna e que, ainda que não sejam o foco exclusivo deste trabalho, nele reverberam.

Nas chamadas sociedades modernas, reconhecer “*o animal que logo somos*” (Derrida, 2002) é geralmente associar o instintivo e irracional a uma negatividade, e a tudo aquilo que se afasta do *logos* ocidental (que, idealmente, caberia a nós, seres humanos, corporificar). Francione (2007) apontou algumas razões históricas que permitiram o “uso” desenfreado de animais, são elas: a ideia de que os animais não são sencientes, fundada pelo filósofo Descartes; a justificativa religiosa que considera os animais “*seres espirituais inferiores*”, cujo uso seria, portanto, permissível por deus; e a noção de que animais são “*inferiores naturais*” aos humanos (p.244), faltando a eles a característica humana distintiva (arbitrária), a saber, a cognição.

Esta distância negativa estabelecida entre humanos e animais permitiu (e ainda permite) as

²² Para Gary Francione e Robert Garner (2010), o uso dos animais pela indústria alimentícia é a principal forma cultural de exploração dos animais, e é a partir dela que se legitimam outras modalidades de exploração, como se entrevê no seguinte excerto: “Enquanto considerarmos aceitável matar e comer animais — por mais ‘humanitário’ que seja o tratamento ou assassinato dispensado a eles— jamais levaremos os direitos animais a sério. Nós nunca iremos encontrar nosso compasso moral enquanto sua carne ou ovos estiverem em nossos pratos ou seus leites em nossos copos. No original, “*As long as we regard it as acceptable to kill and eat animals— however ‘humanely’ we may treat or slaughter them— we will never take animal rights seriously. We will never find our moral compass while their flesh or eggs are on our plates or while their milk is in our glasses*” (p.2).

²³ A senciência é a capacidade que todo e qualquer animal tem em sentir dor e prazer; ela não é, portanto, privilégio de humanos. Segundo Sônia Felipe (2014), a Declaração de *Cambridge* sobre a Consciência Humana e Animal de 2012 estabeleceu que “Todos os animais a possuem [a senciência], sem exceção, do polvo ao humano, passando pelas aves, pelos mamíferos, vertebrados e invertebrados” (p.28-9).

mais diversas formas de exploração dos animais:

Ao traçar uma sólida linha divisória entre o homem e os animais, o principal propósito dos pensadores do início do período moderno era justificar a caça, a domesticação, o hábito de comer carne, a vivissecção (que se tornara prática científica corrente, em fins do século XVII) e o extermínio sistemático de animais nocivos ou predadores (Thomas, 1983, p.55).

Sobre este tema, diversos autores se debruçaram de modo crítico (Adams, 1990; Felipe, 2006 e 2014; Francione, 2007; Levai, 2004; Regan, 1983 e 2001 e Singer, 1975). Para denotar as atitudes de superioridade e exploração, defensores dos animais cunharam na década de 70 o termo “especismo” que, conforme aponta a autora Mayra Ferrigno (2012, p.4), “*define a postura de discriminação de um ser por pertencer a uma outra espécie*”. A chamada tradição moral especista, segundo a filósofa Sônia Felipe (2006), predomina há mais de 2 mil anos. Em sua opinião, especismo, racismo, sexismo, machismo, elitismo e geracionismo têm em comum:

(...) a resistência humana em aceitar o mesmo estatuto moral, isto é, em reconhecer um valor moral idêntico ao seu próprio valor, quando os outros seres em questão não têm uma configuração, em sua aparência, igual àquela imaginada pelo discriminador, sempre em causa própria, como a única digna de consideração ou respeito moral (Felipe, 2006, p.210).

Francione (2007) critica o uso de animais como ferramentas ou como se fossem “*coisas que não têm importância*” pela ciência biomédica, em suas práticas de vivissecção e experimentação animal (lembrando que Keith Thomas já sublinhou que os animais servem às ciências biomédicas desde, pelo menos, o século XVII). Uma via crítica a tais práticas é a proposta do veganismo²⁴ e a dos movimentos de defesa aos animais, contrários ao consumo de animais e seus produtos na dieta ocidental (carne, leite, ovos, mel e derivados); à sua utilização nas denominadas atividades de lazer e entretenimento (como circo, rodeios, touradas, zoológicos, etc.); nas vestimentas (em roupas fabricadas a partir de couro, seda e lã), e na ciência biomédica. De acordo com Sônia Felipe²⁵, o

²⁴ Para uma definição mais completa, veja-se (Trigueiro, 2013): “Os veganos (ou *vegans*) são reconhecidamente aqueles indivíduos que se posicionam contra qualquer modo de exploração animal, incluindo-se aí as formas de trabalho forçado, o seu consumo como fonte alimentícia e, também, como componentes de processos ou produtos manufaturados (cosméticos, roupas, material de limpeza, etc.). São grupos contrários também à vivissecção de animais em laboratórios e ao uso dos mesmos em prol do chamado progresso da ciência. Não toleram, além disso, qualquer forma de entretenimento que faça uso da exposição e/ou maus-tratos de animais (zoológicos, circos, touradas, rodeios, etc.)” (p.237-8).

²⁵ A autora, inclusive, retoma o conceito grego “*kakothymia*”, termo que denota a incapacidade ou deficiência moral,

princípio ético do veganismo diz que “nenhum animal nasce para servir a qualquer propósito humano”. Uma pessoa vegana não tem dúvida em relação à atitude correta: não nos servimos dos serviços forçados dos animais” (2014, p.54). A autora defende que:

Todos os interesses humanos podem ser atendidos sem precisar dominar e matar animais de outras espécies. Mover-se, deslocar objetos, divertir-se, curar-se, embelezar-se, vestir-se e alimentar-se, todas essas ações humanas que fomentam interesses econômicos poderosos podem ser realizadas sem exaurir e exterminar a vida de outros animais (p.20).

Se interrogarmos a presença de cavalos na equoterapia à luz dos direitos animais, abolicionismo²⁶ ou veganismo, a equoterapia seria uma prática, neste sentido, condenável. Numa perspectiva abolicionista, na qual os direitos dos animais são “inalienáveis” (Felipe, 2014), não deveriam existir cavalos na equoterapia. Mas que formas de sujeição esta prática pode gerar contra os cavalos? Ou teriam os cavalos, na equoterapia, liberdade de movimento, sendo respeitados em seus interesses?

De um lado, as condições de sua permanência na Hípica são bastante distintas daquelas nas quais vacas, porcos, e galinhas vivem em indústrias de criação para fins de consumo, e daquelas em que coelhos e camundongos, dentre outros animais, são usados repetidamente em experimentação científica. Nos serviços de equoterapia do Centro Hípico *Damha*, onde fiz minha pesquisa de campo, os cavalos não ficam confinados a espaços físicos ínfimos, como é o caso dos animais presentes nas atividades supramencionadas, mas passam boa parte de seu tempo no pasto (ainda que permaneçam algumas horas nas baias, e que o pasto seja delimitado por cercas elétricas— que ora funcionam, ora não funcionam, e poderiam mesmo ser derrubadas pelos cavalos, caso assim

equivalente à “compulsão pela destruição da vida alheia” (Felipe, 2014, p.20). Se pensarmos à luz deste conceito, a equoterapia, colocando OS cavalos como importante fator na melhora das condições de vida do praticante, mas a serviço deles, ao diminuir o que considera ser sua “deficiência” motora e intelectual, por exemplo, acabaria por redundar, então, numa espécie de reforço à *kakothymía*, na medida em que insta as pessoas a se valerem dos animais?

²⁶ Os abolicionistas da causa animal visam combater a exploração de humanos perante outros animais, a qual consideram que deve ser abolida e não regulada (Francione, 2010, p.34). E, segundo consta em seu website, Gary Francione ressalta: “A abordagem abolicionista dos direitos animais mantém que todos os seres sencientes, humanos ou não humanos, têm um direito: o direito básico de não ser tratado como propriedade dos outros”. No original, “*The abolitionist approach to animal rights maintains that all sentient beings, humans or nonhumans, have one right: the basic right not to be treated as the property of others*”. Disponível em: http://www.abolitionistapproach.com/about/#.VVZ-c_IViko. Acesso em 13 de Maio de 2015.

quisessem, conforme disseram alguns interlocutores).

Em que pese os cavalos serem ou não entendidos como sujeitos dotados de interesse próprio, da perspectiva de meus interlocutores na equoterapia, é preciso considerarmos em que medida este reconhecimento se dá em termos de um “objeto”, “recurso” e/ou “máquina terapêutica” a ser manipulada pelas pessoas, ou então, seriam os cavalos tratados mais como “sujeitos”, “colegas de trabalho”²⁷, “coterapeutas” e/ou “terapeutas”.

Em um primeiro momento, somos levados a pensar que neste método terapêutico há um espaço privilegiado reservado aos animais, uma vez que, obviamente, não haveria equoterapia sem os cavalos. Já em seguida, porém, este lugar de destaque conferido a eles é, assim penso, solapado, na medida em que estes animais vêm a servir unicamente às finalidades humanas. O trecho a seguir, de um equoterapeuta, ilustra este ponto:

A equoterapia foi criada para que as qualidades do cavalo pudessem ser aproveitadas em favor do ser humano. O estudo das reações do corpo e da mente humanos em contato com equinos mostrou benefícios importantes para a recuperação de pessoas com hemiplegia, lesões na medula e paralisia cerebral, além de alergias diversas, asma e deficiências visuais. Mais que problemas de ordem física, o tratamento ainda auxilia pessoas com síndrome de Down, esclerose múltipla, autismo e transtornos do déficit de atenção (Severo, 2010, p.9, grifo meu).

Mas, significativamente, terapeutas têm uma parcela de discurso crítico em relação aos cavalos; conforme me reportaram, eles consideram que estes animais estão ali *privados* e *cerceados*, ao ficarem *presos* nas baias, ao passo que “*o que o cavalo quer mesmo é ficar solto no pasto*”. Este argumento dos terapeutas, de certo modo, diferencia o que seria um estado *natural* do cavalo, “solto-no-pasto”, do estado *condicionado* do cavalo, imerso no cotidiano das atividades na equoterapia e “preso-na-baia”. Em certa medida, a esta oposição “solto *versus* preso”, guardadas as importantes diferenças em seu modo de conceber o estatuto do animal, os terapeutas até que se

²⁷ Segundo o Dicionário Houaiss de Sinônimos, o termo “colega” refere-se aquele “*que exerce o mesmo cargo ou as mesmas funções, ou funções e cargo da mesma ordem*” (p.523).

aproximam – ainda que por contrassenso – da compreensão dos abolicionistas da causa animal de que “*a domesticação é uma prisão*” (Ferrigno, 2013, p.208)²⁸.

Admitindo-se a importância das perspectivas enumeradas acima para o entendimento da relação animal-humano mas não me fixando a elas unicamente, acredito que a equoterapia carrega junto outros matizes a serem explorados e que, assim penso, fazem com que esta prática não tenha, de modo absoluto, caráter dominador e especista (embora deva se reconhecer que o tenha, sim, nalguma medida). Com efeito, procurei lançar mão de uma chave analítica e crítica em que as relações travadas entre animais e humanos não estivessem reduzidas ao modelo “abuso e crueldade” ou ao binômio “dominação e resistência”, os quais, em certa medida, posicionariam os cavalos como meros alvos passivos do exercício de poder humano, obliterando outros aspectos relacionais implicados nas práticas que tomam parte na equoterapia (e que se somam àquelas de exploração).

Ao questionamento sobre o caráter da presença do animal em meio às atividades humanas, vale a pena inserir a discussão proposta por Donna Haraway em sua obra “*When species meet*” (2008). Neste livro, a autora pretende se desenredar de pressuposições abstratas que ocupam o pensamento ocidental moderno. Para Haraway, o próprio uso do termo “animal” estabelece uma assimetria inicial entre humanos e animais, que remete e reforça o divisor natureza-cultura, e por esta razão, impede novos rendimentos analíticos acerca das relações entre humanos e animais.

Neste enquadramento moderno, seja em sua forma clássica, seja na linguagem utilizada por defensores dos direitos dos animais e suas noções de injustiça, sofrimento e maus tratos, nega-se a condição de sujeito aos animais, estes últimos sendo reduzidos tão somente à posição de vítimas da ação humana²⁹. Em sua concepção, usar animais em testes de laboratório é, sem dúvida, uma prática

²⁸ Além dos apontamentos enumerados acima, o veganismo traz ainda uma análise crítica da cultura do trabalho na qual se entende que, além de fazer humanos prisioneiros de si em relações trabalhistas e repercutir numa domesticação de humanos pelo trabalho (Ferrigno, 2012), o culto ao trabalho também impõe aos animais tal feito.

²⁹ O mesmo parece ocorrer com seu descarte de questões colocadas pelo campo da Bioética, porque condensariam um corpo de explicações que se pretendem absolutas, ao produzir generalizações abstratas sobre o conceito de vida e seus derivados.

problemática que merece discussão. Mas, em sua linha de pensamento – um tanto controversa –, o problema do envolvimento de animais em pesquisas científicas (para finalidades exclusivamente humanas) não está apenas no fato de que os ratos de laboratório, por exemplo, são subjugados pelos cientistas humanos, mas porque ocorre-lhes ser impugnado um estatuto que, invariavelmente, os condena à morte. Neste caso, o problema que ela encontra na relação humano-animal, conforme ela se dá entre cientistas e animais no laboratório, é a categorização dos camundongos como animais “matáveis”, a qual vem a apagar sua condição de sujeito, e não o ato de matá-los em si mesmo. E porque o cerne do problema está em que estes animais são tornados “matáveis” (*killable*), a autora considera que até mesmo “matar” pode ser um ato responsivo da parte dos cientistas, desde que, em sua coexistência diária, carnal e mundana com os humanos, seja antecedido por responsabilidade, atenção e consideração às subjetividades dos camundongos. Neste sentido, fundamentando-se na ideia de “espécies companheiras” em pesquisas científicas, a relação entre humanos e animais pode ser entendida como uma forma de colaboração que, ao acionar a participação dos animais, autoriza-os a colaborar com os cientistas na (co)produção mútua de conhecimento.

As oportunas considerações feitas por Haraway (2008) servirão de base para minha abordagem sobre o modo como a equoterapia (re)desenha certas relações no bojo das pretensas fronteiras modernas entre humano e animal, natureza e cultura, sujeito e objeto, ao mostrarem como estes divisores são mais fluidos do que imaginamos ou gostaríamos de imaginar. Junto a isto, interrogo quais formas de responsividade pode haver no arranjo relacional que reúne cavalos e pessoas.

Ao tematizar os benefícios que a equoterapia pode trazer às pessoas com deficiência, o cavalo é tomado como seu principal agente terapêutico, e por isto penso que a condição do animal enquanto objeto é um tanto deslocada em favor da condição do cavalo como sujeito da ação. É o caso, por exemplo, das noções de que o cavalo *sente* o que o praticante quer, pois *percebe* as

preferências e características de cada praticante, e *sabe* quem precisa de um passo mais ou menos rápido, e quando um *comando* feito pelo praticante é, de fato, um comando a ser obedecido, e, notadamente, temos as ideias de que o cavalo pode *fazer milagres*, além de *despertar* o praticante, ideias que, via de regra, são associadas a graus de intenção (positivada) da parte do animal, variando ao sabor das circunstâncias, chegando até mesmo à afirmação de que o cavalo é um *anjo* e gosta de *ajudar* (neste caso justificando-se seu esforço).

Por outro lado, quando conversei com os funcionários da Hípica, eles disseram que “tratavam bem” dos cavalos. Naquele estabelecimento, os cavalos estavam seguros, eram bem cuidados, alimentados com ração de qualidade, e havia bastante espaço para eles no pasto, comparativamente às outras Hípicas (e, como vimos anteriormente, foi dito que o “padrão *Dahma*” era o *melhor*). E, com efeito, se havia possibilidade de que o cavalo fosse *dispensado*, algum espaço havia para sua objeção e resistência. Neste caso, eles poderiam não *cooperar*; nestes momentos, eles não responderiam aos *comandos de jeito nenhum*, por exemplo, prostrando-se, quando deveriam manter-se caminhando durante a montaria.

Ademais, aprofundam-se os dilemas ao refletirmos se a presença dos cavalos, direcionada para prover melhorias a pessoas com deficiência, é justificável ou não, ainda que tome para si causas “maiores” ou “mais nobres”, como discutido em conversa com uma das terapeutas³⁰. A questão torna a se complexificar porque, além disto, nas falas dos terapeutas, o cavalo aparece tanto como um sujeito que deve se submeter e se sujeitar (e o faz voluntariamente), *ajudando* os praticantes, como um sujeito que, por vezes, *desobedece* aos ditames dos terapeutas, por *preguiça* ou *cisma*. Deste modo, os cavalos não seriam meramente *usados*, mas é como se eles consentissem e tivessem vontade em fazer aquilo. Ao mesmo tempo, diz-se que os cavalos *colaboram* e

³⁰ Se, para os interlocutores, a equoterapia tem eficácia considerável na vida de pessoas com deficiência (e pode alcançar resultados significativos se comparada a outros tratamentos), continuo a refletir se os cavalos devem ser colocados a serviço e em função de benefícios exclusivamente humanos, ainda que vivam sob o “padrão *Dahma*”, com espaço significativo no pasto, ração da melhor qualidade....

cooperam, mas, significativamente, eles também podem estar *preguiçosos, irritados, cansados e sobrecarregados*, e por isso podem *reagir, cismar* e até mesmo se *recusar* a fazer certas coisas.

Neste sentido, as seguintes colocações são pertinentes:

How do we balance human needs with the needs of the other-than-human actors with whom we coexist and on whom we depend? Certainly, contextualizing, situating, and recognizing interdependencies are strategies to get us started (Hansen, 2010, p.21).

É, assim, inegável que as relações travadas entre pessoas e cavalos na equoterapia incorrem em práticas assimétricas, dentro das quais, afirmaram os próprios interlocutores, o cavalo não participa por “espontânea vontade”. É de se notar, aliás, que uma das terapeutas admitiu ser necessário “*entrar no pasto com ração, senão eles [os cavalos] não vêm*”. E que, caso o cavalo “*não quisesse fazer de jeito nenhum*”, ele seria *dispensado*, isto é, *mandado embora*. Em todos os casos, portanto, se coloca uma tensão relativa aos termos nos quais o cavalo aparece tanto como um “agente” quanto um “objeto” (uma elasticidade que também deve ser pensada em sua instanciação neste regime específico de “trabalho” a ele imposto).

Como salienta Felipe Vander Velden (2012) a respeito das relações entre senhor e escravo (ou servo), que são relações sociais ainda que calcadas em assimetria e violência, também os processos de domesticação dos animais envolvem certos relacionamentos entre humanos e animais que extrapolam a simples objetivação ou coisificação dos últimos pelos primeiros, uma vez que humanos estabelecem modos de engajamento com os animais que não se limitam apenas ao exercício do controle - reprodutivo ou comportamental - sobre eles. Considerando esta perspectiva no cenário de minha pesquisa, no qual se afirma tanto, de um lado, que os cavalos trazem benefícios à saúde humana como, de outro, que os cavalos, para estarem ali, têm de se submeter (embora pode acontecer de eles se recusarem a tal em certas circunstâncias), está em jogo uma condição de submissão e cooperação dos cavalos mas que por si só não exclui a possibilidade de o animal ser reconhecido como um ser social e agente neste meio terapêutico (e se reconhece a agência do

cavalo na medida em que o posiciona como um ser dotado de sentidos e escolhas próprias e estratégicas).

Assim, a relação transespecífica é a tônica da equoterapia, mas os termos da participação implicada nesta modalidade de “naturezacultura” (Haraway, 2008) variam significativamente para humanos e cavalos, se tratando de uma mescla tanto da apropriação utilitária dos cavalos pelos humanos, quanto de modos de colaboração e comunalidade entre as espécies envolvidas (Knight, 2005, p.12), uma certa colaboração no trabalho laboral, que implica, necessariamente, a submissão e exploração de uma parte pela outra (Haraway, 2008). Deste modo, além de discutirmos a maneira com que a distância entre humanos e animais na equoterapia opera, pretendo refletir sobre a questão fundamental do “trabalho” animal na sociedade humana³¹.

E, fundamentalmente, uma vez que nesta terapêutica o cavalo é colocado a serviço de humanos que também têm seu lugar na sociedade comprometido, na medida em que se tratam de pessoas *especiais, difíceis* ou *problemáticas*, justamente porque pode melhorar suas condições de vida, acredito que ele seja mais do que um mero animal dominado, e tem, em sua aliança com um humano *problemático*, valor singular. Tomo, doravante, esta junção de experiências de praticantes e cavalos como um cenário de dissonância que inclui certas “reivindicações concorrentes”³² (*competing claims*, Povinelli, 2011, p.83). Neste caso, podemos pensar quais seriam as limitações e as chances dadas ao pertencimento social, mobilidade, comunicação e expressão de ambos, praticantes e cavalos, tanto no campo de ações intrínseco à equoterapia, quanto na sociedade mais vasta para além dela.

É oportuno mencionar que o entrelaçamento cavalo, praticante, terapeuta, auxiliar-guia e

³¹ Ou tratar-se-ia de escravidão dos animais, como argumenta a autora Sônia Felipe (2014).

³² Faço uso do termo embora, neste trabalho não estejam colocadas questões acerca do reconhecimento cultural e autodeterminação de quaisquer povos indígenas e tradicionais. No caso relatado pela autora, este termo expressa o dilema em buscar a resposta apropriada, ao se deparar com o princípio ético de aborígenes australianos, no qual se deixa o animal morrer por sua própria conta, de um lado, e com a dor desnecessária que o animal sofre e que poderia ser interrompida com sua intervenção, de outro (Povinelli, 2011, p.83). Este conflito seria um exemplo de dissonância interna ao que ela denomina “liberalismo tardio”.

familiares (e suas distinções) guarda ainda outras controvérsias. Conforme Keith Thomas (1983) apontou, a distinção humano-animal caminha juntamente com a distinção entre os próprios humanos, conferindo uma “natureza animal” e bestialidade às pessoas ou grupos fora do escopo da sociedade dominante, e assim deu suporte a discursos e práticas violentas intra-humanas³³:

Mas essa insistência tão grande em distinguir o humano do animal também teve consequências importantes para as relações entre os homens. Com efeito, se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semianimal (Thomas, 1983, p.55).

O ponto levantado pelo autor é válido para pensarmos a inclusão dos cavalos no método terapêutico da equoterapia, destinado a pessoas com deficiência. Neste caso, pergunto: praticantes e cavalos são associados porque a ambos são atribuídos um “não-poder”, como a ausência negativa do “poder de raciocinar, de falar, com tudo o que se segue” (Derrida, 2002, p.55)? Ao longo do texto, procurei examinar se e como este “não-poder” que a denominada sociedade moderna reservou aos animais vem a aparecer na equoterapia, e em que medida, neste contexto, ele é putativo também às pessoas com deficiência.

Nesta linha de pensamento, o nexos entre cavalos e praticantes pode trazer em cena um debate acerca de sua presumida falta de “poderes” (Derrida, 2002), voz e/ou agência. Uma vez que humanos *especiais* são associados materialmente a animais em sessões terapêuticas, este par torna-se, duplamente, a antípoda da definição moderna de ser humano, tencionando a continuidade mental, oral e corporal assegurada entre humanos *típicos*. Tem-se, assim, uma via dúplice para analisar tanto a alteridade interespecies (entre humanos e animais), quanto a alteridade intraespécie (entre pessoas com “deficiência” e pessoas sem deficiência).

Assim, embora o binômio dominação-resistência seja constitutivo da *práxis* na Hípica, porque o cavalo está constantemente sob coação humana (seja porque é puxado pela corda amarrada

³³ Como os atos de violência e maus tratos cometidos contra negros, índios, mulheres, pobres, iletrados, loucos e vagabundos, legitimados a partir do suposto distanciamento destes grupos do ideal de ser humano (Thomas, 1983).

ao cabresto, ou porque passa boa parte do dia sendo *montado* pelos praticante), exceto quando está *de folga* no pasto, entendo que a relação humano-animal e sua pretensa distinção moderna está, ela mesma, deslocada neste contexto. E isto pelos seguintes motivos: 1) porque os cavalos não são reduzidos a meros objetos (ainda que o sejam, em alguns momentos), mas têm a sua subjetividade, agentividade, interesses e vontades reconhecidas, manifestando, especialmente, capacidades terapêuticas (algumas, inclusive, tomadas como não passíveis de serem executadas por humanos, tal como a estimulação motora, que *desperta* nos praticantes, involuntariamente, milhares de contrações musculares em trinta minutos) e, finalmente, porque havia possibilidade de que os cavalos fizessem, à sua maneira, certas “objeções” dentro deste quadro de relações, ao não obedecer às diretrizes dos terapeutas; e 2) porque a equoterapia se destina, em grande parte, às pessoas com deficiência, as quais ocupam posição deslocada em relação à sociedade dominante; e, sobretudo 3) porque, durante as sessões de montarias, cada sujeito, embora em grau e frequência distintos, está imerso em relações de domínio mútuo, nas quais desempenham papel tanto ativo como passivo diante dos outros envolvidos.

Sendo assim, penso a equoterapia como uma prática que incide tanto sobre as fronteiras entre animais e humanos (e nos binômios que delas derivam, como dominação *versus* valorização; sujeito *versus* objeto; obediência *versus* resistência, ativo *versus* passivo), como entre as pessoas com “deficiência” e pessoas sem deficiência (e a atribuição moderna de maior atividade, autonomia, e eficiência às últimas, em detrimento da passividade e dependência perante às primeiras). De um lado, a equoterapia tanto reafirmaria a dominação humana sobre o animal e as fronteiras que separam um do outro, quanto seria também uma prática multiespécie, na medida em que os associam em torno de uma atividade comum³⁴.

³⁴ Ainda que por diferentes razões e com públicos bastante distintos, certas corridas de cavalos também apresentam uma mistura ambígua; elas são simultaneamente conservadoras, pois se apresentam como o “esporte dos reis”, e anárquicas, manifestando-se como a “obsessão da classe trabalhadora”, tal como apontara Rebecca Cassidy (2007)

Sou levada a pensar que a equoterapia envolve tanto a busca por uma humanidade ideal, a ser corporificada pelas pessoas com deficiência (na medida em que se propõe a oferecer melhores condições de saúde, física, mental, emocional, intelectual, motora) e, nesta medida, reafirma os valores morais do *status quo* na busca por um ser humano *típico*, isto é, completo, perfeito e pleno. A este respeito, retomo o estudo de Kim (2013, p.452), o qual aponta o modo como a categoria “deficiência” está relacionada ao “bom utilitarismo social” e às intervenções de natureza corretiva que pretendem “corrigir” a deficiência, como se esta dissesse respeito a um problema de engenharia corporal pessoal, e não à própria sociedade, ela mesma, inadaptada para atender às diferenças.

É importante trazer estes apontamentos e sua similaridade com as ideias de *desenvolvimento, progresso e evolução*, encontradas nos objetivos gerais da equoterapia, como aparece aqui: “Desenvolver o praticante em suas dimensões biológica, psicológica, social e espiritual, nas áreas de saúde e educação” (Severo, 2010, p.333). E na noção de potencial e independência colocada nos seguintes termos: “O objetivo da equipe técnica é ajudar cada praticante a alcançar seu potencial máximo (...). Eles devem ser encorajados a progredir (...). O praticante deve ser estimulado para se tornar o mais independente possível” (Severo, 2010, p.335-6).

No entanto, se discutir isoladamente a presença dos cavalos me levava a um lugar, e a das pessoas com deficiência, a outro, importa, neste trabalho, explorar de que modo estas duas categorias aparecem juntas na equoterapia – e, por vezes, literalmente andam juntas, nas montarias.

Aproximações às terapias com animais

Em uma das conversas com os terapeutas da Hípica, eles mencionaram haver diferenças na

abordagem de cada centro de equoterapia, havendo duas linhas de atuação principais. Uma delas está mais atrelada ao ambiente e ao cavalo, e se vale dos *recursos* oferecidos pelo próprio ambiente, tal como as árvores e os sons do lugar. A outra linha inclui o uso de brinquedos e acessórios. Assim, poderia haver maior ou menor (e até nenhuma) ênfase no uso dos recursos do cenário e no uso dos acessórios e brinquedos para *estimular* o praticante. Além disso, dependendo do estabelecimento, a duração da sessão de montaria pode variar para mais ou menos do que trinta minutos; e o praticante pode ser induzido a fazer exercícios corporais ou simplesmente montar no cavalo, sem envolver alongamentos e flexões, por exemplo. Na equoterapia oferecida no Centro Hípico do *Damha*, as sessões quase sempre envolvem a estimulação com brinquedos ou acessórios, e faz-se apelo à natureza e seus elementos, como agarrar as folhas da árvore ou observar a presença ou barulhos de outros animais ao redor, mas são escolhidas arbitrariamente, de acordo com o que cada terapeuta pretende priorizar na sessão de cada praticante³⁵.

Não obstante, foi dito pelas terapeutas da Hípica que a equoterapia é complementar às outras práticas hegemônicas de saúde da medicina moderna, tais como a fisioterapia, a fonoaudiologia, e a psicologia. É de tal modo, portanto, que a elas se alinha, bem como tem suas possíveis vantagens e metodologias debatidas na produção intelectual acadêmica destas áreas. Esta complementaridade também aparece na literatura da área, nos seguintes termos:

Importante complemento no tratamento de enfermidades e deficiências congênitas, a equoterapia deve ser objeto de estudo de profissionais ligados à saúde, recuperação postural e áreas da psicologia, além de veterinários e adestradores (Severo, 2010, p.9).

Neste sentido, a equoterapia dá suporte e se embasa em saberes médicos relativos à saúde; mas ela também pode ser pensada como uma prática alternativa de saúde, na medida em que, ao colocar um animal não-humano (o cavalo) na posição de agente (assistente, auxiliar ou equivalente)

³⁵ Bruno, psicoterapeuta ex-membro da *equipe* de equoterapia acompanhada, disse seguir mais a primeira linha, mas não se posicionou contrário à segunda. Ele exemplificou dizendo que um de seus praticantes, que tinha bastante *dificuldade*, adorava vacas, e por isso ele fazia uma aula diferente do usual, levando o garoto até a área próxima onde as vacas permaneciam alojadas. Esta volta mais *espontânea* trazia benefícios inclusive para o cavalo, porque *des-estressava o animal*, conforme o psicólogo me apontou.

de benfeitorias à saúde humana e em papel de destaque junto aos terapeutas, caminha contra princípios biomédicos centrados na exclusividade da agência humana. A equoterapia, então, traz mais uma mistura ambígua, reunindo, de um lado, práticas da ciência moderna, e de outro, elementos alternativos a ela.

Este paradoxo já foi sublinhado por Dona Davis *et al* (2014), que discutem a “confusão” feita por alguns autores em relação ao estatuto terapêutico da equoterapia; enquanto alguns a tomam como “complementar” às ciências biomédicas e às terapias de saúde convencionais, outros consideram-na um tratamento de saúde “alternativo” (p.5). Além disto, as autoras salientam que, a despeito das terapias com animais estarem adquirindo cada vez mais importância e credibilidade, há atualmente esforços de autodefinição significativos.

É oportuno destacar que, ainda neste artigo, intitulado “*My horse is my therapist*” (Dona Davis *et al*, 2014), as autoras discutem o modo como suas interlocutoras concebem o prazer ao se montar a cavalo, bem como a tendência a medicalizá-lo, exemplificada na frase “*Quem precisa de terapia quando eu tenho um cavalo*”, estampada popularmente em camisetas de mulheres do cenário equestre. Em seu discurso, as pessoas que estão “bem de saúde” referem-se à montaria (bem como outras formas de conexão com os cavalos) como um “vício” ou “loucura por cavalos”, numa tentativa de justificar a importância que atribuem à sua ligação com estes animais. E isto se deve porque, se, ao contrário, elas simplesmente pontuassem sua conexão com os cavalos como uma fonte de prazer, numa “cultura classe-média anti-hedonista”, não encontrariam legitimidade na procura pelo prazer em si mesmo:

When their joy becomes medicalized as an obsession or addiction by their significant others, the riders, in turn, justify the time and money and intimate relationships they form with their horses in the language of therapy and biomedicine. Because society denies them the legitimacy of pleasure, horse-as-therapist discourse becomes a rebellion against, not biomedicine, but the anti-hedonist bias (of not just medical anthropology; see Thin) of Western middle-class culture in general. Pleasure can no longer exist for pleasure's sake and pleasure, to be legitimated, becomes medicalized (Davis *et al*, 2013, p.15).

Por isso, no caso de pessoas que estão em “boas” condições de saúde, a aproximação do cavalo à figura de um terapeuta ou à uma forma de terapia é usada estrategicamente e, ao invés de reafirmar a medicalização do prazer feito pela psiquiatria (que medicaliza o prazer, assim como o faz com o que as autoras chamam de problemas e estresses do dia a dia), vai na contramão desta. Mas a retórica discursiva do “cavalo-como-terapeuta”, usada para legitimar o prazer das pessoas em estar junto aos cavalos (Davis *et al*, 2013, p.15), aparenta ser deveras diferente da retórica/motivação/preceitos técnicos que embasam a equoterapia e seu oferecimento às pessoas que enfrentam condições de saúde não tão “boas” assim, neste caso, o “cavalo-como-terapeuta” é mobilizado como vetor de melhorias à saúde dos praticantes, em sua acepção mais ampla (que, todavia, também inclui tomar a equoterapia como uma atividade prazerosa; elemento este, inclusive, levantado para alguns praticantes do programa lúdico, que fazem a equoterapia justamente porque eles ou seus pais *gostam*).

Retomando a discussão sobre os esforços da equoterapia em se autodefinir, nas publicações da área de saúde sobre a equoterapia encontramos diferenças no uso de termos empregados, bem como certa imprecisão em localizar as vantagens e as desvantagens da intervenção terapêutica com cavalos (Bachi, 2012).

Em seu artigo intitulado “*Equine-Facilitated Psychotherapy: The Gap between Practice and Knowledge*” (2012), Bachi aponta a escassez e os problemas teórico-metodológicos dos poucos estudos que se propõem a examinar particularmente os aspectos psicológicos, mentais, emocionais e sociais envolvidos na equoterapia. Por exemplo, ela analisa uma pesquisa *survey* (DePauw, 2000), na qual foram compiladas os seguintes benefícios: melhoras no equilíbrio de crianças com paralisia cerebral e “retardo mental”; melhoras na coordenação braço-perna; melhoras no equilíbrio, mobilidade e postura de pessoas com “dificuldades físicas e atrasos desenvolvimentais” e redução do tônus muscular espástico de pessoas com paralisia cerebral (p.369). Seguindo seu argumento,

alguns raros estudos atentaram para examinar os aspectos não fisiológicos, exceto os poucos que registraram impactos positivos no desenvolvimento verbal e nas habilidades psicossociais do praticante. De seu ponto de vista, seria necessário dedicar mais fôlego aos aspectos psicológicos, mentais, emocionais e sociais, assim como se faz com os efeitos fisiológicos a ela creditados.

Além disto, para a autora, a literatura da área da *Equine-Facilitated Psychotherapy* (EFP) consiste basicamente em relatos anedóticos, como por exemplo, afirmando-se que as experiências de crianças com os cavalos podem modificar suas vidas, pois as crianças aprendem a criar laços e a demonstrar amor e afeição, bem como experienciam a intimidade e passam a entender o que significa nutrir outro ser³⁶ (Bachi, 2012). É oportuno mencionar, ainda, a diferença existente nas publicações referentes às Terapias Assistidas por Animais e à equoterapia. Ainda de acordo com Bachi (2012), os estudos de terapias com animais focam sobretudo em cães, e raramente mencionam a participação dos cavalos. Em sua opinião, isto ocorre porque trabalhar com os cavalos seria algo “único e complexo”, além de carecer de um treinamento e conhecimentos específicos (p.369). Por isso, as pesquisas que envolvem terapias com cavalos se referem apenas à equoterapia, e não às Terapias Assistidas por Animais em geral. Mais uma vez, estes apontamentos reforçam a ideia de que as terapias com animais constituem um campo científico ainda incipiente, e que seu trabalho de consolidação passa por ênfases distintas, tanto na abordagem prática quanto nos escritos científicos.

Zooterapias populares, cinoterapia e animais de serviço

Não obstante, é de se pensar que a equoterapia guarda certa similaridade com a chamada

³⁶ No entanto, como já assinalado anteriormente, não é meu objetivo nesta pesquisa analisar a equoterapia como um campo científico em emergência e suas divergências, tampouco verificar a eficácia ou validade terapêutica desta prática. Alternativamente, importa o modo como as relações de diferença intra e interespecie (e também transespecíficas) se constituem precisamente neste contexto terapêutico, e o modo como as implicações terapêuticas são percebidas pelos sujeitos envolvidos.

medicina popular. Conforme assinalamos acima, o papel dos animais na manutenção da saúde humana e em procedimentos de cura já existe desde a Antiguidade, quando partes de seus corpos ou mesmo seus produtos (secreções, excreções, ninhos, ovos, etc.) eram usados como agentes terapêuticos e curativos. Estes “remédios” continuam a ser manipulados de diversas formas em práticas de medicina popular, como em amuletos, encantos, ingestões ou uso tópico, de modo que se registrou no Brasil, até o presente, o uso de trezentas e vinte e seis espécies de animais, cujas finalidades terapêuticas são transmitidas oralmente (Costa Neto & Alves, 2010).

Neste sentido, é válido examinarmos se as Terapias Assistidas por Animais (TAA) e a equoterapia, englobadas por mim como uma espécie de “zooterapia moderna”, seriam uma nova fase da apropriação terapêutica dos animais, em continuidade com as zooterapias tradicionais, ou se dela se diferenciam. Em que medida os cavalos exprimem um estatuto diferente daquele outorgado a animais da outra modalidade em questão, em que “partes do corpo do animal, de produtos de seu metabolismo, como secreções corporais e excrementos, ou de materiais construídos por eles, como ninhos e casulos” (Costa Neto & Alves, 2010, p.16) são utilizados?

Apesar de nas zooterapias modernas importarem os animais “inteiros” ou “plenos” e vivos, não havendo emprego de animais “desmontados” e suas frações corporais, como ocorre em grande parte das zooterapias tradicionais, a diferença entre uma e outra, no entanto, aparenta estar menos no modo de apresentação do animal e mais na forma como o contato opera em um e outro caso. De acordo com Marina, uma das terapeutas do Centro Hípico onde fiz minha pesquisa de campo, os benefícios da equoterapia resultam dos efeitos da movimentação do cavalo no corpo do praticante, associados com gestos ou exercícios corporais que o praticante faz simultaneamente à montaria (tais como alongamentos, extensões, flexões, torções, giros, e mudanças de posições sobre o cavalo). A *exclusividade* da equoterapia, assim me foi dito, está na associação dos gestos realizados pelo praticante montado com os movimentos do cavalo ao deslocar-se no chão. E, também por isso, ela

se distingue da fisioterapia “tradicional” no solo³⁷.

No caso da equoterapia, o vínculo com os animais se dá, por excelência, via manutenção do contato físico com o corpo inteiro e vivo do animal em movimento. Este, assim se pretende, opera transformações na pessoa do praticante. É precisamente no contato com o cavalo, e ao ser movido por ele, que o praticante *muda e melhora*: tem acesso à uma *força e potência*, e até mesmo à uma *nova visão de mundo*, elementos que vêm a impactar em sua *autoestima*. É de se destacar, ainda, a necessidade de um fluxo temporal considerável na manutenção do contato com o animal, pois é no período de trinta minutos de montaria que se faz o chamado *ajuste tônico*, proveniente das contrações musculares involuntárias que a marcha do cavalo *transmite* ao praticante.

Mas é possível traçarmos algumas similaridades entre as zooterapias modernas e as tradicionais, na medida em que ambas operam por contato, e é neste contato com os “zoterápicos” que a cura é realizada. E, porque o contato direto ou a proximidade física é a condição de sua prática (no caso da equoterapia, seja ele o contato físico imediato, com o praticante montado no cavalo, ou o contato indireto, com o praticante desmontado do cavalo, mas em interação com ele), encontramos um certo princípio de funcionamento mágico por ação simpática em ambas, sendo esta uma ação que opera por contato entre diferentes coisas ou seres (Mauss, 2000 [1902-1903]). Neste sentido, a sessão de equoterapia e os arranjos relacionais que sua *equipe* desenha ao longo dela, com o propósito de beneficiar o praticante, formam uma espécie de “sistema mágico”. Aliás, o objetivo mesmo da equoterapia (exceto para aqueles praticantes do programa Lúdico), na medida em que pretende modificar o estado de saúde dos praticantes, pode ser pensado como um ato mágico:

(...) qualquer acto [sic] mágico é representado como tendo por efeito, quer colocar seres vivos ou coisas num estado tal que determinados gestos, acidentes ou fenómenos devem seguir-se infalivelmente, quer fazê-los sair de um estado prejudicial (Mauss, 2000 [1902-1903], p.72-3).

Embora exista diferença entre técnica e magia, para o autor, elas se apoiam e se

³⁷ E, como destacou o terapeuta, o *progresso* atingido em apenas meia-hora de sessão de equoterapia seria equivalente a um mês de sessão de fisioterapia.

desenvolvem dependendo uma da outra, sendo pensadas simultaneamente:

Em geral, na pesca, na caça, na agricultura, a magia caminha a par com a técnica, apoiando-a. Outras artes estão, por assim dizer, totalmente enredadas na magia. Tais são a medicina e a alquimia; durante muito tempo, o seu elemento técnico era o mais reduzido possível, a magia dominava-as; estão de tal maneira dependentes que foi no seu seio que parece terem-se desenvolvido (Mauss, 2000 [1902-1903], p.17).

É neste sentido que entendo a oscilação dos terapeutas e familiares entre prover uma explicação mais “científica” e outra mais “mágica” acerca do funcionamento da equoterapia. Por exemplo, ao ser perguntada a respeito do que acontecia quando a pessoa está montada no cavalo, a mãe de uma praticante disse que o cavalo “passa uma energia”; de modo semelhante, outra mãe com quem conversei afirmou que na relação de sua filha com o cavalo “tem uma magia”; e, significativamente, durante a sessão, a terapeuta exclamou que o braço da praticante havia mexido por consequência do “milagre do cavalo”; outra referência à magia apareceu ainda no cartaz que homenageia o cavalo Vagalhão, no qual a terapeuta da Hípica destaca que ele “ensinou a magia de crescer a cavalo” aos praticantes.

Sob uma perspectiva diferente, podemos comparar os cavalos presentes na equoterapia aos cães na cinoterapia, que são considerados “instâncias motivadoras”, “facilitadores” ou, ainda, “catalisadores de afeto” no tratamento. Na cinoterapia, que se define pelo uso de “técnicas acolhedoras e amorosas” e de um “atendimento mais humanizado, criativo e efetivo” (Capote & Costa, 2011, p.11-12), a noção de que cães³⁸ oferecem *afeto e amor incondicional* às pessoas é recorrente:

Os cães reúnem características que facilitam a aproximação dos pacientes: oferta de afeto imediato e incondicional, contato físico agradável e estabelecimento de confiança mútua. Neste sentido, a comunicação não verbal, muitas vezes mais verdadeira do que a verbal, permite o estabelecimento de maior aproximação do animal e o paciente e funcionaria como uma ponte entre este último e o profissional da saúde. A postura sem preconceitos e a ausência de manifestações físicas de julgamento por parte do animal permitem o contato mais facilitado e informal com o paciente (Althausen 2007 *apud* OLIVA 2010, p.130).

³⁸ Assim como a distinção entre os cavalos da equoterapia e os demais equinos, os cães da cinoterapia parecem possuir algo a mais que cães farejadores ou de resgate, ou mesmo aqueles que oferecem assistência rotineira a pessoas com mobilidade reduzida, como os cães-guias. Caberia indagar ainda, para o caso dos cães selecionados para deficientes visuais, em que medida seu emprego se diferencia do uso de bengalas e próteses desenvolvidas para o auxílio humano.

Como vimos no trecho acima, entende-se que os cães são moralmente neutros, destituídos de juízo de valor, e naturalmente bons (“postura sem preconceitos”, “afeto imediato e incondicional”). Este caráter afetivo e emocional implicado na cinoterapia se distingue dos valores atribuídos aos cavalos na equoterapia que, não obstante inclua aspectos psicológicos em seu conjunto de benefícios, tematiza, sobretudo, os efeitos da marcha do cavalo na constituição física e motora do praticante.

Sem embargo, há muito tempo que burros, mulas, bestas e jumentos, também pertencentes ao gênero *Equus*, convivem com pessoas, sendo utilizados em serviços de transporte de carga, alimentos e para puxar arados³⁹ (Hribal, 2007 e 2012, Thomas, 1983). Na vida pastoral, os cavalos aliviaram o peso de cargas e assumiram grande parte da labuta humana⁴⁰ (Cassidy, 2007). Assim, a presença de “animais trabalhadores” ou “animais de serviço” é dada em termos da procura humana por vantagens instrumentais, locomotivas e econômicas. Mas, se na equoterapia também importa a função motora dos cavalos e seu movimento, este considerado, por si só, uma das “maiores dádivas de qualquer animal” (Cassidy, 2007, p.viii), e obviamente há ganhos econômicos para os centros que disponibilizam o tratamento (uma vez que parte considerável das sessões de equoterapia são pagas), as características dos cavalos que entram em jogo nesta terapêutica são relativas à presumida capacidade de beneficiar a saúde de seres humanos.

De certo modo, considero haver uma diferença no grau de agência que os cavalos na equoterapia manifestam, tanto em relação às zooterapias populares e às atividades econômicas e produtivas que se valem de animais de carga, quanto às propriedades dos cães na cinoterapia. Não

³⁹ A contribuição dos cavalos para o chamado mundo moderno é tal que as revoluções da agricultura, industrial, comercial e urbana devem ser consideradas empreendimentos não apenas humanos, mas também feitos pelos animais, visto o papel fundamental que exerceram nas mesmas (Hribal, 2007 e 2012). De acordo com Thomas (1983), “a civilização da Europa medieval seria inconcebível sem o boi e o cavalo” (idem, p.33). E, sem o cavalo, os europeus jamais conquistariam a América (idem, p.37).

⁴⁰ Ainda que, ao meu ver, seja arriscado afirmar, como faz a autora (Cassidy, 2007, p.vii, minha tradução), que “os cavalos têm sido objetos do desejo humano desde que consentiram a nos carregar sobre suas costas e a puxar nossos carros” (No original, “*Horses have been objects of human desire since they consented to carry us upon their backs and pull our chariots*”).

se trata de buscar o proveito terapêutico de suas partes ingeridas como um remédio (como encontramos, dentre outros objetivos, na zooterapia popular), nem de um utilitarismo econômico (animais de tração), e nem do amor e afeto incondicional (cães da cinoterapia), mas, dos cavalos da equoterapia, extraem-se, para finalidades terapêuticas, sobretudo seu *movimento tridimensional*, mas também sua *força, potência e energia*. Assim, o que parece diferenciar o tratamento dado aos cavalos da equoterapia e dos demais animais em tela é que, neste contexto, importa o cavalo enquanto ser agentivo dotado de movimentos, intencionais ou não, entendidos como benéficos para o “desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais” (Ande Brasil, 2010). Além de instâncias imateriais, como seu *movimento, força, potência, velocidade, e energia*, a vantagem dos cavalos advém do fato de o animal estar *vivo* e de ter suas próprias *vontades*.

Fundamentalmente, ao longo deste trabalho, procurarei entender de que modo estes atributos dos cavalos são percebidos pelos interlocutores de minha pesquisa, e se as formas de compreendê-los fazem dos cavalos uma espécie de máquina ou recurso terapêutico, ou se então, mais propriamente, os reconhecem como coterapeutas ou equivalente.

CAPÍTULO 1:

O CENTRO HÍPICO E AS SESSÕES DE EQUOTERAPIA



CAPÍTULO 1: O CENTRO HÍPICO E AS SESSÕES DE EQUOTERAPIA

O capítulo com que inicio este trabalho é de natureza essencialmente etnográfica. Na primeira parte, em que aponto a metodologia de que lancei mão neste estudo, pretendo demonstrar de que modo aproveitei-me, analiticamente, dos acontecimentos que tomaram parte em minhas visitas ao Centro Hípico. Discorro sobre as motivações e escolhas que fiz em campo, e os caminhos que segui para abordar as sessões de atendimento, bem como as dificuldades que se sucederam neste ínterim.

Depois, situo as condições e a estrutura dos locais de permanência dos interlocutores. Toda a pesquisa de campo se desenvolveu apenas neste local e área da Hípica. Trago, portanto, detalhes sobre a localização do Centro Hípico no Parque e suas dimensões, a distribuição de suas dependências, a área de circulação de veículos e pessoas, o ambiente ao redor, a presença de outros animais na região, bem como as pistas disponíveis para a equoterapia e equitação. Além disto, detalho o interior das áreas internas e externas onde permaneciam os cavalos, os galpões com suas baias, o galpão de armazenamento de produtos, e materiais e equipamentos usados no trato com o cavalo. Mostro, ainda, a dinâmica dos funcionários, e a área de recepção onde os praticantes e seus familiares eram recebidos.

Já na seção “Os personagens e suas breves biografias”, apresento ao leitor alguns de meus interlocutores. Constam, neste texto, a totalidade dos terapeutas, auxiliares-guia e cavalos que conheci em minhas visitas a campo; dos praticantes e seus familiares, porém, foi necessária uma escolha, devido a seu grande número, e que acarretaria numa descrição de volume inapropriado para esta dissertação. Vale destacar que a seleção para o exame etnográfico de praticantes e seus parentes foi feita contextualmente, seguindo, assim, a realização parcial de minhas observações de campo em termos destas pessoas. Antes de encerrar o capítulo, exponho brevemente os procedimentos

organizativos que antecedem as sessões terapêuticas, como a preparação dos cavalos.

Assim, este capítulo inicial pretende situar o leitor no universo de pesquisa em foco neste trabalho, oferecendo um panorama do local e algumas descrições ligeiras sobre os participantes humanos e não humanos nesta atividade. É a partir deste capítulo que os argumentos sobre as dinâmicas relacionais que tomam parte no Centro Hípico serão desenvolvidos.

1.1. Metodologia ⁴¹

No hablan, caminan mal, no se saben sentar, el futuro les importa un bledo, no toman las decisiones que debieran tomar, no escriben, no leen... en pocas palabras, los animales no sirven como humanos. Esta es una idea absurda, sin duda, pero quizá sea la única idea que há podido continuar como guía del (no) pensar al animal en filosofía durante cientos y miles de años. A pesar de unas cuantas pero importantes excepciones, el especismo nunca ha sido vulnerado filosóficamente. ¿Por qué? ¿Cuál es el secreto de su larga y saludable vida? (...) Mientras tanto, se siguen acumulando páginas y más páginas que repiten a coro que la antropología estudia al hombre, es decir (nótese el ajuste) a toda la humanidad, a toda la especie humana y únicamente a ella. Que no importa lo que parezca que son los animales, jamás serán como nosotros, y por lo tanto, no son antropológicamente relevantes

– Ana Cristina Ramírez Barreto, *De humanos y otros animales*, 2009.

O material aqui reunido é fruto da pesquisa de campo que realizei no Centro Hípico abrigado no *Parque Eco Esportivo Damha*⁴² (São Carlos-SP). As visitas a campo ocorreram em dois períodos distintos. No primeiro ano, fiz campo entre os meses de Abril a Junho de 2013; no ano seguinte, no mês de Junho. Em 2013 as visitas foram feitas apenas nos atendimentos da tarde, das 14h às 18h. Para chegar ao local, eu tomava um ônibus municipal na rodoviária, que depois de vinte minutos chegava até uma das entradas do Parque. Depois, caminhava a pé cerca de trinta minutos

⁴¹ A elaboração da pesquisa de campo foi iniciada após a obtenção da autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da UFSCar, sob CAAE 14349113.8.0000.5504. Além disto, foi feito uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com os familiares dos praticantes para fotografar algumas sessões de montaria.

⁴² O Parque Damha localiza-se na rodovia Washington Luiz, no município de São Carlos, SP. Ver: http://www.parqueecoportivo.com.br/Damha/Portugues/centro_hipico.php

deste ponto até o Centro Hípico. Para retornar à cidade, pegava carona de carro com uma das terapeutas.

Em Junho de 2014 fiz diferente. Optei por passar o dia inteiro no Centro Hípico, e a dinâmica foi a seguinte: encontrava-me com a terapeuta Marina em certo ponto de encontro na cidade, e com ela pegava carona de carro até a Hípica. No caminho, a terapeuta também se encontrava com o auxiliar-guia, e ele ia conosco no carro. Às 7h da manhã já estávamos na Hípica. Normalmente, das 8h às 12h eram atendidos seis praticantes. Finalizados estes, havia uma pausa para almoço na cozinha da Hípica. Às 14h os atendimentos eram retomados, abrangendo outros seis praticantes, e seriam finalizados às 18h.

Conheci cinco terapeutas da área de saúde, como terapia ocupacional, fisioterapia e psicologia. Acompanhei cerca de cento e sessenta sessões de montaria terapêutica, e conheci cinquenta e cinco praticantes, dos cerca de cem praticantes atendidos ao todo no local durante meu período de pesquisa de campo.

A metodologia de pesquisa consistiu em etnografia baseada na observação participante, método que se vale da proximidade de convívio com os interlocutores da pesquisa. A partir de observações, conversas informais e algumas entrevistas com praticantes e familiares, pretendi me aproximar do modo como as pessoas vivenciavam e se referiam à relação entre humanos e cavalos. Registro, assim, impressões sobre as ações e experiências dos atores ao longo dos atendimentos realizados no Centro Hípico. No entanto, conforme será exposto adiante, minha presença em campo se pautou menos em participar do que em observar.

Deste modo, diálogos informais fizeram parte da metodologia, e abrangeram terapeutas e auxiliares-guia da *equipe*, e os praticantes (aqueles que *falavam*) e familiares por ela atendidos. De um modo geral, interlocutores me receberam com abertura em campo⁴³. Terapeutas demonstravam

⁴³ Não houve discordância ou oposição dos interlocutores à realização da pesquisa ou à minha presença no campo. Pelo

grande interesse em explicar o funcionamento e as *vantagens* da equoterapia, os diagnósticos dos praticantes e os comportamentos dos cavalos. As conversas com os terapeutas poderiam acontecer no intervalo das sessões, enquanto almoçávamos na cozinha da Hípica, durante as caronas de ida e volta da Hípica, em seu tempo livre devido a eventuais cancelamentos de aulas, e também durante as sessões. Já com os auxiliares-guia, que pouco ou nada falavam com os terapeutas, praticantes e familiares, eu também pouco conversei. Durante seu horário de trabalho, os auxiliares-guia permaneciam quietos, senão calados; quando falavam, apenas respondiam às perguntas dos terapeutas dirigidas a eles. E, em seu tempo livre, permaneciam na baia que servia como depósito, imediatamente vizinha à parede da área de recepção, na qual se armazenavam algumas provisões, como certa quantidade de feno para dar de comer aos cavalos e materiais para a limpeza das baias (como vassouras, pás e carrinhos de mão).

No que se refere aos familiares dos praticantes, na maior parte das vezes, as conversas sobre a relação entre seus filhos e os cavalos pouco se aprofundaram, exceto em um ou outro caso. Como priorizei a observação da terapia em si, isto é, as sessões de equoterapia (sendo montaria ou não), das quais os familiares ficavam de fora, salvo um ou outro caso em que eles acompanhavam o grupo, as conversas em campo com os familiares eram reduzidas, se limitando aos momentos de sua chegada e saída da Hípica. Ainda assim, nos breves diálogos que travei com eles, apareceram temas como os motivos que conduziram a família à equoterapia e ao cavalo; seus interesses, intenções e expectativas no tratamento; a importância do cavalo (caso houvesse indicações de mudanças na vida do praticante) e eventuais preferências por um cavalo específico. Optei, assim imagino, por uma certa atitude de discrição, a fim de evitar possíveis desconfortos ao tratarmos de assuntos relacionados à vida de seus filhos, a não ser que eles próprios, espontaneamente, levassem a

contrário, a terapeuta disse que minha proposta de trabalho era *adequada*. Alguns familiares conversaram comigo a respeito dos métodos de pesquisa, e inclusive deram-me sugestões de livros e lugares para frequentar. Apenas o pai de uma praticante questionou-me sobre o que eu “tanto anotava no caderninho”.

conversa mais a fundo⁴⁴.

O início e término de cada sessão, todavia, eram uma forma de aproximação ao modo como familiares reportavam as condições de vida de seus filhos. Ao chegar ao saguão de recepção, os terapeutas recebiam praticantes e familiares, e com os últimos conversavam sobre o praticante. Muitos destes diálogos versavam sobre as condições *graves*, *difíceis* ou *problemáticas* de seus filhos. Estas breves conversas indicavam o comportamento dos praticantes naquele dia, e poderiam versar também sobre o uso e a prescrição de medicamentos, além de médicos consultados, exames e cirurgias realizadas.

Na ocasião dos primeiros contatos com os familiares dos praticantes, Marina, a terapeuta e coordenadora da *equipe*, apresentava-me às pessoas antes do início da sessão, e perguntava-lhes se concordavam que eu acompanhasse a sessão de seus filhos (ou então eu mesma o fazia)⁴⁵. Ainda que as conversas informais com terapeutas e familiares dos praticantes sejam parte significativa da análise, privilegiei, sobretudo, as sessões de montaria como método de pesquisa. No início de minhas visitas a campo, terapeutas me perguntaram se eu gostaria de focar o estudo em alguns praticantes ou Programa⁴⁶ em particular. Não obstante, ao invés de pré-selecionar as observações de acordo com algum critério, optei por ter contato com a maior gama possível de praticantes, técnicas e práticas.

Do chão, segui as sessões, atrás do auxiliar-guia, e na reta horizontal de terapeutas, intercalada pelo cavalo. Este posicionamento pareceu-me o mais adequado, uma vez que eu poderia ver e ouvir tanto terapeutas como praticantes. De lá, havia campo visual para também observar o

⁴⁴ Pedro Lopes (2014) traz uma discussão interessante a respeito de estratégias etnográficas para lidar com o “peso” da temática da “deficiência” para seus interlocutores, e de como o autor fez render narrativas preñhes de “ruídos” analiticamente (p.114). À diferença dele, no entanto, em minha pesquisa as pessoas com “deficiência” pouco aparecem em suas próprias vozes – vozes que já são “profundamente silenciadas” (p.114), histórica e atualmente.

⁴⁵ Dentre os familiares, alguns eram *tranquilos* para conversar sobre o envolvimento dos filhos com a equoterapia, enquanto outros não seriam tão *abertos*, do ponto de vista da terapeuta. De certo modo, meu diálogo com os pais seguiu esta diferenciação.

⁴⁶ A equoterapia abrange diferentes *programas*, a saber, a Hipoterapia, o programa Pré-esportivo e o programa Lúdico, os quais serão discutidos com mais detalhe na seção seguinte.

modo como o auxiliar-guia segurava o cavalo, além dos movimentos corporais do cavalo, como sua cabeça, olhos, orelha e boca. Outras vezes, porém, posicionei-me por trás de todo o grupo, a fim de obter uma visão mais geral do movimento realizado por todos os membros. A intenção foi fazer um estudo centrado menos no que terapeutas e familiares pensam sobre humanos e animais, ali corporificados nos praticantes e cavalos, e mais nos acontecimentos no curso das sessões de equoterapia, observando-se de que modo as interações (ou melhor, as intra-ações) e suas possibilidades posicionavam as pessoas e os cavalos em ação.

Também deu tom à minha experiência em campo o fato de que, na dinâmica dos atendimentos (no começo, na montaria em si, e no término) diversos eventos aconteciam, ao mesmo tempo e no mesmo local, o que dificultava adotar um foco em particular no qual eu concentrasse minhas observações ou conversas. Com efeito, optei por deixar que minha atenção fosse guiada pela ação contingente dos interlocutores neste local. E, justamente porque a realização de ações era múltipla nas montarias, sua descrição pode ser contada a partir de diversas maneiras e elegendo diferentes eixos de análise. Portanto, as montarias, do modo como as descrevo, são bastante reduzidas e parciais, e oferecem apenas uma fração diminuta do conjunto total de atos e acontecimentos que tomaram lugar em minha presença.

Tendo em mente o quanto a/o etnógrafo é um “agente ativo no relato de sua própria experiência” (Guilherme Sá, 2013, p.36), não pretendi ser neutra ou invisível. Pelo contrário, eu me via como alguém em campo que poderia levar tudo a perder caso eu também não me comportasse *adequadamente*. Obviamente, durante as sessões, eu também era enquadrada nas formas de disciplina híbridas que sustentam este encontro. Ainda que o meu ofício pendia mais para observar do que participar diretamente de algo, o mero fato de eu estar em meio ao grupo, por si só, poderia transtornar todo o fluxo da sessão.

Embora grande parte deste estudo se ocupa em analisar o modo como praticantes e cavalos

interagiam no desenrolar das sessões de montaria, minhas observações seguem muito daquilo que os terapeutas dizem sobre cavalos e praticantes durante as sessões. Nas montarias, as conversas com os terapeutas dependeram da *condição* ou *quadro* do praticante: se eles *entendessem*, a gente não conversava ou pouco conversávamos; se eles *pouco* ou *nada* entendessem, a gente conversava mais. Assim, o critério que estabeleceu a ocorrência de diálogos durante as montarias era o praticante ter o *cognitivo bom* ou *comprometido*⁴⁷, a partir da classificação dos terapeutas (e, muitas vezes, aqueles que *não entendiam* também *não falavam*)⁴⁸.

Ao iniciar a pesquisa de campo, verifiquei que era preciso aprofundar a temática relativa às concepções de saúde associadas às noções de deficiência, pessoa e corpo, que estavam em jogo neste contexto. Deparei-me com diversos termos que eu desconhecia. Além dos mais técnicos da área de fisioterapia e terapia ocupacional, que pretendiam explicar a condição dos praticantes, havia ainda um conjunto de termos relativos à anatomia dos cavalos, suas características e ao trato com os animais. Com ambas as áreas, eu tinha escassa familiaridade.

As conversas com os terapeutas durante as sessões poderiam versar sobre o diagnóstico dos praticantes ou, por outro lado, sobre as características ou o desempenho dos cavalos. Não cabe a este trabalho, no entanto, discutir diagnósticos e capacidades cognitivas ou físicas de cavalos e praticantes, tampouco apontar benefícios ou discordar de sua ocorrência. O que está em questão é o modo como os resultados da terapia são percebidos e avaliados, além de me ater a observar e refletir sobre as formas de engajamento entre cavalos, praticantes, terapeutas e auxiliares-guias, e a sua persistência durante trinta minutos.

Parte da investigação em campo procurou dar conta do modo como terapeutas, que se relacionavam na proximidade tanto com cavalos como praticantes (muitos dos quais não falavam),

⁴⁷ O termo “cognitivo” é usado pelos terapeutas como uma categoria dada, atrelada à ideia de o praticante poder ou não entendê-los; uma categoria, no entanto, de natureza obscura para os terapeutas, uma vez que, em referência a muitos praticantes, eles disseram não saber o *quanto* eles *entendiam*.

⁴⁸ Igualmente, minha fala (e minha “visibilidade”, via voz) dependeu do critério *entender* ou *não entender* pelo qual os praticantes eram classificados pelas terapeutas.

poderiam abordar estes seres tomados como desprovidos da capacidade de fala ou de linguagem verbal articulada. De que forma eles ouvem, entendem, pensam e respondem a praticantes que, por exemplo, têm autismo, e cuja fala se limita a poucos sons vocais ou *choros*? Alternativamente, como terapeutas acessam também a experiência dos cavalos, ao pegá-los no pasto e ao serem montados pelos praticantes nas sessões?

Entre cavalo e praticante, há umnexo importante, na medida em que muitos dos praticantes não falam. Então, como os terapeutas os acessavam? Havia estratégias semelhantes e diferentes de comunicação. Por exemplo, por meio de certa leitura de sua linguagem corporal, a partir da qual eles inferem propriedades de sua experiência, tal como o estado interno, vontades, preferências e antipatias de ambos. Assim, se, de um lado, terapeutas respondem aos sons não verbais dos praticantes, eles também respondem à linguagem não verbal dos cavalos, gerando uma espécie de confluência comunicativa para acessá-los, e que traça certa continuidade entre estes seres.

Em minhas análises, procurei não fazer de praticantes e cavalos meros ventríloquos dos terapeutas ou familiares (os únicos dotados de “voz”, propriamente, neste contexto). Mas, neste exercício, deparei-me com o desafio constante de como trazê-los ao texto escrito, evitando reificar o ponto de vista dos terapeutas. Em grande parte do texto, praticantes e cavalos são descritos do ponto de vista dos terapeutas; em outros momentos, porém, pretendi refletir sobre as relações atuais e vis-à-vis que emergem entre cavalos, praticantes, terapeutas e auxiliares-guia. Neste caso, as ações de cada um são colocadas sob escrutínio, a partir de um conjunto de práticas não verbalizadas localizadas nas montarias, as quais eu apreendia, fundamentalmente, por meio da troca de olhares e outros índices corporais.

De um modo geral, procurei olhar com atenção às articulações corporais e comunicativas entre terapeuta, praticante, auxiliar-guia, e cavalo, e interagir quando necessário. O que cada um fazia, e como fazia. Enquanto caminhava, meu olhar sobre as ações estruturadas em cada montaria

foi em grande parte guiado pelo quadro interpretativo oferecido pelos terapeutas no que se refere a seus discursos sobre o *outro* (cavalo e praticante), embora eu tenha procurado não me fixar a estes discursos médicos como único prisma para minha análise. Deste modo, considerei, pela escuta, os dados técnicos ou descritivos que terapeutas poderiam ou não oferecer, mas também, pela visão, o próprio quadro geral de ações que se atualizavam ao longo dos trinta minutos da sessão (e nos instantes imediatamente anteriores e posteriores a ela).

Como em toda inserção em campo, misturar-se ao convívio já estabelecido entre os interlocutores de campo tem a ver com criar condições para acompanhar um pouco do ritmo com que estes atores se agregam, realizam suas atividades, e assim por diante. No meu caso, em particular, a necessidade de fazer atuar minhas próprias disposições corporais para poder caminhar junto a eles era condição essencial da etnografia. Em cada atendimento (e cada um era sucedido por outro na sequência, sem pausas ou apenas alguns minutos entre eles, durante dois períodos de quatro horas seguidas cada), era importante estar apta também a registrar minhas impressões no desenrolar das sessões (e, diversas vezes, a copresença de atores executando, cada um, movimentos e ações, a um só tempo, me deixava confusa; não sabia para onde direcionar a atenção).

Além de seguir o grupo, incumbia-me de atentar para que meu próprio posicionamento corporal estivesse adequado aos demais que eu acompanhava. Em minha primeira visita, reparei que havia placas na entrada e saída do Hangar, que diziam: “*Não corra, não faça barulho, não alimente os animais, não fume, e mantenha distância mínima de 2m*”. Além disto, as visitas iniciais foram pontuadas por alertas como “não correr” no local, porque os cavalos poderiam se *assustar*, e não caminhar muito próximo a eles, devido ao *risco* de que o cavalo pisasse em meu pé.

Questão de longa discussão na antropologia, a presença de pesquisadores em campo pode alterar o modo como os interlocutores de pesquisa se comportam e se relacionam entre si, e até mesmo prejudicar o fluxo dos acontecimentos. Com efeito, ao longo das montarias, eu procurei

estar sempre atenta ao pisar no chão, pois caso as folhas secas espalhadas pelas pistas fossem pisadas de uma certa maneira, poderiam fazer um barulho que assustaria o cavalo⁴⁹. Certa vez, eu observava a sessão do lado de fora do redondel⁵⁰, e apoiei-me na palmeira em frente à pista. Logo em seguida, a terapeuta chamou minha atenção, pedindo para que eu me desencostasse dali, uma vez que o cavalo também iria querer *parar para descansar*. Ou, como aconteceu outras vezes, os praticantes me olhavam e interagiam comigo, e deixavam de prestar atenção aos terapeutas e suas instruções durante a montaria.

Tendo em mente a necessidade de um posicionamento adequado de minha parte, uma vez que eu mesma poderia provocar em praticantes e cavalos comportamentos “indesejados” pelos terapeutas, tomei algumas precauções ao caminhar, olhar, ouvir, falar (em alguns casos), e também ao anotar em meu diário de campo aquilo que me chamava à atenção. Todavia, outro dilema presente neste trabalho envolvia encontrar modos de transpor as observações dos engajamentos entre cavalos, praticantes, terapeutas e auxiliar-guia, tal como eu as encarei em campo, para o texto, uma vez que grande parte da teoria social com a qual trabalhamos entende que a “linguagem e suas propriedades únicas” é a instância que nos define (Kohn, 2013, p.15)⁵¹. Ainda assim, embora os cavalos, em minha pesquisa, ficassem limitados, sobretudo, aos “cavalos do ponto de vista dos terapeutas”⁵², a proposta de entender as relações entre humanos e animais para além de um sistema de compreensão centrado no humano e na primazia da linguagem (ou comunicação verbalizada),

⁴⁹ Numa certa sessão, caminhavam juntos duas terapeutas, auxiliar-guia, cavalo e o praticante montado, além de mim, na pista do bosquinho. Em certo trecho, de repente, o cavalo *rodopiou* porque teria se *assustado* com o *barulho* que uma das terapeutas fez quando pisou sobre uma folha seca ao chão. Na explicação da outra terapeuta, o cavalo se *assustou* porque não *entendeu* que o barulho era proveniente da folha pisada ao chão por ela, uma vez que, do modo como estavam posicionados, seu campo de visão não permitia ao cavalo ver de onde (e de quem) o barulho provinha.

⁵⁰ Pista circular de terra, com cerca de madeira, utilizada nos programas pré-esportivos (também chamados de equitação terapêutica).

⁵¹ No original, “*Whether or not it is explicitly stated, language, and its unique properties, is what, according to so much of our social theory, defines us. Social or cultural systems, or even “actor-networks”, are ultimately understood in terms of their languagelike properties*”.

⁵² Diferentemente do que fez o autor Eduardo Kohn (2013), ao tratar de como a floresta, ela mesma, pensa e se prolifera a partir de processos semióticos baseados em propriedades do mundo, não se limitando apenas a falar sobre como a floresta é pensada pelos Ávila Runa do Equador.

fez parte deste trabalho⁵³, bem como o desafio de encontrar uma via para tratar dos engajamentos múltiplos entre humanos e não-humanos.

É neste sentido que foquei nas sessões de montaria, com o objetivo de examinar a relação cavalo-praticante em ação. Interessava-me analisar como estes vínculos se constituíam em movimento. Mas quais estratégias textuais adotar para lidar com a presença dos cavalos, descrevê-los e entendê-los ali, conforme as dinâmicas observadas em campo? O mesmo questionamento se aplica aos praticantes que não falam. Neste sentido, enfatizei tanto os modos de falar e pensar sobre os cavalos e praticantes (admitindo-se, todavia, que pensamentos são também uma forma de ação), quanto às cadeias de ação coletiva que emergiam na montaria, de modo a não reduzir a análise em torno daqueles que “falavam” e “entendem” por excelência (terapeutas e familiares), e assim, talvez, apontar a natureza da participação de cavalos e praticantes em processos atuais.

Em termos conceituais, a participação de animais em diferentes arranjos sociais veio a deslocar o ser humano de sua posição como sujeito por excelência do mundo (Haraway, 2008; Hurn, 2012; Ingold, 2000; Kirksey & Helmreich, 2010; Knight, 2005). Ana C. Ramírez Barreto (2010, p.34) propõe pensarmos-nos como animais entre outros animais, “agentes entre outros agentes (de outras 'espécies')”⁵⁴. Nesta linha de pensamento, a filósofa sugere:

O 'exclusivamente humano' perde assim seu estatuto de conceito claro e distinto, revelando-se como uma quimera de pouco valor efetivo. A ilusão que separa a espécie humana e a coloca como uma classe natural já-não-animal é parte de uma cosmovisão distorcida, específica da chamada 'Cultura Ocidental' em seus momentos mais acrílicos e dogmáticos—bastante duradouros, por certo (p.34-35, minha tradução)⁵⁵.

⁵³ O uso das “imaginações simpáticas” (“*sympathetic imaginations*”, no inglês) inspiração oferecida pela personagem fictícia Elizabeth Costello, protagonista de “A vida dos Animais” (Coetzee, 2001, p.35), seria uma via possível de abordagem das relações com os animais. De acordo com Costello, a “simpatia” e o reconhecimento da experiência do outro deve acontecer via experiência corporificada, e não por elaborações intelectuais em torno da ocorrência de faculdades racionais nos animais ou de pressupostos morais abstratos em sua defesa. Seguindo o argumento da protagonista, embora não possamos saber ao certo o que significa “existir” ou “estar” no corpo de outro ser/alguém, isto não implica que sejamos totalmente alienados de sua experiência. Apesar do ceticismo que pode levar a conceber a vida social a partir de nossa separação dos outros com os quais convivemos, a imaginação e o conhecimento corporificados podem ser vias de acesso privilegiadas a este outro.

⁵⁴ Em referência aos conceitos de “interanimalidade” e “interagentividade” tomados, respectivamente, de Merleau-Ponty e Tim Ingold.

⁵⁵ No original, “*Lo 'exclusivamente humano' pierde así su estatus de concepto claro y distinto, revelándose como una quimera con poco valor efectivo. La ilusión que separa a la especie humana y la pone como una clase natural ya-*

O uso da categoria “Animal” foi também alvo de críticas de autores como Derrida (2002).

Vejamos seu argumento:

Neste conceito que serve para qualquer coisa, no vasto campo do animal, no singular genérico, no estrito fechamento deste artigo definido ("O Animal" e não "animais") seriam encerrados, como em uma floresta virgem, um parque zoológico, um território de caça ou de pesca, um viveiro ou um abatedouro, um espaço de domesticação, todos os viventes que o homem não reconheceria como seus semelhantes, seus próximos ou seus irmãos. E isso apesar dos espaços infinitos que separam o lagarto do cão, o protozoário do golfinho, o tubarão do carneiro, o papagaio do chimpanzé, o camelo da águia, o esquilo do tigre ou o elefante do gato, as formigas do bicho-da-seda ou o ouriço da equidna (p.64-5).

A recusa ao uso do termo ‘Animal’ é também compartilhada por Haraway (2008), conforme discutimos anteriormente no texto, pois remete a um todo com pretensões generalizantes, além de reduzir agentes concretos às espécies. Para a autora, uma forma de consideração aos animais não-humanos, às “espécies companheiras”, seria por meio da “responsividade”, um conceito pragmático que reúne as atitudes de responsabilidade, atenção e curiosidade na relação com as outras criaturas com os quais nos engajamos face-a-face e diariamente. Com efeito, a responsividade envolve um processo de aprendizado recíproco para os seres em relação. Dela, os seres vêm a “se-tornar-com” os outros, potencialmente, em um *devenir*. Daí que a natureza humana é dada pela “*relação de multiespécies, um 'tornando-se-com', e não uma coisa em si mesma*” (entrevista com Haraway in: Maciel, 2011, p.399).

Outra abordagem pertinente que se dedica ao exame das relações entre humanos e animais, lançada por Eduardo Kohn (2013), propõe que dispenseemos a linguagem e o simbólico como domínios exclusivos da análise. A importância de atentar para modos de representação que não apenas o simbólico (como o icônico e indexical), conforme o autor sugere, vem do fato de que nós, seres humanos, somos também um produto de relações que extrapolam contextos humanos, pois todos os seres vivos se relacionam entre si e com o ambiente por meio de uma série de cadeias

no-animal, es parte de una cosmovisión distorsionada, específica de la llamada 'Cultura Occidental' en sus momentos más acrílicos y dogmáticos -bastante duraderos, por cierto” (Ramírez Barreto, 2010, p.34-5).

semióticas (Kohn, 2013).

Na perspectiva oferecida por Kohn (2013), no objetivo de adentrarmos o exame de nossas experiências com animais não-humanos, a linguagem deve ser provincializada. É num sentido similar que este trabalho, que se ocupa de pensar a relação entre as pessoas e cavalos no interior da prática terapêutica, tem como horizonte a necessidade de deslocarmos a ênfase da linguagem e, quiçá, tornar visível outros caminhos para a abordagem dos fenômenos que incluem os humanos, mas não se limitam a eles. Neste caso, reformulando a indagação proposta por Gregory Bateson, a saber: “Qual é o padrão que conecta o caranguejo à lagosta, e a primula à orquídea, e todos eles a mim, e eu a você?”⁵⁶ (Bateson *apud* Boeckel, 2011), perguntaríamos, neste caso: “Qual é o padrão que conecta o cavalo ao praticante, e o terapeuta ao auxiliar-guia, e todos eles a mim, e eu a você?”. Voltaremos a este assunto futuramente no texto.

Passemos, em seguida, à descrição do local de pesquisa, o Centro Hípico, e à sua disposição espacial.

1.2. O cenário

O Centro Hípico onde fiz a pesquisa de campo pertence ao Parque Eco Esportivo Damha, localizado na Rodovia Washington Luiz, município de São Carlos- SP, afastado 4km do centro da cidade. O Parque, um empreendimento da Dahma Urbanizadora, é um complexo que abrange condomínios residenciais, estruturas de esporte, lazer e serviços (como a Hípica, a ciclovia e o campo de golfe), ocupando uma área de doze milhões de m².

Em minha primeira visita a campo, depois de descer do ônibus municipal, caminhei pela via asfaltada que levava a uma das entradas do Parque. Ao chegar na guarita, apresentei-me, expliquei o

⁵⁶ No original, “*What is the pattern that connects the crab to the lobster and the primrose to the orchid, and all of them to me, and me to you?*”.

motivo de minha visita ao local, e perguntei aos funcionários onde e como chegava à Hípica. Escusado dizer quem eu era ou detalhar quais eram minhas finalidades como pesquisadora ali, bastava que eu os cumprimentasse como um gesto de cordialidade, uma vez que, como me explicou depois uma das terapeutas, a administração do Parque não se preocupava com a circulação de pedestres, para quem eles não faziam perguntas ou pediam seus documentos, ao contrário da visitação de carro, quando se requer documento pessoal e a informação do local de destino no interior do Parque. O visitante de carro recebe do funcionário um crachá colorido, que deve ser pendurado no espelho retrovisor do veículo, a fim de identificar a área do parque que o motorista está autorizado a percorrer.

Em minha condição de simples transeunte, e na facilidade do deslocamento a pé, sigo meu caminho rumo à Hípica e ao primeiro encontro com os cavalos e terapeutas, que se desdobrava em um trajeto longo, porém curioso, a ser percorrido. O interior do parque, desde a guarita até chegar à Hípica é todo asfaltado. De lá, passava por duas grandes represas e extensas áreas verdes, muitas destas com plantações de árvores de eucalipto. São as folhas destas mesmas árvores que os praticantes, quando estão montados no cavalo, são instados pelos terapeutas a observar, puxar, cheirar e, alguns casos, a levá-las de presente à sua mãe, pai, tia ou avós, que por eles aguardam no Parque. Mais à frente, continuando o caminho, há um viveiro de mudas e, depois, um conjunto de casas emparelhadas lado a lado, onde moram alguns dos trabalhadores do Parque. Carros de visitantes, ciclistas esportivos, caminhões, tratores, motos de vigias, e alguns trabalhadores a pé (que fazem serviços como carpir o solo, aparar o gramado e pulverizar inseticida nas plantas) também circulam pela área.

Nas proximidades da Hípica surgem os primeiros animais: do lado esquerdo, um pasto com algumas ovelhas; do lado direito, outro pasto, este enorme, com diversos cavalos. Alguns cavalos, que até então se alimentavam do pasto, com suas cabeças inclinadas para baixo, param de se

alimentar e me olham, durante um tempo razoável, embora eu estivesse caminhando a uma distância considerável e, em minhas proporções, imaginava-me diminuta, se não imperceptível a eles, naquele espaço vasto. Aparte estas impressões, mais à frente, no caminho, há também pavões alojados; do lado oposto, ficam os pôneis (que, como disseram os terapeutas, “*são pequeninos mas muito bravos*” e “*só servem de paisagem*”), próximos à área ocupada pelos avestruzes (estes, “*comem de tudo, até pedra*”). Algumas vezes, vacas e outros cavalos ocupam as adjacências da pista do bosque superior.



Imagem 1. Foto panorâmica do Parque Eco-Esportivo Damha.

Fonte: <http://www.damha.com.br/empreendimentos/parque-ecoesportivo-sao-carlos/>.

Acesso em Janeiro, 2015.



Imagem 2. Foto panorâmica da Hípica, extraída do sítio eletrônico do Parque Eco-Esportivo Damha. Vemos, daqui, à direita, os dois grandes galpões onde ficam as baias dos cavalos; e entre elas, na parte frontal, o depósito onde são armazenados os materiais e suprimentos para os cavalos. À frente deste, encontra-se a pista de grama; e, adiante desta, a pista de areia. Ao lado dos galpões, pode-se entrever a vegetação lateral que recobre uma área considerável. As outras três edificações, à esquerda dos galpões, são os locais onde os cavalos tomam banho e recebem outros cuidados, como aplicação de medicamentos e retoques no casco de suas patas. As construções menores, uma à esquerda e a outra nas adjacências da pista de grama, por sua vez, pertencem à sala administrativa e ao escritório da Hípica, respectivamente. Por ser uma foto que estimo ser relativa à fase de início da construção da Hípica, o redondel e o piquete para a quarentena dos cavalos não estão ali, os quais ocupam, atualmente, a área vazia ao lado esquerdo dos dois galpões. Na fachada detrás destes mesmos galpões, no trecho pintado de vermelho, são os portões de correr, e, no primeiro à esquerda, é onde os carros dos familiares dos praticantes costumam estacionar para que os praticantes desçam e entrem no galpão. Fonte: <http://www.damha.com.br/empreendimentos/parque-ecoportivo-sao-carlos/>. (Acesso em Janeiro, 2015).

Próxima à área da Hípica, ao lado e acima da pista de areia, está abrigada a “fábrica”, assim chamada pelos terapeutas, e que tanto os aborrecem; seus barulhos consideráveis, e o fluxo constante de caminhões indo e vindo de lá, atrapalham a continuidade das sessões de montaria, porque *assustam* os cavalos. Trata-se da empresa construtora Encalso, e por isso há caminhões transportando materiais constantemente pelas vias asfaltadas. Além destes veículos, pode ser que nos deparemos com pequenos tratores de manutenção e serviço, que cuidam das pistas de Equitação⁵⁷. Estes, porém, são menores e seus motoristas dirigem com mais cautela, já cientes da necessidade de circular com baixa velocidade devido à reação dos cavalos.

O Centro Hípico abrange uma vasta área verde; um grande espaço de pasto de dezoito hectares, além de três galpões fechados, de tamanho e altura consideráveis, destes, dois são os estábulos e o outro é o armazém de materiais e suprimentos para os cavalos. No pasto, a *casa* e o lugar de *folga* dos cavalos, havia cerca de quarenta piquetes⁵⁸. Além destes, alguns outros piquetes recebiam cavalos, como os adjacentes à pista do *bosquinho*, e o piquete da quarentena, onde ficavam os cavalos recém-chegados e sob exame.

⁵⁷ Os veículos (motos, carros, tratores e bicicletas), quando em alta velocidade, podem “assustar” os cavalos (presenciei diversos momentos em que terapeutas reclamaram deste tipo de interferência nas sessões), e de certo modo, apresentam um risco ao desenrolar das sessões e ao grupo.

⁵⁸ Piquetes são áreas abertas onde os cavalos podem pastar, com cercas de madeira e elétricas.

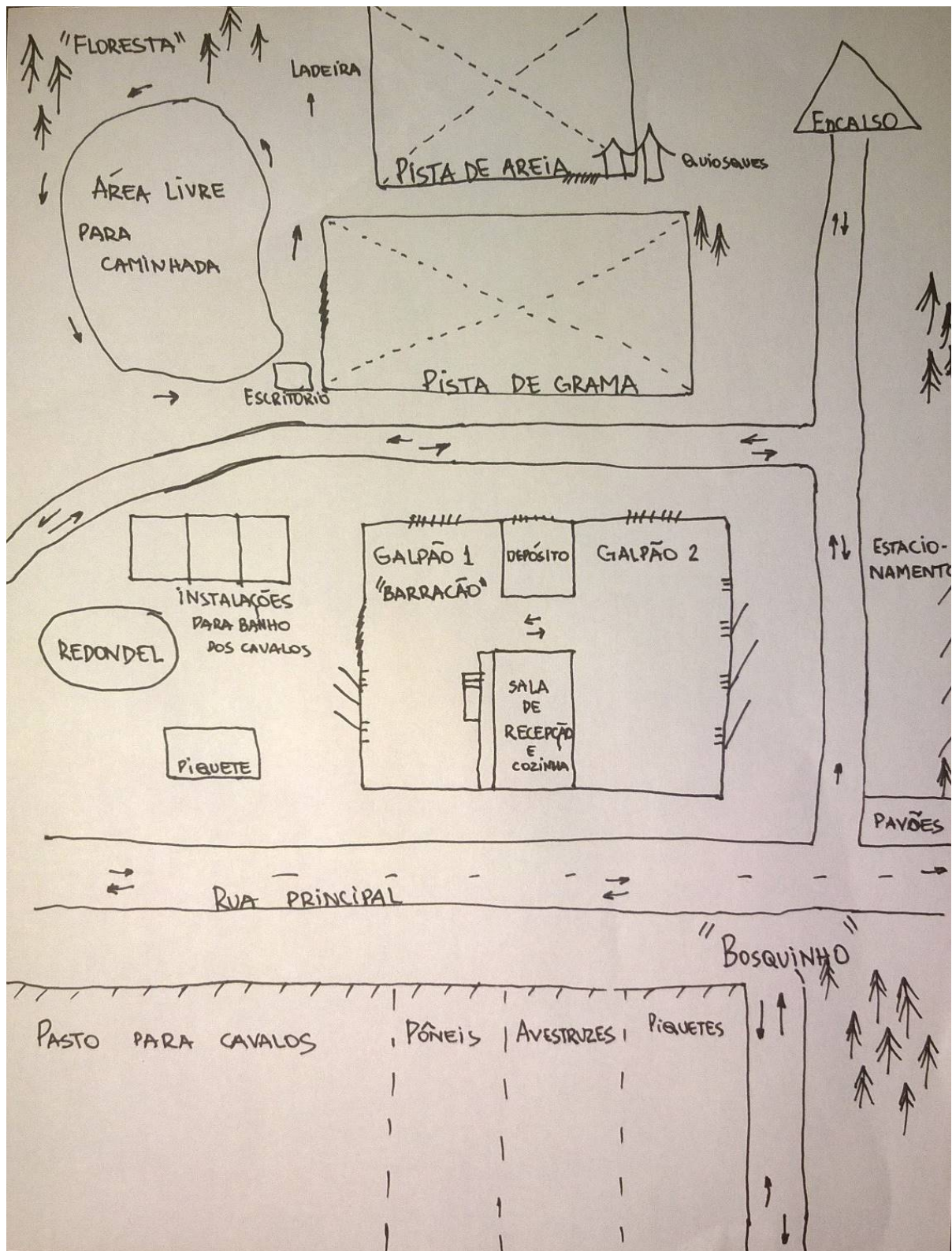


Imagem 3. Mapa da Hípica e seus arredores, feito pela autora.



Imagem 4. Na foto acima, a fachada dos dois galpões da Hípica; do lado direito, encontra-se o galpão com as baias disponibilizadas para os cavalos da equoterapia e equitação; do lado esquerdo, o galpão usado apenas para os cavalos da equitação. Ao centro, o depósito onde se armazena a serragem, o feno, a ração e o sal mineral para os cavalos. Fonte: Sítio eletrônico do Parque Eco-Esportivo Damha.



Imagem 5. Foto da pista de grama. Atrás e à esquerda, os galpões. Atrás e à direita, os locais onde os cavalos recebem banho e cuidados. No canto direito, o escritório da Hípica. Fonte: Sítio eletrônico do Parque Eco-Esportivo Damha.

No que se refere aos estábulos, o galpão usado pela *equipe* de equoterapia era compartilhado com cavalos, funcionários, instrutores e equipamentos de equitação. Este era chamado também pelas terapeutas de *barracão*; da metade para a frente, as baias eram ocupadas pelos cavalos da equitação; da metade para trás, permaneciam os cavalos da equoterapia. O outro galpão era usado apenas pelo grupo de equitação. No meio dos dois, um terceiro galpão conectava a ambos; este, utilizado para armazenar materiais usados para os cavalos, como o feno, sal mineral, ração, dentre outros. Em cada galpão havia dezesseis baias; estas são instalações individuais onde ficam os cavalos que serão *usados* ao longo do dia. Em cada baia há um bebedouro que repõe a água automaticamente, o cocho automático, além de feno e capim disponibilizados diariamente para os animais. Cada baia tem grandes janelas para ventilação e portas de correr de média altura, as quais permitem aos cavalos o contato visual com o local. As baias são limpas a cada dia, ocasião em que os auxiliares-guia retiravam as fezes dos cavalos, com o auxílio de uma pá, e renovam as camadas de feno e capim. Há também instalações abertas, lugares onde os cavalos recebem cuidados como os banhos, escovações e aplicação de medicamentos.

Os praticantes e seus familiares, após entrarem no galpão, permanecem no local de entrada, que chamarei aqui de “área de recepção”. Nesta, havia uma plataforma, lugar onde as sessões tinham seu começo e fim, pois era onde os praticantes subiam para *montarem* nos cavalos, e ali também *desmontavam deles*. No canto da plataforma havia uma cesta, com materiais utilizados nos cuidados com os cavalos: escovas, um *spray* de *xampu* e um esmalte usado nos cascos. Ao lado da plataforma, havia um paraflanco, aparato que, além de delimitar o espaço em que o cavalo se posiciona no momento em que o praticante nele monta, é também onde as cordas que serviam para puxá-lo, amarradas em seu cabresto, ficam penduradas.

Próximo à entrada e à plataforma, há um banco de madeira, onde os familiares, ao chegarem, sentam-se com os praticantes. Nas paredes da área de recepção, há um mural com

informações e notícias de jornal relacionadas à equoterapia, além de um pôster de homenagem ao cavalo Vagalhão, cujo texto é dedicado e assinado pela terapeuta Marina. Outros dois cartazes de papel, feitos por uma praticante da Hípica, tratavam das raças (como “Anglo-árabe”, “Andaluz”, “Crioulo”, dentre outras) e cores dos cavalos (como “Alazão”, “Albino”, “Tostado”, “Branco”, e outras). Outra folha modelo A4, grudada na parede, ilustrava movimentos e exercícios de alongamentos do corpo humano.

Pendurados na plataforma, há dois pôsteres. Um deles é de uma ONG da cidade, chamada “Guarda Anjo”, fundada pela mãe de um dos praticantes, cujo objetivo (conforme descrito neste pôster) é oferecer *amparo* às famílias de pessoas com deficiência. No pôster, além da mensagem da ONG, havia também fotografias de eventos e atividades sociais, como sala de aula, *pet* terapia⁵⁹ e equoterapia na hípica. No outro pôster, por sua vez, constam algumas fotos da praticante Isabela, em cadeira de rodas, e um trecho do poema “Deficiências”, de autoria de Renata Vilella (mas erroneamente creditado ao poeta Mário Quintana, inclusive no cartaz em questão)⁶⁰.

Em cada entrada e saída dos galpões há grandes placas com a seguinte mensagem: “*Não corra, não faça barulho, não alimente os animais, não fume, mantenha distância mínima de 2m*”. Chaminés finalizam o teto destes galpões, tampadas com uma espécie de tela. Antigamente, estes prédios cumpriam outra função, relacionada com a criação de gado, segundo informações de Marina.

⁵⁹ A *pet* terapia é uma modalidade de zooterapia ou Terapia Assistida por Animais (TAA), também chamada de cinoterapia, por se valer de cães em seus objetivos terapêuticos.

⁶⁰ O trecho em questão é o seguinte:

"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

"Louco" é quem não procura ser feliz com o que possui.

"Cego" é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

"Surdo" é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

"Mudo" é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

"Paralítico" é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

Texto extraído do sítio eletrônico: <http://www.floramarela.com.br/secao.12,sm.11.aspx>. (Acesso em Fevereiro de 2015).

Ainda na área de recepção, encontro um bebedouro, extintor de incêndio, um arranjo de plantas disposto em um vaso, galochas de plástico brancas, recipiente de água para os gatos que por ali circulam, um cavalinho de madeira de balanço, usado pelos praticantes mais novos, logo à frente do banco onde os familiares se sentam; uma mesinha onde se disponibilizam garrafa térmica de café, pote com bolachas e, ao lado deste, adoçante e açucareiro, além do álcool em gel para a limpeza das mãos; destes, serviam-se todos os atores humanos que ali frequentavam.

Fantoches de animais, carros de brinquedo, ursos de pelúcia, bonecas de pano, bolas de borracha, dentre outros brinquedos, ficam dispostos nas prateleiras de uma estante, dentro da salinha anexa à área de recepção. Na parede desta sala, há uma cabideira com cabrestos, rédeas, e *chicotinhos* suspensos. Esta salinha dá acesso à cozinha e ao banheiro, utilizados pelos funcionários da Hípica, além de contar com um pequeno corredor que se conecta ao outro galpão, utilizado para os cavalos e funcionários das aulas de equitação.

As áreas utilizadas nas sessões de equoterapia variavam. Como vimos na sessão com a praticante Jéssica, descrita na Introdução, o galpão, ele mesmo, poderia ser usado, mas apenas em caso de chuvas (o que, no entanto, como disse a terapeuta, era um tanto *entediante*, para o praticante e para o cavalo e, imagino, também para ela). Já as áreas externas consistiam em: pista de areia (pista de equitação), pista de terra (redondel), pista de grama e trilha do bosque, além de caminhadas livres ao redor das mesmas, pelo asfalto ou grama. Algumas sessões também incluíam idas aos piquetes dos cavalos⁶¹ – suas *casas*, e também onde a *turma* dos cavalos ficava reunida – ou então ao local denominado pelos interlocutores de *floresta*. Todas as pistas eram delimitadas com cercas de madeira ou arame. Podia acontecer que algumas destas áreas fossem utilizadas também por professores e alunos da equitação (e por isso, vez ou outra, cavalos da equoterapia e da

⁶¹ Caso de uma praticante com obesidade infantil, cuja montaria foi suspensa pela *equipe* devido ao excesso de peso da garota que, segundo informações da terapeuta, estava prejudicando fisicamente o cavalo. Neste caso, as sessões com a praticante deram ênfase às práticas de cuidado com o cavalo, como dar banho, e caminhadas aos piquetes dos cavalos.

equitação se cruzavam, e o mesmo podia ocorrer com os praticantes e alunos).

Durante as sessões, os pais das crianças geralmente aguardavam nas adjacências da Hípica. Alguns familiares permaneciam sentados no banco no interior do galpão, outros aguardavam dentro de seu carro, ou então aproveitavam o tempo para caminhar ou correr pelas redondezas. Outros, ainda, optavam por acompanhar a sessão, presencialmente.

Após a descrição do local de pesquisa, oportuna na medida em que ilustra o fundamento material da equoterapia, tais como as pistas utilizadas, a área de pasto, galpões, equipamentos, além dos objetos e alimentos oferecidos aos cavalos, praticantes e familiares de praticantes, prosseguiremos com a apresentação dos atores presentes neste trabalho (praticantes, cavalos, terapeutas, auxiliares-guia e familiares), e algumas narrativas a seu respeito. Pretende-se, com estes dados mais descritivos e etnográficos, lançar as bases para a reflexão sobre quem são os praticantes, do ponto de vista de seus familiares e terapeutas, e como eles aparecem em termos da definição de sua pessoa, isto é, como eles são referidos de acordo com seu comportamento e seus corpos. E, separando para fins analíticos, mas, ressaltamos aqui, com a pretensão de examinar de que modo estas definições caminham juntas, mostraremos também de que modo os cavalos são classificados e agrupados segundo características de porte, tamanho, e temperamento, para discutirmos, posteriormente, as bases para a associação de praticantes e cavalos nesta terapia.

1.3. Os personagens e suas breves biografias

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”

– Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p.39

Nesta seção, apresento o conjunto de atores em questão nesta pesquisa, humanos e não humanos. Começarei pelos cavalos. Estes, de sua parte, são descritos em termos da percepção dos terapeutas e outros atores sobre seu porte, tamanho, temperamento e comportamento. Os dados que venho a apresentar sobre suas características, em sua maioria, correspondem ao ponto de vista dos terapeutas, familiares de praticantes e alguns praticantes.

Em seguida, apresento aqueles que fazem a equoterapia, os praticantes, os quais (embora sejam em maior número do que os que trago para este texto) estão agrupados a partir de sua idade, diagnóstico, duração de seu tratamento, utilização de outros métodos terapêuticos, e características de seu corpo e comportamento. É fundamental salientar que estas descrições, assim dispostas para fins analíticos, seguem, todas elas, o modo como seus familiares e terapeutas a eles se referiram. Depois de versar sobre os praticantes, delineio as características dos terapeutas, tendo em vista a sua inserção na equoterapia, e aquilo que eles dizem sobre si mesmos. Elenco, também, alguns detalhes de sua prática na Hípica e percepções de sua relação com os cavalos. Em seguida, passo para a descrição dos auxiliares-guia. Situo suas incumbências na equoterapia, ocupações anteriores também relacionadas a animais, e sua percepção dos cavalos na Hípica. Quanto aos familiares, seus dados biográficos não entram em questão neste trabalho, mas sim o modo como pensam certas mudanças em seus filhos ou companheiros, e atribuem-nas à equoterapia e aos cavalos. Os

familiares aparecerão com mais detalhe no capítulo três, quando faremos a discussão mencionada.

Os componentes biográficos e seus respectivos predicados são mencionados rapidamente aqui, para serem discutidos mais a fundo no capítulo 3, quando trataremos de juntá-los para verificar em que medida nos informam de certas definições de humano e animal, e as possibilidades de seu cruzamento.

Antes de passarmos às descrições, contudo, é válido mencionar que os praticantes, cavalos e terapeutas são agrupados em cada um dos três programas de equoterapia oferecidos no Centro Hípico, que consistem em: Hipoterapia, Pré-esportivo (ou Equitação Terapêutica) e Lúdico. Vejamos o modo como esta classificação de humanos e animais em diferentes programas opera.

Programa Hipoterapia. A sessão de Jéssica, narrada na Introdução, faz parte deste programa, indicado para praticantes com autismo, paralisia cerebral, aneurisma cerebral, acidente vascular cerebral, dentre outros. Estes praticantes têm comprometimentos motores e cognitivos considerados *mais graves*, e são aqueles com *menos autonomia*. O cavalo, neste caso, é, preferencialmente, de menor porte, pois era necessário que o terapeuta mantivesse seus braços em volta do corpo do praticante de modo a garantir as *condições de segurança*. A baixa estatura do cavalo facilitaria a ação do terapeuta, que deve conseguir alcançar o corpo do praticante (quando, em casos de eventuais incidentes⁶², é preciso retirar o praticante de cima do cavalo). Os cavalos são, portanto, de menor porte e passo mais *lento*: Dominó, Skate, Gamil, Fantasia e Tic-Tac.

Programa Pré-esportivo. Também chamado de equitação terapêutica, por ser mais próximo

⁶² Ocorreu algumas vezes de o cavalo *estranhar*, quando terapeutas tiveram de fazer a *retirada de emergência* do praticante de cima do cavalo, ou por outros motivos. Numa sessão (a qual eu não presenciara), ocorreu de o praticante sofrer convulsão. A terapeuta disse ter se desesperado porque não havia ninguém para ajudá-la a retirar os pés do praticante do estribo, isto é, ela estava sem o auxiliar-guia. Nini, um cavalo de grande porte, era quem *conduzia*. Para a terapeuta, num *caso de emergência* destes, se o cavalo fosse de menor porte, ela teria maior facilidade. Daí que teriam de tentar *prever* estes acontecimentos e assim evita-los.

ao hipismo e à equitação, além de técnicas de *dressage* ou adestramento. Este programa é voltado para praticantes que tinham mais “autonomia” e “entendiam” bem. Os cavalos são de maior porte e poderiam ser de passo mais rápido, como Chocolate, Nini, Simba.

Programa Lúdico. Estas sessões são também chamadas de *aulinhas*. De acordo com os terapeutas, os praticantes deste programa são crianças que não têm deficiência, mas poderia ser que tivessem *problemas* de atenção, concentração ou hiperatividade. E, em casos em que o praticante é ainda muito pequeno (com apenas um ano de idade, por exemplo), é preciso fazer “montaria dupla” (quando os terapeutas montam o cavalo junto com o praticante, sentando-se logo atrás destes). Os cavalos são os mesmos do programa de Hipoterapia, isto é, aqueles de porte menor e passo mais lento.

1.3.1. Cavalos

Antes de avançarmos para as breves biografias destes animais, vale nos determos nas definições acerca dos passos dos cavalos, encontradas na seção intitulada “Mecanismos das andaduras” (Moreira, 2010, p.115), de um artigo que transcrevo na íntegra, de modo a nos familiarizarmos com a temática:

As andaduras naturais comuns do cavalo são o trote, o galope e o passo.

Ao trote, os membros diagonais são elevados do solo simultaneamente e recolocados juntos no solo, provocando o som de uma única batida ao pousar cada diagonal. Na execução do trote, por exemplo, depois de a diagonal esquerda (anterior esquerdo e posterior direito) elevar-se do solo, a diagonal direita (anterior direito e posterior esquerdo) começa a elevar-se antes que a diagonal esquerda volte a tocar o solo, ficando por um momento com os quatro membros no ar (tempo de suspensão). Portanto, o trote é definido como uma andadura a dois tempos por diagonais associadas, com um tempo de suspensão.

A andadura ao trote é considerada simétrica, pois no seu ciclo (entre o pousar de uma diagonal e o novo pousar dessa mesma diagonal) as ondulações da coluna vertebral se repetem simétrica e inversamente, de um lado e do outro do eixo central do cavalo.

O galope consiste numa série de saltos. No galope à direita, depois do tempo de suspensão, o posterior esquerdo se apoia no solo (primeira batida), depois a diagonal esquerda associada (Segunda batida) e, em seguida, o anterior direito (terceira batida). Os

membros se elevam na mesma sequência, seguidos pelo tempo de suspensão. O galope à esquerda se realiza de forma inversa. O galope é definido como uma andadura saltada, basculante, a três tempos, com um tempo de suspensão. É assimétrico, pois as ondulações da coluna vertebral não se repetem inversamente de um lado para outro do eixo central do cavalo durante o ciclo completo do galope.

Na andadura ao passo, o cavalo move seus membros um após o outro, de modo que podem ser ouvidas quatro batidas distintas quando do pouso dos cascos no solo. Por exemplo: primeira batida, anterior direito; segunda batida; posterior esquerdo; terceira batida, anterior esquerdo, quarta batida, posterior direito. Dois ou três membros estão sempre no solo ao mesmo tempo. O cavalo passa de um membro para o outro, sem a ocorrência de tempo de suspensão. Como resultado, há oito diferentes apoios simétricos, dois a dois.

O passo é uma andadura marchada, basculante, a quatro tempos, simétrica, pois os apoios dos membros no solo se repetem em quatro pares simétricos, repetindo as ondulações de um lado e do outro do eixo da coluna vertebral durante o ciclo completo do passo.



Imagem 6. Na foto acima, os cavalos da equoterapia no pasto. Da esquerda para a direita, Vagalhão e Fantasia; no outro piquete, Simba, Tic-Tac e Chocolate. Foto da autora, 2014.

Os cavalos que conheci da equipe de equoterapia eram treze: Chocolate, Dominó, Fantasia, Gamil, Nini, Skate, Tic-Tac, Trovão, Pandora, “dois” Simbas (um, foi dispensado, e o outro, permaneceu), Sol e Vagalhão.

Apresento, em seguida, uma breve descrição da biografia de cada um deles, em ordem alfabética. A grande maioria das informações foram recolhidas a partir das falas dos terapeutas, exceto alguns comentários de praticantes ou seus familiares, quando serão sinalizados no momento em que aparecerem.

Chocolate. Este cavalo, que participou da sessão com a praticante Jéssica, descrita acima na Introdução do texto, faz parte do programa de Hipoterapia. Ele é de cor marrom escuro, seu porte é grande, e possui um passo *mais rápido*. Uma vez, comparando o ritmo de caminhada dos cavalos, a terapeuta disse que Chocolate estava caminhando *rápido e animado*; ele *andava bem*, e não estava “Tic-Tac” (referindo-se ao cavalo, aqui implicitamente qualificado com passos lentos). A terapeuta disse que Chocolate não *mordia*: ele *gostava* de pessoas. Durante os atendimentos, ele foi chamado de *gordo, gordo preguiçoso e cabeçudo* pelos terapeutas. Mas, já na disposição dos cavalos no pasto, Chocolate era o *coitado da turma* (no ano de 2013). Ele *morava junto* com Tic-Tac, Dominó e Nini. O primeiro a ganhar comida era o cavalo *dominador*, Nini, enquanto Chocolate seria o último a recebê-la. Acompanhei alguns treinos de Marina com ele; os treinos aconteceram porque Chocolate estava desobedecendo muito. Estes momentos serão discutidos mais à frente, no Capítulo 3, na seção “Quem são os cavalos”.

Dominó. Este cavalo é de cor branca e pertence ao programa de Hipoterapia. Antigamente, Dominó foi um cavalo de tração, usado para “puxar carroça” e, por esta razão, assim dizem os terapeutas, ele hoje se *assusta* e se *irrita* quando encostam em sua barriga.

Dominó é considerado um cavalo *desconfiado, traiçoeiro e desafiador*; ele *não gosta muito*

de pessoas. Uma vez, a mãe de um praticante disse que Dominó era *mal humorado e bravo*. Marina se opôs a ela, e disse que o cavalo não era *bravo*, mas *desconfiado*. Quando esta mãe esticou sua mão para acariciá-lo, o cavalo recuou. Ela disse, em seguida: “Tá vendo como é ele mal humorado?”. Marina, então, perguntou a ela: “Você não se lembra de como ele era três anos atrás? Ele melhorou 60%”. Por outro lado, como vimos em conversa com o auxiliar-guia Rafael, ele disse que Dominó era *fácil de lidar* e não ficava se *chacoalhando*.

No segundo ano de minhas visitas a campo, Dominó se recuperava da cirurgia que fizera há pouco e que mencionamos anteriormente, devido a uma ferida “do tamanho de um dedo” que surgiu em sua barriga, a qual estava “cheia de pus”. O veterinário da Hípica havia encontrado um pedaço de corda no testículo do cavalo, que esteve ali por erro médico na castração de Dominó, tempos atrás. De acordo com Marina, “tudo fazia sentido”; por isso Dominó era *daquele jeito*, e não gostava que encostassem na sua barriga, porque já havia algo ali o *incomodando*⁶³.

Para a recuperação de Dominó, Marina aplicava diariamente um antibiótico por via oral, com o auxílio de um tubo de seringa, e espirrava o *spray* de prata, um cicatrizante, repelente e larvicida, usado para a limpeza e cicatrização de feridas em animais. Por ter de se afastar para que a ferida se recuperasse, Dominó *desacostumou de trabalhar*⁶⁴. Mas, em outros momentos, ele foi referido como *pau para toda obra*.

Fantasia. Ela é a única fêmea da Hípica. Fantasia faz parte tanto do programa de Hipoterapia como de Pré-Equitação. Ao final de minhas visitas em 2013, ela tirou “licença maternidade” e foi afastada dos atendimentos, permanecendo separada no pasto porque estava prenhe. Quando retomei o campo, ela havia dado cria a um potrinho (que se chamaria Confete, caso

⁶³ Já o auxiliar-guia Gabriel, como apontamos anteriormente, enquanto observávamos o cavalo sendo banhado durante a hora do almoço, considerou que “esta estória da corda que sobrou da cirurgia é bobagem do veterinário” e disse que não “confiava” em veterinários.

⁶⁴ A consideração dos cavalos como “trabalhadores” será melhor discutida na seção “Quem são os cavalos”, no terceiro capítulo.

fosse macho). Depois da gravidez, Fantasia ficou *gorda e com dores* nas costas. E, porque estava com dores, ela ficou mais *brava* e qualquer “borboleta fazia ela se assustar”.

Gamil. Cavallo de cor branca, raça Árabe, e pertenceu tanto ao programa de Hipoterapia como ao Pré-esportivo. No primeiro ano de visitas a campo, ele estava *emprestado* da escola de equitação e, no ano seguinte, ele já havia sido *devolvido* a eles e permanecia, desde então, nos piquetes e nas baias da frente do galpão, ocupadas pelos cavalos da equitação.

Nini. Cavallo de cor marrom escura, pertencente ao programa Pré-esportivo. Nini tem 13 anos de idade, é um cavallo de grande porte, de raça Puro-sangue inglês. Antigamente, Nini foi cavallo de corrida. Ele tem o trote *um pouco mais forte*. A pista de grama era sua *preferida*. Eventualmente, Nini participava de competições esportivas com Marina (que, como dissemos anteriormente, era sua *dona*, até o momento em que ele foi vendido em 2014).

Nini era o cavallo *mais sensitivo e afetuoso, o mais calmo e inteligente*. Ele, assim disse Marina, parecia uma *pintura*: “ele é a pintura da perfeição”. Além disso, Nini era bastante *obediente* e, dentre os cavalos da Hípica, somente ele permitia ser tocado nas orelhas, uma região geralmente de *muita sensibilidade* para os cavalos. Mas antigamente, quando Marina o conheceu, na época em que era cavallo de corrida, ele era *bravo e mordia muito*. Nini foi *negociado para trabalhar* com uma pessoa cega, que oferecia equoterapia em outra região do país. Marina disse *chorar sem parar* após a partida de Nini.

Pandora. Embora eu não tivesse conhecido esta égua em minhas visitas a campo, trago ela aqui porque a praticante Isabela ressaltou que Pandora era sua égua *preferida*, e a mais *dócil* (Isabela foi a única pessoa que mencionou este cavallo, além da terapeuta Marina, ao comentar que o

praticante Selton tinha uma égua em sua chácara chamada “Pandora”).

Simba. Cavallo novato, era um *Pangaré*⁶⁵. De cor marrom-claro, chegou à Hípica em minhas últimas visitas no ano de 2013. Poucos meses depois, porém, ele foi *dispensado* da *equipe*.

Simba (outro cavalo, porém com o mesmo nome). Ele fez parte do programa de Hipoterapia e Pré-Equitação. Entrou na Hípica no ano de 2014. Sua raça era Lusitana⁶⁶, e sua cor marrom-claro. Para o praticante Leandro, Simba *valia ouro* e ele queria *comprá-lo*. Quando se mudasse dali, porém, a terapeuta o levaria consigo, para atenderem em outro centro de equoterapia.

Skate. De cor marrom, este cavalo é considerado um cavalo de ritmo *lento*, e faz parte do programa de Hipoterapia. Ele tem 30 anos de idade, mas “só é lento para trabalhar”, porque no pasto, ele é *bem esperto* e até mesmo *encrenqueiro*; era o cavalo que mais *brigava* da *turma*. No pasto, todos os outros cavalos tinham *medo* dele.

Sol. Ela era de porte *pequeno*, cor marrom-claro. Quando estive em campo na Hípica, no ano de 2013, Sol estava em *avaliação*⁶⁷. Ao chegar na Hípica, Sol estava *desnutrida*. Depois de cerca de um mês de estadia no local, ela ficou “bem alimentada e cheia de energia”, e por esta razão ela *saltava muito*⁶⁸. Em poucos meses, porém, ela foi *mandada embora*; ela não havia se *adaptado*, e demoraria para ficar *confiável*. Além de não *gostar* muito de *carinho*, Sol era *muito assustada*, e

⁶⁵ Se diz de um cavalo “pangaré” quando ele não tem raça definida e é uma mistura de raças (equivalente ao cão “viralata”).

⁶⁶ De acordo com Marina, os cavalos brasileiros mais usados em competição são lusitanos. Já os europeus “não têm nada a ver”, são “mais duros”, como o era Nini, de raça puro-sangue inglês.

⁶⁷ O período de avaliação dos cavalos durava de 1 a 3 meses, quando se observava seu *comportamento* e *reações* na Hípica.

⁶⁸ No trecho em questão apresenta-se, ainda, certa compreensão de que os estados internos dos cavalos seriam traduzidos externamente por usos do corpo e seus movimentos, tópico que retomaremos mais adiante no texto.

por isso não *servia* para a equoterapia. Retomarei algumas destas características mais à frente, quando tratarei do período de avaliação dos cavalos com mais detalhe.

Tic-Tac. Cavalo de cor branca, de raça Árabe, e pertencente ao programa de Hipoterapia. Tem 18 anos de idade, pesa 390 kg, e mede 1,42m de altura. É um cavalo *lento*⁶⁹. Foi também chamado de cavalo *véio de guerra* pela terapeuta. Cerca vez, Marina disse: “Tic-Tac é meu cavalo preferido para a hipoterapia.” Em outra ocasião, porém, ela falou: “meu santo não bate muito com o dele”. Ele tem *rinite* e por isso se *incomoda* quando venta na Hípica, o que ocorre com certa frequência, pois as pistas são áreas abertas, excetuando-se o galpão. No pasto, Tic-Tac dá coice porque tem *medo* de Skate; lá, ele tende a *brigar com todos por comida*. No dia de minha última visita a campo, Tic-Tac estava com uma mordida grande em seu traseiro, devido a uma *briga* que acontecera entre os cavalos no pasto, o que, no entanto, era *normal*, como colocou a terapeuta.

Trovão. Este cavalo também não conheci durante minhas idas a campo, pois havia sido *mandado embora* da Hípica previamente à minha entrada no local. Retomo ele aqui, todavia, porque, de acordo com os terapeutas, ele foi um *doce* durante muito tempo: “Você abraçava ele, e ele fechava os olhos”, mas depois seu comportamento mudou muito, a ponto de colocar a segurança de praticantes em *risco* e, por esta razão, foi *mandado embora*. Perguntei-lhes o motivo desta mudança em Trovão, ao que o terapeuta Bruno respondeu que não sabia ao certo, mas que provavelmente estava *cansado, estressado e com dores*.

Vagalhão. De cor branca e pertencente ao programa de Hipoterapia, Vagalhão foi o primeiro

⁶⁹ A passada de Tic-Tac, por exemplo, soma 44 passos por minuto, quando a média é de 56 passos por minuto, no passo sobrepistado, que é um dos tipos de passo que o cavalo pode caminhar. O passo do cavalo é classificado em antepistado, sobrepistado ou transpistado, referindo-se, respectivamente, à baixa, média e alta amplitude (Barbosa, 2013, p.40).

cavalo a participar da equipe. Diversos interlocutores o mencionaram como o mais *querido* dos cavalos, um cavalo *zen*, *diferenciado*, que não se *alterava*, e que, com ele, era possível *fazer de tudo*. Seu galope, contudo, era *desconfortável*. Na época de minhas visitas a campo, Vagalhão estava se *aposentando*, embora eu tivesse presenciado algumas sessões de montaria com ele.

**

Façamos, neste momento, um esquema geral a respeito dos cavalos, relativo às principais recorrências em termos de características genéricas e individuais, e vejamos o que elas podem nos apontar preliminarmente sobre o animal, seu comportamento, suas qualidades, e algumas questões relacionadas ao seu estatuto como trabalhador nelas implicadas. Antes de mais nada, os cavalos eram classificados de acordo com os programas, e isto dependia de seu porte e ritmo de andar. Assim, eles eram mais ou menos apropriados a certos tipos de praticantes. Os cavalos mais lentos são usados com os praticantes mais *comprometidos* e em condições mais *graves*; os mais rápidos vão com os praticantes com mais *autonomia* e que conseguem ficar *sozinhos* no cavalo. Há, portanto, uma confluência entre tipos de cavalos, sua fisionomia e sua forma de caminhar, a tipos de praticantes, sua deficiência e suas *demandas*; desenha-se, portanto, uma conjunção entre ideias de animais e ideias de pessoas, baseada, sobretudo, em características físicas e comportamentais estabelecidas pelos terapeutas como distintivas de cada um.

Além disto, nota-se uma tensão em termos da descrição do comportamento mais colaborativo ou mais resistente dos cavalos. Os traços mais elogiados dos cavalos eram a *obediência*, *cooperação*, *docilidade* e *estabilidade*. Do outro lado, os comportamentos que poderiam levar à sua expulsão eram a *desobediência*, *instabilidade* e *estresse*, demonstrados quando os cavalos *aceleravam*, *pulavam*, *saltavam*, *chacoalhavam*, *mordiam* ou *se assustavam* muito.

1.3.2. Praticantes

Vejamos, agora, como a literatura da área classifica os programas em termos dos praticantes:

As atividades equoterapêuticas possuem os seguintes programas: 1) hipoterapia - o praticante tem muito comprometimento físico e/ou intelectual e conseqüentemente, torna-se muito dependente dos seus terapeutas para se manter sozinho a cavalo com segurança; 2) educação/reeducação - o praticante monta sozinho, com profissional na lateral; 3) pré-esportivo - o praticante monta sozinho e conduz o cavalo, porém profissionais acompanham de perto; 4) esportivo - os praticantes possuem condições físicas e mentais de participarem de competições paraequestres em níveis nacionais e internacionais (Barbosa, 2013, p.30).

As noções de *muito ou pouco comprometimento* e *muito ou pouco dependente*, bem como outras associadas a elas, serão encontradas nos esboços biográficos dos praticantes que apresentarei adiante.

Durante a estadia em campo, tive contato com cerca de cinquenta e cinco praticantes e, portanto, diversas famílias. Nestas sucintas biografias, importa observar alguns modos utilizados para caracterizar os praticantes, marcados pelos terapeutas ou familiares, nos quais encontramos dados para se pensar as noções de corpo e pessoa que entram em questão, tanto para aqueles que vão buscar os serviços da equoterapia, quanto para aqueles que o oferecem. É importante atentarmos, nas descrições, o modo como as características de praticantes são acomodadas precisamente no contato com o cavalo.

Dito isto, os praticantes do programa de Hipoterapia são os seguintes:

Cíntia. Tem 14 anos de idade. Faz equoterapia há 6 anos. A terapeuta disse não haver um diagnóstico *fechado* no caso dela, mas sabia que seu *cognitivo* é um pouco *comprometido* porque, nesta idade, ela ainda não sabe *ler e escrever*. Cíntia faz psicoterapia também. Ela já não monta os cavalos, e isto se deve ao seu peso corporal atual, pois a garota tem obesidade infantil. No começo de seu tratamento, porém, ela fazia montarias. Desde que ultrapassou o peso máximo adequado para montar no cavalo, as sessões terapêuticas de Cíntia consistiam numa *aula livre*, que envolvia

cuidados com os cavalos, como dar banho neles, e também caminhadas para levá-los de volta ao pasto. Neste caso, o “terapêutico” estaria menos na montaria em si e nos benefícios físico-motores atribuídos a ela, e mais na interação livre com os cavalos.

Dolores. Tem aproximadamente 40 anos de idade. Faz equoterapia há menos de 1 ano. Ela sofreu um acidente de moto no ano passado. Devido a este acidente ela teve que fazer uma cirurgia cerebral. A terapeuta disse que ela já está *bem melhor* e que já *conseguia falar*, mas “seu cognitivo ainda estava comprometido”. Ela trocava as sílabas das palavras e não tinha muita memória. Durante algumas sessões que acompanhei, ela exclamou que o cavalo era um *santo*, mas que tinha a sensação de estar machucando-o, toda vez que a terapeuta lhe pedia para que ficasse em pé, com os pés apoiados nos estribos. Além disto, acompanhada de seu marido, ela pediu a ele, no final das sessões, para ser fotografada com os cavalos em que havia montado.

Eliana. Tem 42 anos de idade. Faz Equoterapia há 1 ano. Sofreu Acidente Vascular Cerebral poucos anos atrás. Também faz hidroterapia e fisioterapia. É cadeirante⁷⁰ e usa duas órteses, uma na perna e a outra no braço. Ela *não consegue falar*, mas seu cognitivo é *bom* pois ela *entendia bem*. Sua mãe disse que seu corpo era *esquisito* e que tinha uns *acessos*. Antigamente, ela era atendida pelo psicólogo Bruno. Em uma de suas sessões que participei, seu pai também caminhou junto ao grupo. Ele disse sentir *medo* de que ela tivesse uma convulsão em cima do cavalo⁷¹, e por isso julgava ser necessário que alguém a acompanhasse além dos terapeutas; no caso, ele próprio.

Fábio. Tem 9 anos de idade. Faz equoterapia há 6 anos. Tem autismo. Também foi atendido

⁷⁰ O termo nativo *cadeirante* refere-se às pessoas que, por terem mobilidade reduzida, valem-se do uso da cadeira de rodas.

⁷¹ Alguns destes eventos podem ocorrer durante a montaria, ocasião em que a terapeuta tem de usar de procedimentos especiais com os cavalos e praticantes.

por Bruno anteriormente. Na ocasião em que começou a equoterapia, assim me disse Bruno, Fábio sempre se *assustava* quando o cavalo parava de andar, por exemplo, ao fazer os “altos”, exercício no qual o terapeuta conta em voz alta “Um, dois e três!”, e no “Três” (prevê-se que) o cavalo (e todo o resto do grupo) deve parar de andar. Para mim, Fábio disse que no começo tinha *medo*, mas hoje em dia já não mais. Outra terapeuta disse que, em cima do cavalo, Fábio às vezes fica “meio desatento”. Ele também tem bastante *resistência* em cima do cavalo; dependendo do dia, “dá para tentar fazer alguma coisa”, isto é, executar certos movimentos e exercícios particulares, mas “tem dias que não”. Comentando os casos em que as crianças se *recusavam* a fazer a sessão, ela mencionou Fábio, tratando de uma ocasião em que o grupo estava na pista de areia, e o garoto *não cedia, não queria fazer nada* que pediam a ele; noutra ocasião, ele *não quis* nem mesmo vestir o capacete de proteção. E, nestas situações de *resistência* dos praticantes, a terapeuta disse que não se podia exigir demais do cavalo, pois ultrapassaria seu *limite*, porque o cavalo só deve ser *usado* “até o ponto da segurança”. Esta combinação entre, de um lado, *resistência* da parte do praticante, e do outro, o *limite* do cavalo, além de expressar uma preocupação com a segurança dos participantes da sessão, sugere uma transferência e alteração mútua de estados internos entre cavalo e praticante, como apareceu, de modo semelhante, numa sessão em que um praticante estava *irritado*, e o terapeuta pediu a ele que se *acalmasse*, dizendo: “*Vamos fazer um carinho no Domi [o cavalo Dominó]. Agora se acalma senão ele vai sentir que você está irritado, lembra?*”. Além disto, terapeutas disseram que foi “difícil” fazer com que Fábio aprendesse a segurar a rédea. Hoje em dia, porém, ele já estava aprendendo a ficar de pé nos estribos⁷² e a segurar as argolas. Mas, para que ele entenda os comandos, as terapeutas têm de chamá-lo, olhar para ele, e então dizer o “comando”, mas de forma abreviada. Por exemplo, se querem que Fábio vire-se de costas, devem dizer “costas” (e não “vire-se de costas”), ou se querem que ele pegue a rédea entre suas mãos, então dizem

⁷² O estribo é um dos componentes da manta ou sela, e serve como apoio para os pés do praticante.

“rédea” apenas (e não “segure a rédea”).

A mãe de Fábio também disse que ele é menos *medroso* com o cavalo atualmente, comparando com o momento de sua entrada na equoterapia. Ainda assim, ela ressaltou que ele faz as sessões “meio forçado”, embora, no final da aula, dê para ver que ele *gosta* sim. Fábio, assim ela disse, não é um garoto muito *ligado* aos cavalos e nem *afetuoso* com eles, e que pouca diferença fazia o cavalo em que montava. A exceção, porém, era com o cavalo Vagalhão; este era um animal *diferenciado, especial e fenomenal*. Quando perguntei a ela o porquê da diferença deste cavalo em particular, ela acrescentou: “Não sei, eles formam uma dupla mesmo”, referindo-se ao cavalo e ao praticante.

Gilberto. Terceira idade. Quando o conheci, Gilberto estava em tratamento havia dois meses. Sofreu acidente vascular cerebral (AVC) e ficou *impedido* de movimentar a lateral direita de seu corpo. Ele não *falava*, mas *entendia*. A terapeuta disse que ele era um *ótimo cavaleiro*. No segundo momento de minhas idas a campo, ele já não frequentava mais o serviço de equoterapia, por razões que desconheço.

Isabela. 26 anos. Faz equoterapia há 5 anos. Também faz sessões de fisioterapia convencional. Ela é cadeirante, tem as pernas direitas e esquerda acidentadas, usa órtese em ambas, chamadas *tutores*. A órtese da perna direita é menor, enquanto a do lado esquerdo percorre toda a extensão de sua perna. Ela é estudante universitária e também trabalha. Segundo a terapeuta, os exercícios que Isabela faz em cima do cavalo são *bem puxados*, isto é, difíceis, e por este motivo poucas pessoas os conseguem fazer. Seu cavalo preferido era Pandora que, em sua opinião, era a *égua mais dócil e compreensiva*. Certa vez, Isabela me disse não sentir diferenças entre o corpo do cavalo e o seu próprio, quando montava em Pandora. Já ao trotar, a sensação era a de *estar*

correndo, sensação também descrita como de *liberdade*.

Jéssica. Esta praticante já foi apresentada na Introdução deste trabalho, mas aqui retomo, em síntese, as informações relevantes a seu respeito. Ela tem 10 anos de idade, e faz equoterapia há 7 anos. Ao nascer, Jéssica teve paralisia cerebral. Sua mãe disse ter procurado a equoterapia para *ajudá-la a andar*, porque Jéssica *não tinha equilíbrio*. Ela também faz fisioterapia e terapia ocupacional e, com certa frequência, recebe aplicações de botox na perna⁷³. Conforme disse a terapeuta, Jéssica é um caso bastante *problemático*. Sua interação com o cavalo seria “quase que exclusivamente motora”. No entanto, Marina disse não saber o quanto a garota *entendia*⁷⁴. Quando montava no cavalo, Jéssica *batia* muito, o que, segundo Marina, era um comportamento reforçado por alguns dos familiares da garota, que achavam *graça* nisto. Por outro lado, na opinião de Marina, Jéssica não *batia* por *mal*, mas este era seu jeito de se comunicar e “*chamar a atenção dos outros*”. Isto poderia variar, no entanto, dependendo do horário. Ela falava poucas palavras, as quais, quando comecei a pesquisa, eram: “Cante”, “Cupa [Desculpa]” e “Papa [Papai]”. Estas, porém, eram ditas “*totalmente fora de contexto*”, nada significavam, além da mera repetição de palavras, por exemplo, quando a garota dizia “Cupa” (desculpa). Depois, já no ano seguinte, Jéssica falava também “*Aiaiaiai*”, “*Oooo*”, “*Mmmm*”, “*Papai*”, “*Mamãe*” e, inclusive, repetia o meu nome. Uma vez, numa sessão no horário da tarde, Jéssica quase *não bateu*, talvez porque fosse seu horário normal de atendimento, ou talvez porque, antes de ir para a equoterapia naquele dia, ela já havia feito outra terapia pela manhã. Já no primeiro horário da manhã era quando a garota *batia mais e falava* bastante as palavras enumeradas acima. Foi nesta ocasião que a terapeuta disse que a garota estava

⁷³ O botox, também conhecido como toxina botulínica, é o mesmo botox usado em cirurgias plásticas para fins estéticos. No caso dos praticantes, ele é utilizado para relaxar os músculos de seu corpo, aplicando-o, por exemplo, nos quadris e cotovelos.

⁷⁴ Embora, certa vez, uma de suas sessões foi interrompida; a mãe da praticante caminhou até o bosquinho porque, tristemente, o avô da garota havia falecido justamente naquele momento. Sua mãe disse-nos estar preocupada com Jéssica, pois a garota tinha bastante apego ao avô e logo *perceberia* o que estava acontecendo (ou seja, demonstrava-se, então, o quanto a garota poderia entender o que se passa ao seu redor).

mais espertinha e disposta.

José. 26 anos de idade. Tem autismo e deficiência auditiva. Ele faz também hidroginástica. José fez cerca de 8 sessões e parou logo em seguida seus atendimentos. As terapeutas disseram que não sabiam se ele iria *se adaptar* ou não, porque ele se jogava do cavalo logo no início da sessão, que mal havia começado. Do chão, ele se afastava do grupo e caminhava em direção ao carro de sua mãe, pois ele *adorava* ficar dentro do carro.

Marcela. 6 anos de idade, e faz equoterapia há 5 anos. Ela teve paralisia cerebral ao nascer. Por não ter sustentação corporal, Marcela tem de fazer a montaria dupla⁷⁵.

Roberto. 7 anos de idade. Roberto tem autismo. Ele *fala* poucas palavras, mas *entende tudo*. Quando chegava na Hípica, ao descer do carro, ele saía correndo e se afastava rapidamente, porque “não conseguia ficar”. Roberto era muito ansioso, e “não adiantava pedir as coisas” a ele porque, como disse a terapeuta, “o autista muitas vezes não escuta o que se pede”. Ainda assim, porém, ela conseguia fazer o garoto *ouvi-la* às vezes. Era preciso, porém, parar de correr atrás dele.

Selton. Tem 6 anos de idade. Ele tem de fazer montaria dupla. Teve Paralisia cerebral ao nascer. Ele não fala, mas *entende*, embora a terapeuta não soubesse dizer *o quanto*. Outro termo utilizado para explicar seu diagnóstico foi encefalopatia crônica não progressiva. Selton usa uma *bandagem* na altura da cervical, e um *tensor* nas costas para dar mais *sustentação*. De acordo com a terapeuta, ele é *todo durinho* e *dolorido*. Durante a montaria, era possível saber se ele estava

⁷⁵ Terapeutas evitavam a montaria dupla por conta do sobrepeso colocado ao cavalo, e também por questões de segurança. Além disto, os terapeutas, eles mesmos, deveriam se posicionar corretamente, em relação ao cavalo e ao praticante, e permanecer relaxados; do contrário, eles impediriam que o praticante recebesse os movimentos dos cavalos, disse-me uma das terapeutas.

gostando ou *sentindo dor* pela expressão de seu rosto.

Silvia. Tem 6 anos de idade. Faz equoterapia há 4 anos. Ela sofreu aneurisma cerebral e, de acordo com a terapeuta, teve má formação arterial e encefálica, derrame e lesão cerebral. Ela é considerada o segundo caso mais *crítico* (Silvia esteve internada ao final de minhas visitas de campo do primeiro período, mas no segundo período ela já havia retomado o tratamento). Silvia também faz montaria dupla. Sua mãe se sentia cansada; desde que Silvia nasceria, ela disse não dormir, e que já não sabia *o que fazer*. Segundo a terapeuta, o contato que Silvia tem com o cavalo *é pouco*. Ao fazer esta afirmação, estimo que a terapeuta se referia à ausência da possibilidade de que ela mesma sugerisse à praticante uma forma específica de interagir com o cavalo (como é feito, geralmente, com os praticantes que têm o *cognitivo bom*, ou que *entendem* o que a eles se diz).

Suzana. 17 anos de idade. Faz equoterapia há 8 anos. Ela tem autismo. Suzana consegue caminhar sozinha, mas com dificuldade; *fala pouco*, mas entende *bem*. As terapeutas disseram que ela não é como “aquela criança especial que dá trabalho e demanda”. Ela também adora ficar dentro do carro, disse sua mãe.

Tomas. 5 anos de idade. Tem alteração congênita, mas não há um diagnóstico *fechado* para ele. Sua mãe disse que as mães de outras crianças, também *especiais*, disseram a ela que seu filho era *diferente* (dos demais *especiais*). Ao se referir a ele e às outras crianças *especiais*, ela disse que eles conseguem aprender qualquer coisa, desde que se soubesse *acessar* seu jeito de pensar. E, uma vez que aprenderam, “eles nunca esquecem”.

Vitor. 2 anos de idade. Vitor usava uma *órtese* na mão e outra no pé, e também fazia

aplicações de botox. Ele gostava de brincar no brinquedo de cavalo (de pau), na área de recepção, enquanto aguardava sua sessão. Montado no cavalo, ele geralmente fazia os exercícios com a sua mão que era *boa*.

Dos praticantes do programa de Pré-equitação (também chamado de Pré-Esportivo), destaco os seguintes:

Antônio. 16 anos de idade. Antônio tem esquizofrenia de causa “afetivo familiar”. Para fazer a montaria, ele vestia-se sempre de cavaleiro. Ele parou de fazer equoterapia no momento em que a terapeuta que o atendia e o cavalo Simba se mudaram. De acordo com seus familiares, o garoto *não via muita graça* em montar o cavalo Vagalhão, o qual lhe restaria após a saída de Simba, porque aquele cavalo já estava *velho* e não *obedecia* muito.

Jerson. 17 anos de idade. Ele é paraplégico, não tem movimentação alguma abaixo dos quadris. Ele é cadeirante e tem os braços *bem fortes*. Ele é multiatleta e joga handebol na modalidade paraesportiva. Para fazer a montaria, Jerson usa vestimenta própria de hipismo. Ele estuda em colégio *normal*, um dos mais *difíceis* da cidade. No período de minhas primeiras idas a campo, ele sofria de convulsões com alguma frequência⁷⁶. Mas, nas últimas visitas, ele já não passava mal e nem sentia tontura. No entanto, a terapeuta advertira-lhe, e à sua mãe, que seu quadril estava ficando mais *limitado* do lado direito.

Laura. 12 anos de idade. Usa órtese em ambas as pernas, e faz aplicação de botox. Seu pai

⁷⁶ Após a ocorrência de um destes episódios de convulsão durante o atendimento, a terapeuta conversou com a mãe do garoto sobre a necessidade de trocar sua medicação, que fora receitada por um médico. Como muitos dos praticantes ingerem medicamentos alopáticos, prescritos por especialistas de outras terapias às quais os praticantes também atendem, os terapeutas constantemente conversam sobre os nomes e doses medicamentosas, e algumas vezes aconselham modificações na dose ou tipo de medicamento usado.

disse que depois de usar o botox sua filha tem mais facilidade para andar. De sua casa, ela chegava à Hípica com o carro disponibilizado pela prefeitura.

Leandro. 16 anos de idade. Faz equoterapia há 10 anos. Leandro sofreu Paralisia Cerebral. Ele apresenta *problemas* de equilíbrio, não sabe ler muito bem, e tem seu *cognitivo* um pouco *afetado*. Ele também faz Psicoterapia, inclusive com o antigo psicoterapeuta que trabalhava na Hípica. Ele quer *trabalhar* na Hípica⁷⁷, se tornar cavaleiro e atleta de parahipismo. Segundo as terapeutas, ele anda *muito bem* no cavalo⁷⁸, e é o único praticante que galopa. Em minha última visita a campo, Leandro fazia sua primeira aula teste em Equitação. Mas, uma vez que sua prevista passagem às aulas de equitação era assunto de preocupação para sua mãe, penso na equitação e seus alunos, os cavaleiros, como os *típicos*, contrastivos àqueles para quem se destina a equoterapia. Esta diferença marcada entre equitação e equoterapia reapareceu quando, uma vez, em sessão Lúdica com um praticante de 4 anos de idade, Marina falou que os alunos da equitação eram *mais avançados* do que aqueles da equoterapia.

Tati. 13 anos de idade. Faz equoterapia há 10 anos. De acordo com seu pai, Tati começou a gostar dos cavalos quando passeou de “carruagem”. De acordo com seu pai e com a terapeuta, ela gostava mesmo era de *cuidar* dos cavalos. Por isso, as sessões de Tati misturavam montaria mas também alguns *cuidados* com os cavalos. Em uma de minhas últimas visitas a campo, a terapeuta e Tati conversavam sobre a possibilidade de ela passar às aulas de equitação, mas a praticante não concordou, embora talvez quisesse aprender a galopar, mas não a *saltar*, porque tinha *medo*. Em algumas ocasiões, ela também demonstrou seu interesse em *trabalhar* na Hípica.

⁷⁷ Uma vez, ele disse à terapeuta que queria *ajudá-la a treinar* os cavalos.

⁷⁸ Após a saída de Marina, Lúcia e Beatriz, as outras terapeutas da *equipe*, disseram que teriam de aprender com ele, o praticante Leandro, os exercícios que ensinariam na aula de Pré-Esportivo com outra praticante. Beatriz contou que foi Leandro quem ensinou a ela “o que tinha que fazer com o cavalo”, porque ela não conseguia fazer sozinha.

E, finalmente, dos praticantes do programa Lúdico, também chamado de *aulinha*, saliento os seguintes:

Alex. Tem 2 anos de idade. Terapeutas disseram que ele é *muito esperto*, e haveria de querer saltar igual o pai, que já montou ou ainda monta cavalos.

Marcelo e Luis (irmãos). O mais velho tem 5 anos de idade, e o mais novo, 3 anos. A mãe dos garotos mencionou a importância do *contexto* da equoterapia; ela disse que o *lugar em si*, o estar *fora de casa* e do videogame, fazia parte do tratamento. Nos dias em que fazem equoterapia, os filhos a *ouvem mais*, porque teriam feito algo que *gostam*.

Façamos, agora, algumas considerações sobre o modo como os praticantes são agrupados pelos terapeutas. Antes disto, porém, é de se notar que as condições socioeconômicas dos praticantes e suas famílias são variadas. Grande parte delas, e isto por inferência minha (sobretudo em relação aos carros com os quais as famílias chegavam), pertenciam à classe média-alta. Ao mesmo tempo, alguns dos praticantes chegavam à Hípica em um carro disponibilizado pela prefeitura, como parte de um projeto social de parceria com a Hípica ou, como no caso dos praticantes vinculados à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), os praticantes vinham com o micro-ônibus oferecido pela mesma. Muitos centros de equoterapia, por esta razão, oferecem uma parte de seus serviços de equoterapia gratuitamente, sem fins lucrativos envolvidos.

Extrapolando o público da equoterapia para o contexto mundial, é válido mencionar que a maioria das pessoas com deficiência pertence à camada da população considerada de baixa renda. No Relatório Mundial sobre a Deficiência, em que consta que as pessoas com deficiência totalizam aproximadamente 1 bilhão de pessoas, equivalente à 15% da população mundial (Organização

Mundial da Saúde, 2011), se diz o seguinte:

(...) as pessoas com deficiência apresentam piores perspectivas de saúde, níveis mais baixos de escolaridade, participação econômica menor, e taxas de pobreza mais elevadas em comparação às pessoas sem deficiência. (...) Os resultados da World Health Survey indicam uma prevalência maior de deficiência em países de baixa renda do que em países de renda mais alta. Pessoas do quintil mais pobre, mulheres, e idosos também apresentam uma maior prevalência da deficiência” (p.5 e p.8).

Dentre estas, 82% ainda vive abaixo da linha de pobreza (Resende & Vital, 2008). Já no Brasil, cerca de 45 milhões de pessoas têm deficiência (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), ocupando aproximadamente 24% da população, dos quais 27% vive em situação de pobreza extrema e 53% são pobres (IBGE, 2000 *apud* Vital, p.24).

Voltando aos dados recorrentes a respeito dos praticantes, notamos que uma certa gradação é elaborada pelos terapeutas. Ao decidir os programas a que os praticantes pertencem, os praticantes são classificados de acordo com os programas Hipoterapia, Pré-Esportivo e Lúdico. Esta diferenciação, portanto, fala dos praticantes no sentido das características atribuídas a eles, tais como suas demandas, problemas (de saúde ou não) e sua gravidade. É como se o tipo de programa a que o praticante se vincula informasse o tipo de gente que ele é, da ótica dos terapeutas, de modo que se estabelece uma definição circular da pessoa: terapeutas enquadram os praticantes em certo programa, e o programa é também um enquadramento do praticante. E, por esta razão, a disposição das pessoas em termos da gradação da “deficiência” é produzida em relação à sua proximidade ou afastamento de uma certa ideia de “normalidade”, dentro de uma escala que dispõe de variações na aparência e comunicabilidade das pessoas (Amaral & Coelho, 2003).

Além disto, quando terapeutas diziam não haver um diagnóstico *fechado* para alguns praticantes, o que ocorreu em diversas ocasiões, penso estar em questão a dificuldade de se demarcar a linha entre uma pessoa com deficiência e alguém *típico*, ou entre tipos e graus de deficiência. Além disto, ao serem considerados *menos avançados* (que *não sabem andar direito, não falam muito bem, saem correndo*, têm o corpo *esquisito* e que não se sustenta sozinho, etc.), é

como se os praticantes fossem posicionados em uma linha evolutiva ou progressiva, marcada por etapas ou estágios, e pensada em termos dos elementos contrastivos às pessoas *típicas*.

Passemos, a seguir, à biografia dos terapeutas.

1.3.3. Terapeutas

Conheci cinco terapeutas durante minhas idas a campo. Dentre eles, havia duas terapeutas ocupacionais, uma fisioterapeuta, e um psicoterapeuta. Entretanto, conforme me disseram, não era necessário que o “instrutor”, na equoterapia, fosse um terapeuta propriamente dito, mas, por exemplo, bastava que fosse alguém com formação em Educação Física e que tivesse certificação do curso de especialização em equoterapia. Estes cursos podem ser oferecidos pela Ande Brasil, no Distrito Federal-Brasília. Neste local, o Curso Básico de Equoterapia ocorre mensalmente, com carga horária semanal de 40h, cuja finalidade é *“Capacitar profissionais com nível superior completo, com prioridade para as áreas de saúde, educação, visando integrar uma equipe interdisciplinar de um Centro de Equoterapia”*⁷⁹. Em seu conteúdo programático, são abordados os seguintes tópicos: “A ANDE-BRASIL – Histórico e Fundamentos”; “Equitação na Equoterapia”; “Hipologia”; “Fundamentos Científicos da Equoterapia”; “Ciências Humanas e da Saúde na Equoterapia”; “Um Centro de Equoterapia”; “O Cavalo como Instrumento Cinesioterapêutico”, e “Estudo de caso”. Entre os objetivos do curso enumerados no sítio eletrônico da Associação, constam:

- Difundir as técnicas específicas das áreas de saúde, educação e equitação utilizadas na Equoterapia;
- Compreender o desempenho das atividades de Equoterapia, utilizando o cavalo como instrumento cinesioterapêutico;
- Fornecer subsídios essenciais à criação e funcionamento de um Centro de Equoterapia;

⁷⁹ Fonte: <http://www.equoterapia.org.br/site/cursobasico.php>. Acesso em Fevereiro de 2015.

Destacar a importância do profissional de equitação como membro da equipe interdisciplinar de um Centro de Equoterapia;
Conscientizar sobre os riscos da improvisação nas técnicas equoterápicas;
Estabelecer a importância da ANDE-BRASIL como órgão normativo e técnico da Equoterapia no Brasil.

O valor deste curso é de mil reais. Já integrantes de centros agregados à Associação devem pagar novecentos e cinquenta reais e, por sua vez, integrantes de centros filiados pagam novecentos reais. A Ande também oferece o Curso Avançado de Equoterapia, o Curso de Equitação para Equoterapia, o Curso de Aprimoramento Técnico em Equoterapia e Curso de Gestão de Centros de Equoterapia. Outros locais, reconhecidos pela Ande, também oferecem a certificação básica em equoterapia, por exemplo, o Grupo de Abordagem Terapêutica Integrada (GATI).

No que concerne aos terapeutas do Centro Hípico do Damha, eles atendem a diferentes praticantes, de diferentes programas, e têm, portanto, diferentes atribuições.

Segue abaixo uma brevíssima biografia de cada um deles, com base em suas falas e apresentações de si mesmos a mim, registradas durante conversas informais na Hípica ou nas caronas de carro, no caminho de ida e volta no trajeto cidade-Hípica.

Beatriz. É terapeuta ocupacional, e trabalha há 4 anos na Hípica. Ela atende aos praticantes dos programas Hipoterapia e Lúdico, mas não aqueles da Equitação Terapêutica ou Pré-Esportivo. Beatriz decidiu fazer o curso de Equoterapia da Ande-Brasil, com duração de uma semana. Antes de dar início aos atendimentos, sentiu “necessidade de conhecer mais o cavalo”, e entender sobre seu *comportamento e funcionamento*. Por isso, ela fez algumas aulas de equitação na própria Hípica, e também acompanhou as sessões de montaria de Marina para *ganhar experiência*. No entanto, ela disse ter aprendido *mesmo* a lidar com os cavalos *na prática*, em seus próprios atendimentos. Quando começou a atender, ela sentia *muito medo* dos cavalos, e se *assustava muito*, sobretudo com o cavalo Dominó, que era um animal “bem difícil de lidar”. Nesta fase inicial de seu trabalho, ela

“já chegava tensa” na Hípica, e por isso ficava com os praticantes *agarrados* à ela. Ela disse achar o trabalho *cansativo* naquela época. *Cansava-lhe* as pernas, de subir e descer a pista do bosquinho. E, ao falar e caminhar ao mesmo tempo, ela ficava *ofegante*. Depois, porém, ela se *acostumou*: começou a fazer academia, emagreceu, e então já não se cansava mais⁸⁰.

Marina. É fisioterapeuta e também a coordenadora da *equipe*. As sessões que oferecia tinham um foco mais *corporal* e *motor*. Marina era a única que oferecia as sessões do Pré-Esportivo. No entanto, seu posto seria ocupado por Lúcia, quando ela se mudasse para outro estado e deixasse seu cargo na Hípica.

Marina disse ser *fissurada* por cavalos; desde pequena era *apaixonada* por eles. Seu envolvimento com os cavalos era *vital*, e não conseguira “ficar longe deles”. Desde os 13 anos de idade, ela convive com cavalos, quando já fazia aulas de Hipismo. Teve de se afastar destas aulas, porém, quando, em um incidente, durante sua aula, ao saltar com o cavalo, ela caiu. Assim que se recuperou da queda, ela retomou as aulas. Aos 16 anos de idade, ela já *tinha* seus próprios cavalos. E, mais tarde, juntou sua *paixão* pelos cavalos em uma profissão que *ajudasse* as pessoas.

Marina era a *dona* do cavalo Nini, e eles participavam de algumas competições de adestramento e hipismo. Ela mesma avaliava os cavalos potenciais a ingressarem na *equipe*, e também os *treinava* após seu ingresso.

Ela disse que *andar em cima do cavalo* fazia *muito bem* a ela; quando sentia *dor* nas costas, ela montava e a dor passava. Em atendimento, ela disse ter de se *controlar*, no meio de tanta criança *agitada*⁸¹. Já em *casa*, ela *não era bem assim*⁸².

⁸⁰ Atentar aqui para o processo de treino e mudança corporal pelos quais os próprios terapeutas passam, e que está intimamente associado ao fato de trabalhar com os cavalos.

⁸¹ Assim como um processo de controle corporal ocorreu com Beatriz, se acostumando ao *cansaço* decorrente de caminhar ao longo do dia e também ao *medo* dos cavalos, o *autocontrole* que Marina mencionou ter de acionar no trabalho seriam parte de um treino e mudança corporal que o relacionamento com os cavalos e os praticantes requer. A noção de autocontrole, ainda, aponta para a atuação dos terapeutas como o “cérebro” ou “a voz do comando” dentro do grupo. Também a seguinte frase, verbalizada pela terapeuta deixa isto explícito, além de aproximar os cavalos das crianças, em termos da ausência de um *autocontrole*: “O cavalo às vezes não gosta de

Lúcia. É terapeuta ocupacional recém-formada, e ocuparia o cargo de Marina como terapeuta e coordenadora da equipe, quando esta se mudasse para outra cidade, onde também iria trabalhar oferecendo equoterapia. Ela disse que tomou conhecimento dos benefícios da equoterapia porque uma conhecida sua era praticante, e havia *melhorado muito* ao longo de seu tratamento. Lúcia nunca trabalhou com cavalos anteriormente; assim como Beatriz, ela estava fazendo aulas de equitação para *aprender* a andar a cavalo.

Bruno. Foi o psicólogo da equipe durante alguns anos. Entrou para a equoterapia logo que se formou em Psicologia. Ele também atendia a alguns dos praticantes da equoterapia em seu consultório particular. Sempre *gostou* de cavalos e tinha *contato* com eles há muito tempo. Ele também já foi *peão*, quando *cuidava* de cavalos e os montava, na chácara onde morou antigamente. Bruno, na época de seus atendimentos, tratava dos aspectos *cognitivos* e *comportamentais* dos praticantes. No segundo momento de minhas vistas a campo, porém, ele havia parado de trabalhar na Hípica para atender apenas no serviço particular. Ao me explicar esta mudança, Marina disse que lá na Hípica eles, os terapeutas, *trabalham muito e ganham pouco*.

1.3.4. Auxiliares-guia

Além de serem fundamentais na *equipe*, porque são eles que puxam os cavalos durante as montarias, os auxiliares-guia são incumbidos de *pegar* os cavalos no pasto, no início da manhã, e levá-los de volta, ao final da tarde. São eles também que preparam os cavalos para as sessões de montaria, seguindo uma série de procedimentos a serem descritos mais à frente no texto. Além

trabalhar em algum horário, ou não dormiu bem. Só que a gente controla, eles não. Criança também não controla”.

⁸² Esta afirmação faz lembrar das impressões dos terapeutas a respeito dos comportamentos dos cavalos “presos” nas baias em comparação com os cavalos “soltos” no pasto, oposição marcada em termos de liberdade/descontrole e confinamento/controle.

disto, os auxiliares-guia são encarregados da limpeza das baias; retiram as fezes dos cavalos em meio à serragem, com o auxílio de uma pá, garfo especial (forquilha), e carrinho de mão. Depois, fazem a *cama* dos cavalos, preenchendo a baia com mais serragem, de modo que o chão fique recoberto deste material e, para finalizar, “afofam-no” com a vassoura.

No início da pesquisa havia dois auxiliares-guia, e no segundo momento, apenas um. Inicialmente, podia ser que fossem dispensados em sessões de Pré-Esportivo, mas posteriormente a equipe decidiu por incluí-los mesmo nestas por conta da manutenção de *segurança*. Assim, os auxiliares-guia são também encarregados da função como *seguranças*.

Gabriel. Ele lida com cavalos há mais de 21 anos; na Hípica, há mais de 4 anos. Antigamente, *usou* boi para *trabalhar*, *abrindo caminho* em plantações de soja e milho. Em sua opinião, os bois são *bravos*, mas, uma vez *amansados*, fica *fácil* de lidar com eles: “Tem uns mansinhos. É igual cavalo”. Ele também lidou com cavalos *xucros*, assim me disse a terapeuta. Para ele, este tipo de trabalho era *pesado*, enquanto este que lhe cabe na equoterapia é *parado*. Ele disse que levou um tempo para se *acostumar* com estas diferenças no ritmo de trabalho.

Certa vez, em um intervalo entre os atendimentos, perguntei a Gabriel o que ele pensava sobre a ideia de que os cavalos conseguem entender o que dizemos a eles. Ele disse achar que não, que os cavalos não entendem o que se fala a eles, mas entenderiam os *barulhos*, por exemplo, aqueles sons feitos com a boca.

Quando perguntei a Gabriel se ele tinha algum cavalo favorito, ele disse que não, e que cavalo era *tudo igual*. Depois de alguns instantes, porém, ele acrescentou: “Só o Vagalhão, né”, porque este era o cavalo *mais calmo*. Gabriel também considera os cavalos da equoterapia *bem cuidados*, pois estão constantemente sendo tratados com *remédios*, ao contrário dos que ficam *soltos por aí*, e que podem ser *picados por bichos*.

Da parte dos terapeutas, certa vez, Gabriel foi referido como *bruto e limitado*, além de não saber falar e ler *direito*. É oportuno dizer que Gabriel tinha algumas opiniões diferentes daquelas dos terapeutas, por exemplo, sobre a história da corda que apareceu na barriga de Dominó. Quando Marina me contou este episódio, ela disse que o pedaço de corda encontrado dentro da barriga do animal fora esquecido na ocasião da cirurgia de sua castração, anos atrás. No entanto, para Gabriel, que não *confiava* em veterinários, esta estória tratava-se de uma *bobagem*. Este desencontro semântico entre a terapeuta e o auxiliar-guia me trouxe algo semelhante com o que o antropólogo Guilherme Sá (2010) toma por “ser brindado com o flagrante contraste entre os dois pontos de vista” (p.187). Em seu caso em particular, Sá atenta para a desavença conceitual entre um informante fazendeiro e uma informante bióloga, quanto às chances de integração e reprodução entre o grupo dos macacos mono-carvoeiros (muriquis) e os macacos barbados nas matas de uma Reserva em Minas Gerais. Mas, se, em seu caso, é a bióloga quem toma o conhecimento do fazendeiro por “baboseira”; no caso que presenciei na Hípica, é o auxiliar-guia quem toma o conhecimento do veterinário por “bobagem”.

Outro acontecimento merece ser mencionado, porque ilustra certa competição nas regras entre terapeutas e auxiliares-guia. Uma vez, enquanto aguardávamos que a próxima praticante chegasse, a narina do cavalo Tic-Tac continha um pouco de sangue. Ao perceber isto, Gabriel pegou um tubo de pomada medicamentosa, de dentro da cesta apoiada na plataforma e aplicou na narina do cavalo, embora a terapeuta Beatriz tivesse dito para ele não fazê-lo, porque Marina notaria no dia seguinte que ele havia aplicado o medicamento no cavalo sem a sua autorização. Isto significa, então, que embora os auxiliares-guia não falassem naquelas circunstâncias, eles são pessoas ativas, que têm opinião, tomam decisões e, neste local, fazem as coisas por conta própria.

Rafael. Trabalhou por 4 anos na Hípica. Contrariamente à maior parte das opiniões a

respeito de Dominó, Rafael considerava-o o cavalo mais “fácil de lidar”; Dominó e Fantasia eram os cavalos de quem ele mais gostava. No segundo momento de minhas visitas a campo, porém, ele já não trabalhava lá. Incluo ele aqui, ainda assim, porque ele trouxe pontos de vista divergentes e que contribuíram para analisar mais detalhadamente as dinâmicas neste local.

**

Antes, porém, de avançarmos para a discussão relativa ao funcionamento das sessões e ao modo como os cavalos são nelas posicionados junto às ações dos outros membros da *equipe*, vejamos alguns dados gerais sobre o funcionamento da equoterapia, a começar pela primeira tarefa do dia, a saber, *pegar* os cavalos no pasto e *prepará-los* para as sessões, tarefas cumpridas, sobretudo, pelos auxiliares-guia.

1.4. Os preparativos para as sessões

Às 7h da manhã os cavalos eram retirados do pasto e levados para as baias no interior do galpão. Do estábulo ao pasto, o auxiliar-guia Gabriel e a terapeuta Marina caminhavam juntos para *pegar* os cavalos; noutras ocasiões, poderia ser que apenas o auxiliar-guia o fizesse. Descrevo, a seguir, uma ocasião em que também Lúcia, a terapeuta em treinamento, e eu, acompanhamos Marina e Gabriel até a *casa* dos cavalos, com a finalidade de trazer os cavalos que trabalhariam naquele dia.

O primeiro procedimento de Gabriel, Lúcia e Marina foi vestir as galochas. Depois, dentro da sala de recepção, pegaram as cordas, os cabrestos e o balde já com ração dentro. Cruzaram a rua principal, por onde, geralmente, passam carros, motos, caminhões e bicicletas (embora poucos podiam ser vistos naquele horário no início da manhã), e caminharam pelo chão de terra. Dos lados esquerdo e direito do trajeto estavam os piquetes, geralmente ocupados pelos cavalos de equitação.

A grama, pela manhã, estava úmida e alguns trechos enlameados. A terapeuta anunciou os cavalos que iriam *pegar*. Gabriel carregava o pote de ração em sua mão. Este pote, quando chacoalhado, era usado para fazer com que os cavalos, de dentro do piquete, se aproximassem à entrada, “senão eles [os cavalos] não vêm”. Conforme caminhavam, o barulho deste pote, chacoalhado, era *escutado* pelos cavalos, que, a esta altura, *já sabiam* que sua comida estava a caminho. O cabresto, pelo contrário, deveria ser escondido para trás, entre as mãos, evitando que os cavalos o *vissem*.

O pasto era todo circunscrito por um cercado de madeira e fios de cerca elétrica. Depois de caminharem cerca de 700m, chegava-se aos piquetes onde ficavam alojados os cavalos da equoterapia. Em cada divisória, ou piquete, havia um recipiente grande de concreto, que continha sal mineral (necessário aos cavalos) e um container de plástico, onde a ração era dispensada a eles. Naquele momento, os cavalos ficavam em duas áreas distintas. Fantasia e Vagalhão permaneciam juntos, e separados dos demais. Na outra área, ficavam alojados Skate, Tic-Tac, Dominó, Simba e Chocolate⁸³.

Gabriel abriu a barreira do piquete, que consistia em uma mola de metal, presa a duas extremidades da madeira. Alguns cavalos, que estavam próximos à cerca, rapidamente se aproximaram e ficaram ao redor de Gabriel e Lúcia. Gabriel deu ração na boca de cada um deles, fazendo com suas mãos o formato de concha, enquanto Marina *espantou* os cavalos que se aproximavam a menos de 1 metro de distância; ela disse a eles: “Pode ir saindo”, e gesticulou com o braço na intenção de afastá-los dali.

Enquanto o cavalo comia, Marina colocou o cabresto nele. Já com o *cabresto*, o cavalo era levado para fora do piquete e amarrado ao cercado de madeira. Skate, na mesma área, se

⁸³ Esta disposição dos cavalos segue o segundo ano de minhas idas a campo. No primeiro ano, devo lembrar, porém que Marina disse que havia uma ordem de recebimento de comida, começando sempre por Nini, depois Tic-Tac, Dominó e Chocolate. Segundo sua explicação, os cavalos revezavam os recipientes de cada um depois de certo momento, e tomavam a comida uns dos outros. Fantasia, no ano seguinte, prenhe, já estava em piquete separado com Vagalhão.

aproximou; Marina e Gabriel fizeram gestos com seu braço, afugentando-os dali. Depois de colocar o cabresto no segundo e no terceiro cavalo, eles saíram com todos eles e fecharam o local com a mola que isolava a área. Com os cavalos em mãos, puxados por uma corda, eles retornaram ao galpão. Os cavalos foram levados para dentro das baias, e aquele que participariam da próxima sessão seriam amarrados ao lado externo da baia.



Imagens 7 e 8. Nas fotos acima e abaixo, o auxiliar-guia com os cavalos Simba, à esquerda, e Tic-Tac, à direita, no caminho do pasto à hípica, e o pote de ração em mãos. Foto da autora. 2014.



Em seguida, Gabriel iniciou os procedimentos de preparação dos cavalos. Primeiro, pulverizou um *spray* por toda a extensão da pelagem do cavalo, o que facilitava sua escovação, e deixava seu pelo *brilhante*⁸⁴. Depois, tomando em sua mão uma placa de metal, retangular e pequena, Gabriel esfregou o corpo do animal, de um lado para o outro, retirando a terra do pasto acumulada em sua pele. Ergueu-se uma nuvem grande de poeira no ar. Com a base de uma vassoura convencional de cerdas de plástico, ele escovou toda a extensão do corpo do cavalo; já com uma escovinha menor, escovou também sua cabeça e crina. Por último, e desta vez com o auxílio de uma escova redonda para cabelos, ele penteou o rabo do cavalo⁸⁵.

Depois de tratar da limpeza e escovação da pelagem do cavalo, era a vez de colocar os *equipamentos* no cavalo. Gabriel colocou a *cabeçada* nele, vestindo-a por cima das orelhas. As faixas da cabeçada conectavam todos os pontos do rosto do cavalo, passando por sua testa, orelhas, boca e região posterior da cabeça. Em seguida, Gabriel posicionou a manta sobre o dorso do cavalo. Antes de amarrar os cintos, ele trouxe uma espécie de almofada de cor verde, a *barrigueira*, usada para proteger a parte inferior da barriga do animal. Eu estava próxima ao cavalo, observando estes procedimentos de perto. Então, Gabriel precaveu-me de que o cavalo iria se *mexer*, e por isso eu deveria dar alguns passos para trás. Era o momento de ajustar as fivelas, e isto *incomodava* o cavalo, como disse a terapeuta. Estas fivelas eram amarradas em três pontos do corpo do cavalo: um, abaixo do peito; outro, na barriga; e o terceiro, mais atrás, antes das pernas traseiras⁸⁶. Para finalizar, Gabriel conferiu e endireitou a altura dos estribos, que pendiam em ambos os lados do cavalo.

⁸⁴ Estes procedimentos de limpeza são também, de certo modo, exemplos dos cuidados estéticos com os cavalos, e vai ao encontro do cavalo como símbolo de nobreza, lembrando aqui que montar é também um “esporte de reis” (Cassidy, 2007).

⁸⁵ Enquanto recebia esta série de procedimentos, o cavalo permanecia imóvel. Já quando a escova passava sob sua testa, ele abria e fechava os olhos, mexia a cabeça para os lados, e Gabriel tinha de segurá-lo com sua outra mão.

⁸⁶ Ao amarrar as fivelas, o cavalo movimentava sua cabeça abruptamente, de um lado para outro, e podia ser que ele caminhasse para trás e para os lados.

Depois, ele encaixou o *bridão*⁸⁷, também chamado de *freio*, um aparato de metal que fica preso no interior da boca do cavalo, entre seus maxilares, e se conecta às rédeas. Para finalizar, com o auxílio de uma ferramenta, Gabriel *fez as unhas* do cavalo, como ele disse, para retirar a terra grudada debaixo de seu casco. Na extremidade da ferramenta havia também uma escovinha de cerdas, com a qual ele esfregou as patas, retirando o excesso de terra também desta região.



Imagens 9 e 10. Nas imagens acima, destacam-se os equipamentos amarrados aos cavalos. À esquerda, a “cabeçada” e o cabresto, cobrindo a cabeça do animal, e a corda amarrada a eles, onde o auxiliar-guia tem sua mão posicionada. Amarrada ao cabresto também estão as rédeas, a qual o praticante segura com seu braço esquerdo. Na imagem, vemos também as cintas e a barrigueira que recobrem a barriga do animal. Na foto à direita, destaca-se os equipamentos que vestem a cabeça do animal, e na qual podemos ver com mais detalhe o bridão, aparato de metal presa à boca do animal. Foto da autora. À direita, foto retirada do sítio eletrônico *Wikipédia*.

⁸⁷ O bridão, assim como as rédeas, a sela e o cabresto, além de serem equipamentos usados na equitação em geral e na equoterapia, podem ser entendidos como instrumentos que servem para atar o animal.

Esta preparação do cavalo durou cerca de quinze minutos. Depois de o cavalo ficar *pronto*, Gabriel varreu o local e jogou água no chão, com o auxílio de uma mangueira, na área onde o cavalo havia urinado. O cavalo, já *pronto*, deve permanecer amarrado à parede da baia:



Imagem 11. Na foto, o cavalo Skate, *preparado* e amarrado à grade da baia. Ao fundo, a entrada principal por onde chegam os praticantes e familiares. À esquerda, a área de recepção. Atrás do portão, temos a rua que leva ao pasto. Na imagem, podemos ver, ainda, à esquerda e atrás do animal, parte da escadinha da plataforma, na qual os praticantes sobem para de lá montar no cavalo. Foto da autora. 2013.

Além da preparação dos cavalos, praticantes e terapeutas também deveriam se aprontar para a sessão. Os terapeutas, via de regra, vestiam um chapéu ou boné para protegerem-se do sol, além de prenderem o cabelo. Depois de tomar água ou café, passavam filtro solar em seu rosto e, caso necessário, amarravam o cadarço dos tênis que calçavam, estes adequados para fazer caminhadas.

Os praticantes, de sua parte, antes que a sessão tivesse início, poderiam tomar água, café ou comer biscoitos. Terapeutas ou seus parentes os levavam para que *cumprimentassem* o cavalo que montariam, incitando-os a afagarem o cavalo com as mãos. Dependendo da ocasião e do praticante, poderiam levá-lo à sala de recepção para que escolhesse algum brinquedo ou acessório de sua preferência. Depois, deveriam vestir o capacete de segurança e, finalmente, subiam os degraus da plataforma para, em seguida, montar no cavalo, tudo isto feito com ou sem a ajuda do terapeuta e/ou de seus familiares.

Os procedimentos prévios às sessões são oportunos para elucidar o modo como as atividades diárias se estruturam na Hípica, bem como os passos necessários em cada sessão em particular. Esta rotina envolve a todos, cavalos, praticantes, terapeutas, auxiliares-guia e familiares, e dispõe cada um em lugares e funções específicas, atrelados uns aos outros, tema que nos leva ao próximo capítulo.

Iniciamos este capítulo detalhando alguns percursos metodológicos que a escrita deste texto acarretou. Na discussão sobre a metodologia, fiz alguns apontamentos concernentes aos termos e particularidades de minha inserção como pesquisadora na Hípica. Procurei demonstrar de que modo tornei analiticamente produtiva minha circulação em meio aos entrelaçamentos entre humanos e outros animais que ali tomavam parte. Além disto, foram enumeradas algumas vias analíticas importantes para a discussão sobre a relação humano-animal tal como ela se apresenta na

equoterapia, a partir de propostas como as de Eduardo Kohn (2013) e Donna Haraway (2008). Em seguida, avançamos para a ilustração do cenário de pesquisa e as apropriações do espaço, tanto externos quanto internos, feitas pela equipe da Hípica. Após isto, esboçamos o conjunto vasto e heterogêneo dos atores que importam neste trabalho e suas particularidades. Entre os praticantes, havia uma mistura de gênero e faixa etária, embora, em sua maioria, se tratassem de crianças pequenas e adolescentes (havia três mulheres adultas, e Gilberto, da terceira idade). Em que pese não ser possível afirmar haver um recorte de gênero no que concerne aos praticantes, no que se refere às terapeutas, a categoria gênero exerce algum peso, uma vez que, dos terapeutas da equipe, no ano de 2013, contava-se com três mulheres e um homem e, em 2014, havia quatro mulheres. Dos auxiliares-guia que conheci, todos (apenas dois) eram homens. E, grande parte dos demais trabalhadores da Hípica, com exceção de uma instrutora de equitação e da encarregada da limpeza do local, eram todos homens. É de se notar, ainda, que todos os sujeitos humanos que ali conheci eram, sem exceção, brancos. Cavalos, de sua parte, eram em maioria machos (exceto Fantasia e Sol).

Por fim, detalhamos as atividades iniciais do dia, tais como *pegar* os cavalos no pasto e levá-los às baias como preparação para as sessões. Uma vez familiarizados com os lugares físicos e seus atores, passemos, então, ao capítulo 2 e à imersão etnográfico-analítica que proponho, a fim de explorar as dinâmicas que estes atores, a partir daqui reunidos em torno das equipes, desenham nas sessões. Doravante, mais importante do que atentar para os lugares onde os atores podem caminhar, irei tematizar sobre o lugar corporificado e relacional que cada um destes sujeitos vem a assumir em seu desempenho articulado na equoterapia vista em ação nas equipes.

CAPÍTULO 2:

A EQUOTERAPIA DITA E VISTA

CAPÍTULO 2: A EQUOTERAPIA DITA E VISTA

Nós estamos cara-a-cara, na companhia de outros significantes, espécies companheiras umas às outras. Isto não é romântico ou idealista, mas mundano e consequencial nas pequenas coisas que fazem as vidas

— Donna Haraway, *When Species Meet*, p.93, minha tradução.

Até este momento, me ocupei de apresentar, brevemente, quem são os sujeitos envolvidos na equoterapia: tanto aqueles que oferecem o tratamento, como aqueles que o procuram. Ressaltei algumas de suas características (no caso de cavalos e praticantes) e funções (no caso de terapeutas e auxiliares-guia). Neste segundo capítulo, irei explorar o modo como as sessões terapêuticas se sucedem, em seu ciclo de trinta minutos, com início, meio e fim, delegando ações, deveres e tarefas para cada um dos envolvidos. A ênfase destas descrições está nos procedimentos pelos quais as pessoas se engajam com os cavalos ao longo da montaria. Para tal, exemplifico os respectivos exercícios e interações que as pessoas e os cavalos vêm desempenhar em cada um deles, a partir de sessões específicas. Somado a isto, situo as principais diferenças entre as sessões, de acordo com os três tipos de programas oferecidos na equoterapia, e como, em cada um deles, variam as características predicadas a cavalos e praticantes, as técnicas e, fundamentalmente, os modos de relacionamento travados entre si⁸⁸.

Antes de tudo, porém, começo este capítulo expondo o modo como a equoterapia, enquanto ciência e modalidade de conhecimento, se apresenta oficialmente, para, em seguida, discutirmos seu funcionamento e compreensão acerca da ideia de que cavalos favorecem a saúde das pessoas, e contrastá-la com a equoterapia conforme ela se exerce em ação.

⁸⁸ As narrativas etnográficas a seguir privilegiam as sessões descoladas da sequência temporal ao longo do dia, que mescla os diferentes programas.

2.1. A equoterapia na teoria

Vejam, em seguida, o modo como os terapeutas tematizam e explicam os benefícios que a equoterapia pode trazer às pessoas, seguindo suas ocorrências durante as montarias:

Durante a montaria o cérebro do praticante está em constante atividade, para que os ajustes posturais, motores, respiratórios, entre outros sejam feitos. As experiências provocadas pelos movimentos do cavalo, pelo contato com o animal, associado a uma postura nova, podem estimular a potencialidade plástica do Sistema Nervoso Central (SNC) por meio de estímulos sensitivos e motores promovendo ao praticante o mesmo mecanismo perceptivo-cognitivo-motor que a pessoa com desenvolvimento típico apresenta espontaneamente, levando a formação de padrões de movimentos novos e corretos (Barbosa, 2013, p.19, grifos meus).

Como vimos acima, a explicação da atividade corporal do praticante, ao montar o cavalo (a série de “*ajustes posturais, motores, respiratórios, entre outros*”), leva em consideração que a “*postura nova*”, em cima do cavalo, impacta em sua atividade cerebral e gera novos “padrões de movimentos”, esses tomados como os mais corretos. Esta série de movimentos e estímulos é similarmente sintetizada no quadro imagético que apresento a seguir. O entendimento do contato cavalo-praticante, nestes moldes, foi também veiculado pelos terapeutas da Hípica, em diversos momentos de minhas visitas. Por isso, considero importante nos determos nestes pontos, a fim de examinarmos como são explicadas as vantagens da equoterapia, no que se refere ao contato entre os corpos animal e humano. Antes de apresentar o quadro, porém, gostaria de fazer uma ressalva, e esclarecer que não é de minha intenção, com a análise que apresento a seguir, desqualificar o pensamento e a elaboração científica dos equoterapeutas em seu ofício. Ao contrário, considero importante nos deter sobre seus argumentos e bases conceituais, a fim de compreender o contato entre praticante e cavalo conforme ele é pensado no corpo de conhecimento e práticas da equoterapia. Uma vez dito isto, vejamos o quadro abaixo:

O TROTE QUE TRATA

O que acontece no corpo e no cérebro quando a pessoa monta

1 BALANÇO

O passo do cavalo transmite ao praticante uma série de movimentos sequenciados e simultâneos que são os mesmos que o ser humano faz quando anda

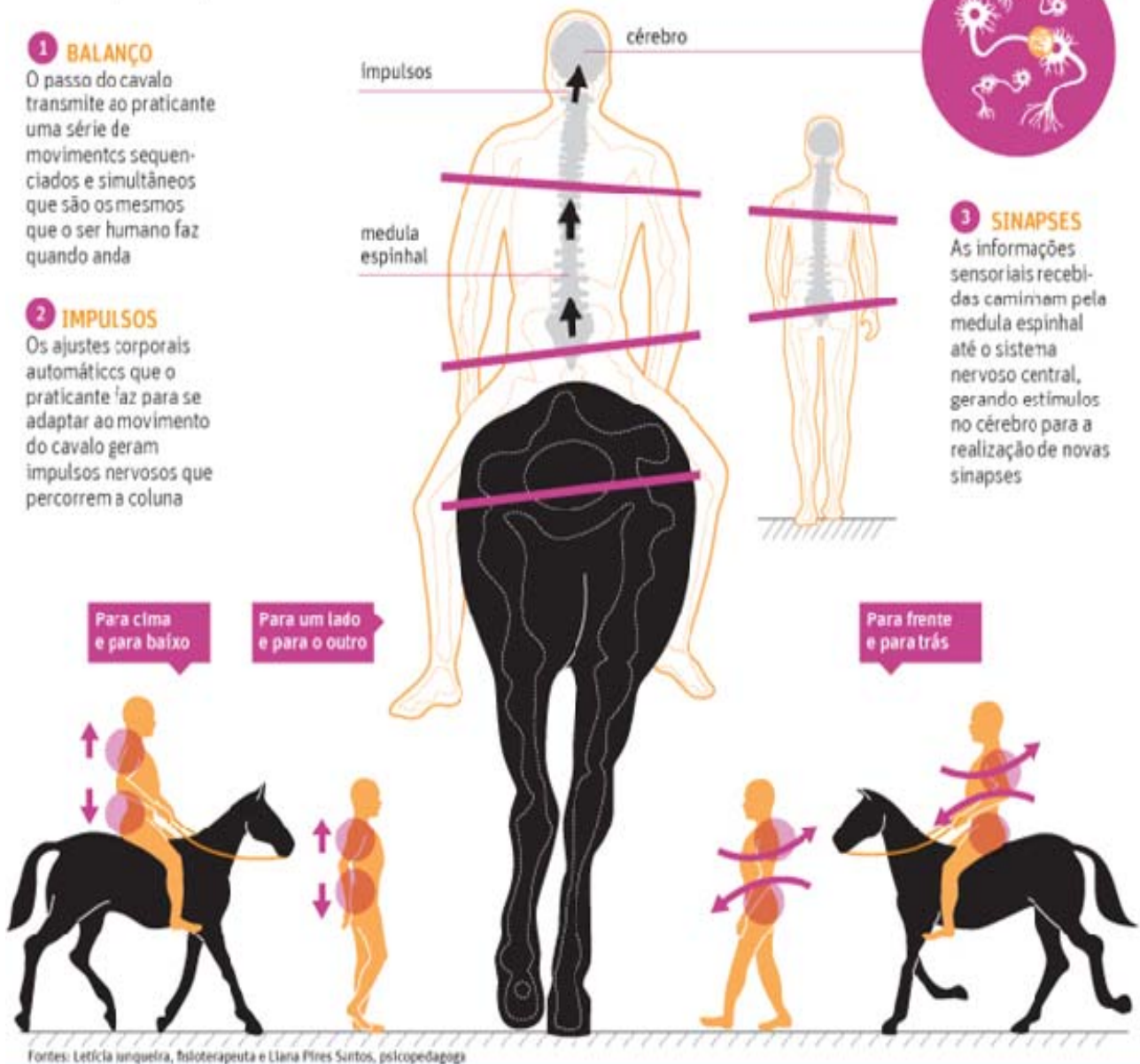
2 IMPULSOS

Os ajustes corporais automáticos que o praticante faz para se adaptar ao movimento do cavalo geram impulsos nervosos que percorrem a coluna



3 SINAPSES

As informações sensoriais recebidas caminham pela medula espinhal até o sistema nervoso central, gerando estímulos no cérebro para a realização de novas sinapses



Fontes: Letícia Ingleira, fisioterapeuta e Eliana Pires Santos, psicopedagoga

Imagem 12. Extraído de <http://terapiacomanimaisgati.blogspot.com.br/> (Acesso em Julho/2014).

Antes de mais nada, é válido notar que, na imagem acima, a ênfase do quadro nos processos que decorrem da montaria recai no corpo e no cérebro do praticante (“*O que acontece no corpo e no cérebro quando a pessoa monta*”), tomando-se o último como instância exterior ao primeiro, e dele apartada. Assim, insere-se aqui a separação moderna mente-corpo no contato com o cavalo, ainda que se aponte para a conexão entre “medula espinhal”, “impulsos” e “cérebro”, ativada ao montar o cavalo. De modo semelhante, os benefícios da montaria ficam, neste quadro, reduzidos à instância “corpo e mente”, quando, conforme veremos na discussão adiante, meus interlocutores do Centro Hípico reportam também um conjunto de mudanças positivas nos aspectos emocional e psicológico, tais como a ideia de que os praticantes adquirem um comportamento mais *calmo e centrado*.

Além disto, é importante atentarmos para o fato de que, no quadro, consta apenas uma parcela dos membros envolvidos na sessão de montaria, a saber, o cavalo e o praticante, deixando de fora a participação do terapeuta e do auxiliar-guia (os quais, contudo, têm presença chave em nossa análise posterior da equoterapia em ação). De certo modo, o apagamento de alguns membros da *equipe* dá-nos a entender que os efeitos corporais produzidos pelo cavalo no “corpo e cérebro” do praticante dependem única e exclusivamente de sua atuação. Ao contrário, conforme veremos no exame mais minucioso das sessões de montaria que apresentarei à frente, a presença do par terapeuta-auxiliar é de fundamental importância para que o par cavalo-praticante, por sua vez, se mantenha junto ao longo dos trinta minutos da sessão. Este destaque conferido ao binômio cavalo-praticante, porém, é oportuno na medida em que permite nos determos nas explicações científicas acerca dos benefícios considerados como advindos do contato direto entre cavalo e praticante.

Chama à atenção o fato de o praticante ser o corpo privilegiado para as explicações do quadro. No entanto, o praticante aparece de costas e de perfil, de ambos os lados, mas não de frente (assim como o do cavalo). De qualquer modo, ele é mostrado tanto *desmontado* quanto montado no cavalo, enquanto o cavalo, por sua vez, aparece somente sendo montado pelo praticante, e não

sozinho. Assim, a ênfase é dada na transformação produzida no praticante e à mudança da forma humana quando em cima do cavalo, em detrimento da estrutura corporal própria ao cavalo.

Além de destacar o praticante, o quadro posiciona cavalo e praticante em um chão liso e reto, por isso desconsidera-se, na exposição dos considerados benefícios da montaria a cavalo conforme se apresenta neste quadro, a importância que os terapeutas do Centro Hípico examinado creditam ao *ambiente ao ar livre* e à *natureza*, tomados como *estímulos* importantes tanto para o cavalo como para o praticante.

É de se notar também que, embora no título deste esquema gráfico, “*O trote que trata*”, faça-se referência ao trote, está em análise o movimento do cavalo conforme ele caminha *ao passo*. Ao passo, para cada um dos três tipos de movimentos ilustrados (para cima e para baixo, para um lado e para o outro, para a frente e para trás), temos a imagem tanto do praticante montado no cavalo, como do praticante desmontado dele, com os pés tocando o chão. Um importante argumento encontrado aqui (e que devo destacar pois é recorrente em meu campo e nas publicações científicas da área) trata do conceito de “deambulação” da marcha do cavalo, que significa que o cavalo tem um jeito de caminhar que se assemelha ao caminhar humano, conforme aparece no quadro: “*O passo do cavalo transmite ao praticante uma série de movimentos sequenciados e simultâneos, que são os mesmos que o ser humano faz quando anda*”. Diante desta passagem, inferimos que entre cavalo (animal) e humano há uma espécie de igualdade, equivalência ou continuidade. Em seguida, veremos de que modo os benefícios decorrentes do funcionamento biomecânico do passo do cavalo são reportados pelos interlocutores, mas também o extrapolam, ao creditar ao cavalo também a transmissão de uma *energia, força, potência, velocidade e confiança* aos praticantes.

Note-se, ainda, que o uso das cores (no caso do praticante, representado pela cor branca e/ou laranja, e o cavalo, pela cor preta) procura distinguir os dois corpos sobrepostos, seu respectivo contorno, e as diferenças nas linhas e geometrias de cada um. Na figura principal, ao centro, além

do contorno corporal, temos, em pontilhado, o traço que demarca o esqueleto de ambos, cavalo e praticante.

Passemos agora ao exame das setas vetoriais. Na imagem à esquerda da figura principal, tanto no praticante montado quanto desmontado, as setas apontam para sentidos contrários, para cima e para baixo. Além disto, as setas se relacionam a dois pontos de concentração do deslocamento, os círculos sobrepostos ao corpo humano, um deles sendo o ponto tronco-glúteos-pelve, e o outro, o ponto ombros-pescoço. Já na imagem ao lado direito da figura principal, as setas atravessam o plano horizontal, até mesmo oblíquo, do corpo humano, mantendo-se os mesmos dois pontos circulares demarcados na figura à esquerda, porém agora invertendo o eixo de atuação. Uma delas aponta para o movimento no plano frontal do corpo humano, enquanto a outra para o plano posterior. Apesar de as setas indicarem o deslocamento tanto nas direções do eixo vertical como horizontal, a ênfase, na figura central, é dada somente ao plano vertical como indicativo da transmissão dos movimentos do cavalo ao praticante, sendo a base da coluna o ponto de origem da transmissão da conexão, onde se sinaliza a propagação inicial do movimento de um corpo (do animal) ao outro (do humano), que percorre a coluna vertebral até que chegue ao cérebro do praticante.

Do corpo humano, estão em questão o “balanço”, os “impulsos” e as “sinapses” que tomam parte no praticante quando montado no cavalo, com destaque dado às últimas, conforme aparece uma ilustração em separado, demonstrando as conexões sinápticas dos neurônios. A base da coluna vertebral, onde tem início o contato, é o local onde se recebe as informações sensoriais decorrentes do passo do cavalo; destaca-se, também, a extensão da coluna, onde os “movimentos sequenciados e simultâneos”, já na forma de impulsos nervosos, são transmitidos; e, por fim, temos o cérebro, o ponto mais elevado de seu corpo, como o lugar onde se recebem as informações sensoriais que caminharam pela coluna, e onde serão produzidos novos estímulos e sinapses nervosas. O

praticante, então, se “ajusta” e se “adapta” ao cavalo (como na frase exposta no quadro, “*Os ajustes corporais automáticos que o praticante faz para se adaptar ao cavalo*”).

É oportuno mencionar que, na equivalência ou semelhança entre a marcha do cavalo e a marcha humana (“*O passo do cavalo transmite ao praticante uma série de movimentos sequenciados e simultâneos, que são os mesmos que o ser humano faz quando anda*”), esteja em jogo talvez algum tipo de “imaginação simpática” e, se é este o caso, estamos então aptos a imaginar “*nosso jeito naquele jeito de se mover*” (Coetzee, 2001, p.51, tradução minha). A similaridade ou igualdade na forma de caminhar de humanos e cavalos, aproximando-os pela sua constituição corporal e pela natureza do deslocamento de seu corpo no chão, também remete à uma associação do tipo icônica, quando as diferenças passam despercebidas e se estabelece uma continuidade entre coisas distintas (Kohn, 2013). Apesar das diferenças na aparência e constituição física de cavalo e pessoas, como na geometria corporal, no número de pernas, no tamanho e peso consideravelmente diferentes, seu jeito de caminhar é similar. Se atentar para a diferença, num sentido semiótico, aponta para a separação e a objetificação e não dá a dimensão da experiência partilhada, aqui a similitude entre a marcha do cavalo e a humana traz ambos os aspectos, tanto a aproximação na partilha de um traço em comum, quanto à objetificação, na medida em que as pessoas ali “montam nos cavalos” e, nesta medida, o tomam como um objeto.

No caso da imagem central, com o praticante e o cavalo enquadrados de costas, o desenho não faz notar que se trata, um deles, de um animal bípede, e o outro, de um quadrúpede. Se compararmos a imagem do humano, sozinho, visto de costas, na parte de cima do quadro, com a imagem central, notamos que, no primeiro caso, seu corpo é separado em três partes, enquanto no segundo caso ele está dividido em quatro partes. O que leva a pensar que o cavalo, ao ser montado, é como se adicionasse uma quarta parte ao corpo do praticante, embora esta parte adicionada englobe tanto o humano como o equino. Sugere-se, com esta adição, o mito do centauro (figura que

reúne a perna e tronco do cavalo, mas a cabeça e pescoço do ser humano), quando o humano e o equino fundem-se a ponto de seus corpos não mais se diferenciarem (ainda que a distinção das cores mantenha a separação de seus corpos). O praticante, ao ter sua forma alterada estando em cima do cavalo, seu modo de se locomover é também alterado. É como se o praticante se tornasse um quadrúpede: seu contato com o solo vem a ser suplantado pelas patas do cavalo ao chão, na medida em que suas pernas não mais tocam o chão e, portanto, ocorre um acréscimo vertical em relação ao solo⁸⁹.

Por outro lado, vale mencionar uma pesquisa que compara a locomoção bípede humana com a de alguns animais que, ocasionalmente, podem usar a locomoção bípede. Neste estudo, argumenta-se que animais como pássaros, macacos (ocasionalmente), diversos lagartos e baratas podem correr na forma bípede; cangurus, certos roedores e muitos pássaros são aptos a pular bipedalmente, além dos roedores gerbos (*jerboas*) e corvos que podem se valer da marcha saltante (“*skipping gait*”) (Alexander, 2004, p.321), mas, assim concluiu o autor, nenhum animal bípede se locomove de modo parecido ao humano, conforme ele aponta a seguir:

The general conclusion is that no animal walks or runs as we do. We keep the trunk erect; in walking, our knees are almost straight at mid-stance; the forces our feet exert on the ground are very markedly two-peaked when we walk fast; and in walking and usually in running we strike the ground initially with the heel alone. No animal walks or runs like that” (Alexander, 2004, p.329).

Para os equoterapeutas, porém, os cavalos, animais quadrúpedes, podem fazê-lo, como acabamos de discutir acima; e é justamente porque o fazem que, assim se concebe, são capazes de trazer benefícios aos praticantes.

⁸⁹ Retomarei a imagem do centauro futuramente no texto.

A fim de desdobrarmos ainda mais a linha técnica de argumentos oferecidos pelos terapeutas, segue abaixo a cópia, na íntegra, de um artigo digital sobre os benefícios da equoterapia, publicado por uma das terapeutas do Centro Hípico (Hammoud, 2012). Grande parte dos tópicos discutidos neste artigo, recorrentes durante as conversas em campo, caracterizam bem as expressões nativas no que se refere ao funcionamento da equoterapia, e por isso serão retomados ao longo do texto. Vejamos, então, de que modo o contato com o cavalo é entendido como capaz de favorecer a pessoa montada, de acordo com as explicações da área da saúde (os grifos são de minha autoria):

*A primeira manifestação que acontece em uma pessoa montada a cavalo é o ajuste tônico, que é um ajuste no comportamento muscular do cavaleiro [^{*90}], a fim de responder aos desequilíbrios provocados pela movimentação do cavalo. A andadura ao passo do animal gera um movimento tridimensional: para frente e para trás, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, além de uma rotação de 8 graus para um lado e para o outro. Toda essa movimentação é transmitida à pessoa montada no dorso do animal. Em 30 minutos de trabalho o cavaleiro executa cerca de 20.000 ajustes tônicos, que são, na verdade, contrações musculares. A esse grande número de ajustes tônicos somam-se as informações exteroceptivas, que são aquelas provenientes dos nossos sentidos, principalmente tato, olfato, visão e audição. Elas se dão graças ao contato dos glúteos e faces internas das coxas com o animal, das mãos em contato com as rédeas e com o pêlo; os sons vêm das batidas dos cascos do cavalo, da voz do terapeuta, do vento passando pelas folhas das árvores; sente-se o cheiro característico do cavalo e do ambiente, que pode ser um picadeiro fechado ou um bosque; a visão do praticante é bastante diferente daquela de um pedestre ou da sua própria, quando está no chão. Seu olhar vai mais longe, ele literalmente olha por cima e, sobretudo, ele domina o cavalo. Esse último fato é bastante importante para o aspecto psicossocial do nosso paciente/cavaleiro: ele tem outra visão de mundo. Sente-se maior, não precisa olhar para cima quando quer ver o rosto de alguém e percebe que é capaz de comandar ou participar do comando de um animal grande, forte e imponente como o cavalo. O contato com o animal traz, então, um impacto muito positivo sobre a auto-estima, autoconfiança e autonomia do praticante de Equoterapia. Muitos praticantes vão à Equoterapia para aprender a segurar a própria cabeça, pois não têm o controle neuro-motor necessário para isso. Muitos estão aprendendo ou re-aprendendo a andar, ou aprendendo a manter seu corpo em uma postura correta. Mas esse tratamento não traz apenas benefícios físicos. O cavalo e todo o cenário hípico que envolve a Equoterapia são instrumentos valiosos para os processos de aprendizado. Praticantes com deficiências mentais, déficits cognitivos, distúrbios de aprendizagem, distúrbios comportamentais e sociais, transtornos invasivos, como o autismo, são amplamente beneficiados pela equoterapia. O sentimento de empatia e afetividade que inevitavelmente acaba sendo despertado pelo praticante em relação ao cavalo, aliado ao fato de se praticar*

⁹⁰ Note-se, no texto, o uso do termo “cavaleiro” ao invés de “praticante”.

uma atividade física/esportiva, lúdica e divertida ao ar livre e em contato com a natureza, despertam um sentimento extremamente poderoso: o prazer. O prazer provoca mudanças biológicas e favorece o armazenamento de quaisquer informações, pois elas estão sendo adquiridas em momentos extremamente agradáveis. Isso nos impulsiona a tentar repetir, sempre que possível, estas boas sensações carregadas de novas informações, e o produto final de tudo isso é o aprendizado. A Equoterapia, graças à gentileza incondicional desse animal incrível que é o cavalo, é uma excelente oportunidade para a realização de atividades e jogos com objetivos pedagógicos, os quais trabalham as habilidades cognitivas que estão na base da aprendizagem, tais como atenção, memória, percepção, raciocínio, linguagem, inteligência emocional, noção temporal e noção espacial nos aspectos do esquema corporal e dominância lateral. O programa pré-esportivo da Equoterapia dá oportunidade a pessoas com diversos tipos de deficiências a se tornarem para-atletas. Há praticantes com paralisia cerebral, síndrome de Down, mielo-meningocele que são capazes de trotar, saltar e fazer vários exercícios de hipismo de forma totalmente independente. Eles aprendem que são plenamente capazes de dominar um animal imponente como o cavalo e de estabelecer com ele um vínculo afetivo e social. Totalmente capazes de se inserir na sociedade e participar de atividades como todas as pessoas e com todas as pessoas. A Equoterapia não é apenas um momento para se trabalhar o equilíbrio, a força muscular, o raciocínio... É também uma forma de convivência, de socialização e de inclusão.

Vamos, então, nos deter sobre alguns dos pontos levantados neste artigo, para verificar mais a fundo o modo como o praticante é concebido na equoterapia e um pouco para além dela. Ao encontrarmos a descrição do que se sucede com a pessoa montada no cavalo, e as respostas de seu corpo ao corpo do cavalo, importa, deste artigo, observar o praticante em termos do que se considera ser ele capaz de fazer, o funcionamento de seu corpo, e como isto tudo é “balançado” ao montar no cavalo (este, deslocando-se *ao passo*).

É nesta medida que o texto em questão apresenta tópicos de significativo valor para o conteúdo desta dissertação. São eles:

- 1) O QUE É A EQUOTERAPIA;
- 2) A QUEM A EQUOTERAPIA SE DESTINA, E QUE TIPO DE HUMANO É ESTE;
- 3) AS MANIFESTAÇÕES NO PRATICANTE, DERIVADAS DO CONTATO COM O CAVALO;
- 4) O QUE O CAVALO OFERECE AO PRATICANTE NESTE CONTATO;
- 5) O PAPEL QUE O CAVALO MANIFESTA NESTES ACONTECIMENTOS.

Atendo-nos ao tópico 1, “O QUE É A EQUOTERAPIA”, temos ressaltados os aspectos corporais físicos (equilíbrio, muscular), cognitivos (raciocínio) e sociais (convivência, socialização e inclusão) em que a equoterapia interfere, conforme a passagem que aparece ao final do texto, com a seguinte definição: *“A Equoterapia não é apenas um momento para se trabalhar o equilíbrio, a força muscular, o raciocínio...É também uma forma de convivência, de socialização e de inclusão”*. Ao longo do texto, podemos reunir as diversas instâncias que estão implicadas na equoterapia e que a define. Assim, a equoterapia é: a movimentação *“transmitida à pessoa montada no dorso do animal”*, o *“contato dos glúteos e faces internas das coxas com o animal”*, o contato com o ambiente *“que pode ser um picadeiro fechado ou um bosque”* e com a natureza *“praticar um atividade física/esportiva, lúdica e divertida ao ar livre e em contato com a natureza”*; ela é um aprendizado *“O cavalo e todo o cenário hípico que envolve a Equoterapia são instrumentos valiosos para os processos de aprendizado”*; o recebimento e armazenamento de novas informações *“Isto nos impulsiona a tentar repetir, sempre que possível, estas boas sensações carregadas de novas informações”*; uma oportunidade pedagógica *“é uma excelente oportunidade para a realização de atividades e jogos com objetivos pedagógicos”*, e esportiva *“(…) dá oportunidade a pessoas com diversos tipos de deficiências a se tornarem para-atletas”*, além de ser um modo de estabelecer com o cavalo um *“vínculo afetivo e social”*. E isto porque a equoterapia é, sobretudo, uma forma de dominar o cavalo *“Eles aprendem que são plenamente capazes de dominar um animal imponente como o cavalo e de estabelecer com ele um vínculo afetivo e social”*.

Por sua vez, sobre o tópico 2, “A QUEM A EQUOTERAPIA SE DESTINA, E QUE TIPO DE HUMANO É ESTE”, temos os seguintes elementos: *“Pessoas com diversos tipos de deficiências”*, *“Praticantes com deficiências mentais, déficits cognitivos, distúrbios de aprendizagem, distúrbios comportamentais e sociais, transtornos invasivos, como o autismo”* e *“Há praticantes com paralisia cerebral, síndrome de Down, mielo-meningocele”*. Os praticantes são também tomados

como pessoas que requerem maior atenção às suas “habilidades cognitivas”, como “atenção, memória, percepção, raciocínio, linguagem, inteligência emocional, noção temporal e noção espacial”. Eles têm o campo de visão reduzido e uma experiência visual de limitada (“não precisa olhar para cima quando quer ver o rosto de alguém”), são desprovidos de “controle neuro-motor” e movimentos básicos do corpo, como “segurar a própria cabeça”, andar e se manter na postura correta (“estão aprendendo ou reaprendendo a andar, ou aprendendo a manter seu corpo em uma postura correta”). Temos em jogo, além disto, a “capacidade” e a “autonomia” destas pessoas, quando se afirma que, a partir do contato com o cavalo, os praticantes tornam-se “capazes de trotar, saltar e fazer vários exercícios de hipismo de forma totalmente independente”, “aprendem que são plenamente capazes”, “totalmente capazes” e pessoas que têm dificuldade em estabelecer vínculos ao “se inserir na sociedade e participar de atividades” e, por fim, equipara a sua condição de pessoa à de “todas as pessoas” (“Totalmente capazes de se inserir na sociedade e participar de atividades como todas as pessoas e com todas as pessoas”).

No tópico 3, sobre “AS MANIFESTAÇÕES NO PRATICANTE, DERIVADAS DO CONTATO COM O CAVALO”, as vantagens da equoterapia são descritas como um aprendizado para o praticante, tal como em “aprender a segurar a própria cabeça”, “aprender ou reaprender a andar”, “aprender a manter o corpo em uma postura correta”. Estas explicações são, em sua maioria, técnicas; fala-se em “ajuste tônico”, “contrações musculares”, e “informações exteroceptivas”. Mas também há outras manifestações neste contato, como a noção de que ele impacta na “autoestima, autoconfiança e autonomia”, além de *despertar o prazer* do praticante.

No que se refere ao tópico 4, “O QUE O CAVALO OFERECE AO PRATICANTE NESTE CONTATO”, destaca-se o *desequilíbrio* provocado em seu “comportamento muscular” (desequilíbrio que equilibra), a movimentação tridimensional que gera os ajustes tônicos ou contrações musculares, e as “informações exteroceptivas”. É notável, ainda, a alusão ao cavalo como símbolo de altura (o

olhar do praticante, montado no cavalo, “vai mais longe”, ele “olha por cima” e “sente-se maior”), porte (o cavalo é retratado como um “animal grande, forte e imponente”), sensações (os sons dos cascos, “o cheiro característico”, o prazer), além de fazer a mediação com a natureza. Sobretudo, exalta-se o cavalo como um “animal incrível” e de “gentileza incondicional” do cavalo.

Finalmente, com relação ao tópico 5, “O PAPEL QUE O CAVALO MANIFESTA NESTES ACONTECIMENTOS”, esboçam-se suas posições de agente na promoção de manifestações e ajustes no corpo do praticante, além de transmissor de movimentação, informações, sensações e sentimentos, autocontrole e aprendizado. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, o cavalo ocupa o papel de “instrumento” (ainda que “valioso”), como vemos neste trecho: “*O cavalo e todo o cenário hípico que envolve a Equoterapia são instrumentos valiosos para os processos de aprendizado*”.

Além disto, ressaltamos aqui, entende-se que, “inevitavelmente”, no contato do praticante com o cavalo, o primeiro sente *empatia* e *afetividade* pelo último, ao mesmo tempo em que se propõe a ele que estabeleça uma relação de dominação e comando sobre o animal, ligação paradoxal que discutiremos ao longo do texto.

Em campo, estas e outras vantagens apareceram, quando os terapeutas me explicaram, durante as sessões ou fora delas, os benefícios da equoterapia. Por exemplo, quando Marina explicou o benefício motor e neurológico que a marcha do cavalo traz ao praticante, “despertando vinte mil contrações musculares” e “estimulando o sistema nervoso central”, ela ponderou que *não havia segredo* e que o que acontecia era *simples*. Numa lógica de ação e reação, causa e efeito, a marcha do cavalo leva ao *ajuste tônico* do praticante. E não era preciso fazer nenhum *esforço*⁹¹ para isto acontecer, porque esta transmissão de estímulos e contrações ocorria *involuntariamente*. Este seria o argumento mais claramente técnico, que toma a transmissão do contato praticante-cavalo como inevitável. Por outro lado, quando terapeutas mencionaram que o cavalo muda a visão de

⁹¹ No entanto, a montaria a cavalo foi também apontada como bastante cansativa para alguns praticantes, porque mexia em seu corpo todo, sendo esta uma das razões pela qual a duração da sessão não ultrapassava trinta minutos.

mundo do praticante, e dá a ele uma nova perspectiva, a explicação é que, olhando de cima para baixo, a visão do praticante se amplia.

Associado à ideia de que o cavalo modifica a visão de mundo e a perspectiva do praticante, valoriza-se a maior altura do praticante em relação ao chão (há um acréscimo no plano vertical). Conforme os terapeutas apreendem esta mudança na altura, ela permite ao praticante adentrar um nível superior aos demais, e deslocar seu ponto de referência habitual. Entende-se que, ao montar, o praticante não tem de caminhar e fazer esforço algum ao se deslocar e movimentar. Aqui, portanto, ao mesmo tempo em que as explicações se pretendem anatômica ou fisiologicamente lógicas, elas são também bastante obscuras, mesclando uma explicação “mecânica” da marcha do cavalo ao cavalo como um signo de altura e mudança. Ademais, supõe-se que todos os praticantes encontram-se na mesma condição, a de estar sempre por baixo e olhar a partir de baixo; portanto, os praticantes também assumem um símbolo, este sendo o de uma altura baixa e de possuírem uma visão, de certo modo, minorizada.

Além destes, outros benefícios terapêuticos foram descritos da seguinte forma pelos terapeutas da Hípica: a equoterapia *trabalha e integra* todos os sentidos: visão, audição, tato e a propriocepção⁹²; *hiperestimula* o sistema vestibular (que cuida do labirinto e, portanto, do equilíbrio), *estimula* o sistema nervoso e motor; faz *vibrar* e traz várias sensações para aquele que está montado, *corrige* a postura corporal; *favorece* o *autocontrole*; *melhora* as funções cardíaca e intestinal e *ajuda* a promover a circulação de ar nos pulmões do praticante. E outras vantagens mencionadas tornam a natureza dos benefícios mais difusa, como a afirmação de que o cavalo

⁹² A propriocepção faz parte das atividades posturais reflexas e está relacionada à execução de movimentos pelo corpo, bem como à “sensação do movimento” (Severo, 2010, p.66). Por exemplo, a postura corporal, feita com os olhos fechados, estimula o sistema vestibular e a propriocepção. Segue-se uma explicação mais detalhada do assunto: “A propriocepção, ou sensibilidade profunda, consiste num sistema sensitivo que informa sobre as partes do sistema locomotor, como músculos e tendões. A propriocepção inconsciente transita por vias espinocerebelares. As vias proprioceptivas se originam em inúmeros receptores localizados no sistema locomotor e integram o senso de cinesia (movimento). Algumas dessas vias são responsáveis pelos sistemas de movimento e do tônus muscular” (Severo, 2010, p.41).

“concede potência, velocidade e força ao praticante”, e que ele “investe em sua autoestima”. Também foi repetida a ideia de que a equoterapia traz às pessoas a um comportamento mais *calmo* e induz à *concentração* e ao *centramento*, tornando-as mais *estáveis* e *equilibradas*. Ainda, o *contexto* foi outro aspecto salientado como benéfico para os praticantes. Uma das terapeutas, que também fazia atendimentos de Terapia Ocupacional na Universidade Saúde Escola (USE), disse-me que muitas dos praticantes frequentavam ambos os locais, a USE e a Hípica. Ela disse, “as crianças ficam mais felizes. Aqui [na Hípica] os praticantes têm mais diversão com o cavalo”⁹³.

Estas ideias serão discutidas a luz de outros argumentos que serão trazidos no desenrolar do texto. Passemos, em seguida, à exposição geral a respeito de como um “cliente” se torna um “praticante”, acompanhado por seus familiares, bem como os procedimentos tomados na ocasião de suas primeiras sessões na equoterapia.

2.2. A entrada dos praticantes na equoterapia

“Eu gostaria que mais crianças pudessem montar os cavalos hoje em dia. Pessoas e animais deveriam estar juntos. Nós passamos um tempo consideravelmente longo evoluindo juntos, e nós costumávamos ser parceiros. Agora as pessoas estão separadas dos animais, ao menos que elas tenham um cachorro ou gato”

– Temple Grandin, *Animals in Translation*, p.5.

Os parentes dos praticantes chegavam à equoterapia, na maior parte das vezes, por sugestão e encaminhamento de médicos (em muitos casos, eram pediatras e ortopedistas) ou fisioterapeutas.

⁹³ Na afirmação da terapeuta, o *contexto* da equoterapia e os elementos do ambiente (como árvores, lugar aberto, dentre outros) foram assinalados como elementos significativos no tratamento. Assim, de modo contrário ao que Bachi afirma (2012), além da importância indiscutível que os cavalos desempenham nesta terapêutica, meus interlocutores reconhecem também a importância de outros fatores, como o cenário do estábulo ou das pistas abertas.

Os objetivos, conforme me disseram as mães, os pais, as tias, a avó e o esposo de praticantes, eram os seguintes: tratar de sua *saúde*; aprender a *andar* e a conseguir *ficar de pé*; trabalhar a *atenção*, *concentração* e *agitação*; colocá-los numa atividade física; procurar por uma atividade ao *ar livre* e *fora de casa*, dentre outras. Os familiares, então, agendavam uma visita ao Centro Hípico, mesma ocasião em que seriam entrevistados pelos terapeutas. Nesta entrevista, uma *anamnese*, o diagnóstico e a condição de saúde de seus filhos ou parentes eram avaliados, além de se verificar o relato do médico que os encaminhou à equoterapia e eventuais exames anteriores.

Como contraindicação, aponta-se a “*incapacidade de o praticante montar de forma agradável*” (Severo, 2010, p.131). Na prescrição da equoterapia às pessoas, os terapeutas devem levar em consideração o seguinte:

As precauções e contraindicações são pertinentes à capacidade funcional e presença ou ausência de um diagnóstico, doença ou sinais/sintomas específicos colhidos na história clínica: diversas enfermidades podem ser crônicas ou apresentar períodos de sintomas ativos, assim como podem ser compensatórias, representar adaptações e apresentar períodos de melhoras (North American Riding for the Handicapped Association, Narha, *apud* Severo, 2010, p.129).

Severo (2010) aponta algumas precauções que devem ser tomadas, e contraindicações no que concerne às enfermidades: genéticas, como a instabilidade atlantoaxial, que acomete entre 10 e 20% das pessoas com síndrome de Down (p.131); cardiovasculares, como a hipertensão arterial; traumáticas e ortopédicas, quando a equoterapia não é indicada se “*provocar dor, não houver mobilidade alguma da coluna vertebral ou se piorar a lesão (na escoliose, por exemplo, se a medida da curvatura for maior do que 30 graus)*” (p.132); no sistema nervoso, como a esclerose múltipla ou as alterações do comportamento, quando se prescreve que:

Os comportamentos que envolvem dificuldades de adaptação são sempre passíveis de contraindicação para a equoterapia: agitação, agressividade excessiva contra pessoas ou contra o cavalo, autoagressões ou qualquer outra condição que expõe o paciente a perigo ou sob estados mentais adversos para a terapia (p.134).

Finalmente, os praticantes com “enfermidades respiratórias”, como asma e rinite alérgica

também merecem cuidado especial. Se, diante destes cuidados, os candidatos à equoterapia estivessem *aptos*, as crianças ou os adultos passariam a ser, então, praticantes.

No Centro Hípico onde pesquisei, a maioria dos atendimentos eram serviços particulares pagos, mas havia disponibilidade também para o trabalho social, como faziam, por exemplo, com alunos da APAE de São Carlos (este era parte de um projeto estabelecido com a Prefeitura da cidade). Os atendimentos consistiam na realização de sessões individuais, com duração de trinta minutos (exceto para os atendimentos da APAE, que tinham duração de vinte minutos apenas), e se sucediam cronologicamente, situando-se em meio a uma série temporal que estruturava as atividades diárias. As seis primeiras montarias (em média) aconteciam depois que *pegavam* os cavalos no pasto, por volta das 7h. Outras seis sessões eram realizadas no período da tarde, às 14h, após o intervalo de horário de almoço. Depois da última montaria, os cavalos eram levados de volta ao pasto, e lá eram alimentados.

Os exercícios enfatizados nas sessões terapêuticas eram planejados individualmente, para cada praticante. Na ocasião da primeira sessão de um praticante recém-chegado, terapeutas procuram interferir pouco, de modo a deixar o praticante sentir-se à vontade, para que assim pudessem enxergar os principais pontos a serem trabalhados: seus interesses, preferências e necessidades. Se o praticante apresentasse *problemas* motores, tal como andar com dificuldade, as sessões enfatizariam exercícios de alongamento, de modo a estimular seus aspectos mais *comprometidos*, neste caso, físicos. Se, ao contrário, o praticante tivesse certo grau de autismo, as sessões seriam elaboradas de modo a incidir em seus aspectos cognitivos, além de *estimular* sua atenção e capacidade de concentração. Ou, ainda, poderia ser que o praticante demonstrasse *interesse tátil*, por exemplo, pegando no rabo do cavalo repetidas vezes; então seria este um dos pontos para os terapeutas trabalharem. Desta forma, o diagnóstico do praticante, além de examinado na ocasião de seu ingresso na equoterapia, era também atualizado em sua interação com o cavalo,

quando demonstrava suas principais *demandas*; a partir deste momento, então, planejavam-se os exercícios.

A sessão de montaria consistia em uma sequência de ações orientadas pelos terapeutas. O esquema básico de exercícios se alinhava ao *programa* em que o praticante se enquadrava. Praticantes poderiam seguir as instruções verbais dos terapeutas e executar estes movimentos *sozinhos*, de cima do cavalo. Noutros casos, quando o praticante não *conseguia* fazer *sozinho*, ele era induzido pelos movimentos dos próprios terapeutas. Enquanto o cavalo caminhava, praticantes faziam uma série de movimentos corporais (como alongamentos, flexões e extensões, além de fazer as posturas de costas, de lado, deitado, entre outras).

A montaria pode se valer das seguintes atividades e usos: de brinquedos, como argolas, bolas e livros (colocar fivelas de plástico coloridas na pelagem do cavalo, jogar bola e argolas com terapeutas, e assim por diante); de equipamentos como as rédeas, embocaduras, chicote, assento e manta; de gestualidades e toques, como os *tapinhas* com as mãos nas ancas do cavalo, os calcanhares na barriga do cavalo, a pressão dos joelhos contra o corpo do cavalo, a impulsão do quadril para frente, além de comandos de voz e emissão de sons, como o *beijinhos*.

As *posturas* são as seguintes: montaria, decúbito ventral, decúbito dorsal, montaria lateral, Índio morto, montaria invertida, decúbito ventral invertido, em pé sobre os estribos, quatro apoios, quatro apoios invertido, ajoelhado e ajoelhado invertido. E há também as *passagens posturais*; são elas: deitar e levantar, deitar e levantar invertido, rotação para índio, de montaria para lateral, de lateral para invertida, de invertida para lateral, de lateral para montaria, de montaria para quatro apoios, de quatro apoios para montaria, de montaria invertida para quatro apoios invertido, de quatro apoios invertido para montaria invertida, de quatro apoios para ajoelhado, de ajoelhado para quatro apoios, de quatro apoios invertido para ajoelhado invertido, de ajoelhado invertido para quatro apoios invertido, e moinho (Barbosa, 2013, p.42).

Mas as sessões terapêuticas podem dispensar a montaria ou então mesclar a elas outras atividades, tais como caminhar ao redor das pistas, a pé, e levar o cavalo de volta ao pasto no fim da sessão e, ainda, podem envolver práticas de cuidado com os animais, como, por exemplo, dar banho ou aplicar medicamentos neles.

Feita esta apresentação breve e genérica a respeito da chegada dos praticantes no Centro Hípico, e como os terapeutas planejam previamente as sessões, em consideração às *demandas* dos praticantes, passemos agora para algumas narrativas sobre as dinâmicas que tomam parte no local, as quais congregam pessoas e cavalos de múltiplas formas.



Imagem 13. Na imagem, uma sessão de atendimento, com auxiliar-guia, terapeuta, cavalo e praticante caminhando ao redor da pista de grama. Foto da autora, 2013.

2.3. “Seu corpo todo está mexendo”. Exemplos de montarias

“Eu penso é assim, na paridade. (...) Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor”.

– Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p.328

Após esta breve descrição sobre o planejamento das sessões em termos da avaliação e do “encaixe” formado entre praticante e cavalo, associados segundo certas características corporais de ambos (das quais tratamos ligeiramente antes, na seção “1.3. Os personagens e suas breves biografias”): do cavalo, seu porte físico e o ritmo de seu passo; do praticante, suas condições de maior ou menor *autonomia* ao montar o cavalo, vejamos como este encontro pode se suceder em cada um dos três programas.

A próxima sessão a ser recontada é a da praticante Laura com o cavalo Simba, de Pré-Equitação.

Conforme mencionamos na biografia sucinta dos praticantes, Laura tem 12 anos de idade, usa órtese em ambas as pernas, e faz aplicação de botox. Ela é considerada pela terapeuta Marina uma praticante com mais *autonomia* para *montar, conduzir e controlar* o cavalo; Simba, de sua parte, é tido como um dos cavalos mais *adequados* a ser montado por ela, por ser de maior porte e passo mais rápido.

O pai de Laura parou o carro em frente à entrada do *barracão*. Laura desceu, sozinha, do veículo, e logo adentrou o corredor entre as baias, indo *cumprimentar* Simba, e afagou o animal com suas mãos. Seu pai voltou ao galpão, depois de estacionar o veículo. A terapeuta os recebeu, e pediu à Laura para que montasse em Simba, que já estava *selado*, e parado entre a plataforma e o paraflanco. Depois de subir no cavalo, a terapeuta e a praticante verificaram se o assento e a altura

dos estribos estavam ajustados corretamente, e se assim estava *confortável* para a praticante. Terapeuta, cavalo, praticante, e auxiliar-guia dirigiram-se, então, para a saída oposta do galpão, e caminharam em direção à pista de areia. Nesta sessão, o auxiliar-guia não participou puxando o cavalo, como de costume, mas ficou dentro da pista, porém bem afastado do grupo. Marina entregou à Laura o *chicotinho* (também chamado de “varinha” pelos terapeutas), para que ela usasse caso *precisasse*.

Contornando a pista pelas extremidades, Laura conduziu o cavalo a passo, segurando a rédea, e mandou *beijinho* para *animá-lo*. As *andaduras* do cavalo, na equoterapia, podem ser: o “ao passo” (quando o cavalo caminha a passos lentos), o trote (nível intermediário de velocidade) e o galope (quando o cavalo desempenha a maior velocidade permitida pelos terapeutas). Mescladas a estas, os cavalos podem caminhar em linhas retas, semicírculos, ziguezagues⁹⁴, subir ou descer a ladeira, dentre outros.

Laura se levantou do assento, ficou de pé por alguns instantes, e depois se sentou, a pedido da terapeuta. Ela repetiu esta sequência por alguns instantes. Afastada, no centro da pista, Marina, em voz alta, falava com as mãos ao redor da boca, de modo que sua voz fosse audível à praticante. A andadura, o ritmo e a velocidade com que o cavalo andava eram direcionados por ela, que repassava as informações verbalmente à garota.

A praticante iniciou o trote. Marina, de longe, disse que Simba até que estava *animado*. Ela pediu à praticante para que *arrumasse* seu corpo, fechasse bem os dedos, e tirasse seu bumbum do assento. E depois instruiu: “Fecha o dedão. Lembra que a rédea está curta, vai ser fácil fazer a transição entre passo e trote alto. O pé na barriga impulsiona ele”. Eles trotaram novamente, mas, logo em seguida, Marina pediu à garota que parasse de andar, e deu a ela outras instruções. Havia

⁹⁴ O ziguezague é um movimento que o cavalo faz de um lado para o outro na pista, costurando um “S” no chão. Para que o cavalo executasse o ziguezague, terapeutas pediam ao auxiliar-guia, verbalmente. Esta sequência de ações, distribuída entre vários sujeitos, será examinada com mais detalhe adiante.

“várias coisas para pensar ao mesmo tempo”, repetiu à Laura, e detalhou: “O movimento deve ser sentido de baixo para cima, começando dos pés. Com o calcanhar bem afundado no estribo, o pé na barriga do cavalo, os joelhos pressionando contra a barriga dele. E você tem que sentir bem o músculo da virilha queimar”. Ela pediu também que Laura *olhasse* para a frente, e não para o cavalo, pois o *olhar* à frente determinava a direção que ela deveria percorrer, e exemplificou: “É que nem quando você está dirigindo um carro. Tem que olhar para onde você quer ir”⁹⁵.

Em seguida, ainda outra série de instruções foram dadas: “Você precisa sentir se o cavalo quer ir devagar ou rápido”. Marina aconselhou a garota a usar o chicote, pois Simba ainda estava na *pegada* equoterapia⁹⁶. E então Laura fez o trote sentado. Marina disse à garota: “Firma o joelho e deixa ele ir. Pisa firme no estribo, abaixando o calcanhar. Deixa ele trotar. Se ele aumentar [a velocidade], ótimo. Fecha o joelho, respira, mas não para de fazer força. Mantém a força com o joelho. Sua perna está balançando muito. Não ri, se concentra”. E aconselhou: “Se o cavalo demorar para começar a trotar”, Laura poderia “usar o chicotinho duas vezes mais forte”. Mas, salientou em seguida à Laura que ela deveria *avisar* ao cavalo o que ela *queria fazer*: juntando a pressão do assento com *força* ao uso do chicote com *força*. Noutra ocasião, o *chicotinho* foi dito ser apenas um “apoio psicológico para fazer o cavalo obedecer”. Não obstante, o chicote é um aparato de dominação e, em se tratando de treinos com cavalos em geral, não apenas aqueles restritos à Hípica em tela, seu uso está relacionado com métodos mais ou menos violentos de treinar o animal (Lima, 2013). Naquele contexto, assim imagino, chama-se o chicote de “chicotinho” com a finalidade de atenuar este aspecto mais agressivo da sujeição do animal implicado nas sessões.

Eles trotaram novamente. E então Marina disse à praticante: “Muito bom. Olha como o

⁹⁵ A percepção do cavalo como um veículo será discutida na seção “Quem são os cavalos”.

⁹⁶ Infiro que, nesta sentença, a “pegada equoterapia” tem a ver com a velocidade lenta do cavalo que, naquele momento, era indesejada, pois se tratava de uma sessão do programa pré-esportivo, na qual o cavalo é incitado a fazer movimentos mais velozes e dinâmicos, como o trote ou galope, ao contrário das sessões de hipoterapia ou lúdico.

cavalo tá te entendendo? Pode pôr o ao passo agora e agradar o cavalo”⁹⁷. E então, para voltar do trote ao passo livre, Laura não precisava *usar* a rédea, mas tinha de se *sentar bem* no assento, *endurecer bem* o corpo, e manter o *contato bem firme* na boca do cavalo, assim ele já ia *sentir* que, a partir daquele momento, ele deveria caminhar no passo e não continuar no trote. Eles deram algumas voltas mais no *passo livre*, e a praticante deveria começar o trote novamente; para tal, ela deu *impulso* com seu quadril, este sendo outro *comando* usado quando se quer *fazer* o cavalo trotar. Antes disso, Marina havia simulado, com seu corpo, o movimento que a garota deveria fazer, mexendo seu quadril, para frente e para trás. Depois, Marina elogiou a garota: “Olha que bom. Você viu que estava olhando para baixo, e já se corrigiu. Isso é coisa de cavaleira avançada. Você está conseguindo pensar em várias coisas ao mesmo tempo”. Quanto a Simba, naquele momento, ele estava numa *preguiça* que *dava até gosto*, disse Marina, mas, em sua avaliação, ele *reagiu bem* ao estímulo da garota. Laura acariciou o pescoço do cavalo, e Marina aconselhou a ela que *relaxasse* seu corpo, e deixasse que Simba *relaxasse* também: “Ele vai sentir o seu relaxamento e vai ver que ele pode descansar o pescoço”.

Ao final, Marina elogiou a ambos, o cavalo e a praticante, dizendo: “Estão os dois de parabéns. Cavalo inteligente, amazona precisa”. E completou: “Sabe o que você faz quando o cavalo vai tão bem? Tira a barrigueira dele já”⁹⁸. Enquanto caminhavam de volta ao galpão, Marina disse à praticante que estes exercícios treinavam a *retidão* e a *transição* dos passos do cavalo, sendo a *transição* o aspecto *mais importante* do adestramento. Segundo Marina, fazer o trote e o passo na *hora certa*, com a *impulsão* e o *formato certos*, era algo bastante *difícil*.

Decorridos os trinta minutos, a equipe retornou ao galpão para encerrar o atendimento. A praticante desceu do cavalo, com a ajuda da terapeuta, acariciou-o novamente, e agradeceu-lhe com

⁹⁷ Novamente, a expressão *pôr o passo* sugere a semelhança entre a velocidade ou o tipo de movimento que o cavalo deve desempenhar ao ato de “pôr a marcha” em um veículo.

⁹⁸ Este gesto seria uma *premiação* oferecida ao cavalo, indicando-lhe que ele fez aquilo que dele esperavam. E demonstra que usar a *barrigueira* acarreta, sim, em um incômodo para o animal.

as palavras: “Muito obrigada, Simba”. Seu pai veio ao seu encontro, e encerraram a sessão após uma breve conversa a respeito das aplicações de botox na perna da garota.

* * *

Se nos detivermos a analisar a sessão de Laura e Simba, notamos grande ênfase no uso de gestos entre praticante e cavalo. Em alguns momentos da relação com o cavalo, importa que o praticante e o cavalo desempenhem movimentos em sincronia, como quando a terapeuta disse ao praticante “junta a respiração com o cavalo” ou “a gente quer fazer juntos”. Praticante e cavalo constituem, assim, uma zona de contato (Haraway, 2008), pois que diversas partes de seus corpos se tocam: as mãos do praticante controlam a boca do cavalo por meio das rédeas, os glúteos do praticante se apoiam sobre o dorso do cavalo, os joelhos e pés do praticante tocam a barriga dos cavalos, e assim por diante. Como vimos acima, o *impulso* com o quadril, a *pressão* com os joelhos, a *batida dos pés* contra a barriga do cavalo, além dos *beijinhos*, eram alguns dos *comandos* usados pelos praticantes para *fazer* o cavalo trotar. Neste caso, a articulação de partes do corpo do praticante (seus dedos, pernas, glúteos, mãos) com partes do corpo do cavalo (sua boca, barriga, dorso) se desenrola à semelhança de uma indução recíproca (Haraway, 2008). Os comandos dados pela praticante ao cavalo, idealmente, geravam dele uma resposta, seguida de ações corporais imediatas e correspondentes. Podemos pensar, ainda, que os *beijinhos* que o terapeuta, auxiliar-guia e praticantes mandam para o cavalo, bem como toda forma de comunicação estabelecida com ele, seriam uma espécie de “*pidgin* transespecífico” (*transspecies pidgin*, conforme sugerido por Kohn, 2013), uma linguagem corporificada (que, no entanto, não é simbólica) que resulta da combinação de sons tanto da linguagem humana quanto daqueles que o animal faz.

Além disto, na sequência interativa de ações, era necessário saber usar os equipamentos a fim de se comunicar. Numa outra sessão, depois de pedir à praticante para que *fizesse* o cavalo parar, a terapeuta disse a ela: “Xi, ele não entendeu. Você é muito levinha, ele não sente os

movimentos”. E arrematou: “continue puxando a rédea do cavalo para ele não pensar que vai descansar”. Também a frase “Ele não entende o que você fala. O contato tem que ser com perna e rédea”, proferida em outra sessão, deixa claro que o movimento do praticante *fala* ao cavalo aquilo que ele deve executar. Este movimento deve ser suficientemente claro para ser sentido pelo animal, neste caso, com mais *contato*, e ilustra a necessidade de somar ao movimento do corpo humano uma certa pressão, de modo que se efetive uma forma de comunicação, como também aparece aqui: “Põe contato e estica os dedos. Você precisa fazer ele sentir na boca dele o movimento na sua mão”. Assim, se o praticante aciona o *contato* no grau certo, o cavalo *sente e entende* o comando; de acordo com a pressão exercida pelo corpo de outrem, ele responde com os movimentos que a praticante *pede* (na verdade, como o relato acima deixa claro, não se trata de um “pedido”, mas de um mando ou comando exercido sobre o cavalo), tal como a *intenção* de fazer o cavalo caminhar no passo livre, quando a praticante deveria *endurecer seu corpo e firmar o assento* na manta. Também o *beijinho* vocalizado é outra modalidade comunicativa, na medida em que possibilita modular a velocidade com que o cavalo caminha.

Temos, então, que movimentos específicos do corpo e uma certa pressão eram usados como formas de comunicação com o cavalo. Mas se a rédea é um dos canais de comunicação entre praticante e cavalo (alongar a rédea pode *acelerar o cavalo*, enquanto encurtá-la pode *frear* o animal), ela é simultaneamente um modo de controle. Tanto é que, ao encurtar as rédeas, como disseram os terapeutas em outras sessões, “o cavalo faz o que você quer”⁹⁹. Podemos entender que ao cavalo, atado pelas rédeas, cabresto e bridão, só lhe resta fazer o movimento, não sendo um caso somente de que o cavalo entende aquilo que lhe é pedido. Isto fica mais claro quando, ao final de outra sessão, ainda sobre o cavalo, o praticante afirmou: “Este cavalo me *entende*”, e a terapeuta

⁹⁹ Assim, o uso da rédea tornava o cavalo uma espécie de marionete nas mãos do praticante (se ele reagir conforme o esperado e não *desobedecer*), implicando uma ação de controle físico exercido sobre o cavalo, da mão do praticante à boca e cabeça do cavalo.

perguntou-lhe: “Mas seus comandos são dados em português, como a gente está conversando aqui?”. O garoto respondeu que “não”, mas que havia usado suas mãos para *mostrar* ao cavalo o que ele queria *fazer*. E, por outro lado, quando o cavalo *desobedece*, a rédea era o instrumento usado para retomar sua obediência, como disse a terapeuta durante treinamento com o cavalo Chocolate: “Eu vou ter que brigar com ele, com a rédea, senão ele não vai seguir meu comando”. É deste modo que o uso da *força* sobre o cavalo era uma constante na montaria (ainda que, paradoxalmente, o cavalo seja o símbolo de força): “Se ele demorar para trotar, pode usar o chicotinho duas vezes mais forte. É um movimento só, assento com força, junto com chicote com força”. Deste modo, a montaria estabelece uma certa disputa de forças, como aparece novamente na frase seguinte: “Ele tá te puxando para baixo. Não deixa ele te puxar não. [Se] Não funcionou, você troca de atitude”, ou “Mostra quem é que manda”, e “continue puxando a rédea, para ele não pensar que vai descansar”.

**

A sessão de Laura, como foi dito acima, faz parte do programa Pré-Esportivo, também chamado de “Equitação Terapêutica”. Neste programa, como disse anteriormente, os praticantes são ditos ser os mais *autônomos* e que *entendem* bem, ao passo que os cavalos são aqueles de maior porte e de passo mais rápido. Trata-se, portanto, de um programa intermediário entre o esporte e a terapia, ou entre a equitação propriamente dita e a terapia; um híbrido, portanto.

De forma genérica, nas sessões relativas a este programa, treinava-se a transição dos passos, modulados, como vimos anteriormente na sessão de Laura, a partir do uso da rédea e dos *comandos* dados ao cavalo. Os praticantes deveriam conduzir o cavalo *ao passo*, fazer círculos dentro da pista, inverter o sentido da caminhada, e depois trotar, fazendo tanto o trote sentado como o elevado. Além disto, os praticantes eram instados a *respirar fundo*, se *concentrar* e *prestar atenção* no cavalo. Eles deveriam, ainda, em certos momentos, *mandar* no cavalo e *mostrar* a ele o que ele

devia ou *podia* fazer. Além do assento dos glúteos no dorso do cavalo (mediado pela sela), eles estabeleciam *contato* por meio de uma série de pontos de toque corporal. Montado no cavalo, o praticante dava os *comandos* a ele, a saber: *puxar* ou *afrouxar* a rédea; fazer mais ou menos *pressão* dos pés contra a barriga do cavalo; dar a *impulsão* com o quadril; *inclinar* o corpo para trás, *olhar* para frente (na direção certa, onde se ambiciona chegar, e não para o cavalo); *mandar beijinho* e *abaixar* os calcanhares no estribo.

O cavalo, de sua parte, deve *responder* aos *comandos*, executando os movimentos correspondentes. Idealmente, ao se *puxar* a rédea, dependendo da intensidade, o cavalo parava de caminhar, ou então fazia a transição do trote para o passo, conforme o caso. Já quando a rédea estava *afrouxada*, sinalizava que o animal podia *relaxar* o pescoço e inclinar a cabeça para o chão (movimento também chamado de *descontração* do cavalo). Se os pés do praticante batiam contra a barriga do cavalo, o *comando* significava acelerar o passo ou então iniciar o trote. O *beijinho* era também o comando usado para fazer o cavalo se manter em movimento, e não parar (este comando também podia fazer o cavalo iniciar, retomar ou acelerar o passo). A *impulsão* com o quadril pelo praticante indicava ao cavalo que ele devia começar o trote ou o galope.

Neste programa, portanto, é o praticante quem conduz o cavalo, e não o auxiliar-guia (como nos outros dois programas), embora ele permaneça nas redondezas, para *garantir a segurança* na sessão. Ao mesmo tempo, porém, o cavalo também conduz o praticante, na medida em que o carrega e o desloca de um ponto a outro. Os terapeutas, por sua vez, observam, de longe, o desempenho dos praticantes, direcionando a execução de seus movimentos por meio de instruções (ou também comandos) verbais. Muitas vezes, eles exemplificam com seu próprio corpo para demonstrar ao praticante como devem fazer certos movimentos. O cavalo, conseqüentemente, é guiado e ordenado por meio das instruções verbais que o terapeuta, por sua vez, dá ao praticante.

Além do Pré-esportivo, a equoterapia abrangia outros programas, de que já falei, mas que

retomo aqui para adicionar algumas informações que serão relevantes para a discussão deste capítulo.

Programa Hipoterapia. Conforme apontamos anteriormente, este programa era indicado para praticantes com menos *autonomia*, isto é, aqueles que tinham *comprometimentos motores e cognitivos* considerados mais *graves*. Os cavalos eram os de menor porte e passo mais *lento*: Dominó, Skate, Gamil, Fantasia e Tic-Tac.

Como já foi narrada uma sessão deste programa, vide a de Jéssica e o cavalo Chocolate, na Introdução, nos deteremos apenas em analisar as possibilidades de exercícios, posturas e interações previstas neste programa.

No que se refere à relação terapeuta e praticante, em casos em que o praticante *entende*, a terapeuta o instrui, verbalmente, a fazer uma sequência de movimentos. Enquanto isso, o praticante é segurado em sua perna ou costas pela terapeuta. Se a/o praticante *pouco* ou *nada entende*, a/o terapeuta a/o movimenta e induz suas posturas corporais, por exemplo, movimentando ou girando seus braços e pernas, e a/o abraçando (como nas montarias duplas). No que se refere à relação cavalo e praticante, além do contato estabelecido pelo assento dos glúteos do praticante no dorso do cavalo, o praticante pode *tocar* o pescoço do cavalo, ao alongar seus braços e mãos à frente; pode tocar sua barriga, ao colocar os pés no estribo; pode tocar sua garupa, ao se deitar de barriga para baixo, e assim por diante. Em termos da relação cavalo e auxiliar-guia, o auxiliar-guia *puxa* o cavalo manualmente, seguindo as instruções verbais de terapeutas. Terapeuta e auxiliar-guia, por sua vez, interagem por comandos verbais bastante breves; o primeiro dá instruções verbais ao segundo, que faz o cavalo andar em movimentos e ritmos específicos; o diálogo praticamente inexistente entre ambos.

Programa Lúdico. Estas sessões são também chamadas de *aulinhas*. Os praticantes deste Programa eram crianças que não tinham deficiência, mas poderia ser que tivessem *problemas de atenção, concentração* ou *hiperatividade*. Se o praticante não tem sustentação corporal para ficar *sozinho* em cima do cavalo, ou é ainda muito pequeno (com um ano de idade, por exemplo), faz-se a montaria dupla. Os cavalos eram os mesmos usados no programa de Hipoterapia, isto é, aqueles de porte menor e passo mais lento.

Neste Programa, terapeutas incluem atividades de *estimulação* motora e sensória, além de estimular o praticante a usar sua *imaginação*. O terapeuta dá instruções verbais aos praticantes, por exemplo, dizendo a eles para *passar a mão* nos cavalos e a *fazer carinho* neles; sentir se sua pelagem era *macia, fofinha* ou *grossa*; atentar para os excrementos dos cavalos no chão e seus cheiros; *olhar* para e *cumprimentar* as pessoas e outros animais (cavalos, avestruzes, pavões, pôneis, pássaros, gatos e vacas) que pudessem aparecer no trajeto; *escutar* os barulhos do local, *reparar* no farfalhar das folhas das árvores, *cheirá-las* e, eventualmente, levar algumas de *presente* para seus familiares; *olhar* os desenhos e cores das nuvens, dentre outros. Neste Programa, o praticante também pode ser instruído a *dirigir* o cavalo¹⁰⁰ ou *ajudá-lo* a andar (o que era feito com o uso da rédea).

A sessão que descrevo a seguir foi feita com o praticante Alex e a égua Fantasia.

Na caminhada “livre”, ao redor da pista de grama, a terapeuta pediu ao praticante para se deitar sobre as costas do cavalo. Em seguida, o garoto pegou na crina (ou *cabelo*) de Fantasia e sentou-se sobre o dorso do cavalo, seguindo os ditames da terapeuta. Marina perguntou a ele: “*Está firme aí*”? *Agora vamos subir a montanha. Tá sentindo que tá subindo a montanha?*”. Enquanto subiram a ladeira, conversaram sobre o som da maritaca. Marina instruiu a ele que se virasse de lado, e chamou a atenção do praticante para as pessoas que estavam “lá embaixo” na pista de

¹⁰⁰ A expressão “dirigir o cavalo” faz pensar no cavalo como um veículo.

equitação, e depois disse a ele: “*O cavalo é bonzinho*”, e logo após imitou o som do relinchar do cavalo: “*‘Irririrri’ é o jeito que ele fala. Porque ele não fala igual a gente*”.

Alex, montado no cavalo, disse: “*O cavaleiro é corajoso*”. E a terapeuta acrescentou: “*Se o cavaleiro é corajoso, o cavalo fica corajoso também*”¹⁰¹. A transmissão de *coragem* entre cavalo e “cavaleiro” faz-nos pensar que há uma ideia, para a terapeuta, de que cavalos e praticantes se alteram juntos no trajeto, numa forma de coconstituição. Este processo conjunto, de alteração a partir do contato com o outro, já foi tratado como um estado de devir, um “tornar-se com”¹⁰² (ou “devir com”; no original, “*becoming with*”, Haraway, 2008).

Terapeuta e praticante conversaram sobre dinossauros e tubarões. Depois, pararam para ajustar os estribos e, uma vez acertados na mesma altura, de cada lado, o garoto encaixou seus pés neste suporte e ergueu seu corpo. A terapeuta disse: “*Nossa, como ele cresceu!*”. Quando passaram em frente a uma trilha, que estava fechada por uma corrente esticada à sua entrada, todos pararam de caminhar, a pedido da terapeuta, que disse: “*Ouve os barulhos da floresta. Que outros bichos da floresta têm aí?*”. Em seguida, o grupo retomou a caminhada e, instantes depois, Fantasia parou para defecar. Enquanto isso, eles então conversaram sobre os excrementos da égua e suas cores. Quando voltaram à caminhar novamente, Alex puxou da árvore que estava no caminho algumas folhas. Ele depois contou o número de folhas em sua mão, a pedido da terapeuta, que também sugeriu a ele a postura de lado e depois de costas.

Voltaram ao galpão para encerrar a sessão.

¹⁰¹ Mais frequente ainda, conforme as observações de campo apresentaram, é a ideia de que o cavalo transmitiria coragem para aquele que o monta. Além disto, se o praticante pode ser conduzido a outro estado ou espaço de existência, a imagem do centauro vem à tona, apesar de não ter sido diretamente tematizada pelos terapeutas. Na seção “O que pode o encontro humano-cavalo na equoterapia?”, os termos nos quais esta questão é colocada por eles serão discutidos com mais detalhe.

¹⁰² Ocorre, como vimos acima, que os terapeutas, eles mesmos, tematizam a nível discursivo um certo “tornar-se-com”, mas isto não significa que os termos destes correspondem àqueles implicados no argumento de Donna Haraway (2008).

2.4. O grupo como um todo: o conjunto



Imagem 14. Na foto, o grupo em sessão no *bosquinho*. Foto da autora, 2013.

Vimos acima que praticante, auxiliar-guia, cavalo e terapeuta se conectam a partir de diferentes movimentos corporais. Na seção anterior, ao descrever algumas sessões específicas, separamos analiticamente as emergentes inter-relações em termos do contato que estabelecem e o modo como se combinam na execução dos movimentos: 1) terapeuta e praticante, 2) terapeuta e cavalo, 3) terapeuta e auxiliar-guia, 4) praticante e cavalo, 5) auxiliar-guia e cavalo, e 6) auxiliar-guia e praticante. Assim, a articulação das funções no grupo como um todo envolve a distribuição e execução de *comandos* e instruções.

A seguir, discuto mais detalhadamente as inter-relações que os membros dos grupos vem a exibir entre si ao longo das montarias. No âmbito do corpo do praticante, há movimentos de

diferentes naturezas em questão, que provêm de dois tipos de movimentos ou ações associadas: tanto dos gestos que ele realiza em cima do cavalo, quanto dos movimentos derivados do deslocamento espacial trazido pelo passo do cavalo.

Cada um destes gestos e ações, porém, são transmitidos dentro de cadeias de *comandos*. Os *comandos* são as ações corporais, as quais, conforme vimos acima, envolvem tocar e sentir o toque de um outro corpo. Os *tapinhas* dados nos glúteos do cavalo, a batida dos pés em sua barriga, o impulso do quadril para frente para sugerir ao cavalo o comando de andar ou retomar o passo; a corda puxando o cabresto, e assim por diante. Assim, a comunicação nesta cadeia de comandos serve, fundamentalmente, para a “transmissão de ordens” (Patton, 2003, p.90). O praticante é informado tanto pelo terapeuta (com suas instruções verbais) quanto pelo cavalo (com seus movimentos), enquanto o cavalo é informado tanto pelo terapeuta (que informa o auxiliar-guia, verbalmente), praticante e auxiliar-guia (que informa o cavalo ao puxá-lo de um jeito ou de outro).

Neste quadro de ações conectadas por *contato* e, em certa medida, pela voz e fala, cada movimento executado por um membro repercute no outro. No que se refere às relações de controle, o cavalo é controlado pelos terapeutas (verbalmente, ditando para o auxiliar-guia os movimentos que quer que o cavalo execute) e pelo auxiliar-guia (que puxa o cavalo, pela corda, seguindo as instruções de terapeutas). Ou pode ser que o cavalo fosse controlado pelo praticante (que, por sua vez, seguia aos comandos do terapeuta), e já não pelo auxiliar-guia. O cavalo, de sua parte, carrega o praticante, mas pode acontecer de o praticante *dirigi-lo* com o uso das rédeas (segundo, claro, as instruções verbais dos terapeutas). Mas também, em certa medida, os terapeutas “comandam” o auxiliar-guia e o praticante, porque regulam suas ações e movimentos¹⁰³.

As relações, integradas, são preenchidas por ambivalência. Embora o cavalo seja tomado como o “grande provedor” de movimentos benéficos aos praticantes, ele é também alvo de

¹⁰³ Obviamente, esta descrição é um modelo ideal que elaboro, porque, na prática, as inter-relações assumem diversas outras possibilidades e variações.

movimentos externos (tanto daqueles feitos pelo auxiliar-guia, ao puxar a corda, quanto por terapeutas, ao darem *tapinhas* ou *mandarem beijinhos*, além de ser alvo dos movimentos dos praticantes). O cavalo, então, movimenta e é movimentado; simultaneamente, ele é tanto sujeito da ação como objeto da ação externa. O mesmo ocorre para cada um dos outros membros do grupo.

No que se refere particularmente aos terapeutas, eles podem vir a ser “objeto” quando os praticantes ou cavalos agem de modo contrário àquilo que prescrevem (como aqueles praticantes que *batem*, *fazem manha* ou *se jogam* do cavalo, e os cavalos que *empacam*, *dão coice* ou *cismam*). Em termos das posições, a de terapeutas pode variar ao lado do cavalo e praticante; a do auxiliar-guia varia entre estar presente ou não; a do praticante varia de acordo com as posturas que desempenha, e a do cavalo varia dependendo do modo como o auxiliar-guia o puxa, e, obviamente, de sua relação com o que ocorre ao seu redor.

Em termos de funções, a variação é menor e mais rara. O praticante pode puxar o cavalo, ao controlar as rédeas (substituindo o auxiliar-guia); o auxiliar-guia pode decidir, ele mesmo, o momento dos *altos*, que são os *breques* com o cavalo (substituindo o terapeuta); e o terapeuta pode puxar o cavalo (substituindo o auxiliar-guia). Há, portanto, uma fluidez na função e posição de cada membro do grupo, em termos da posição sujeito-objeto. E, a respeito da “confusão” de papéis e funções durante a sessão, é válido remetermos à magia, e mais uma vez cito Marcel Mauss (2000): “*O estado regular do sistema mágico é uma confusão bastante completa dos poderes e das tarefas*” (p.107), e aqui também: “*os elementos da magia, não sendo separáveis uns dos outros e confundindo-se até uns com os outros (...)*” (p.112).

Em outro escopo, a associação dos gestos entre as pessoas e os cavalos toma a forma também de autorizações mútuas e distribuição de influência (Despret, 2004) entre os membros do grupo, as quais, por vezes, podem instabilizar o papel dominante dos terapeutas. Se levarmos a análise a estes termos, a partir do uso de comandos, o terapeuta distribui sua influência para os

atores, e concede autorização ao auxiliar-guia e ao cavalo para agirem. O primeiro é autorizado a conduzir o cavalo em um certo ritmo e movimento. Nesta leitura, o cavalo, de sua parte, também autoriza aqueles com quem se relaciona: ele deve autorizar o auxiliar-guia para que seja conduzido, permitindo ser controlado por ele com o uso do cabresto. Assim, é como se o cavalo, de certo modo, “oferecesse” ao auxiliar-guia o poder de ser mantê-lo sob restrição, numa espécie de “servidão voluntária”.

A ação de terceiros, no entanto, desloca a possibilidade de tomarmos estas relações como se elas fossem relações diádicas. Por exemplo, entre praticante e terapeuta, o cavalo e auxiliar são mediadores. Entre terapeuta e cavalo, a mediação é feita pelo auxiliar e praticante. Entre auxiliar e cavalo, o terapeuta cumpre o papel de mediador. Já entre terapeuta e auxiliar, o cavalo é o mediador. Finalmente, entre o par praticante e cavalo, tanto o terapeuta como o auxiliar-guia participam como mediadores¹⁰⁴. Desta forma, a presença constante de um terceiro e quarto elementos nas relações indica que estas não se dividem aos pares e que, portanto, cada ação só existe conforme ela se dá articulada pelo conjunto¹⁰⁵. Assim, ao instaurar um esquema espacial e morfológico de relações corporais, articuladas como um todo, a montaria faz emergir um corpo coletivo. Este corpo coletivo estabelece um mesmo padrão de ocupação espacial, e deve ter um certo ritmo no andar e consonância no passo¹⁰⁶.

Integrado e ao mesmo tempo fragmentado em posições específicas, o grupo se assemelha a um organismo, cuja “cabeça” seria ocupada pelo terapeuta. Levando esta hipótese adiante, a cabeça seria também compartilhada pelo auxiliar-guia, porque ele é quem faz o cavalo caminhar em certa direção e ritmo precisos, ainda que apenas execute aquilo que o terapeuta pede. Praticante e cavalo,

¹⁰⁴ E, no limite, no par praticante-família, cavalo, auxiliar-guia e terapeuta são todos mediadores.

¹⁰⁵ Este terceiro elemento de mediação pode ser ocupado por alguém ou mesmo algum objeto (a corda que puxa o cavalo pelo cabresto, a rédea na mão do praticante, o uso do “chicotinho”, e também a manta ou a sela sobre o dorso do cavalo).

¹⁰⁶ Ainda que o modo de deslocamento varie, porque alguns estão suspensos, outros no chão, alguns à frente, outros para trás.

por sua vez, servindo aos comandos emitidos pela “cabeça”, ocupariam o papel de membros do corpo (mas também o auxiliar-guia o faz). Já o cavalo, de sua parte, cumpriria a função dos membros inferiores, porque faz o deslocamento em relação ao chão. Mas se o cavalo é a própria condição que possibilita aos outros poderem se deslocar, dando sustentação a eles, ele atua também como o tronco deste corpo. Finalmente, a função de tronco, por sua vez, seria simultaneamente ocupada pelo auxiliar-guia, uma vez que ele, puxando o cavalo, também é a base de sustentação do movimento de todos os membros. Todavia, vimos que nem sempre praticante e cavalo *obedecem* aos *comandos* gerados pelos terapeutas e auxiliares (a “cabeça”). Cavalos podem se *chacoalhar*, *cismar*, *disparar ou rodopiar*. Praticantes podem se *jogar* do cavalo, *chorar*, e dizer *não* e se *recusar*. Cada sessão engloba o risco latente de que cavalos e praticantes escapem às ações desejadas. Neste sentido, há uma série de instruções e procedimentos padronizados que reúnem a todos em ações integradas mas que dividem espaço com hiatos na comunicação. Assim, este corpo múltiplo parece admitir algumas “falhas” em seu funcionamento. Se o próprio caminhar deste corpo é, por vezes, disparatado e escapa ao controle, uma vez que nem sempre as reações dos membros cumprem o padrão de ações desejáveis designado pelo comando “cerebral” (isto é, dos terapeutas), este corpo múltiplo pode fazer as vezes do corpo *esquisito* dos praticantes e seus movimentos *involuntários*.

A manutenção da *integração* é, assim, dada conjuntamente: é porque o cavalo persiste caminhando que o praticante continua sendo carregado; é porque o auxiliar-guia persiste puxando o cavalo, que o cavalo continua seu passo conforme o esperado; é porque o terapeuta dita ao auxiliar o que ele deve fazer, que este puxa o cavalo do jeito desejado. E porque o praticante se mantém no cavalo, a sessão de atendimento se cumpre, de modo que todos são parte de um todo maior, um *self* coletivo (Kohn, 2013). Mas para que a cadeia de ações e movimentos funcione e mantenha os seres alinhados uns aos outros, algumas condições devem ser satisfeitas. Neste caso, pergunto: O que

possibilita que os sujeitos se entendam entre si, e que o grupo possa caminhar conjuntamente? De que maneira as trocas e o fluxo de ação vêm a funcionar, de modo que os membros do grupo possam responder uns aos outros, executando precisamente aquilo que lhe foi pedido, ditado ou (co)mandado? E, além disto, será possível que ocorram alterações neste arranjo, quando as ações se correspondem, ou o fazem com dissonância?

Vejamos, a seguir, um possível modo de examinarmos as bases da associação entre cavalo, auxiliar-guia, terapeuta e praticante.

A informação (seja ela o *estímulo, força, perceptos, energia e/ou contato*) segue um “circuito”. Neste, todos devem estar atentos aos sinais recebidos de outrem (*concentrados e prestando atenção*). O comando deve ser repassado de um para o outro, de modo suficientemente claro (“você tem que mostrar para ele o que você quer, senão ele não entende”). Neste sentido, a comunicação e o fluxo de movimentos requer que os sujeitos estejam corporalmente sensíveis (e expostos) um ao outro. Para saber o que o outro *pede* ou *está querendo*, é preciso observar e sentir seus movimentos corporais, além de estar atento às instruções verbais ou comandos de voz.

No caso da comunicação terapeuta-praticante, de um lado, a informação ouvida e entendida pelo praticante (em casos em que praticantes *entendem*) deve ser respondida, fazendo o movimento correspondente no terceiro envolvido, o cavalo. Além disto, o praticante deve estar *calmo*, e não *irritado*, senão o cavalo *sente* e também se *irrita*. Terapeutas informam e dosam o grau de contato do praticante com o cavalo: “Não pode puxar muito a rédea, é de levinho, senão machuca o cavalo e ele fica bravo”. Entre auxiliar-guia e cavalo, terapeutas informam e controlam o ritmo e direção com instruções como: “vai mais devagar”, “pode ir mais rápido”, “vire aqui”, ou “pode subir a ladeira”. Além disto, é preciso que ambos, praticantes e cavalos, *confiem* nos terapeutas. A este circuito parece ser aplicável a ideia do ciborgue: “*The frame of the cyborg can tune analytical attention to how flows of communication are articulated to maintain and modulate the integrity of*

self-regulating entities, at various scales” (Helmreich, 2007, p.627-8).

Neste circuito, todos os membros estão dentro de relações espacializadas, mas nela interagem hierarquicamente. No entanto, ao longo da experiência corporal compartilhada, é possível que ocorram interrupções individuais à marcha coletiva. Por isso, este jogo de ações combinadas, recíprocas e coconstitutivas, em que cada ação influencia a resposta do membro seguinte, está sujeito a variáveis (e, até mesmo, nem sempre é bem-sucedido), o que naturalmente vem a ocorrer, uma vez que se trata da reunião de quatro seres independentes, e cada qual com interesses próprios. Terapeutas, de sua parte, reconhecem estes momentos de instabilidade: em grande parte de minhas visitas, terapeutas alertaram a mim e aos familiares para que tomássemos *cuidado* com os cavalos. Eles também disseram procurar garantir as condições de segurança, *minimizando os riscos*, o que significava não ultrapassar os limites de cavalos e praticantes. A este respeito, é interessante notar o modo como a Ande Brasil aponta os riscos da intervenção de equoterapia ao praticante, conforme mencionados por Barbosa (2013, p.68):

Trauma físico:

- Queda do praticante;
- Cabeçada do animal;
- Pisada do animal no pé do praticante;
- Mordida do animal;
- Picadas de inseto.

Trauma emocional:

- Abalo na confiança entre mediador e praticante, por exemplo, quando mediador diz não haver perigo em alimentar o animal e de repente o praticante leva uma mordida.
- Sentimento de insegurança, por exemplo, quando o cavalo se assusta e o mediador também se assusta, transmitindo insegurança para o praticante.

Conversando com uma das terapeutas na Hípica, certa vez, ela comentou o quanto ela *gostava de trabalhar* com cavalos, e o que a atraía era a possibilidade de desenvolver uma “intimidade carnal com um bicho enorme como o cavalo”, e acrescentou, “um bicho que pode até te matar, se ele quiser”. Lembremos que os cavalos podem pesar, em média 550 kg, e têm altura de

cerca de 1,50m. A este respeito, encontramos a ideia bastante semelhante às interlocutoras de Davis *et al* (2013a):

There are, for instance, as also our riders express, ideas that relate the human need for absolute control to the fact that the horse is a species with the size and strength to kill you, should it decide to do so (p.331).

De certo modo, a noção de “minimização de riscos” reconhece o caráter instável deste encontro com os cavalos¹⁰⁷. Por exemplo, uma vez o praticante se *recusou* a fazer a sessão, quando ele *não queria mesmo* e não *cedia*, a terapeuta disse que não poderia *forçá-lo*, porque isto seria *exigir demais* do cavalo, e completou, afirmando que “há um limite para o uso do cavalo, e é até o ponto da segurança”. O “equilíbrio” geral da montaria era então um estado provisório, passível de ser rompido; de um lado, os praticantes não estavam *bem* ou estavam *irritados*, e podiam querer *se jogar* de cima do cavalo; de outro, os cavalos poderiam se *assustar*, *invocar*, se *incomodar* com algo e, em uma *fração de segundo*, poderiam *disparar* com o praticante em cima¹⁰⁸. Da parte dos terapeutas, eles diziam ser necessário a eles ter *autocontrole* e ficar *calmos* nestas situações, como Marina mencionou anteriormente.

Deste modo, as ligações entre os sujeitos são frágeis, admitem falhas na comunicação e, eventualmente, carregam certas “ameaças” aos sujeitos em relação (Kohn, 2013). Como toda relação social, estavam sujeitas ao acaso das circunstâncias e aos interesses conflitivos dos atores. Os laços de interdependência formados ao longo da montaria são, assim, efêmeros, emergentes e perturbáveis; no limite, eles incluem o risco latente de romperem com a sequência coordenada de movimentos e com a congruência entre seus participantes.

Em contrapartida, uma série de procedimentos deve ser respeitada a fim de que cavalos e

¹⁰⁷ O *risco* é elemento recorrente também nas publicações na área, como aqui: “O *profissional da equoterapia* deve buscar a melhor adequação do trabalho ao praticante. visando sempre ao controle dos riscos inerentes à terapia a cavalo e com o cavalo” (Severo, 2010, p.22).

¹⁰⁸ Mas também alguns cavalos poderiam receber qualidades como a de serem *estáveis* e não se *alterarem*, como o cavalo Vagalhão.

praticantes estejam ali presentes. Para entrarem na equoterapia, os cavalos passam antes por um período de avaliação e, uma vez incorporados à *equipe*, estão sujeitos a treinos regulares. Praticantes, de sua parte, devem ser *adaptados* à equoterapia por meio de um processo de *aproximação* com os cavalos. Vejamos estes procedimentos com mais cuidado.

2.5. Algumas condições prévias às montarias

“A magia liga-se às ciências, da mesma forma que às técnicas. Ela não é apenas uma arte prática, é também um tesouro de ideias (...). Este tesouro de ideias, amontado pela magia, foi durante muito tempo o capital que as ciências exploraram. A magia alimentou a ciência e os feiticeiros abasteceram os cientistas”

– Marcel Mauss, *Esboço de uma teoria geral da magia*, p.179-180.

Nesta última seção do segundo capítulo, farei uma exposição sobre o que considero ser – a partir dos relatos de meus interlocutores e da bibliografia especializada que venho discutindo – as condições necessárias à manutenção e ao sucesso das montarias. São elas: seleção e avaliação de cavalos, o controle da desobediência animal pelos treinos, especulações sobre os cavalos, adaptação de praticantes e interlocução.

2.5.1. Seleção e avaliação de cavalos

Para que os cavalos se tornem parte da *equipe*, sua idade, porte e temperamento são os principais critérios levados em conta. A idade é de, em média, 13 anos, mas isto não é regra porque, de acordo com a terapeuta, o cavalo só não pode ser *muito novo*, pois, neste caso, a tendência é que ele seja *mais acelerado*, além de *não ter visto muita coisa ainda*. O animal também não pode ser

muito velho, porque pode ser que ele sofra muitas dores devido à sua idade. Seu porte não pode ser muito grande, pois o praticante, em cima do cavalo, tem de ficar numa altura acessível ao terapeuta. Seu passo, por sua vez, não pode ser *rápido demais*.

Além disto, é importante que o cavalo seja *disciplinado, obediente, calmo* e não se *assuste* com facilidade. Fantasia, por exemplo, embora já estivesse prenhe no momento de sua *compra* (o que implicaria em seu afastamento da equoterapia por alguns meses e seria, assim, uma desvantagem), era uma égua *tão boa, tão boa* que, por conta de sua *docilidade e boa-vontade*, foi inserida na Hípica.

Depois de “adquiridos”, numa busca orientada para estas características pré-definidas (idade, porte, temperamento), os cavalos passam por um período de avaliação que dura de um a três meses. Neste período, terapeutas observam as reações do cavalo ao novo ambiente, à presença de pessoas ao seu redor, aos barulhos e movimentações de veículos nas proximidades, e assim por diante. Para esta avaliação, é feito um *empréstimo* do cavalo por seu “fornecedor”, sem que a compra seja ainda efetivada, a fim de verificar antes se o cavalo *serve* ou não para a equoterapia (o que, dentre outros procedimentos, evitaria prejuízos financeiros; foi mencionado que o preço pago por um dos cavalos da equoterapia foi de cerca de R\$ 13.000).

* * *

Apresento, a seguir, a descrição de uma sessão de treino do cavalo Simba. Nesta passagem, apresento também a leitura de sinais que perpassa as relações entre terapeutas e cavalos. Terapeutas interpretam as ações dos cavalos (Kohn, 2013) considerando uma intencionalidade e individualidade própria a eles. Restaria identificar, porém, se a base para tais interpretações se ancora em conhecimentos científicos (tal como a etologia) ou teria mais a ver com as experiências pessoais acumuladas da parte dos terapeutas diante destes animais.

Ao longo da caminhada para a pista do bosque, segurando Simba pela guia amarrada ao

cabresto, Marina alertou para que eu permanecesse bem afastada de Simba, porque, por ser um cavalo recém-chegado, ele *não conhecia nada* e estava se *familiarizando* com o ambiente. Por esta razão, poderia ser que ele *quisesse fugir* ou *brigar com ela*. No caminho para a pista, passamos pela área onde as avestruzes permaneciam alojadas, e poderia ser que Simba se *assustasse* com elas, o que acontecera no dia anterior. De acordo com Marina, os cavalos geralmente têm *medo* de avestruz, porque tiveram pouco contato com este animal antes e, portanto, não estariam *acostumados* a vê-lo. Mas Simba passou pelas avestruzes sem alterar seu movimento. Marina disse a ele: “Muito bem, Simba”, e prosseguimos na trilha. Adiante, porém, Simba parou de andar. Novamente, eu fui advertida a ter *cuidado*, e ouvi a seguinte afirmação: “Se o cavalo está parado é sinal que está desconfiado de alguma coisa”. E, quando *ameaçado*, o cavalo “vai sempre correr na direção oposta ao sentido de sua caminhada, a não ser que o barulho viesse por trás”. Novamente, Marina pediu que eu ficasse *atenta* e me afastasse ainda mais deles.

Depois de alguns instantes, retomamos a caminhada. Já no bosquinho, passamos por um local onde havia três cavalos próximos à cerca. Simba se aproximou deles, *cumprimentando-os*; depois de alguns instantes a trocaram olhares, ele abaixou seu pescoço e comeu da grama ali mesmo, em frente aos demais cavalos. *Comer*, naquele momento, era sinal de que ele estava mais *confiante*, porque se o animal está comendo é *sinal* de que não precisa *escutar e prestar atenção* no ambiente. E, já numa situação de mais *confiança*, diferentemente em relação à sua entrada, Simba já não iria *acelerar* seu passo, caso outro cavalo viesse atrás dele. Além disto, Simba já estava *respeitando*; ele não se *mexia* na hora de colocar o cabresto.

Voltamos ao galpão, e passamos novamente próximo dos avestruzes. Depois desta caminhada pelo *bosquinho*, Simba estava mais *tranquilo*, mas ainda não *totalmente*. Ele demonstrou alguns *sinais de medo*, como o *bufar*. E, em *condições de perigo*, Marina disse, “bufar, olhar e afastar um pouco a traseira, na direção oposta ao lado de onde vem a ameaça, são sinais da reação

do cavalo”. Mas, segundo ela, apenas duas outras voltas como esta, e Simba ia ficar *sossegadão*.

A seguir, narro outra sessão de treino. Numa sessão de avaliação com a novata égua Sol, na qual o praticante Leandro também participou, acompanhando do chão, Marina advertiu o garoto de que Sol não *gostava* muito de *carinho* e, curiosamente, pediu ao praticante para não *olhar* muito em seus olhos¹⁰⁹. Enquanto puxava Sol pela corda amarrada a seu cabresto, Marina pediu ao praticante para que deslizasse suas mãos e com elas fizesse uma certa pressão sobre as costas da égua. Em seguida, Marina disse a ele: “Está vendo que ela abaixou as orelhas? É sinal de que ela não curtiu muito não. Fica bem atento, porque ela ainda não tem experiência, não sabe se comportar. Não chega muito perto das patas dela não”.

Em seguida, terapeuta e praticante manipularam alguns brinquedos. Primeiro, arremessaram uma argola de um lado para o outro. Sol, no meio dos dois, estava *sem entender aquilo*. Depois de alguns instantes, porém, Marina acrescentou, dizendo ao praticante: “Olha como ela já está bem mais tranquila”. Ainda com a argola nas mãos, fizeram movimentos de passar a argola um ao outro, mas desta vez esbarrando no dorso de Sol, propositadamente. Depois, a terapeuta deu um *tapinha* na égua, e disse: “Olha como ela é boazinha. Eu dei um tapinha e ela não se assustou. É um bom sinal”¹¹⁰. Em seguida, ela puxou seu rabo. A égua nada fez. Depois jogaram bola um para o outro, no ar. Mas, desta vez, Sol se *assustou*; Marina, então, levou a bola próxima ao *nariz* do animal, para que assim ela *cheirasse* o objeto, e disse ao praticante: “Vamos dar um tempo para ela respirar”.

Instantes depois, recomeçaram outra série de *testes* com a égua, desta vez batendo os pés no chão, de modo que fizessem barulho; depois, testaram os *breques* e, finalmente, caminharam em *zigue-zague*. Sol não estava *assustada*, mas devia estar *achando ruim* tudo aquilo. Segundo Marina,

¹⁰⁹ A respeito da importância do olhar entre humanos e animais, e das hierarquias dos olhares, vale conferir a discussão de Eduardo Kohn (2013) sobre a subjetivação ou objetivação do outro estabelecidas pelo olhar nas relações presa-predador. Também o debate sobre as “estratégias do olhar”, elaborado por Guilherme Sá (2013), é bastante significativo neste sentido.

¹¹⁰ Este conjunto de sinais emitidos pelos cavalos, como se *assustar* e *achar ruim*, bem como outras sensações interpretadas, serão discutidos mais adiante.

quando o cavalo está *incomodado*, ele prefere andar *rápido*. Depois, Sol parou para *reconhecer* o cheiro de seus *amigos*; na grama, ela cheirava os excrementos de outros cavalos que ocupavam o chão ao longo da caminhada.

Assim, nesta avaliação, observavam-se as reações dos cavalos que, ao *chegarem* na Hípica, não tinham *experiência* (“Fica bem atento porque ela ainda não tem experiência, não sabe se comportar. Não chega muito perto das patas dela não”). Neste período, os cavalos eram *acostumados* a *ver* animais e *ouvir* barulhos que *não conheciam antes*, isto é, deveriam ficar pouco influenciáveis às movimentações do entorno, e com *disposição* para *suportar* o peso de praticantes. Se bem sucedido, o cavalo seria incorporado à *equipe* da equoterapia.

Deste modo, o período de avaliação dos cavalos faz a passagem (se bem sucedida) de cavalos “genéricos”, ou seja, todos os demais cavalos que não são os da equoterapia, como aqueles usados em tração ou em provas de corrida, para cavalos de equoterapia, e implica, assim, uma transformação de algumas de suas características, de seu momento de chegada até sua incorporação na Hípica.

Não obstante, os dois cavalos mencionados acima, Sol e Simba, foram *mandados embora* da Hípica após cerca de um mês de estadia. Tratando deste assunto, terapeutas disseram que o cavalo da equoterapia não era *qualquer cavalo*, mas tinha que *aceitar*. Caso ele “não quisesse fazer de jeito nenhum”, isto é, obedecer àquilo que os terapeutas ditassem, o cavalo seria *dispensado*. Sol, por exemplo, foi mandada embora porque era muito *assustada, rebelde, encrenqueira e irritada*. E, por isso, ela demoraria para *ficar confiável*.

Por outro lado, mesmo os cavalos já ingressos na Hípica se *alteram* e fogem ao esperado. É por esta razão que, uma vez incorporados, os cavalos devem ser treinados regularmente.

2.5.2. O treinamento dos cavalos

Além dos fatores que os terapeutas mencionaram como definidores dos comportamentos dos cavalos, tais como a *tendência filogenética*, *manejo* e *temperamento* do cavalo, bem como sua *disposição diária*, o *treino* é a instância fundamental que constitui um cavalo de equoterapia.

O cavalo, já tendo ingressado na equoterapia, era treinado com certa regularidade, sempre que *desobedecesse* aos comandos, *acelerasse* ou se *chacoalhasse* demais com o praticante em cima, ou então se *mordesse* muito. A única pessoa encarregada de treinar os cavalos, na época de minha pesquisa, era Marina¹¹¹. Com os treinos, valendo-se de técnicas de *dressage*¹¹² (termo em francês traduzido como “adestramento” no Brasil) ou de equitação, buscava-se trazer *disciplina* para o cavalo, usando de *liderança* e *imposição* sobre ele, como assim disse a terapeuta.

O reforço ao comportamento dos cavalos por meio do treino, bem como o cultivo da *disciplina* (autoridade, coerção e controle) extrapola as relações nele ensejadas, e remete, ainda, à discussão sobre a domesticação como um processo que se dá contínua e cotidianamente, em que humanos e animais, se não parceiros, são partícipes ativos nesta relação (Fijn, 2011), e prefiguram assim, uma relação de codomesticação ou domesticação mútua.

Evidentemente, os treinos são calcados em relações assimétricas; estas, por sua vez, fundamentadas na atenção que os envolvidos ativam entre si (Haraway, 2008). O treino é ainda a instância disciplinadora que permite que o cavalo *entenda* o comando e *faça* aquilo que se lhe outorga. Por exemplo, “fazer o cavalo andar de ré” era algo que precisava ser treinado. Mas isto tudo considerando que *nunca* se pode treinar um cavalo *batendo*, mas deve envolver *prêmios* e

¹¹¹ O que mudaria quando ela deixasse seu cargo, repassando esta tarefa ao professor de equitação do local.

¹¹² Segundo a terapeuta, o termo “adestramento” não é uma boa tradução para *dressage*, uma vez que remete ao adestramento de *pets* e, portanto, trata-se de algo bastante diferente. De acordo com ela, a tradução mais próxima seria “treinamento”, porque seria algo mais *técnico*, em que cavaleiro e cavalo *têm que se entender*, e o cavalo tem que *fazer o que o cavaleiro quer*. Já o termo “*dressage*”, de acordo com ela, tem a ver com *coreografia*, *desenhos* e *contornos* que o cavalo faz ao se movimentar.

correções, como me disse Marina, que me esclareceu também: “Por que estou dando ração? É tipo um prêmio, para ela saber que está certa”.

Certa vez, eu os observava de longe, próxima à barreira da pista de areia. Chocolate estava sendo treinado, porque *desobedecia e mordia* muito. De cima do cavalo, a terapeuta me indicou: “Ele quer ir por aqui [contra a pista] porque sabe que vamos entrar na pista, e ele não quer ir”, quando Chocolate havia inclinado sua cabeça para o lado oposto por onde caminhava. Já dentro da pista, eles *aqueceram* e depois trotaram. Marina mandou *beijinhos* e passou as mãos no pescoço do animal. Galoparam por alguns instantes, e depois retomaram o ao passo. Em seguida, ela deu *tapinhas* na barriga do animal, e chamou-lhe de *gordo preguiçoso* e fez sons com sua boca: “*Rãp rãp rãp rãp!*”, procurando fazer o cavalo seguir seus *comandos*. Em seguida, ela me perguntou: “Você viu que ele quer me contrariar? Depois que dou chicotada, ele dá coice”. Assim, novamente, temos explícito o grau de disputa envolvido nas relações entre cavalos e humanos na equoterapia. *Sem vergonha e folgado* foram também outros termos que a terapeuta utilizou com o cavalo. Por sua vez, o *coice* da parte do cavalo demonstra que, por vezes, seu comportamento escapa ao controle que terapeutas pretendem impor às suas ações.

A este respeito, o filósofo e treinador de cavalos Paul Patton (2003) se indaga sobre a possibilidade de um método que descarte, por completo, o uso da violência, uma vez que as técnicas de treino e montaria são “fundamentalmente coercitivas” (p.85), e os cavalos, de sua parte, são tomados como se tivessem uma “natureza não-treinada intrínseca”. Para ele, o treino envolve três relações distintas: a) as relações disciplinares, que reúnem comando e obediência; b) as relações com os animais, e c) uma certa linguagem que possibilita a interação (p.95). A respeito da coerção na relação com o cavalo, Patton argumenta que toda ação que age e modifica a ação de outrem é de natureza coercitiva, e seria uma forma de governo *à la* Foucault. No limite, para o autor, a diferença entre, de um lado, as técnicas de treino que empregam o método *cowboy* convencional e são

violentas, e de outro, os métodos de doma gentil *Jeffrei* ou não violentas (como aqueles propostos pelos treinadores Monty Roberts e Vicki Hearne) estaria no modo mais ou menos direto e mais ou menos sofisticado de exercer poder sobre o outro (Patton, 2003, p.92). Ambas, portanto, são formas de governo sobre o outro, embora se diferenciem qualitativamente quanto ao compromisso que estabelecem com o entendimento e respeito ao animal.

Outros sentidos podem ser dados à agência do cavalo na relação com as pessoas. Como argumenta Daniel Lima (2013), em contextos de doma tradicional ou gaúcha, em oposição à chamada doma racional ou gentil, que se apoia na não violência e formas de estabelecer confiança com o cavalo, o cavalo pode manifestar o atributo de “velhaco”, “rebelde” ou de cavalo “manso” (Lima, 2013). No quadro das relações entre o domador (campeiro) e o cavalo, o autor tematiza que, para o domador, o cavalo, ao ser domado, torna-se um sujeito que, ao invés de apenas estar assujeitado à violência do domador (p.40), ele é também um agente de violência, uma vez que é ele quem também determina se a doma deve ser violenta ou não. É válido notar, ainda, que o autor considera este tipo de interação com o cavalo uma relação “simétrica” (por mais que se reconheça que ela acarreta o uso de força e violência explícitas); haveria simetria uma vez que o domador “ensina” algo ao cavalo, mas também “aprende” algo sobre os atributos que o animal esconde.

Mas, de outro modo, pode haver consideração e obrigações éticas entre os seres envolvidos na assimetria, o que, de acordo com Patton, não significa que as relações com os animais no treino sejam, por isso, formas corruptas ou de cooptação do poder dos animais. Como ele coloca, é possível haver igualdade moral, ética, obrigações, responsabilidades e, no limite, liberdade, mesmo dentro de um sistema de restrições (p.96). E as relações envolvem ética justamente porque, dentro das possibilidades comunicativas, há o fundamento da confiança. E exemplifica que, também nas relações sociais entre humanos, há relações de comando e obediência que, por si só, não excluem a dimensão ética das relações. Vale a pena lembrar, ainda, a já apontada sobreposição entre formas de

governo lançadas simultaneamente a humanos e animais, nos séculos XVII e XVIII, quando as técnicas modernas de *dressage* foram aplicadas aos cavalos ao mesmo tempo em que movimentos dos corpos humanos eram também alvos de técnicas de disciplina, como Foucault bem o notou (Patton, 2003, p.94). É num sentido semelhante que imaginamos estarem em ação processos simultâneos aplicados às pessoas e aos cavalos na equoterapia, e é justamente no desenrolar das sessões que podemos ver de que modo se entrecruzam os procedimentos de comando sobre os cavalos e as técnicas e exercícios de controle sobre os praticantes.

Vejamos, então, o que ocorre com os praticantes no momento de seu ingresso na equoterapia, quando estes passam por uma fase de *adaptação*. Mencionaremos, também, alguns sentidos dados pelos terapeutas aos movimentos dos praticantes durante as montarias.

2.5.3. Adaptação de praticantes

Ao iniciar o tratamento, o praticante pode ter várias *reações* ao montar no cavalo. Alguns *gostam logo de cara*, outros, *não gostam muito* ou *não veem graça*. Certos praticantes, no começo, não querem ir sozinhos porque são ainda *muito apegados* aos familiares. Outros são *chorões*, mas depois *melhoram*. Há aqueles, ainda, que fazem cara de *assustados* e ficam *brancos* ao subir no cavalo; outros, querem *agarrar* nos terapeutas.

Uma vez, referindo-se a José, um praticante *novo* na equoterapia, a terapeuta disse: “*Ele é um moço lindo, tem autismo e é 'surdo-mudo'. A gente está adaptando ele. Às vezes ele não quer montar, e a mãe tem que montar antes dele, para ele ver*”. Em uma das sessões de José que acompanhei, ele estava indo *bem*, mas depois de alguns instantes, montado, o rapaz começou a se *chacoalhar*¹¹³. Em seguida, ele levantou uma de suas pernas; neste momento, a terapeuta disse que

¹¹³ Note-se a recorrência do uso do termo “chacoalhar”, repetidamente usado para os cavalos, e aqui aplicado também

ele *já queria sair* do cavalo. Instantes depois, ele *se jogou* de cima do cavalo¹¹⁴. Diante disto, a terapeuta interrompeu a sessão naquele momento, pois o praticante *não queria continuar de jeito nenhum*. Ao final da sessão, conversando com a mãe do garoto, a terapeuta disse que *levaria algum tempo* até que José *confiasse* nelas, e que este ganho de *confiança* é um processo comum aos demais praticantes.

Não obstante, depois que o praticante José e sua mãe foram embora do Centro Hípico, a terapeuta me disse achar que a equoterapia não daria *certo* para ele (quem, em menos de sete minutos decorridos da sessão, *se jogou* do cavalo duas vezes)¹¹⁵.

Deste modo, como vimos acima, a *adaptação* dos praticantes estabelecia tanto sua *aproximação* com os cavalos, como também carecia de uma relação de *confiança* com os próprios terapeutas.

2.6. Especulações sobre os cavalos

Não obstante, bem ou mal sucedidas, as relações assimétricas entre cavalos e pessoas tendiam a ser alvo de especulações-explicações da parte dos terapeutas, e eram parte estruturante do circuito da montaria. Creio estar em questão um tipo de conhecimento corporificado utilizado pelos atores como guia para a leitura do estado interno alheio, como suas intenções e pensamentos (Murray, 2007).

Vejamos abaixo alguns sentidos dados aos movimentos corporais de cavalos, e de que modo terapeutas os tomavam. Antes, porém, de prosseguir com a análise dos sinais, é válido salientar que não se pretende aqui estabelecer uma polarização acerca do modelo das montarias, e distinguir

ao praticante.

¹¹⁴ Ao sair do cavalo, o praticante caminhou *sozinho*, na direção contrária à *equipe*. Sua mãe disse que ele estava *fazendo graça*; porque ele foi *condicionado* e estava *acostumado* a tê-la por perto, ele não iria longe nem *sairia correndo*.

¹¹⁵ De fato, em minha última visita a campo, José já não frequentava mais a equoterapia.

aquilo que funciona ou não. Não é meu objetivo investigar aquilo que funciona em termos de “eficácia terapêutica”, mas tão somente observar o modo como os próprios interlocutores tematizam as diferentes ações de cavalos e praticantes que irrompem durante as montarias.

No que se refere às especulações sobre os cavalos, alguns de seus movimentos e/ou alterações de seu comportamento no fluxo da sessão levavam os terapeutas a acionarem algumas explicações sobre o estado interno dos cavalos. Neste sentido, alguns movimentos executados pelos cavalos em certos momentos eram tomados como *sinais*, e abriam a possibilidade de acessar sua subjetividade e estado interno. Retomemos a sessão de avaliação dos cavalos Sol e Simba que descrevi anteriormente. No momento em que Simba havia parado de andar na frente dos avestruzes, foi dito que ele estava *assustado*; depois, na volta para o galpão, ao passar pelas avestruzes novamente, mas, desta vez, sem mais interromper ou acelerar seu passo na volta, o cavalo foi considerado mais “*tranquilo*, embora não *totalmente*”. A égua Sol, por sua vez, *abaixou* suas orelhas, porque *não gostava muito de carinho*. Ela não teria *entendido* quando a terapeuta e o praticante jogaram argolas no ar. E *não se assustou* ao receber um *tapinha* em suas ancas, mas sim quando terapeuta e praticante jogavam a bola. Em certo momento, quando a égua parou de caminhar, como disse Marina, foi porque ela *quis me ver*. E, ainda, considerava-se que Sol tinha muita *energia* porque ela *saltava muito*¹¹⁶.

Outros sentidos poderiam ser dados aos movimentos e ações dos cavalos, em termos de suas vontades físico-corporais. Quando o cavalo se inclinou em direção ao pote de ração, que estava nas mãos de Gabriel, Marina disse: “O que o cavalo mais quer é comida”. E, certa vez, antes de iniciarem a sessão de treino dentro do redondel, o cavalo começou a *cavar a terra*. De acordo com a leitura da terapeuta, havia duas razões para o animal estar fazendo isso: ou ele estava *buscando*

¹¹⁶ Talvez a energia creditada aos cavalos possa ser relacionada à noção de eletricidade, como princípio vital de seres vivos, que já foi central para a compreensão da vitalidade de outros animais (Kim, 2013, p. 450; Shukin, 2009, p.131; Rennesson *et al*, 2012).

comida, ou iria *se jogar e rolar* no chão.

E, ainda, se o cavalo *para* de caminhar, é porque ele quer urinar ou defecar¹¹⁷. Se, além de parar, ele também movimentar sua cabeça, para cima e para baixo, é porque quer coçar o rosto, a cabeça ou o pescoço. Em uma destas ocasiões, terapeutas disseram “a gente tem que emprestar a nossa mão, porque ele não tem mão para se coçar”. Aconteceu também de terapeutas caminharem até a frente do cavalo, de modo que o cavalo esfregasse seu rosto contra o corpo deles. Nestas circunstâncias, podemos pensar que os humanos vêm a desempenhar, em certa medida, papel complementar para a satisfação das necessidades do cavalo. Pergunto: seria esta uma ocasião de hipotética (e efêmera) reversão de papéis entre humanos (aqueles que comandam, montam e puxam) e cavalos (aqueles que carregam, deslocam e obedecem)? A relação de dependência, assim como outras mencionadas, como a de que na Hípica do Damha os cavalos conseguem comida da *melhor qualidade*, um pasto *grande* e são *muito bem tratados e medicados*, ao passo que, se estivessem *soltos* (e aqui por “solto”, imagino tratar-se de uma ideia de que os cavalos, fora da equoterapia e da Hípica, estariam livres numa *natureza* entendida como espaço desprovido de quaisquer barreiras humanas), talvez não encontrassem as mesmas condições de *conforto* que havia na Hípica, além de que poderiam ser picados por outros animais, eram as justificavas usadas pelos funcionários (terapeutas, auxiliares-guia e demais trabalhadores do local).

Não obstante, terapeutas frequentemente reconheciam *sinais* de *dor* ou *mal-estar* nos cavalos. Numa sessão, a terapeuta disse achar que Dominó estava *ruim* da barriga, e que por isso ele ora *acelerava*, ora andava devagar. Além destes, outros sentidos eram atribuídos aos cavalos e sua relação com o entorno, por exemplo: se ele *empaca* pode ser porque está com *medo* ou *se assustou* com veículos, objetos (como um saco plástico preto balançando ao vento) ou animais no entorno (gavião, pavão, vaca, avestruz). Por outro lado, se o cavalo caminha em direção aos outros animais,

¹¹⁷ Segundo Gabriel, o auxiliar-guia, os cavalos urinam em torno de 6 a 8 vezes por cada meio-período de 4h.

pode ser índice de *curiosidade* ou *interesse*; se eles se aproximam, é porque querem *paquerar* e *conversar*. E pode ser até que eles *adorem* o passeio. Ou, então, se *incomodem* com as condições climáticas; Tic-Tac, por exemplo, *se incomodava* com o vento porque tinha rinite e espirrava com frequência; já Chocolate, *detestava* que encostassem em sua garupa: foi dito que, uma vez, ele *se estapeou inteiro e saltou* quando o praticante encostou neste ponto de seu corpo. Assim, alguns sinais podem mostrar que o cavalo está *bravo*, como a orelha que, quando *murcha*, é *sinal de braveza* ou de algum *incômodo*. Nestas circunstâncias, o cavalo *tende a acelerar*, ficar *agitado* e a *se assustar* com facilidade. O *bufar* e o *mexer* a garupa também são *sinais* de que o cavalo está em *condições de perigo*, e por isso pode *querer sair correndo*.

Numa sessão, o cavalo Dominó parou e olhou para os lados, na pista. A terapeuta perguntou ao praticante: “O que será que ele viu? Um fantasma, só se for”. E depois acrescentou: “Lembra que o ‘Domi’ dava uns pulinhos antes, quando via alguma coisa?”. Já em outra ocasião, enquanto caminhávamos pela pista do bosquinho, o cavalo *rodopiou* porque *assustou-se* com um barulho, que nada mais era do que o barulho da folha seca em que Lúcia pisou, e, porque estava fora de seu campo de visão, o cavalo ficou *sem saber* de onde vinha o barulho.

Em casos como os expostos acima, as especulações sobre os cavalos oscilam entre evocar sua individualidade, preferências e antipatias, lidas a partir da experiência pessoal, contínua e cotidiana que os terapeutas têm com o animal, e entre remeter a uma natureza genérica e própria da espécie cavalo (*Equus caballus*), com explicações de fundo naturalista, apoiadas no conhecimento da biologia e da etologia.

Algumas interpretações dos terapeutas, no entanto, carregavam certa imprecisão quanto às causas dos comportamentos dos cavalos. Diversas vezes os terapeutas não souberam explicar o porquê de o cavalo se *irritar*. Numa ocasião, a terapeuta Marina disse: “Vai saber...Às vezes era porque dormiu mal [no pasto]”. Um dia, até mesmo Vagalhão (o cavalo que era *estável* e não se

alterava) estava, naquela ocasião, surpreendentemente *nervoso e agitado*, porque *algum bicho* entrou no piquete e *assustou todo o mundo*, deixando os cavalos *histéricos* (nesta mesma ocasião, de acordo com Marina, uma égua foi encontrada morta no pasto, o que levantara a suspeita de que uma cobra havia invadido o local dos piquetes).

No pasto, chamado também de *casa dos cavalos*, pode ser que os cavalos distribuam coices e até mesmo *disputem* a comida uns dos outros. Dois a dois, eles se *cumprimentam* e podem querer *mordiscar* o pescoço um do outro, *brincando* e *se saudando*. Certa vez, enquanto caminhávamos para o pasto (eu, a terapeuta, o praticante e o cavalo), a terapeuta disse que o *espirro* do cavalo não era uma *forma de comunicação*, mas seu *relinchar* poderia ser. De acordo com ela, na *comunicação entre os cavalos*, contava muito mais o que o cavalo fazia com seu corpo do que o som que ele emitia.

Os sinais, além de interpretados como expressão de estados internos, são também associados a certas intencionalidades, como vimos quando seus movimentos e ações são tomados como expressão de sua vontade própria, associada à sua capacidade perceptiva em relação ao entorno ou, ainda, à leitura dos próprios cavalos em relação às vontades de outros seres. Daí que o cavalo pode antecipar algumas ações e situações, como *já saber* que vai ter de subir a ladeira, ou que terá de dar outra volta na pista, e por isso pode *querer cortar caminho*; ou, ainda, ele pode diminuir seu passo se já tiver visto que a “turma da APAE” está à sua espera (praticantes cujas sessões são encaradas como mais *cansativas*). Trata-se, portanto, de cavalos que têm uma percepção sofisticada das coisas, tarefas, pessoas, ambiente e também de seus entrelaçamentos.

Assim, é a partir do reconhecimento de uma série de intencionalidades pertencentes aos cavalos da equoterapia que os terapeutas buscam prever suas ações¹¹⁸. Se o cavalo *parasse de caminhar*, era possível também que, além de *querer urinar*, ele estivesse com *preguiça e frescura*,

¹¹⁸ As bases para a interpretação, conforme disse a terapeuta, vêm do estudo de livros da área, além da experiência pessoal acumulada, que tanto produzem generalizações como individualizações sobre os cavalos.

ou *não queria trabalhar*. Ou então, se ele *empacasse*, era porque estava apenas *enrolando* e *fingindo*¹¹⁹ querer urinar, e até mesmo *simulando* sentir dor.

A respeito da comunicação e da troca de sinais entre humanos e não-humanos, Eduardo Kohn (2013) traz importantes contribuições, as quais merecem ser discutidas aqui com mais pausa. O conceito de “ecosemiose”, elaborado para tratar da cosmologia do povo Ávila Runa, habitantes da Amazônia equatoriana, ilustra a ideia de que tanto humanos como não-humanos possuem capacidades de produção e interpretação de signos sobre o ambiente em que vivem (Kohn, 2013). Assim como nos parece, encontramos algumas similaridades nas dinâmicas relacionais que tomam parte entre cavalos e pessoas na Hípica. Vimos acima que os terapeutas levam em conta os fluxos comunicativos que os cavalos constituem entre si, com outros animais e com as pessoas. E, se estes cavalos são reconhecidos como sujeitos que observam, conhecem e apreendem o mundo, eles são, portanto, “*selves*” (Kohn, 2013). Além disto, uma vez que os cavalos percebem seu entorno, preveem situações e fingem outras, os cavalos, além de representados, são também capazes de representar os outros.

Segundo Kohn, o conhecimento da perspectiva de outro ser oferece a possibilidade de prever seus comportamentos. Por isso os sinais são também formas de representação que se referem a algo que vai ocorrer no futuro (Kohn, 2013). Esta capacidade de adentrar o ponto de vista dos animais e prever suas ações futuras (tal como o *bufar* do cavalo Simba, que apontava para a possibilidade de ele *sair correndo* ao se *sentir ameaçado*), é também o que permite aos terapeutas *minimizar os riscos* implicados na sessão, atentando para eventuais *reações* dos cavalos à presença de veículos, objetos e animais no entorno.

¹¹⁹ Uma vez que os cavalos podem *fingir*, os cavalos aparentam ter juízo sobre seus atos, tema que será discutido no próximo capítulo.

2.7. Possíveis Interlocuções

Antes de passarmos ao próximo capítulo, farei algumas considerações acerca da posição de intérprete que os terapeutas se colocam e, na medida em que leituras interpretativas são lançadas tanto para movimentos e ações de cavalos como de praticantes, interpretando seus estados internos, esta discussão já nos prepara para apontamentos que virão futuramente.

Na introdução da dissertação, detalhamos a sessão da praticante Jéssica e o modo como o grupo desenvolveu modos de interagir entre si. Quando a garota *batia* nos outros, no entendimento da terapeuta, ela *não o fazia por mal*, mas era a maneira com que podia se *comunicar* com os outros. Este tipo de interpretação corporal era bastante recorrente na relação terapeuta-praticante. Numa outra sessão, quando o praticante, montado, bateu com a mão na parte posterior da manta, a terapeuta disse: “Você sabe o que ele está falando? Que ele quer se deitar para trás. Ele adora isso”. Ou, caso o praticante movimentasse seu quadril para frente e para trás, pode ser que ele esteja *pedindo* para continuar o trote. Tal como ocorre com a gramática corporal dos cavalos, os movimentos de praticantes eram tomados como expressão de seus estados internos (vontades, sensações e intenções).

Noutras circunstâncias, ao voltar da sessão ao redor da pista de areia, e encontrar os pais da praticante no galpão, a terapeuta disse que a garota havia *falado bastante*, mas que não *sabia* se ela estava *conversando* ou *resmungando*. Noutra ocasião, a terapeuta afirmou que os sons que os autistas fazem com a boca (por exemplo, imitando o ritmo do cavalo) não se devem à *agressividade* e nem ao *descontrole*, mas são esforços *de comunicação* da parte dos praticantes. Assim, dependendo do *sorriso*, *barulhos* e *balanços* do corpo, o praticante pode sinalizar que está *alegre*, *confiante* e *pedindo mais*. Por outro lado, ele pode não ver muita *graça*; ou então, estar sentindo *dor*, *sono* ou *preguiça*; pode também *não querer* montar o cavalo, *resistir*, *chorar*, *fazer manha*, *se*

recusar e até mesmo *se jogar* do cavalo.

Já no que concerne às estratégias comunicativas usadas para chamar a atenção dos cavalos, durante as sessões, elas podem ser as seguintes. Os auxiliares-guia puxam a corda presa ao cabresto do cavalo com mais ou menos força, e a movimentam para os lados, ou então seguram sua mão mais próxima à argola atada ao bridão (que fica dentro da boca do animal, sendo mordido por seus dentes). Eles também mandam *beijinhos*, como em “*ptchu ptchu ptchu*”, e fazem outros estalos sonoros com a boca, produzindo o som “*tsch tsch tsch tsch tshc tsch*”. Eles pouco chamam os cavalos por seus nomes; o único uso verbal que fazem é do termo “Vamos”, usado de forma alongada, como em “Vaaaamos”. Os terapeutas, de sua parte, também mandam *beijinho*, fazem “*tsch tsch tsch tsch tshc tsch*” com a boca, e dão *tapinhas* na garupa do animal. Com frequência, eles se dirigem verbalmente aos cavalos, dizendo “Anda”, seguido da pronúncia de seu nome. Eles também costumam falar aos cavalos: “Para com frescura”, “Vamos logo”, “Está acabando”, e “É só mais esta sessão” e “Vai, pode parar com esta preguiça”. Os praticantes, por sua vez, podem mandar *beijinho*, dar o *comando* de andar ao cavalo, *batendo com os pés, de leve*, em sua barriga, ou então *firmando o assento* e também dando *impulso* com seu quadril.

Quanto às estratégias comunicativas usadas com os praticantes, o terapeuta chama-os pelo nome próprio, geralmente abreviado, ou então pelo nome completo, mas de forma alongada, e repetem-no. Em casos em que o praticante *entende pouco*, pode ser também que o terapeuta assovie, estrale com os dedos próximos a seu ouvido, ou balance o brinquedo que, eventualmente, esteja manuseando. O auxiliar-guia, de sua parte, não interage com os praticantes, salvo os momentos em que é claramente convocado a fazê-lo. O cavalo, de sua parte, pode fazer alguns gestos que *mostra* o modo como ele sente, por exemplo, ao se *chacoalhar* ou *acelerar*, ou mesmo ao não fazer nada ou não esboçar sinal, porque, às vezes, ele *não entende o comando* do praticante.

O conhecimento sobre o outro é derivado, então, da ligação próxima de seus corpos e das

possibilidades comunicativas e interpretativas que ela favorece no curso das sessões.

* * *

Iniciei este capítulo 2 expondo os pontos centrais de argumentação mobilizados pelos terapeutas em suas explicações das vantagens da equoterapia, tais como a *deambulação da marcha* humana e o *movimento tridimensional* do cavalo. Em seguida, pretendi mostrar de que modo o tratamento de equoterapia ocorre na prática, dentro Centro Hípico que visitei, tendo em vista o modo com que o grupo, como um todo, opera inter-relações, construídas sobretudo nas montarias, quando terapeutas, praticantes, auxiliares-guia e cavalos se comunicam entre si partindo de séries de movimentos e ações corporais (como as gestualidades, *comandos*, disciplina e controle). Também examinei o que acontece nos momentos antecedentes às sessões e nos intervalos dos atendimentos, bem como os procedimentos de encerramento das mesmas, os quais suscitam modos particulares de engajamento. Nestes momentos, é possível, ainda, visualizar quem cumpre qual atividade, a divisão de tarefas ali estabelecida. Já no que se refere aos critérios que asseguram às sessões certa continuidade e que se completem, satisfatoriamente, em trinta minutos, enunciei, em particular, as condições e processos que tornam os cavalos, animais *treinados e experientes*, e os praticantes, pessoas *adaptadas*, além de atentar também para o modo como se instanciam as possibilidades de interlocução entre eles.

Depois de olharmos para os entrelaçamentos tecidos pelos grupos nas sessões de montaria, dando atenção ao modo como as pessoas e os cavalos interagem a nível inter e intraespecífico, reunimos alguns elementos para subsidiar a discussão final sobre as noções de humano e animal. Assim, daqui em diante, a *integração* dos membros dos grupos e suas funções articuladas na montaria, colocadas sob escrutínio até aqui, serão contrastadas com as estórias e características individuais mencionadas no primeiro capítulo, no intuito de chegarmos a algumas conclusões a

respeito do estatuto de humanos e animais, conforme emergem nas sessões de equoterapia.

Voltemos às narrativas pessoais, portanto.

CAPÍTULO 3:

DIFERENTES HUMANOS,

DIFERENTES ANIMAIS



Imagem 15. Foto da performance artística *Que le cheval vive en moi*. Fonte: <http://www.biofaction.com/synth-ethic/?p=63>
Acesso em Fevereiro, 2015.

CAPÍTULO 3: DIFERENTES HUMANOS, DIFERENTES ANIMAIS

No primeiro capítulo, esboçamos algumas características dos sujeitos envolvidos na equoterapia, bem como seus papéis e o modo como podem ser combinados entre si nas sessões terapêuticas em exame. No segundo capítulo, passamos aos procedimentos, técnicas e exercícios desempenhados nas montarias, descrevendo as funções e inter-relações que atravessam os atores humanos e não humanos desta pesquisa. Neste capítulo conclusivo, contudo, é preciso, retomar as idiossincrasias dos cavalos e das pessoas que frequentam este local, a fim de traçarmos considerações mais assertivas em termos de seus estatutos nesta prática terapêutica. É interessante observarmos, neste momento, as bases que levam à qualificação e à explicação de comportamentos e ações de praticantes e cavalos; para o primeiro, atentaremos para as noções relacionadas ao corpo e à pessoa; para o segundo, nos deteremos nas ideias de natureza e nas subjetividades conferidas a eles.

Não obstante, buscaremos entrever de que maneira as definições de humano e animal se apoiam mutuamente, tendo em vista um campo relacional no qual os seres, sejam eles humanos ou não humanos, (inter)atuam entre si (Haraway, 2008; Ingold, 2000; Kirksey & Helmreich; 2010; Knight; 2005; Kohn, 2013).

Dito isso, inicio este capítulo com a temática sobre os atores humanos e suas estratificações, para depois avançamos para os cavalos e as ambiguidades que sua presença traz às relações ali estabelecidas e, finalmente, apontarei algumas potencialidades relacionais traçadas nestes encontros.

3.1. Quem são os humanos?

The question is: who needs to adapt or adjust to whom? Can we dwell in the statistical power of a majority and remain passive, expecting others to assimilate to our normative rules? Or should we strive for mutual integration with 'others', be they 'mentally challenged', 'ethnic minorities', 'handicapped', or whatever?

– Janine Prins, *Filming autism*¹²⁰, 2013.

Durante as visitas a campo, a equipe atendia a aproximadamente cem praticantes, dos quais conheci cerca de cinquenta e cinco. Dentre estes, apenas treze não apresentam deficiência. As *deficiências, transtornos* e outros *quadros* médicos mencionados em campo são os seguintes: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; acidente vascular cerebral, alteração congênita; aneurisma cerebral; autismo; esclerose múltipla; esquizofrenia afetivo-familiar; lesão cerebral, obesidade infantil, paraplegia, paralisia cerebral; problemas de equilíbrio e controle corporal; síndrome de Asperger, síndrome de Down e transtorno intelectual, além de outros tantos que são classificados como *sem diagnóstico fechado*.

Vejamos a trajetória do praticante Leandro, partindo das motivações de seus familiares ao buscarem a equoterapia. De uma das conversas que travei com sua mãe, e que alude às mudanças ocorridas e situações vivenciadas por este praticante, podemos apreender alguns traços distintivos que marcam o corpo e a pessoa do praticante em relação aos *típicos*, e que servirão para melhor compreendermos as noções de humano em jogo neste cenário.

A mãe de Leandro disse ter procurado o serviço de equoterapia quando, aos seis anos de idade, ele *ainda não andava muito bem*. Desconfiando que seu filho tivesse algum *problema* no joelho, ela então o levou ao ortopedista. Após analisar uma radiografia que detectou uma lesão no

¹²⁰ Fonte: <http://www.leidenanthropologyblog.nl/articles/fieldwork-with-my-brother-as-the-other>

joelho de Leandro, o pediatra sugeriu que eles procurassem o serviço de equoterapia na cidade. Até então, a mãe do garoto não tinha ouvido falar sobre esta modalidade terapêutica, mas mesmo assim decidiu buscá-la. Naquela época, o atendimento de equoterapia era feito em outro local; apenas alguns anos mais tarde o serviço seria disponibilizado na atual Hípica do Parque Eco-Esportivo Damha. Leandro iniciou o tratamento e, desde então, passaram-se dez anos. Sua mãe, convictamente, dissera que havia muitos *ganhos* para o garoto. Ela me disse: “Meu filho mudou muito. Com o cavalo ele ficou muito mais calmo, se comparado com a agitação que ele tinha antes de começar o tratamento”.

Hoje em dia, Leandro sabe galopar *muito bem* (e era o único praticante que galopava). De acordo com sua mãe, o garoto quer se tornar cavaleiro e competir em provas de Parahipismo. Mas, no momento de minhas últimas visitas ao campo, sua mãe preocupava-se com a prevista saída do garoto da equoterapia e sua imediata passagem às aulas de equitação, oferecidas no mesmo Centro Hípico, e sugeridas ao garoto pela terapeuta. Na opinião de sua mãe, Leandro teria de fazer a *modalidade especial*, e não a aula de equitação em geral, uma vez que ele *tinha problemas de equilíbrio*. De acordo com ela, seria *complicado de lidar* nas próximas aulas, porque ele veria os outros alunos saltando com o cavalo, e ia *querer fazer igual*: “Ele vê e quer pular que nem os outros, que fazem tudo com o cavalo”. Além disto, Leandro tem vontade de trabalhar na Hípica, e não de ir à escola. Ele *não sabe ler e escrever*, e nem *gosta de estudar* porque acha muito *difícil*.

Além da preocupação com *problemas de equilíbrio*, os pais procuram que os filhos aprendam a *andar, sentar-se, ficar de pé, e cuidar de problemas de equilíbrio*, trabalhar a *atenção, concentração e agitação*. Busca-se também melhoras na *saúde* em geral (no caso dos pais dos praticantes dos programas Hipoterapia e Pré-Esportivo), e havia também a preocupação de que eles fizessem alguma *atividade física, ao ar livre e fora de casa*, que envolvesse *prazer e lazer* no contato com a *natureza* (pais dos praticantes do programa Lúdico). Há, portanto, uma expectativa e

uma aposta em que os praticantes alcancem melhores condições de saúde e mais *qualidade de vida* e se tornem alguém mais *estável, equilibrado* e com uma *postura melhor*; em outras palavras, um humano “melhorado”.

Com isto em mente, passemos à discussão do regime de alteridades humanas implícito nas relações sociais travadas na Hípica.

3.1.1. “*Há algo em comum entre eles, além da diferença?*”¹²¹

Em campo, diversas vezes, usa-se a expressão *especial* em referência aos praticantes, enquanto o termo *típico* aplica-se às pessoas que não têm deficiência, estas também chamadas, em algumas ocasiões, de *normais* (acompanhado do gesto de aspas com as mãos). Por exemplo, certa vez, a terapeuta disse que o praticante Leandro se sentiria *mais perto dos normais*, quando passasse da equoterapia às aulas de equitação.

Aliás, algumas falas pontuadas a respeito dos alunos que faziam aulas de equitação me fazem pensar que, por vezes, a equitação seria o polo contrastivo da equoterapia. Na medida em que os alunos de equitação foram referidos como os *mais avançados e aqueles que podem fazer de tudo com o cavalo*, deduz-se que as sessões de equoterapia seriam, então, oferecidas para aqueles que são considerados *menos avançados* e que *não podem fazer de tudo* com os cavalos.

Mas onde está a diferença que faz a diferença, na relação de *deficientes* com *não deficientes*, e que os leva à conexão com os cavalos? De que maneira terapeutas e familiares formulam a diferença da pessoa *especial* em relação a eles próprios, sendo este eu referente, os *típicos*? Se todo e qualquer ser humano é considerado em termos de suas capacidades e incapacidades, e que fazem a cada um de nós um ser em particular e diferente dos demais, como esta diferença, a “deficiência”,

¹²¹ Esta pergunta, relativa aos praticantes, foi feita a mim pela mãe de um deles.

pode operar no contraste *especiais-típicos*? E, finalmente, o que as expectativas de *desenvolver*, *melhorar*, e *evoluir*, nestas circunstâncias, podem apontar a respeito do conceito de *pessoa*, *ser humano*, e mesmo de *vida humana*?

Ao serem apresentados a mim, terapeutas se referiam aos praticantes como aqueles que podiam *entender tudo*, *entender um pouco*, *não entender nada* ou, ainda, *não se sabia o quanto eles podiam entender*. Alguns *falavam bem*, outros, *pouco* ou *nada falavam*. Havia praticantes com *problemas* afetivos ou emocionais; outros, com *sérios problemas* motores, um corpo com *espasticidade* (termo técnico recorrente entre as terapeutas¹²²), *hipertonía* ou cujo impulso da marcha era *difícil de persistir*, e ainda tantos outros com o sistema neurológico e a capacidade de autocontrole *comprometidos*. Na literatura da área, uma pessoa com paralisia cerebral é descrita da seguinte forma:

O paciente apresenta graus anormais de tônus postural, o que altera sua mobilidade. Ao ficar de pé, a criança promove uma reação positiva de suporte, com intensa cocontração muscular dos membros inferiores. Ela consegue ficar de pé, mas imóvel. Além disso, a criança com PC possui número elevado de padrões anormais e estados de cocontração em espasticidade, principalmente nas articulações proximais de membros, tronco e quadril. Também exibe, frequentemente, grave inibição tônica de alguns músculos, que parecem fracos por estarem em oposição a antagonistas hipertônicos (...) O trabalho muscular de um paciente com PC apresenta capacidade aeróbica baixa, em virtude da falta de exercícios e da vida sedentária do paciente imposta pela imobilidade física. A atividade motora com tempos anormais de ação cria forças estabilizadoras, que requerem energia armazenada nos músculos e postura anormal na preparação do movimento. Os pacientes necessitam de um gasto de energia extra para iniciar o movimento contra a força da gravidade (Severo, 2010, p.141 e 142).

Além disto, demonstrei ao longo do texto que, no Centro Hípico, os praticantes eram ditos ser gente *instável*, *agitada*, com *problemas de equilíbrio*, que *se joga e cai para frente*; que tem um corpo *mole* ou *duro*; um corpo *esquisito*, com *uns acessos*; um corpo que *desmonta* ou cujos movimentos vão ficando *mais limitados*. Outros praticantes eram *sonolentos* e *desatentos*, sentiam *tontura* e tinham *convulsão* com frequência. Um deles, inclusive, era *todo dolorido*. De certa forma,

¹²² “Espasticidade”, conforme a terapeuta explicou, é quando o músculo se contrai o tempo todo, involuntariamente, e não há *controle da função de relaxar*. Na literatura, temos o seguinte: “*A espasticidade (aumento do tônus muscular ou hipertonia) é definida com o seguinte conceito: aumento da resistência aos movimentos passivos e inabilidade para dissociar movimentos numa articulação em decorrência de uma sinergia anormal*” (Severo, 2010, p.141).

os praticantes tiveram seus corpos e ações avaliados em termos de uma negatividade¹²³. No entanto, se sua agência é avaliada pelo que se toma como negativo, uma vez que seus corpos, comportamentos e ações são outros que não aqueles esperados pelos *típicos* (os que partilham do repertório dos “humanos normais”), os cavalos, por sua vez, teriam sua agência e corpo positivados (embora outras apreciações também sejam dadas a eles, algumas mais negativas, tais como a de *rebelde, folgado e encrenqueiro*, como vimos no capítulo anterior).

Além disto, conforme os comentários dos terapeutas, as crianças *especiais*, como um todo, estão *descontextualizadas* em sala de aula¹²⁴, local em que nada é *interessante* para elas, pois estas crianças *precisam de estímulo*. Também se problematizam as condições mais ou menos *autônomas* dos praticantes. Alguns *conseguem fazer* os movimentos *sozinhos*, enquanto outros *precisam de ajuda*. Alguns *dão trabalho e demandam*; outros, são *totalmente dependentes* e “precisam do outro para tudo, até para ir ao banheiro”. Uma praticante, inclusive, “cada vez mais se negava a fazer as coisas, dentro e fora de casa”.

Encontramos também a ideia de que praticantes vivem em condições de *passividade*¹²⁵ e *comodismo*, a qual se repetiu nas falas dos terapeutas, ao mencionarem os benefícios da equoterapia, como nas seguintes sentenças: “De cima do cavalo, os praticantes têm a oportunidade de deixar a condição passiva que é geralmente colocada à pessoa com deficiência” e “O cavalo (...) modifica a condição de comodismo geralmente imputada às pessoas com deficiência”. Vemos, assim, a suposição de que os praticantes, idealmente, reverterem sua condição “passiva” e “cômoda”

¹²³ Mas também a classificação dos praticantes era contingente e variava de acordo com o horário do dia. Como me disseram os terapeutas, “tem dia que dá e tem dia que não dá” [para fazer os exercícios] e, por exemplo, a praticante Jéssica foi descrita como mais *espertinha* e *disposta* no primeiro horário da manhã do que no último. Além disto, terapeutas consideravam um teor de imprevisibilidade no estado dos praticantes, como me disseram: “você nunca sabe como eles vão chegar”. “Imprevisível” foi também uma categoria bastante recorrente para explicar o modo como os cavalos se comportavam.

¹²⁴ Alguns praticantes frequentavam colégio “normal”, outros, escolas “especiais”.

¹²⁵ A ideia de passividade faz parte mesmo dos termos mais técnicos: o “*impulso da marcha é difícil de persistir em casos de Paralisia Cerebral*” ou em “*O trabalho muscular de um paciente com PC [paralisia cerebral] apresenta capacidade aeróbica baixa, em virtude da falta de exercícios e da vida sedentária do paciente imposta pela imobilidade física*” (Severo, 2010, p.146).

justamente ao montarem nos cavalos.

O contraste das pessoas com deficiência com os “outros” é repetido mesmo em casos em que este “outro” é também uma pessoa com deficiência; um dos praticantes é considerado (pelas mães de outras crianças com deficiência) “uma criança especial diferente das outras”, porque *fala mais* e é *enxerido*. Trata-se, portanto, de um quadro em que a fala, os movimentos corporais e/ou a capacidade de compreensão da pessoa são encarados como *afetados*, *limitados* e, por vezes, *perdidos*, aspectos estes que aparecem como traços diacríticos de alguém considerado *especial* em relação a alguém *típico*. Não obstante, eu acrescentaria que, além da noção de “deficiência” ser “*caracterizada por alguma forma de falta, seja pela chave do corpo – a ‘lesão’ –, seja pela chave do social – a exclusão e opressão da diversidade corporal e funcional*” (Lopes, 2014, p.75), ela é também caracterizada por excessos, por exemplo, de alguém cujo corpo fica *caindo*, *desmonta* e é *esquisito*, ou de alguém que é *ansioso*, “*sai sempre correndo*”, e por isso não consegue ficar *parado* e *escutar* os outros.

Neste sentido, os praticantes apresentam condições corporais e cognitivas que não são contempladas numa certa noção iluminista de ser humano, racional e autônomo, na qual se supõe a pessoa (e seu corpo) em sua condição “total” ou “plena”, isto é, que *caminha*, *fala* e *entende* bem, e que se opõe diametralmente ao animal enquanto signo da falta, da ausência e da incompletude (Singer 2004 [1975]). Este humanismo, vale lembrar, vem junto com a ideia moderna de aperfeiçoamento contínuo do ser humano, que deve ser buscado a todo custo¹²⁶.

De certo modo, a diferenciação *especial-típico*, conforme é usada pelos meus interlocutores no Centro Hípico, associa as ideias que temos acerca das funções vitais biológicas próprias ao ser humano, suas capacidades individuais e um certo morfismo que, ao servirem como meios para

¹²⁶ Neste sentido, Dias (2013) mostra a interface entre o capacitismo e o neoliberalismo, e como a obsessão pela capacidade e autonomia tende a refutar a “aliança solidária”. Ideia esta que se aproxima do “imperativo utilitário da reabilitação” discutido por Kim (2013).

identificar o humano, se produz uma espécie de “espectro do corpo normal” (Murray 2007). Por exemplo, a forma *estável*, em certo sentido, escaparia aos praticantes – uma vez que muitos deles *andam com dificuldade*, outros *não têm sustentação corporal*, alguns se movimentam *sem qualquer autocontrole*, e outros, ainda, são paraplégicos e *não têm movimento* algum para baixo do quadril. Muitos deles, inclusive, fazem uso contínuo e controlado de medicamentos, além de buscarem outras terapias associadas com a equoterapia.

Alguns praticantes também se valem de extensões funcionais: *adaptam* suas casas, usam andador, cadeira de rodas, aplicam botox e usam próteses. Certa vez, a terapeuta se referiu a uma praticante que naquele momento estava usando uma órtese em sua perna, como alguém “caminhando normalmente, como se não tivesse nada”. E arrematou que “nem parece que tem alguma coisa na perna”. Diante desta ideia, sugere-se que as órteses permitem novos jeitos de andar e caminhar aos praticantes; levando adiante, é possível imaginar que, com a órtese, alteram-se os limites do corpo, ampliando e estendendo as capacidades do corpo. E, se objetos se tornam parte de nós e de nosso corpo, podemos pensar, então, que também o cavalo vem a se tornar parte daquele que se junta a ele.

Em termos de acoplamentos de tecnologias ao corpo, é indispensável situar aqui a discussão de Donna Haraway (2009) a respeito dos ciborgues (mas também sobre o encaixe entre pessoas e animais e sua discussão sobre as espécies companheiras, esta última sendo uma derivação da primeira). O ciborgue é, como diz a autora, uma imagem de “ironia”: “A ironia tem a ver com as contradições que não se resolvem –ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras (p.35)”. Neste sentido, é como se os praticantes incorporassem algo dos cavalos em seu modo de ser, fazendo emergir novas possibilidades de ver, caminhar, estar em outro lugar, e ser no mundo (lembremos, ainda, a frase de Marina, que explicou seu envolvimento com os cavalos como *vital*

para ela). Se, na cadeira de rodas, o praticante olha *apenas de baixo para cima*, no cavalo, ele tem a chance de olhar *de cima para baixo*. O próprio nome da *equipe*, a saber, “Crescendo a Cavalos”, sugere esta incorporação e, neste caso, é tomada como aprendizagem, via contato com o cavalo.

É oportuno notar também que o caminhar e o correr “bípedes” são tomados como “o passo normal humano”¹²⁷ (Alexander, 2004, p.321, minha tradução), portanto, aqueles que não se encontram na condição de bípede ou têm a “postura normal afetada” (Severo, 2010, p.140), neste ponto de vista, se aproximaria do animal. Mas, se levarmos estes pressupostos adiante, na equoterapia, é o cavalo quem, paradoxalmente, vem a permitir aos praticantes estarem numa condição próxima ao ereto ou bípede.

Uma vez que as noções de *melhorar; ajudar a melhorar; desenvolver; crescer; aprender; e até mesmo evoluir* apareceram nas falas das terapeutas, o que se busca para o praticante (naturalmente, uma vez que se trata de uma equoterapia) é uma condição diferente e otimizada em relação ao início do tratamento. O próprio termo “praticante”, como sugerimos no início deste trabalho, parece se opor à noção de deficiência, na medida em que enfatiza a pessoa com deficiência sob um outro paradigma de ação (diferentemente de seu chamamento pelo termo paciente, em outras modalidades de terapia). Outrossim, as transformações descritas em relação à vida dos praticantes levam-nos a pensar que está em questão um processo no qual o praticante (*instável e com um corpo esquisito, com condições motoras gravemente comprometidas, dentre outras*) se tornaria, idealmente, alguém *mais centrado* e com uma postura *equilibrada* (e, curiosamente, isto se faz a partir do contato com o cavalo).

É importante notar que, se há uma busca pela melhoria da saúde dos praticantes em termos de seu corpo e pessoa, por outro lado, em um contexto mais amplo, há também uma tendência a considerar a condição e o corpo humano (e aqui os de uma pessoa *típica*) como passíveis de serem

¹²⁷ “Bipedal walking and running are the normal human gaits”, no original.

aperfeiçoados. Neste paradigma tecnocientífico, o corpo, em seu sentido orgânico, é tomado como superável:

Apesar da crescente preponderância da cultura do *fitness*, do *bodyism* e do *healthism* – ou, talvez, como mais um ingrediente dessa tendência – o corpo recebe uma grave acusação: é limitado e perecível, demasiadamente orgânico, e portanto fatalmente condenado à obsolescência. Impõe-se, então, o imperativo do *upgrade tecnocientífico* (Sibilia, 2004, p.207).

Não obstante, de volta ao caso particular dos praticantes, em alguns momentos, suas condições de vida foram também associadas a um sofrimento e a certo “peso” na vida. A mãe de uma praticante, ao chegar no galpão, atrasada para a sessão de sua filha, disse estar *cansada de não dormir mais* desde que sua filha nascera, e que não sabia mais *o que fazer*.

Da parte dos terapeutas, a maneira como os familiares tratavam os praticantes era colocada em exame por eles. Vejamos alguns momentos etnográficos em que estas considerações apareceram.

Uma vez, as terapeutas, conversando entre si, discutiam o modo como os familiares tratavam os praticantes: “Ela só come comida amassadinha. Pode parar, ela precisa de estímulo. Ela não troca nem o canal da televisão. Eles [os pais] levam tudo na bandeja para ela, na poltrona onde ela está sentada, na frente da televisão”. Os terapeutas, assim, distinguiam entre o jeito mais ou menos *certo e errado* nas atitudes dos familiares para com os filhos¹²⁸. E a conversa prosseguiu: “*O pai é ainda três vezes pior, atrapalha muito e não deixa ela fazer as coisas. Daqui a pouco você vai ter que carregar ela. Tem que por ela para se mexer. Ela é fraca, ela já é 'hipo' [hipotônica] por natureza. A natação seria bom. Ou mesmo caminhar. Mas ela tem medo do asfalto. Muda o piso, ela cai no chão. Eles [os pais] têm medo dela se machucar, e fazem tudo por ela*”.

Como vimos no trecho acima, o pai da praticante *atrapalhava* ao não deixar que ela fizesse

¹²⁸ Na descrição dos praticantes, vimos que alguns familiares se referiam aos filhos como pessoas *difíceis* ou *complicadas*. De certo modo, seguindo as impressões de terapeutas, alguns destes familiares também seriam pessoas *difíceis*, mas que podem melhorar, desde que *estimulem* o filho da maneira correta, sem *ignorar* ou *disfarçar* sua deficiência.

as coisas e, ao invés de *estimular* a garota, até mesmo *piorava* seu estado (“Pode parar, ela precisa de estímulo (...). Tem que por ela para se mexer”). Além destas impressões, terapeutas tomavam, ainda, que alguns pais *disfarçavam*¹²⁹ o diagnóstico de que o filho *tinha alguma coisa*, e inclusive *não aceitavam* que eles tivessem que usar cadeira de rodas¹³⁰. Alguns *ignoravam* que o filho tinha “deficiência”; outros não *aceitavam* e não queriam *assumir* (embora os tivessem levado à equoterapia).

No entanto, as mães das pessoas com deficiência formavam uma espécie de comunidade, me disse a terapeuta, na qual trocavam informações sobre as experiências relacionadas à saúde e à educação de seus filhos. Passemos agora às considerações concernentes aos terapeutas.

3.1.2. Terapeutas

Terapeutas se relacionavam com diversos sujeitos ao mesmo tempo: auxiliares-guia, cavalos, praticantes e familiares (e, nestes casos, também eu mesma¹³¹). Conforme discutimos acima, os terapeutas ofereciam uma série de explicações sobre o funcionamento do corpo humano, embasadas em processos fisiológicos, biológicos, anatômicos e neurológicos, tanto dos cavalos (e seu movimento tridimensional, a semelhança com o caminhar humano, dentre outros) como dos praticantes (e o ajuste do tônus muscular, estimulação do sistema nervoso e motor, e assim por diante). Mas, ao evocar benefícios como “o aumento da autoestima” do praticante e a aquisição de uma “visão de mundo” diferente, uma vez que se está em cima do cavalo, o argumento se apoiava

¹²⁹ A mãe do praticante Leandro, noutra ocasião, demonstrou o mesmo ponto de vista, ao dizer que muitos pais *não querem assumir* que o filho é *diferente*.

¹³⁰ Excetuando-se o caso de Jéssica, cuja mãe foi elogiada por ter adotado a filha, mesmo tendo conhecimento de que ela tinha alguma *deficiência*. Neste caso, adotar uma criança *especial* faria com que seus pais sejam positivamente avaliados pelos terapeutas.

¹³¹ De certo modo, também a minha posição em campo foi estabelecida pelas terapeutas. Por exemplo, fui advertida para não entrar no pasto certas vezes, enquanto em outras fui convocada (inclusive pelo auxiliar-guia); aconselharam-me a falar com alguns familiares e outros não.

mais em torno de uma imagem do cavalo como “animal imponente”, e sua associação com benefícios de ordem psicológica e pedagógica, quando se dispensavam as explicações de ordem fisio-anatômicas.

A fim de examinarmos o papel de *melhorar* e *ajudar* que os terapeutas pretendem cumprir, retornemos à sessão com a praticante Eliana. Nesta, quando a praticante começou a *chorar*, a terapeuta disse a ela: “Eu quero te ajudar, você pode melhorar. Mas você e seu pai precisam confiar em mim”. E depois ela completou: “Assim ela não vai evoluir. A gente tá aqui para ajudar [o praticante] a melhorar”. Neste caso, a ação de *melhoria* aparece como proveniente da habilidade dos terapeutas em *ajudá-los*; são os terapeutas que se auto-atribuem a ação benéfica sobre o praticante, supondo, inclusive, a possibilidade de que aqueles *evoluam*. Mas vimos anteriormente, nas explicações dos *benefícios* possíveis trazidos à saúde dos praticantes, um grande número de explicações sobre a capacidade agentiva dos cavalos. Esta tensão na eficácia da equoterapia, se localizada ora nos cavalos ora nos terapeutas, leva-nos a sugerir que se trata, em ambos os casos, de agentes híbridos. Se o cavalo só é capaz de melhorar o estado de saúde do praticante na medida em que é direcionado pelo terapeuta, também o terapeuta só se consolida enquanto agente terapêutico na equoterapia porque o cavalo está ali presente e dá “assistência” a ele (e digo isto também pensando no próprio termo “Terapia Assistida por Animais” e no sentido de que o animal oferece “assistência” ao terapeuta, “assistindo-lhe” nos atendimentos). Por outro lado, terapeutas se colocaram, em alguns momentos, como “só uma mediadora”, como disse Marina, ao explicar que nenhum terapeuta conseguiria fazer o ajuste tônico no corpo dos praticantes tal como o cavalo o faz.

Durante as montarias, além de direcionar a articulação do grupo como um todo, organizando suas ações e posições, terapeutas se ocupavam, em grande parte, de interpretar os comportamentos de cavalos e praticantes. Por isto, em seu esforço de leitura corporal dos movimentos e ações alheias, terapeutas eram uma espécie de intérprete. Parte desta interpretação incluía a avaliação de

movimentos em termos de “qualidades” e “defeitos”: a postura *arrumada* ou *corrigida* (“Não é assim que se senta no cavalo”, “Corrija suas costas”, e “Você está caindo para um dos lados”), o jeito *ótimo* de fazer a transição dos passos do cavalo, a maneira *certa* de puxar as rédeas, e assim por diante. Fundamentalmente, os terapeutas interpretavam o encaixe entre praticante e cavalo e as possibilidades da relação. Mesmo aqueles fora do contexto de abrangência da equoterapia podiam ser parte das avaliações de terapeutas. Uma vez, enquanto caminhávamos ao redor da pista de equitação de grama, vimos que o cavalo *disparou* e que a aluna de equitação caiu do cavalo; este, continuou em seu galope a alta velocidade na pista. Em seguida, os funcionários que estavam nas proximidades correram em direção ao cavalo (dentre eles Gabriel, o auxiliar-guia), o que, na visão de Marina, seria um *erro*, porque incitava ainda mais o cavalo a *correr* e a *fugir*; enquanto uma *simples abertura de mão* poderia fazer o cavalo parar de galopar.

Ao dispor domínios de ação e acrescentar significados a elas, terapeutas buscavam atingir um certo “sucesso” ao longo dos trinta minutos (e ao longo do tratamento), procurando garantir a continuidade da montaria e as condições de segurança a todos, *minimizando os riscos*. Penso, assim, que, da parte dos terapeutas, as montarias envolvem a previsão, o controle, e a negociação de uma gama de comportamentos possíveis com cavalos e praticantes. Em certa medida, e guardadas as devidas proporções, arrisco a dizer que, se terapeutas estavam aptos a transitar pelo estado interno tanto de cavalos como de praticantes, eles desempenhavam um papel próximo aos xamãs entre os povos ameríndios (Viveiros de Castro, 1998). Ao circularem entre as experiências corporais de praticantes e cavalos, eles articulavam as adversidades que poderiam resultar das ações daqueles no desenrolar das montarias¹³².

No que se refere à relação com os familiares, terapeutas distinguiam as ações apropriadas e

¹³² Embora não entre em questão, neste estudo, nem a habilidade do xamã em se comunicar e negociar com seres do mundo espiritual, nem sua capacidade de se metamorfosear em outros seres, adotando sua aparência externa. Se podemos pensar nalguma metamorfose no contexto de minha pesquisa, penso que ela se coloca para o praticante, ao montar no cavalo, que, assim informam os terapeutas, acede a uma nova condição e ganha um novo ponto de vista.

inapropriadas, como vimos acima. Deste modo, terapeutas buscam que os familiares reconheçam que seus filhos estão deslocados de uma “humanidade hegemônica” e da ideia de um ser humano *pleno*, ali corporificada nos *típicos*. A diferença (neste caso, a “deficiência”), portanto, não deve ser *disfarçada*, mas *assumida* e, uma vez *aceita*, os praticantes devem ser *estimulados* do modo apropriado (lembramos o alerta da terapeuta ao familiar de um dos praticantes, quando disse: “Não é para correr atrás dele [do praticante]. Assim ele não aprende que não é mais para correr. Se a gente correr, é aí que ele vai achar que pode”).

Mas, como vimos anteriormente, ao *melhorar* os praticantes e *disciplinar* os cavalos, terapeutas também tinham de “controlar” a si próprios (lembremo-nos da ocasião em que a terapeuta explicou que tinha de se *controlar* na frente de tantos praticantes *agitados*). A montaria, portanto, trazia o “controle” como instância fundamental e multidirecional na relação entre todos os membros do grupo e, nos modos de exercerem controle sobre os outros (e seus corpos), os terapeutas eram também perpassados por um tipo de mudança corporal e processual. Assim, ao mesmo tempo em que são os responsáveis pela manutenção dos grupos e por seu funcionamento como “um corpo só”, terapeutas estão sujeitos, eles mesmos, ao controle e autoridade que impõem aos outros.

3.1.3. Auxiliares-guia

Vimos que o auxiliar-guia cumpre função significativa antes, depois e ao longo das montarias. Além de puxar o cavalo durante as sessões, ele é encarregado de *pegar* os cavalos no pasto, prepará-los para a montaria, e levá-los de volta ao pasto. Ele também cuida da limpeza das baias, banhos e aplicação de medicamentos e, fundamentalmente, garante a manutenção da *segurança*.

Examinando particularmente seu papel durante as sessões de montaria, ao exercer a função de puxar os cavalos, o auxiliar-guia está mais alinhado corporalmente ao cavalo do que aos terapeutas e praticantes. No entanto, seus movimentos, direcionados ao cavalo, são ao mesmo tempo uma interação com o terapeuta, porque respondem às instruções verbais deste. Estando mais próximo da cabeça e boca do cavalo e, portanto, em contato direto e contínuo com ele (se comparamos à posição de terapeutas, que ficam mais próximos de praticantes), o auxiliar-guia detém graus de controle em frações importantes deste circuito de comando e controle, afinal, é ele quem mantém o cavalo caminhando por lugares e ritmos conforme os ditames dos terapeutas.

Mas é de se notar que, durante toda a montaria e para além dela, o auxiliar-guia permanecia com a cabeça e o olhar baixos, além de ficar calado em grande parte do tempo. Esta seu posicionamento como um funcionário inferior demonstra bem aquilo que foi apontado por Rebecca Cassidy, ao tratar do estábulo como um local hierárquico de trabalho (2007, p.131), onde, como disse um de seus informantes, “o funcionário ideal é visto e não ouvido” (idem).

Assim, ao executar com o cavalo as instruções verbalmente pedidas pelos terapeutas, o auxiliar-guia também tem de obedecê-los. Deste modo, se o auxiliar-guia não fala e permanece calado durante as sessões, ele também desloca o humano “total” ou “pleno”. Mesmo sendo como um *típico*, na medida em que tem a capacidade da *fala*, locomoção e compreensão, ele praticamente não *falava* no âmbito da montaria. Assim, a presença do auxiliar-guia também serve de contraponto à discussão sobre as funções ou capacidades “humanas” que estão em discussão na equoterapia, e isto porque a questão que se coloca a ele não é se ele tem ou não a capacidade da *fala*, mas se ele *pode falar* naquela situação em particular. Se é assim, o auxiliar-guia estaria mais próximo de praticantes e cavalos do que dos *típicos*, ideia que parece ser corroborada quando terapeutas se referiram a ele como alguém que não *sabe* ler e escrever, é *limitado e bruto*.

A voz, neste contexto, seria um dos mecanismos de exercer autoridade e controle sobre os outros ali presentes. Se pensarmos em termos de um fonocentrismo (Derrida, 2002), os grupos situam uma estratificação no que se refere ao uso da fala. Se, por um lado, o auxiliar-guia é alguém apto a falar mas que, no desempenho de sua função de puxar o cavalo não dialoga, de outro lado, o/a terapeuta é o único membro do grupo que desempenha a capacidade máxima da fala. Neste aspecto, portanto, a posição dos terapeutas é dominante, uma vez que eles são os únicos que, por excelência, podem e estão autorizados a falar a qualquer momento.

Auxiliar-guia, cavalo e praticante, por sua vez, carregam uma posição subordinada em relação aos terapeutas, ainda que cada um a seu modo. O primeiro, o auxiliar-guia, é um trabalhador de fato, porém “emudecido” enquanto trabalha; o segundo, o cavalo, é também um trabalhador, na medida em que deve se *submeter* e *obedecer* a certas rotinas “trabalhistas” estabelecidas por seus “patrões”, os terapeutas (mas também aos *comandos* dos praticantes); o terceiro, o praticante, por sua vez, é aquele que deve ser *melhorado* por meio das sessões terapêuticas e, para isto, tem de ser *adaptado*.

Mas são também os cavalos, contudo, que agenciam a passagem de “pacientes” para “praticantes”. Avancemos, a seguir, para a discussão sobre quem são os cavalos, e qual a natureza do papel por eles desempenhado nesta terapêutica, seguindo, mais uma vez, o ponto de vista de meus interlocutores humanos.

3.2. Quem são os cavalos

“Ele sabia que estava ajudando pessoas muito especiais. Sempre acolheu com o maior carinho e a maior paciência do mundo todos os seus cavaleiros. Ele é um verdadeiro cavalheiro”.

– Trecho do cartaz pendurado na parede da área de recepção do Hangar da Hípica, em homenagem ao cavalo Vagalhão, escrito e assinado por Marina.

Esta seção vem a tratar do modo como os cavalos aparecem, na equoterapia, e as relações que eles estabelecem com humanos e entre si, do ponto de vista dos participantes humanos em tela. Tratando de quem são os cavalos, portanto, eu os situo, neste texto, a partir daquilo que os interlocutores deste estudo pensam sobre o que os cavalos pensam.

O cavalo está associado a processos de mudança, tanto nas pessoas individuais como em seu próprio círculo de relações sociais. A posição e o tratamento dado a eles, no contexto em tela, podem ser analisados em duas esferas: 1) o cavalo objetivado, tomado como uma espécie de “remédio” ou recurso terapêutico, por via da tematização das vantagens que a equoterapia traz para a vida das pessoas, tematização esta que poderia ocorrer dentro ou fora das montarias (na literatura); e 2) o sujeito cavalo ou ser senciente, tomado nas interações vis-à-vis, entre os demais cavalos e pessoas durante as montarias e para além delas.

Neste sentido, acomodados como partícipes ativos, os cavalos são compreendidos tanto como instrumentos, objetos e recursos, de um lado, e, de outro lado, como agentes e sujeitos coterapeutas, em função de uma finalidade que lhes ultrapassa, a saber, a atuação positiva na saúde dos praticantes, embora sejam também, em certos momentos, encarados como sujeitos dotados de seus próprios interesses. Do mesmo modo, se olharmos para as relações atuais entre pessoas e cavalos no fluxo da montaria, como já enunciei anteriormente, a participação dos cavalos oscila em torno do binômio obediência-desobediência (quando sua agência era tanto positivada quanto

negativada), mas também se ramifica para diversas outras modalidades de relação.

* * *

Começemos nossa análise partindo do modo como os cavalos e suas capacidades terapêuticas aparecem na objetivação que os terapeutas fazem do cavalo, enquanto agente de benefícios na equoterapia.

3.2.1. Cavalos *multifuncionais*¹³³: da máquina ao terapeuta

Por conta de sua movimentação tridimensional, os cavalos podem *estimular* (o sistema nervoso central), *ajustar* (o tônus muscular), *relaxar* (a coluna), *aliviar* (as dores), *favorecer* (a postura), *investir* (na autoestima), *mudar* (a visão de mundo) e até mesmo *reavivar* o praticante, tirando-lhe de sua *condição passiva*.

Já vimos, em diversos momentos do texto, que as explicações ofereciam conclusões sobre o funcionamento físico-anatômico dos cavalos: o cavalo tem um jeito de caminhar semelhante ao caminhar humano (deambulação); o movimento tridimensional, os tipos de passos (ao passo, trote, galope) e sua forma particular de encostar as patas no chão. Estas qualidades, tematizadas como atribuições próprias aos cavalos e benéficas nelas mesmas, têm grande relevância nas explicações de base científica da equoterapia:

Podemos afirmar que o cavalo tem nas ondulações verticais a origem dos seus movimentos, gerando uma posição corporal que provoca a perda do equilíbrio, retomado pelo deslocamento dos seus membros, que por sua vez dão nova disposição à coluna vertebral, e assim sucessivamente, criando uma relação de causa e efeito entre o centro de gravidade, a inflexão da coluna e os deslocamentos dos membros.

Nos deslocamentos, o cavaleiro tem a necessidade permanente de ajustar seu centro de gravidade em harmonia com o centro de gravidade do cavalo, oscilando no sentido lateral, no avanço de cada membro, e no sentido anteroposterior, na distensão dos posteriores e no pouso dos anteriores.

¹³³ Este atributo dos cavalos como animais *multifuncionais* foi conferido por Bruno, em conversa durante uma sessão.

Todas essas ações são transmitidas ao cavaleiro por meio, principalmente, de sua pelve e coluna, causando nele os mesmos movimentos de um deslocamento a pé (Severo, 2010, p.115).

Vejamos, ainda, o seguinte trecho de meu diário de campo, a fim de analisarmos com mais detalhes os papéis que os cavalos vêm a desempenhar na relação com o praticante. Na sessão de montaria dupla com a praticante Silvia e o cavalo Dominó, a garota pouco se manteve ereta sobre o cavalo. Seu pescoço tombava para trás frequentemente (daí a necessidade da montaria dupla), seus olhos estavam semicerrados, sua boca permaneceu aberta, e Marina, posicionada logo atrás dela, limpava a saliva e narina dela com certa frequência, com um lenço de pano dado por sua mãe. Silvia tossia bastante; enquanto isso, Marina fazia movimentos em suas costas, para ajudar a liberar as secreções que a garota “não conseguia engolir sozinha”.

O movimento do cavalo, conforme a terapeuta afirmou, *ajudava* a promover a circulação de ar no pulmão de Silvia. Além disto, de cima do cavalo, o corpo da garota se movimentava em relação ao chão, o que provocava movimentos distintos ao mesmo tempo no corpo da garota, e fazia com que seu sistema vestibular (responsável pelo labirinto e, portanto, pelas funções de equilíbrio) fosse *hiperestimulado*, *melhorando* o controle de sua cabeça. Por ter sofrido uma lesão encefálica quando bebê, Silvia tem *déficit do controle neuromotor*. Por esta razão, ela contrai seu bíceps, mas *não consegue* esticar o braço. Além disto, Silvia tem um corpo *hipotônico*¹³⁴ e apresenta *espasticidade*.

Marina então segurou as mãos da garota. De trás dela, tomou o braço da garota em suas mãos e o movimentou, desenhando círculos no ar. Este gesto, segundo ela, fazia a *mobilização passiva* do braço da garota, o que mantinha a *amplitude articular* e dava *flexibilidade* ao tendão de seu braço. Subindo a ladeira ao lado da pista de areia, Marina ressaltou que, mesmo que a garota

¹³⁴ A *hipotonia*, porém, não é considerada uma *disjunção funcional*, segundo informações da terapeuta, porque todas as pessoas têm o corpo “hipotônico” ou “hipertônico” (Marina, por exemplo, seria hipotônica; e eu, hipertônica, ela dissera).

estivesse parada em cima do cavalo, o cavalo fazia vinte mil contrações, também chamadas de *cocontrações*, que reuniam *contrações antagônicas*, estas realizadas por diferentes *grupos musculares* e de forma *involuntária*. Segundo ela, esta movimentação do cavalo *obrigava a alteração muscular*, “independentemente de a pessoa querer e conseguir ou não”. E qualquer alteração muscular, antes de ocorrer, “passa antes pelo cérebro”. Se a criança está *bem*, a sessão é *ótima*. Mas se os praticantes estão com gripe ou dormiram *mal*, por exemplo, pode haver *interferência* nos músculos. Por outro lado, mesmo nestas condições, não haveria *interferência* no recebimento do movimento do cavalo pelo praticante, porque as *contrações musculares* consequentes aconteceriam de *qualquer modo*. Assim ela afirmou: “O processo, a movimentação tridimensional, as cocontrações, e o ajuste tônico acontecem invariavelmente, se o praticante estiver gripado ou não”. Então, conforme entendem os terapeutas, há *cérebro* mas não há *movimento* nos praticantes; o cavalo seria, então, o próprio movimento para eles, sendo equivalente à sua força, energia e músculos.

Mas esta explicação foi interrompida, quando Marina, chamando minha atenção, disse: “Olha, o braço dela esticou agora... É por causa do ajuste do tônico que o cavalo fez. É o que eu chamo de milagre do cavalo”. Ela também disse que todos os exercícios que elas estavam fazendo até aquele momento favoreciam a *rotação externa* e a *abdução do quadril* da garota.

Numa outra sessão com a mesma praticante, Marina comentou que o *ajuste* do tônico *equilibra* os músculos, *estimulando* alguns grupos de músculos e *relaxando* outros. Neste caso, penso que, ao mesmo tempo em que cavalos *equilibram* os músculos de praticantes, é como se eles também “equilibrassem” suas relações sociais. Voltando à sessão, Marina completou suas exclamações: “Daí a importância do cavalo. Nenhum terapeuta conseguiria fazer este movimento no corpo da praticante”. Em seguida, ela salientou que o terapeuta era apenas um *mediador* ali, e que o cavalo era o *grande terapeuta*. Ela reafirmou o papel ativo e primário do cavalo como agente

de impacto na praticante, dizendo: “Silvia está tendo ganho aqui por causa do cavalo, eu só dou uma ajudinha. Estou mantendo ela firme e mudando as posições. O cavalo é o ‘astro’ aqui”.

Mas, depois de alguns instantes, Marina refez o papel atribuído ao animal, ao afirmar que o cavalo era um *recurso* para intervir com a criança. Também a sentença “o ponto chave é o movimento do cavalo no aspecto motor, que favorece as contrações musculares” e a ideia de que tais contrações, conforme ela disse, são feitas *automaticamente* pelo cavalo, como um *efeito* de seu passo, aproximam o cavalo à função de máquina ou autômato (embora poucos momentos antes, naquela mesma situação, o cavalo tivesse sido qualificado por ela como o *astro* e o *grande terapeuta*).

A respeito da condição de máquina atribuída aos animais, é válido lembrar que, até o século XIX, os animais eram tratados como coisas ou máquinas; para o filósofo Descartes, os animais eram “*nada mais do que máquinas criadas por Deus*” (Francione & Garner, 2010, p.6), com os quais as pessoas se relacionavam sem quaisquer considerações ético-morais. E, ainda atualmente, encontramos animais de tração e de abate cumprindo a função de máquinas.

* * *

Conforme o trecho exposto acima, a tematização das vantagens em montar o cavalo reconhece diferentes graus de agência do animal. Ao nível das explicações fisiológicas: o movimento tridimensional do cavalo *influencia* o praticante (que “recebe cerca de vinte mil contrações musculares involuntárias, em um período de trinta minutos”); a movimentação *obriga a alteração muscular* (independentemente de a pessoa querer e conseguir ou não”); o movimento em ziguezague *favorece o autocontrole* da pessoa montada; a marcha do cavalo *faz o ajuste do tônus muscular* dos praticantes (estimulando alguns grupos de músculos, enquanto relaxa outros), e isto *desperta contrações musculares involuntárias* neles. Como fonte destas mudanças musculares e

motoras, o cavalo foi considerado *agente de milagre, o grande terapeuta* e um *astro*, como vimos logo acima, na sessão com Silvia.

Mas, além destas atribuições, os cavalos vêm a cumprir funções mais utilitárias, começando pela de mercadorias (uma vez que eles são comprados pelos terapeutas), passando pela equivalência a uma *bola de pilates viva* (certa vez, durante o atendimento, enquanto o praticante estava na postura de *índio morto*¹³⁵ sobre o cavalo, o terapeuta Bruno afirmou que o cavalo era uma *bola de pilates viva* porque relaxa a coluna). Ou, então, se concebe o cavalo como uma espécie de máquina¹³⁶, que *estimula e vibra* o praticante (e seu corpo). O espírito do cavalo, por exemplo, produz uma *vibração* para o corpo daquele que está montado. E esta vibração gerada pelo cavalo, por sua vez, produz *diversas sensações* no corpo do praticante, por exemplo, ao *subir e descer* a ladeira.

Em certa medida, os cavalos também vêm a cumprir a função de prótese para os praticantes. Do modo como meus interlocutores se referem a eles, os cavalos podem oferecer apoio, suporte e deslocamento espacial aos praticantes; são capazes de trazer a eles um corpo mais equipado (ao *conceder potência, velocidade e força*) e, ao fazer isso, reverteriam a condição *difícil* ou *limitada* dos praticantes. Mas sua função vai além, pois, se, na cadeira de rodas, o praticante geralmente olha apenas *de baixo para cima*, ao passo que no cavalo ele tem a *chance* de olhar *de cima para baixo*¹³⁷, então os cavalos são agentes que provêm aos praticantes um diferente sentido do mundo e da vida.

E, como sugestão, o cavalo pode ser pensado, talvez, como uma forma de decoração corporal ou uma prótese animal viva (Viveiros de Castro, 1998, p.480), fazendo as vezes de uma

¹³⁵ Nesta posição o praticante deita-se com a barriga para baixo e seu corpo atravessa, perpendicularmente, o corpo do cavalo.

¹³⁶ Na literatura da área, o cavalo pode assumir o papel de um motivador: “A equoterapia se caracteriza pelo fato de o cavalo ser um importante motivador terapêutico” (Severo, 2010, p.112); ou de máquina animal: “(...) em decorrência de observações constantes da máquina animal relativas às composições musculares e esqueléticas, foram obtidas as noções de equilíbrio, o mecanismo do movimento e os efeitos terapêuticos das andaduras do cavalo” (Severo, 2010, p.113).

¹³⁷ Esta oposição entre alto e baixo, associada ao valor simbólico do cavalo, será discutida nas próximas páginas.

certa “roupagem” ou “equipamento xamânico” (Kohn, 2013, p.215; Viveiros de Castro, 1998, p.482). Neste sentido, é como se os praticantes incorporassem algo dos cavalos em seu modo de ser, fazendo emergir novas possibilidades de ver, caminhar, estar em outro lugar, e ser no mundo.

Além disto, em um de seus comentários, Bruno disse que o cavalo “modifica a condição de comodismo geralmente imputada às pessoas com deficiência” e, nesta mesma ocasião, ele também afirmou que “o desenvolvimento da bipedia na passagem de primatas a humanos” trouxe aos seres humanos uma condição de “autonomia”, e que algo parecido ocorreria ao cadeirante montado no cavalo. Sobre estes pontos levantados por Bruno, creio ser adequada a discussão feita por Donna Haraway tanto no que concerne ao ciborgue (2009) como em sua noção de “*becoming with*” (“devir com” ou “tornar-se com”) entre as espécies companheiras (2008), tanto mais porque, na mesma conversa com Bruno, ele inclusive afirmou que o cavalo *funcionava* como um *adendo cibernético* e como uma *extensão* do corpo humano. Arrisco a dizer, ainda, que, guardadas as devidas proporções e questões de gênero à parte, o cavalo, da forma como aparece neste contexto, além de remeter à ideia de ciborgue, também pode ser pensado como uma espécie de “maravilha tecnológica” que, em certa medida, faz as vezes de um exoesqueleto para o praticante (ainda que seja orgânico e vivo); este, porém, no contexto que examino, creio não ser tomado como mero “apêndice humano” ao primeiro (Wagner Camargo 2014); não seria o contrário?

Além disto, o tratamento linguístico pode indicar que também a relação com os cavalos se demarca por certa instrumentalização deles. Na linguagem do cotidiano, que transcorre ao longo dos atendimentos, terapeutas, praticantes e auxiliares-guia falavam em *pegar os cavalos* no pasto; “agora vai a Fantasia”; *andar nele* e derivados, como *montar nele*; *subir nele*; *descer dele*, e “a gente vai no Dominó” (e não com ele!). Deste modo, os cavalos continuam sendo tomados como um objeto, uma coisa, um veículo, relembrando que, conforme apareceu anteriormente, na sessão de Laura e Simba, a terapeuta disse à praticante: “Pode pôr o passo agora e agradecer o cavalo”, como se

mudasse a velocidade do cavalo, tal como se muda a marcha de um veículo, além de os praticantes *dirigirem* o cavalo (o que era feito com o uso da rédea).

Por outro lado, novamente, a aproximação dos cavalos às máquinas é deixada de lado, quando sua condição de seres vivos e sencientes é ressaltada, como na frase: “Se até as máquinas param de funcionar, imagina um ser vivo?”; e na diferença entre uma muleta e o cavalo: “A muleta não é um ser vivo, o que conta muito”.

Além das qualidades enumeradas acima, a relação também se desdobrou para uma consideração afetiva, ao se referirem algumas vezes ao cavalo como *amigo*. E também o cavalo como motivo de *orgulho*. Uma vez, o praticante Leandro disse a Simba, ao final da sessão: “Galopou bonito, garotão. Tô com orgulho deste cavalo”. Depois acrescentou que Simba *valia ouro* e, “quem dera” seu pai tivesse dinheiro para *comprá-lo*.

Além destas atribuições, o cavalo também pode ser um *anjo* para as pessoas. Em uma sessão, a terapeuta disse à praticante: “O cavalo é um anjo mesmo, ele gosta de ajudar”. O cavalo, então, emerge como um ser benevolente, que intencionalmente *quer* ou *gosta de ajudar* aos praticantes. Também Vagalhão foi referido como um *santo*. Neste caso, o cavalo não é tanto um “trabalhador”, mas aquele que ajuda voluntariamente. A noção de que o cavalo *ajuda* aparece também no cartaz em homenagem a Vagalhão, inserido na epígrafe desta seção: “Ele sabia que estava ajudando pessoas muito especiais. Sempre acolheu com o maior carinho e a maior paciência do mundo todos os seus cavaleiros. Ele é um verdadeiro cavalheiro”. Como vimos, Vagalhão, além de “ajudar”, era ainda um “cavalheiro” e “acolhia” aos praticantes com “carinho” e “paciência”.

Significativamente, não podemos deixar de remeter à ideia de que, em alguns momentos, é como se o cavalo fosse pensado como “animal auxiliar” do terapeuta (o “feiticeiro”), retomando a leitura da montaria como um ritual: “*O dúplice do feiticeiro, o seu animal auxiliar, são representações personificadas do seu poder e do modo de acção [sic] deste poder*” (Mauss, 2000,

p.97), quando o cavalo dá suporte à eficácia do terapeuta. Inclusive esta ideia parece ser corroborada pelo termo “Terapia Assistida por Animais”, embora, como vimos em outras ocasiões, o cavalo não apareça como um *auxiliar*, *assistente* ou *mediador*, mas sim como o *grande astro* e agente de *milagres* e, nestes casos, ele mesmo seria o “feiticeiro”.

Não de menor importância, além da sacralização do cavalo mencionada acima, o cavalo oferece contato com algo misterioso e mágico, como apareceu na frase da mãe da praticante, ao afirmar que o cavalo “passa uma energia” e, quando a terapeuta, durante a sessão, afirmou que o braço de Silvia havia mexido em consequência do “milagre do cavalo”. A mãe de uma praticante¹³⁸, de modo semelhante, disse: “É linda a relação [praticante-cavalo]. Tem uma magia. Não sei o que é, mas ela desperta a minha filha. Não é o físico. É porque ela gosta mesmo, eu vejo que ela se sente bem”. E, ainda no cartaz sobre Vagalhão, ao final dele, a terapeuta encerra e agradece pela gentileza de Vagalhão com aqueles aos quais “ensinou a magia de crescer a cavalo”.

Temos, assim, uma contradição fundamental nos modos de apreender a agência dos cavalos na equoterapia: o cavalo em sua potencialidade benéfica é associado tanto às funções de uma máquina (e demais objetos, como à bola), como também àquelas de maior aporte, como um *astro*, um *grande terapeuta* e um *agente de milagres*. Esta ambiguidade objeto-sujeito, portanto, é constitutiva das relações com os cavalos; neste caso, está particularmente associada à uma relação trabalhista (para os terapeutas e auxiliares-guia) e terapêutica (para os familiares e praticantes). Neste sentido, penso que estes cavalos são tomados como objetos trabalhados, mas também como sujeitos trabalhadores (Haraway, 2008). E que, conforme disseram os terapeutas, têm uma *disposição* e *humores* que variam diariamente, tal como ocorre às pessoas (podendo oscilar em razão de uma noite mal dormida até o *susto* com os movimentos e barulhos de um plástico preto balançando rapidamente ao vento). E, por estes e outros motivos, os cavalos da equoterapia são

¹³⁸ Esta mãe indicou-me a leitura de “O homem que ouve cavalos” de Monty Roberts ([1935] 2009), autor também mencionado pelos terapeutas.

continuamente *treinados e disciplinados*.

A seguir, pretendo apontar outras recorrências que enfatizam, mais claramente, a condição dos cavalos como sujeitos para, finalmente, tratar dos desdobramentos que as capacidades agentivas associadas aos cavalos podem ter sobre a definição de animal.

3.2.2. Cooperação e desobediência (do) animal

No que se refere à agência atualizada na interação terapeuta-cavalo, o cavalo é (idealmente) aquele que obedece e coopera com os terapeutas. Durante as sessões, pode ser que o cavalo esteja *animado, sinta, entenda e vá bem* com o praticante. Ele pode *cooperar, ficar seu amigo*¹³⁹ e te seguir (Nini, como disse a terapeuta, sempre *seguia* a pessoa facilmente, isto é, acompanhando-a, caminhando atrás dela, quando estabelecida a comunicação com ele). Vimos, acima, que Vagalhão, além de ter uma *gentileza incondicional*, é um animal que não *enrola e não tenta enganar* os outros (e em nada se *altera*). Este cavalo era, portanto, um bom exemplo da atitude cooperativa que podemos encontrar nos cavalos da Hípica, além de possuir uma intencionalidade positiva *incondicional*.

Além de reconhecerem estados internos, emoções e capacidades de percepção nos cavalos, dentre outras (como estar animado, sossegado ou irritado), os terapeutas consideram que os próprios cavalos fazem o mesmo em relação aos humanos, conforme já discuti anteriormente. Assim, o cavalo pode ser *sensível* a ponto de reconhecer os praticantes individualmente, e *saber* o ritmo em que eles querem andar. Ou então, a capacidade perceptiva e a intencionalidade benéfica dos cavalos aparecem juntas, conforme Marina narrou um acidente que lhe acontecera. Nesta ocasião, Marina estava no pasto em meio aos cavalos, e Nini e Tic-Tac *se desentenderam* ao receberem suas porções

¹³⁹ A expressão *ficar amigo* apareceu quando os cavalos seguiram os praticantes dentro da pista, sem estarem diretamente amarrados ou guiados por eles.

de ração. Marina, que estava por perto, foi atingida por um coice disparado por Nini na intenção de *acertar* o cavalo Tic-Tac. Neste incidente, Marina teve seu quadril fraturado. Já no dia seguinte, enquanto atendia, após o praticante fazer a sessão como de costume, com o cavalo Nini, Marina disse que *subiu no cavalo*, mas que a montaria não foi *boa*, porque o animal, ao *perceber* que ela não estava *bem*, também não ficou *bem*, de modo que ela teve que *descer do cavalo*. Noutra ocasião, narrada por Marina, um praticante sofreu convulsão durante a sessão no redondel. A terapeuta disse ter se *desesperado*, porque não havia ninguém para ajudá-la a retirar os pés do praticante do estribo, pois o auxiliar-guia não estava presente. Mas Nini, *percebendo* [a gravidade da situação], ficou *santamente parado*, até que ela, do chão, conseguisse retirar o praticante de cima dele. Além da intenção (“santamente parado”) e percepção valorizadas na atitude do cavalo, ao ficar prostrado enquanto o praticante convulsionava, conforme a terapeuta colocou, a atitude do cavalo é também associada a um senso moral de responsabilidade para com o praticante.

Outra noção recorrente entre os interlocutores se pauta na ideia do *espelhamento* entre humanos e animais, que apareceu da seguinte maneira, em conversa com o psicólogo Bruno: “Se a pessoa está irritada, o cavalo se irrita; se você está com medo, ele fica receoso. É um espelhamento”. Temos, assim, que a intenção e estados internos da parte do praticante também se transmitem de modo reverso aos cavalos, o que envolve um jogo tanto de ações corporais que remete à isopraxis (Haraway, 2008) quanto às ações de influência recíproca (Despret, 2004). Além disto, esta afirmação aponta que a troca de qualidades dos seres ocorre em duplo sentido, também das pessoas aos cavalos, e não apenas do cavalo ao praticante (como a *energia* do cavalo parece o colocar como fonte única na transação).

A noção de que no encontro humano-animal há fluxos de percepção de um em relação ao outro produz outras derivações. Dominó *reconhecia* as pessoas de longe. Por exemplo, quando

Marina caminhava em direção ao pasto¹⁴⁰, ele a olhava e já começava a se aproximar da entrada do piquete. Ele era o único cavalo que *ia com* ela, quando ela adentrava o pasto, e mesmo que ela estivesse sem o pote de ração em mãos. Este cavalo, inclusive, pode *entender português*. Por exemplo, no exercício dos *altos*, quando o terapeuta conta, conforme caminham: “Um, dois, três”, sendo que, no “três”, todos devem parar de se movimentar, Dominó costuma parar antes mesmo que se chegue a contar o “três”. Como disse Bruno, “é só começar a contar que ele já para sozinho”. Já em outra sessão, a praticante perguntou à Marina se o cavalo *falava português*, ao que a terapeuta respondeu: “Ele entende algumas palavras em português. Ele é bilíngue”.

Em contrapartida, como vimos na discussão a respeito dos sinais que os cavalos emitem para os terapeutas, os cavalos podem *fingir* e *enrolar* os terapeutas. Certa vez, ao longo do trajeto de uma sessão, Dominó *empacou* no caminho diversas vezes. Diante das interrupções em seu passo, a terapeuta disse ao cavalo: “Domi!, você está muito folgado hoje”. E, disse-me que, naquele caso, o cavalo não estava sentindo nenhum *desconforto físico*¹⁴¹, mas estaria apenas *enrolando*, e *fingindo* para ela que queria fazer xixi, quando na verdade ele não queria era *trabalhar*. Em um contexto bastante distinto, mas oportuno para destacar esta curiosa atitude tomada como “fingimento” do animal, Vander Velden (2012) aponta que entre os Karitiana algumas espécies de *wild pets* (assim chamados os animais nativos apanhados nas matas e familiarizados pelos Karitiana, como os quatis e os macacos) “fingem uma mansidão”, de modo a enganar as pessoas que os querem capturar (p.115). Se, todavia, os cavalos da equoterapia *fingem* estar *cansados* ou com *dor* aos terapeutas, procurando evitar o *trabalho*, pois, como dizem meus interlocutores, “eles preferem ficar soltos no pasto”, já aqueles animais capturados pelos Karitiana, de sua parte, “insistem em escapar” é da companhia dos humanos (e não do trabalho, como os cavalos fazem), para assim “ganhar a floresta”

¹⁴⁰ Segundo a terapeuta, os cavalos reconhecem a “silhueta” e a “fisionomia” das pessoas.

¹⁴¹ O que pode acontecer muitas vezes, mas, como ela disse, sua *equipe* procura atender às “necessidades” dos cavalos e atentar para a ocorrência de algo que possa estar “incomodando” ou “machucando” o animal.

(p.115).

Além disto, noutra ocasião, ainda, a terapeuta reclamou ao cavalo, verbalmente: “Ah, você está de sacanagem”. E, logo em seguida, disse-lhe, em tom brávio: “É muito esperto, você”. Mas a ideia de que os cavalos *enganam* ou são *sacanas*, do ponto de vista dos terapeutas, se opõe à percepção da mãe de uma praticante, que salientou a *pureza* e honestidade do cavalo: “O animal é puro, ele não mente”. E, reafirmando a ideia acima sobre a capacidade perceptiva do cavalo, ela disse: “Eles conhecem a pessoa, eles sabem quem não é boa pessoa”.

Já Fantasia, quando levou “dois sustos fortes, um com a bicicleta e o outro nem sei com o quê”, como disse a terapeuta Marina, não estava *fingindo*, pois, conforme ela afirmou, seria *difícil* que o cavalo *conseguisse fingir* uma reação destas. Marina completou, dizendo: “E, outra coisa, a 'Fanta' não fazia isso antes”. Continuando com as hipóteses, Marina interrogou-se que, por razão de ter tido *bebê*, pouco tempo atrás, a égua talvez tivesse sofrido alguma *alteração* em seu corpo, por exemplo, ficando *sensível* nas costas. Outra possibilidade elaborada por Marina, que pretendia explicar a *irritação* da égua, inédita durante os atendimentos, era porque o dia anterior foi *corrido* por conta dos atendimentos aos alunos da APAE, ocasião em que seis crianças devem ser atendidas em apenas quinze minutos de sessão cada uma, e isto *estressa* o cavalo.

Às vezes o cavalo é *sem vergonha* e para de caminhar porque *já sabe* que vai ter de subir a ladeira ou porque *já viu* que ele vai trotar de novo e, justamente por isso, diminui seu *ritmo*. Pode ser que o cavalo esteja *preguiçoso*, *mordendo* muito e não *obedeça* aos comandos. Ele pode *querer contrariar*, *dar coice*, *desafiar*, *querer brigar* e, inclusive, *competir* com terapeutas (e, como vimos, em todos estes casos, havia o *risco* de o cavalo *empinar*, *acelerar*, *rodopiar*, ou então, *disparar* com o praticante em cima dele).

Deste modo, os cavalos têm expectativas, capacidade de percepção, tomam decisões (como escolher fingir aos terapeutas) e mesmo fazem um juízo sobre praticantes e terapeutas. Neste quadro

compreensivo gerado pelos terapeutas, cavalos, portanto, têm uma ideia de eu ou *self*. Longe estão de serem tomados como *recursos* neutros¹⁴².

3.2.3. Os cavalos e sua *natureza*

A conexão entre ação corporal e estados internos/emoções/sentimentos se faz pela leitura dos sinais que os cavalos podem emitir, os quais, ao lado das justificativas científicas e da simbologia que o cavalo abraça, dão lugar a uma série de caracterizações dos cavalos na relação humano-animal.

No que se refere à natureza genérica e própria aos cavalos, com explicações de fundo naturalista, apareceu a noção recorrente de que o cavalo é *presa na natureza*, e por isso é *desconfiado*, tende a se *assustar* e a ter *medo*¹⁴³ de objetos, outros animais e inclusive de seres humanos, ainda que fique *curioso* e queira se aproximar de alguns deles, como das vacas. Outra ideia que se repetiu foi a de que o cavalo é um animal *gregário* e, por isso, ele *gosta* de estar próximo aos outros, e não *sozinho*, como acontece quando ele fica na baia. Na baia, o cavalo *não gosta de ficar* e lá ele está *preso*. Já no pasto, ele está *solto* e tem comida disponível. Assim, *pasto* e *comida* estavam intimamente associados, e o que o cavalo *mais quer*, como disse Marina, é *comida*.

O pasto, como já foi dito, era entendido como a *casa* dos cavalos. Quando Marina conversava com uma praticante, disse que “onde os cavalos moram tem grama alta, é bom colocar bota alta senão molha tudo o pé. É a casinha deles, é lá no pasto”. Na sessão com a praticante Cintia, fomos levar Simba de volta ao pasto. Marina disse que poderíamos entrar no pasto naquele

¹⁴² Sobre a crítica ao tratamento dos animais como recurso, segue-se: “*My position maintains that all sentient beings—human or nonhuman— are equal for the purpose of not being treated as resources, just as an intellectually gifted human and a mentally disabled human are equal for the purpose of not being used as a forced organ donor or as a nonconsenting subject in a painful biomedical experiment*” (Francione & Garner, 2010, p.5).

¹⁴³ Durante uma sessão, ao passarmos pelo estacionamento de carros, Dominó *empacou* porque, como disse a terapeuta, ele “morre de medo das bandeirinhas” (do Brasil, na época da Copa do Mundo, pregadas em alguns carros, e que mexiam ao vento).

momento, porque a hora de dar ração a eles era a mais *tranquila* de transitar pelo local, quando “todos os cavalos comem e nem olham pra gente” (o auxiliar-guia Gabriel já havia entrado no pasto e deixado ração para todos). Em outra ocasião, enquanto a terapeuta e o praticante conduziam o cavalo de volta aos piquetes, Marina advertiu ao praticante Jonas que era preciso estar *atento* para os cavalos dentro do piquete, pois eles “podem querer brigar entre si e dar coice na gente. Eles vão vir para cima porque vão pensar que temos comida para dar a eles”. Quando entraram no cercado, os cavalos foram até a eles; um deles se aproximou bastante, mas Marina o afugentou para poder entrar com Dominó no local. E explicou que os cavalos, dois a dois, se *cumprimentam e, brincando*, podem querer *mordiscar* o pescoço do outro, ou morder quando *disputam* por ração. No último caso, entre eles, se destaca o cavalo Tic-Tac, o mais *brigão*, e que *dá coice* nos outros.

No pasto, os cavalos teriam, então, um modo próprio de socialidade (Fijn, 2011) e humanos devem atentar para isso, caso contrário, podem ser atingidos por um coice entre eles. Há, portanto, certa noção de que, dependendo de os cavalos estarem nas baias (e prontos para *trabalhar* e, portanto, presos), ou no pasto (*de folga*, e, portanto, *soltos*), haveriam comportamentos previstos e os imprevistos para cada caso, tanto relativos à espécie cavalo como aos idiossincráticos, e cada um deles gera uma dinâmica relacional específica.

Como mencionamos acima, os cavalos são animais *gregários*, e por isso gostam de *viver em bando*. Se *sozinhos nas baias*, ou mesmo nos piquetes, eles ficavam *tristes*. E, disse Marina, o bando *elege sempre um líder* (inclusive pode acontecer de este líder ser uma pessoa, disse Marina). Além disto, certa vez, Bruno disse que o cavalo, por estar na *condição de presa na natureza*, ao ver outro bicho, se *sente ameaçado* e *pensa* que ele pode ser seu *predador*. Por isso, cavalos eram *desconfiados* por natureza, e *enxergavam* também os seres humanos como seus *predadores*.

Temos, portanto, uma outra ambiguidade constante na relação com os cavalos, na qual humanos aparecem como seus *líderes e predadores*, de um lado, mas também são, potencialmente,

suas “vítimas”. No que se refere à relação presa-predador entre cavalo e humanos, entretanto, a noção recorrente entre os terapeutas sobre a *minimização de riscos* nas montarias, assim me parece, coloca humanos mais na condição de “presas” dos cavalos; ao seu lado, estariam em condições de “perigo” e de vítimas em potencial, do que o cavalo na condição de *presa* para humanos (embora aqui não esteja em questão a relação predador-presa em termos de um se tornar comida para o *outro*¹⁴⁴, mas da apropriação do *outro* na forma de objeto e para usá-lo terapeuticamente), daí a iminência de levarem coice no pasto, ou, enquanto estão montando, caírem do cavalo. Então, se os terapeutas pensam que os cavalos pensam que humanos são seus *predadores*, os primeiros, os terapeutas, também pensam que estes animais são seus *predadores*, na medida em que os consideram quase como *animais selvagens* ou, ao menos, animais que têm um *instinto (selvagem)*. Ele pode *não obedecer, sair correndo, empinar, rodopiar, fugir* da baia ou do piquete, *derrubar cercas*, e até mesmo *matar* quem ele quisesse, inclusive, “lá dentro do redondel”, como dissera a terapeuta. Estas ações perigosas dos cavalos, porém, são tomadas como pertencentes à sua natureza, e não como uma reação particular e idiossincrática aos diferentes estímulos a que são expostos.

Uma discussão interessante sobre a relação presa-predador entre humanos e animais é encontrada em Plumwood (2000, p.5), na qual, ao refletir sobre seu encontro e sobrevivência a um ataque de crocodilos, a autora destaca o esforço humano para escamotear a visão dualista de dominação humana diante de outros animais, negando o fato de que nos encontramos também na condição de presa de outros animais, e não apenas de predador, e esta deve nos fazer reconhecer nossa “vulnerabilidade animal” em relação aos outros seres (p.6). A este respeito, vale a pena atentarmos à seguinte passagem:

The ideia of human prey threatens the dualistic vision of human mastery in which we humans manipulate nature from outside, as predator but never prey. We may daily consume other animals by the billions, but we ourselves cannot be food for worms and certainly not meat for crocodiles (Plumwood, 2000, p.6).

¹⁴⁴ A título de uma discussão sobre o consumo da carne de cavalos, é relevante consultar Sahlins (2003) e o artigo “*They Eat Horses, Don't They?*” (Weil, 2007).

Entre meus interlocutores do Centro Hípico, constrói-se, por vezes, a noção de que o cavalo quer *desafiar* e *controlar*, como na ocasião em que Marina treinava o cavalo Chocolate, montada nele; aparece até mesmo a ideia de que o cavalo quer *dominar* o território e, por vezes, pode ser *aversivo* ao contato humano (é o caso de Dominó). Estas situações, além de indicar claramente a manifestação da agência do cavalo, também sugerem que humanos interagem com o animal sob a condição de servir a ele como “presa” (entendida, em um certo sentido etnológico, como vítima, ou objeto) e líder, simultaneamente. Vejamos os comentários tecidos por Bruno, a respeito dos cavalos da Hípica que *serviam* e aqueles que não *serviam* para os treinos de *Horsemanship*¹⁴⁵: “O ‘Domi’ é bom nisso [i.e., nos treinos de Horsemanship], porque ele é chatinho. Ele tem mais energia, é mais aversivo ao contato, ele desafia”. Ele prosseguiu comparando-o com outros cavalos: “Já o Nini é muito bonzinho, ele vai atrás de você sempre com facilidade. O Skate também não serve porque ele é muito lento”. Apontando uma agência do cavalo, ele continuou sua explicação, afirmando que, nestas circunstâncias, ocorre um jogo de disputa e controle entre o cavalo e a pessoa que com ele interage, “Se você tem medo, o cavalo vai querer ter controle sobre você. Se você deixar, ele vai ganhando território sobre você. Ele vai querer ganhar”. Este tipo de atividade, Bruno acrescentou, permite “calibrar a publicização do comportamento”, comentário que, somado à frase anterior (“Se você tem medo, o cavalo vai querer ter controle sobre você”), inclui a noção de que o cavalo é capaz de ler o comportamento e a emoção humana, tal qual o *medo*. Mais uma vez, a relação humano-animal é a de disputa de um sujeito sobre o outro, mas, desta vez, o cavalo passa a ser o sujeito dominante da relação, aquele que *quer ter controle* e *ganhar território* sobre o humano, este passando da condição de líder à de objeto ou coisa.

Por outro lado, ao afirmarem que os cavalos são *constrangidos* na equoterapia, além de se reconhecer que os cavalos têm seus próprios modos de ser e interesses, atribui-se a eles, novamente,

¹⁴⁵ *Horsemanship* é a “habilidade de entender e agir, sensitivamente, em conformidade àquilo que o cavalo está pensando e sentindo” (Birke, 2007).

uma condição de *dominados* que vai de encontro à sua *natureza*, como se a natureza do cavalo fosse outra, que não aquela encontrada nos termos colocados à sua existência na Hípica. Certa ocasião, a terapeuta me disse que “o cavalo aqui na equoterapia nunca pode fazer o que ele quer”, por exemplo, “tirar uma mosca de seu corpo, caminhar mais rápido ou mais devagar, caminhar na subida...”. Depois, porém, ela acrescentou que faz “o possível para não impedir o cavalo e atender às suas solicitações”. E que, *em compensação*, o cavalo recebe a *melhor comida, cenouras*, tem um bom espaço de *pasto e amigos*.

Serpell *et al* (2000) também remarcam que, à diferença dos animais “*free-living*”, os animais de terapia dispõem de pouco controle de suas vidas sociais, e não têm a possibilidade de “evitar” ou “escapar” de “intrusões sociais desagradáveis” (p.418):

É provavelmente justo dizer que todos os animais adotados para as Atividades/Terapias Assistidas por Animais têm seu comportamento modificado ou cerceado em algum grau. No mínimo, eles devem ser amansados e certas habilidades não naturais são ensinadas por meio de uma educação formal (2000, p.419, minha tradução)¹⁴⁶.

Temos, assim, que além de serem modificados ao viverem cerceados, os animais de terapia são “amansados” e aprendem “habilidades não naturais”. De modo semelhante, Bruno tematizou os estados e as vontades dos cavalos da seguinte forma: “Os cavalos são preguiçosos, mas quando saem da cocheira eles querem correr, pular”. Assim, a oposição entre cavalo *solto no pasto* e cavalo *preso na baia* supõe que o cavalo está ali numa condição “antinatural”, associando a liberdade de movimentos à uma noção de *natureza* como espaço de emoção e do incontrolável. Referindo-se a um cavalo de equitação, que corria dentro do piquete, Marina disse ao praticante: “Olha que cavalo animado, olha como ele correu. Sabe por quê? Porque agora ele está aqui fora, mas antes ele estava lá dentro, preso”. Por outro lado, terapeutas fazem questão de diferenciar o cavalo do cachorro

¹⁴⁶ No original, “*It is probably fair to say that all animals adopted for AAA/T service have their behavior modified or curtailed to some degree. At the very least they need to be tamed and taught certain non-natural skills through formal education*”.

doméstico, como nas vezes em que afirmaram que os cavalos não são *submissos* tal como o são os *pets*. Eles disseram também que “*é o cavalo quem decide se vai dar abertura para o contato humano, dependendo da confiança que ele sente com quem se aproxima*”. Já os *pets*, diferentemente dos cavalos, dão *carinho* e *confiança*, sem que os humanos precisem *convencê-los*. Entendo, pois, que os cavalos são tomados como uma espécie de “*naturezas culturas*” (*naturecultures*, seguindo Haraway, 2008) nas afirmações dos terapeutas, tendo associados à sua condição traços de natureza e cultura e às preferências creditadas a elas (bem como o fazem para os *pets* domésticos).

Enquanto conversávamos sobre Trovão, o cavalo que havia sido dispensado antes que eu o conhecesse, Bruno também acrescentou que o cavalo “naturalmente gosta de extravasar, de liberar emoção” mas que, na equoterapia, ele “está impedido de saltar, não pode liberar energia¹⁴⁷, e tem que aceitar”. E completou, dizendo que o cavalo “precisa aguentar muito para servir na equoterapia” Temos, assim, que os cavalos na equoterapia têm sua sensibilidade solapada quando estão *trabalhando*, e aqui *sensibilidade* parece ser equivalente à *natureza*, como na seguinte afirmação: “Ele se submete e é estressante. Fazer xixi, espantar as moscas, suportar as brincadeiras... Ele é cerceado em sua possibilidade de expressar sua sensibilidade”. Podemos pensar, além disto, que há uma visão implícita sobre a domesticação e o trabalho como equivalentes à prisão e ao confinamento: como antinaturais. A frase seguinte corrobora a ideia de que a equoterapia vai na contramão da *natureza* do cavalo: “É muito desgastante para o cavalo trabalhar quatro horas seguidas”, e “mais cansativo” do que fazer “uma hora de exercício pesado e depois parar”. Na mesma ocasião, a terapeuta disse tentar incluir “atividades que mexam com a criatividade dos cavalos” e não só a dos praticantes. Pensa-se, então, no cavalo-sujeito. Mas, se os

¹⁴⁷ Também o instrutor das aulas de equitação disse que, todo dia, “colocava o cavalo para correr e gastar energia”. Deste modo, a energia do cavalo é tematizada como algo que é parte da natureza do cavalo. Às vezes, ela é moralmente boa e transmitida para as pessoas (quando o cavalo “passa uma energia”). Na frase acima, energia é equivalente à emoção (o cavalo “naturalmente gosta de extravasar, de liberar emoção” mas “está impedido de saltar, não pode liberar energia”). Ou, ainda, a energia é sinônimo de anti-socialidade com as pessoas (como na frase de Bruno, quando disse que o cavalo Dominó tinha “mais energia” e era “mais aversivo ao contato” e “desafiava”).

cavalos ficam *cansados*, *estressados* e têm de *tolerar* e *se submeter* às condições impostas na Hípica, logo, estes sujeitos são forçados a (co)laborar¹⁴⁸. Tanto é que, como vimos na seção “Pasto”, é preciso entrar nos piquetes com o balde de ração em mãos para que os cavalos se aproximem, “senão eles [os cavalos] não vêm”, além de ser preciso *esconder* o cabresto, com as mãos para trás, para evitar que os cavalos o vissem. As cenouras, igualmente, eram ofertadas somente quando o cavalo parasse de *trabalhar*; se dadas durante os atendimentos, o cavalo acharia que já era *fim do serviço* (mas, a despeito destas percepções e considerações sobre a condição e os estados internos do cavalo, os cavalos não são pensados como “presos” porque trabalham em prol das pessoas).

A noção de que o cavalo se *submete* (ou é submetido) e deve tolerar as pessoas leva a pensar, ainda, que há um certo sacrifício¹⁴⁹ da parte dos cavalos ao cumprir este *trabalho* (embora alguns, como vimos anteriormente, fossem *santos* que gostam de ajudar ou que cooperam incondicionalmente). Mas esta ideia de sacrifício da parte do cavalo também se complica ao lembrarmos as noções de que o cavalo está com *preguiça* ou *frescura*, e que está apenas *enrolando ou fingindo*, quando na verdade ele não quer é *trabalhar*. Logo, o cavalo não se *submete* totalmente, mas pode desviar daquilo que lhe é impugnado a fazer. Estes desvios, ainda, trazem indicações a respeito da intencionalidade e da resistência, por assim dizer, dos cavalos.

3.2.4. Cavalos-símbolo

Conforme vimos ao longo do texto, os cavalos são também símbolos de grande potência para os interlocutores da pesquisa. Ao tratar das características anatômicas dos cavalos,

¹⁴⁸ Embora o treino fosse reforçado quando os cavalos *desobedeciam* muito, ele não necessariamente assegurava sua cooperação, pois, ainda assim, os cavalos podiam *dar trabalho*.

¹⁴⁹ Podemos pensar se o cavalo se “sacrifica” para dar sua força e movimento ao praticante e, ao fazê-lo, em troca, ele pode ficar desanimado ou cansado. Outra forma de abordagem do sacrifício é dada assim: “*Sacrifício é o gesto de alguém oferecer-se para morrer no lugar de outro, mais frágil, poupando-o assim, da morte*” (Felipe, 2014). Nesta leitura, um cavalo da equoterapia se ofereceria para favorecer a vida do praticante, mas neste gesto, ele mesmo, tem sua vida extraída.

interlocutores evocaram o porte, a grandeza, a imponência, a altura e a força física do cavalo, conforme consta no artigo mencionado anteriormente: “Eles [os praticantes] aprendem que são plenamente capazes de dominar um animal imponente como o cavalo e de estabelecer com ele um vínculo afetivo e social” (Hammoud, 2012).

No assim considerado acesso do praticante à uma *nova visão de mundo*, e à *oportunidade* de deixar a *condição passiva*; ao sentar-se sobre o cavalo, está também implícita uma valorização do mais alto, que o associa a uma mudança positiva de perspectiva, capaz de *ampliar o horizonte* do praticante. Assim, a posição mais elevada significa uma melhoria e uma oportunidade em detrimento de estar no chão e, portanto, embaixo. Em outro contexto, os cavalos trouxeram superioridade simbólica e política às pessoas montadas (Cassidy, 2007, p.22), como os cavalos de corrida possibilitaram à elite inglesa nos séculos XVIII e XIX. Esta superioridade, nos dias de hoje, e na equoterapia, de certo modo, é deslocada e reafirmada nos termos de trazer uma nova visão de mundo e mudar a perspectiva do praticante. Há, porém, um contraste grande entre estes contextos; se antes o sentido de superioridade em montar os cavalos se destinava às pessoas de alto status na sociedade, na equoterapia, ele se destina às pessoas com “deficiência”, que são ao mesmo tempo parte da comunidade moral e política, mas dela são diferenciadas como pessoas *especiais*.

A *força bélica* dos cavalos é outro símbolo presente na ideia que se faz do cavalo, como quando o terapeuta exaltava as qualidades do cavalo: “O potencial bélico do cavalo se transmuta em terapêutico, daí a nobreza deste animal”¹⁵⁰. Além disto, porque o “potencial” do cavalo “se transmuta em terapêutico”, ele é um animal “nobre”; temos, então, associado aqui, o símbolo de “nobreza”. E, lembramos que montar a cavalo é considerado um “esporte de reis” e fazia parte do

¹⁵⁰ A capacidade bélica dos cavalos em guerras já foi apontada (Hribal, 2007 e 2012) e, dos “horrores do campo de batalhas, os animais, assim como os humanos, emergiram como heróis” (George & Jones, 2006, p.7). Vide a história de Alexandre, o Grande, líder militar que, em homenagem ao cavalo *Bucéphalus*, realizou um enorme funeral e deu seu nome a uma cidade, Bucephala (hoje em dia conhecida como Jhelum, no Paquistão). Em batalhas da Idade Média, mais do que servir para a locomoção dos soldados, os cavalos eram eles mesmos usados como armas. E, durante os combates da 1ª Guerra Mundial, mais de 8 milhões de cavalos morreram e 2 milhões e meio ficaram feridos por balas e bombas (George & Jones, 2006).

uso da nobreza (Cassidy, 2007).

Cavalos também representam a conexão com a *natureza*, e a possibilidade de conduzir as pessoas a um outro ambiente, mesclada a um imaginário de *prazer*¹⁵¹, *diversão e tranquilidade*. Ideia esta que se demonstra na fala de uma mãe, que disse que o *lugar em si, o estar fora de casa e do videogame* fazia parte do tratamento. Outra mãe mencionou o contato com a natureza, além de que seus filhos a *ouviam mais* depois da sessão, porque teriam feito algo de que *gostam*. Sendo assim, há um nexos estabelecido entre cavalos e o cenário *campestre ou rural*, a um estado de *felicidade*. Além destes sentidos, os cavalos são também associados ao *risco, perigo, liberdade, beleza, elegância, equilíbrio, estabilidade, sucesso* e, fundamentalmente, à *saúde*.

3.2.5. Cavalos-mediadores

Cavalos, na posição que lhes cabe na equoterapia, além de serem animais de múltiplas agências, são também mediadores sociais que, tomados como máquinas ou como coterapeutas, podem modificar a condição da pessoa: “Meu filho mudou muito. Com o cavalo ele ficou muito mais calmo, se comparado com a agitação que ele tinha antes de começar o tratamento”. Ao participar do processo de *melhorar a saúde e bem-estar* dos praticantes, cavalos são mediadores que conectam os praticantes (e seus familiares) ao círculo de relações sociais mais vasto. Esta mediação apareceu também da seguinte forma, afirmada por terapeutas: “O cavalo o conduz [o praticante], o reaviva, modifica a condição de comodismo geralmente imputada às pessoas com deficiência”. Assim, cavalos, além de cumprir o papel de conectores entre família e praticante, o cumprem também entre os praticantes e sua família e a sociedade.

De certo modo, os cavalos ressignificam a posição “problemática” e a condição *passiva* dos

¹⁵¹ No entanto, o prazer não é consensual entre os praticantes. Um deles, por exemplo, não era muito *ligado* nos cavalos e “faz a montaria meio forçado, mas no final da aula dá para ver que ele gosta”.

praticantes, desempenhando papel ativo no processo de transformação de sua pessoa e seu corpo. O cavalo é, assim, um mediador na relação do praticante consigo mesmo, entre ele e seu corpo e sua forma de ser no mundo.

Cavalos também são mediadores entre casa/cidade e *natureza*, uma vez que a experiência com o cavalo era tomada como uma experiência com a natureza. Ao reconectá-las com a natureza e permitir que se situem temporariamente fora do ambiente doméstico e urbano, o cavalo é mediador entre um lugar *fechado* e um lugar *aberto* para as pessoas. De certo modo, tanto o papel dos cavalos como agentes transformadores da posição problemática dos praticantes fazendo a sua *contextualização*, como o de mediadores entre cidade e natureza, alude à presença terapêutica dos cães retratada em estórias infantis (Superle, 2012). Tal como os cães nas estórias infantis, retratados como criaturas benevolentes que “*ajudam o crescimento social e emocional das crianças protagonistas, ao permitir a elas um espaço natural livre de obrigações sociais construídas*” (p.191, minha tradução), os cavalos, também se tornam “heróis” que efetuam “transformações miraculosas” na vida das crianças. Uma capacidade que talvez derive de “*sua habilidade de transpor a lacuna entre selvageria e civilidade, entre infância e maturidade, e entre natureza e cultura*” (p.192, minha tradução). E, curiosamente, o ser humano vem a ser mais *típico* e, portanto, *mais humano*, na medida em que se integra emocional, social e, neste caso, fisicamente, com os cavalos.

Para os terapeutas, os cavalos são remetidos a ordens de mediação. Na literatura, ao tratar das necessidades éticas dos profissionais que trabalham com animais de terapia, Serpell *et al* (2000) consideram os animais como “terapeutas adjuntos”, o que convida a vê-los em sua capacidade de “*(...) surtir efeito nos profissionais, de modo que examinem sua responsabilidade ética pelo bem-estar de seus terapeutas adjuntos*”¹⁵² (p.416, minha tradução, meu grifo). O termo “animal de

¹⁵² No original, “*to make an impression for clinicians to examine their ethical responsibility for the welfare of their*”
215

serviço”, por sua vez, definido no *Americans with Disabilities Act*, em 1990, como “qualquer animal individualmente treinado para fazer trabalho ou executar tarefas para o benefício de uma pessoa com deficiência¹⁵³” (p.416, minha tradução), faz do animal um mediador na atividade, que “trabalha” ou “executa tarefas”.

Ora, vimos acima que também os cavalos da Hípica são referidos como “trabalhadores”. Terapeutas repetiam a eles: “É hora de trabalhar, Gamil”, ou “Hoje ele ficou de folga no pasto”. Outras derivações apareceram. Vagalhão, por exemplo, era um cavalo que estava *aposentado*; Fantasia, quando ficou prenhe, tirou *licença maternidade*, e os cavalos, quando no pasto, estão *tirando folga*.

3.2.6. Cavalos feitos x vocação terapêutica

No contexto da equoterapia, o cavalo pode *fortalecer* músculos, *equilibrar* a postura, deixar a pessoa mais *feliz*, trazer mais *força* corporal e habilidades, e assim por diante. Mas os cavalos teriam, em si mesmos, uma substância, intenção ou vontade terapêutica, ao *melhorar* e *ajudar* os praticantes? Ou, por outro lado, eles manifestam tais capacidades terapêuticas apenas na medida em que são treinados para tal e, portanto, os terapeutas seriam aqueles que manipulam sua força? E, ainda, os cavalos possuem algo “passivo”, tal como a energia e a força, ou possuem algo “ativo”, como a vontade ou intenção terapêutica, ou, de outro lado, é preciso que eles desenvolvam ambas estas qualidades, passiva e/ou ativa?

Discutimos, acima, que o *movimento tridimensional*, característico da *biomecânica* do

therapeutic adjuncts”. É importante destacar que o termo “*adjunct*”, traduzido por mim para o português como “adjunto”, de acordo com o Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa (2011, p.103), refere-se às “pessoas (autoridades, funcionários) que têm funções junto de outras autoridades, quer para substituí-las, quer para auxiliá-las”.

¹⁵³ “(...) *any animal individually trained to do work or perform tasks for the benefit of a person with a disability*”, no original.

cavalo, faz parte de sua constituição e, de certo modo, vem a contar como o fator significativo dos cavalos que geram efeitos benéficos nos praticantes. Deste ponto de vista, cavalos manifestam um atributo terapêutico neles mesmos, como se possuíssem algo inato, tal como a energia ou força, e que seria reconhecida, apropriada e acionada pelos terapeutas da Hípica.

Mas, estes fatores, por si só, parecem não bastar para que os cavalos estejam na equoterapia. Afinal, conforme vimos acima, não é “qualquer cavalo” que pode estar lá. Para se tornar um cavalo da equoterapia, seu temperamento é levado em conta (como se é um cavalo *manso e estável*), e era um fator que podia modular sua avaliação e escolha, no momento da compra. Fantasia, por exemplo, foi comprada para ser parte da *equipe* por ser *dócil*, de *boa-vontade* e “tão boa, tão boa”. Neste caso, os atributos “positivos” de Fantasia antecedem sua entrada na equoterapia (e, portanto, o processo de treino). No entanto, os cavalos passam por uma série de transformações até que tenham “boa vontade” na Hípica. Vejamos um exemplo de como isto pode ocorrer.

De acordo com uma das terapeutas, Nini era um cavalo *obediente* e, dentre os outros cavalos da Hípica, somente ele permitia ser tocado nas orelhas, uma região que, geralmente, é de grande *sensibilidade* para os cavalos. Como vimos na seção sobre a biografia dos cavalos (e aqui retomaremos alguns dos pontos ali discutidos), Marina se referiu a Nini como “o cavalo mais sensível e afetuoso”, e também “o mais calmo e inteligente”. Foi sua *sensibilidade ao toque* que chamou a atenção de Marina quando ela o comprou. Ao montar no animal, ela percebeu que ele *reagia* imediatamente aos seus movimentos, e então estabeleceram um o que ela chamou de um *contato bastante próximo*. “Hoje em dia”, Marina disse, o cavalo deixava que ela “fizesse o que queria com ele”. Mas, antigamente, Nini foi cavalo de corrida, e por isso era *bravo*. Se Marina aproximasse suas mãos da boca do cavalo, ele a mordida. Nini, porém, teria parado com esta *mania de morder* à medida que Marina deixava suas mãos na boca dele, o que o fez *perder o interesse*.

Mudanças também foram apontadas para o cavalo Tic-Tac. No começo de seus

atendimentos, Marina disse que Tic-Tac era “o cão” e muito *bravo*. Hoje em dia, porém, ela o considerava um cavalo bem *calmo, estável, constante e submisso*; ele era seu *melhor* cavalo para o programa de hipoterapia (e infiro que o adjetivo “melhor”, usado para este cavalo neste momento preciso, qualifica o cavalo como obediente a ela). Por outro lado, Marina completou seu comentário com uma ressalva: “Mas Tic-Tac só obedece a mim, e não aos outros terapeutas” e, inclusive, este cavalo *fazia de trouxa* uma das terapeutas da *equipe*.

De um lado, mesmo que a incorporação de cavalos à *equipe* seja feita a partir de critérios definidos (como seu temperamento, observado no período de avaliação), creio que cavalos, em si mesmos, com seu temperamento e atributos biomecânicos apenas, não bastam. Mesmo a égua Sol, que foi *mandada embora* da Hípica (relembremos, por ser muito *assustada, rebelde, encrenqueira e irritada*, além de demorar muito para *ficar confiável*), de acordo com Marina, numa afirmação convicta, *ficaria boa* para a equoterapia caso tivesse sido *treinada* por seis meses. E Marina finalizou sua frase, dizendo-me: “Me dá qualquer cavalo que eu faço virar cavalo de equoterapia”¹⁵⁴. Dos cavalos, então, não era necessário haver nenhuma *habilidade* para que entrassem na equoterapia, mas *tudo dependia do treino*, como Marina afirmou. Deste ponto de vista, não há propriedade ou vocação terapêutica natural nos cavalos, mas esta provém dos treinos aos quais eles são submetidos.

Por outro lado, a questão sobre quais características são ou não necessárias para que os cavalos estejam na equoterapia se complexifica ainda mais. Uma vez que os cavalos se *submetem* e isto os *estressa*, como vimos na fala do terapeuta acima, eles precisam ter o “dom e a vocação para tolerar as condições impostas” a eles. A especificidade destes animais, então, tratar-se-ia menos de uma “aptidão terapêutica”, e mais de uma capacidade de *tolerar* o contexto *estressante* e de

¹⁵⁴ A afirmação de que “qualquer cavalo pode virar” cavalo de equoterapia se assemelha à ideia de que “é possível submeter cavalos de qualquer tipo” ao regime imposto aos cavalos de corrida (Cassidy, 2007, p.23). E, apesar disso, os cavalos de ambos os tipos podem mostrar seu “lado selvagem”, como se tivessem um “potencial para o comportamento imprevisível” que faz deles, como diz a autora, criaturas perigosas, emocionantes e complexas.

limitação imposto a eles. Por isso, penso que era nos treinos que se produzia, nos cavalos, a sua *tolerância* ao trabalho, quando o animal, para ser *trabalhador*, aprende a *suportar* o trabalho. Neste processo, é preciso que o cavalo *confie*, seja *conquistado* e *se acostume*, de modo que se *sinta bem* naquele local. Sobretudo, o cavalo deve ser *obediente*. Não deve se *incomodar* com o praticante em cima dele, e nem se *assustar* com carros, motos, caminhões e tratores que circulam no local. Para tal, o cavalo foi anteriormente *adaptado*, *treinado* e *condicionado*, e por isso não *pula* cercas ou as derruba. E, nos treinos, *ensina-se* aos cavalos que “*hora de trabalhar é hora de trabalhar*”.

Assim, no decorrer do período de seleção e dos treinos, gradativamente, o cavalo era tornado um sujeito trabalhador que *sabe se comportar* e ser *gentil*, considerando-se “gentil”, na definição dada pela terapeuta, aquele cavalo que “*se submete e faz o que a gente quer*” (ao contrário de Sol que, por não ter *experiência*, se *assustava e pulava muito*).

Dos cavalos já incorporados, terapeutas ressaltavam outros atributos, como cavalos *especiais* e com *experiência*. No final de uma sessão Lúdica, a terapeuta e a praticante Tati passavam um “esmalte protetor” nos cascos do cavalo Simba. O irmão da garota, que estava próximo a eles, encostado à plataforma, disse que tinha *medo* de ficar muito perto das patas do cavalo. Tati, em seguida, passou bem rente à barriga e à pata traseira do animal, como que demonstrando ao irmão que ela não tinha medo do cavalo. Em seguida, Marina explicou ao garoto que estes cavalos, da equoterapia, são *especiais* e que por isso não distribuem coice em quem fica próximo à sua perna. Mas, conforme discutimos antes a respeito da necessidade dos treinos para disciplinar os cavalos, os animais, então, não são *especiais* neles mesmos, mas devem ser tornados especiais, ou “especializados”. Neste caso, podemos pensar que também a ideia de *becoming-with* é válida para esta modalidade da relação cavalo e terapeuta.

* * *

Temos, então, que, na apresentação das vantagens e benefícios para praticantes, o cavalo assume diversas funções e características. Eles são pensados e tratados como objetos (*usados* como *veículo, bola, remédio, máquina*, dentre outros), símbolos (*de porte, altura, força, guerra, natureza, anjo*, dentre outros), e sujeitos *sensíveis*, capazes até mesmo de fazer *milagres*. Nos momentos em que estão *trabalhando*, os cavalos, idealmente, se comportariam como um cavalo *manso, obediente e condicionado*. Já no pasto, na *natureza*, onde os cavalos “*naturalmente gostam de extravasar*”, a situação se inverte, e eles podem “*querer brigar e dar coice*”.

Assim, a consideração pelos cavalos é, fundamentalmente, ambígua; eles não são nem totalmente reconhecidos como agentes e sujeitos, e tampouco o são apenas como meras ferramentas, máquinas, e objetos. Se, por um lado, o cavalo se *submete, suporta* as brincadeiras, e é “*cerceado em sua possibilidade de expressar sua sensibilidade*”, ele também “*tem que ter seu respeito conquistado*”. Como disse o terapeuta Bruno, a relação com o cavalo é um *mando conquistado*. Assim, diferentemente dos *pets*, que são *submissos* ao ser humano¹⁵⁵, entende-se que os cavalos devem ser *convencidos*, com aparece na seguinte frase, da terapeuta Marina: “A relação com os cavalos é bem diferente da que ocorre com os cães, que dão carinho e confiança sem que as pessoas precisem convencê-los” (mas, conforme vimos anteriormente, os cavalos podem ser exaltados em sua “*gentileza incondicional*”).

Neste sentido, as dimensões de competição, coerção e disputa, de um lado, e cooperação, companheirismo e atenção, de outro, oscilam nas relações entre cavalos e pessoas na Hípica. Ainda que envolvam os binômios controle-mutualidade, poder-confiança e competição-companheirismo, as interações coconstitutivas não se prendem a eles, mas embaralham paradigmas dualistas que pretendem explicar as relações sociais entre humanos e não humanos (Davis *et al*, 2013a). Além

¹⁵⁵ Aqui se nota também certa oposição entre cavalos e *pets* domésticos, quando os primeiros seriam relacionados às esferas do trabalho, campo, distância e natureza, ao passo que os últimos associam-se à dimensão do lazer, casa, proximidade e cultura.

disto, porque estão na interface da relação praticante-mundo, os cavalos seriam mediadores, e fazem uma certa ponte entre o praticante e o mundo social.

Se, por vezes, terapeutas consideram que os cavalos têm a sensibilidade de *saber e perceber* o ritmo que o praticante quer andar e gosta mesmo de *ajudá-lo*, como uma espécie de vontade própria genuína, noutras, o cavalo é tomado como um ser *cerceado*, e que “precisa aguentar muito para servir na equoterapia, porque é um trabalho estressante”¹⁵⁶. Assim, os cavalos não estão ali, voluntariamente, como num gesto de oferecimento, conduzindo os praticantes. Se há algo de voluntário, tratar-se ia de uma espécie de servidão voluntária. Ao invés de tomarmos como inconciliáveis as ideias de que o cavalo é um *anjo* e um ser de *gentileza incondicional* e de que a relação com o cavalo supõe um *mando conquistado*, como assim disseram os terapeutas (e que há necessidade de levar ração e esconder o cabresto a fim de conseguirem *pegar* os cavalos no pasto), devemos encará-las como ambiguidades constitutivas deste campo, e que não se conjugam para uma resolução final, mas convivem em tensão na relação humano-animal estabelecida na Hípica.

Sugiro, então, que a condição do cavalo é dada por uma plasticidade que o coloca no patamar de um agente que é mais ou menos objetivado e subjetivado ao sabor das circunstâncias. E, ao fluir nelas, os cavalos vão recebendo atributos flexíveis, tanto no que concerne à sua condição de sujeitos (como *o grande astro*, um trabalhador, um *anjo* e um agente de *milagre*) como de objetos (tal como uma *bola de pilates viva*, um *recurso*, um *instrumento motivador*, e uma *máquina orgânica*), além de outras qualidades híbridas, vide aquela de *adendo cibernético*. Assim, a capacidade de ser ativo e passivo, sujeitar e estar sujeito às ações de outrem, não parece implicar em qualidades excludentes, mas, alternativamente, elas se conjugam e se complementam sucessivamente, ao sabor das relações.

¹⁵⁶ Embora outros terapeutas tenham dito também que “faziam o possível para não impedir o cavalo”, e tentavam “atender ao máximo suas solicitações”. E: “aqui ele recebe a melhor comida, cenouras, ele tem amigos. O cavalo é um animal que precisa viver em grupo”.

À guisa de conclusão deste capítulo, analiso na próxima seção os impactos decorrentes dos encontros entre as pessoas com os cavalos, que precedem e surgem ao longo da montaria, mas são também ressignificados depois dela, carregando, pois, desdobramentos para todos os membros do grupo.

3.3. O que pode o encontro humano-cavalo na equoterapia?

“Tais encontros com outros tipos de seres nos forçam a reconhecer o fato de que ver, representar, talvez conhecer e até mesmo pensar não são assuntos exclusivamente humanos”

– Eduardo Kohn, *How Forests Think*, p.1, minha tradução.

Neste capítulo 3, no início, lançamos as razões que levam as pessoas a buscarem o serviço da equoterapia. A expectativa dos familiares quanto a este método terapêutico se dá em termos de prover novas condições de saúde para seus filhos, apostando-se na *melhora* do quadro *problemático, limitado, comprometido, grave* ou *crítico* dos praticantes, e se tornem pessoas mais *estáveis*, mais *centradas*, que caminham com mais *equilíbrio* e que falam mais, e assim por diante, permitindo-lhes que se situem “melhor” na vida social e no mundo.

De forma geral, nas montarias, o encontro é sinônimo de contato corporal. O contato, por sua vez, pode se manifestar de diferentes formas, dependendo das condições dos praticantes. Na transação entre cavalo e praticante, o contato significa *ajuda* e *melhora* na condição de vida de pessoas com deficiência e, neste caso, age como uma sorte de “remédio”. O contato pode *equilibrar* o praticante, e *ajustar* seu tônus muscular. O contato *alinha* o centro de gravidade da pessoa ao do cavalo. O contato é sinônimo de *estímulo*, como o *movimento tridimensional* que *estimula* os músculos no corpo do praticante (“está sentindo seu corpo mexendo?”), que, ao recebê-los, pode até

ser *reavivado*. O contato *concede potência, velocidade e força*¹⁵⁷ ao praticante, além de *investir* em sua *autoestima*. O contato *muda a visão de mundo* do praticante, e dá a ele a *oportunidade* de deixar a *condição passiva* em que a pessoa com “*deficiência*” é geralmente colocada (conforme discutimos anteriormente, o praticante, sentado em uma posição mais elevada, de cima do cavalo, teria *acesso* a uma nova *visão de mundo* e que, da cadeira de rodas, o praticante tem de olhar para cima, ao passo que, no cavalo, ganha a *chance* de direcionar seu olhar para baixo, do alto e de cima).

Os benefícios mencionados acima levam a pensar que os praticantes têm sua condição corporal *melhorada* e se tornam mais “equipados” para viver¹⁵⁸. Assim, a ideia de montar o cavalo, para meus interlocutores, implica um jeito de habitar um outro corpo, o do cavalo, e até um sentido diferente de habitar o seu próprio. No limite, porque esta série de alterações causada pelo animal é usada em referência à ascensão do praticante à uma condição melhor. Paradoxalmente, neste contato, a corporalidade animal, ao somar-se à humana, promove certa expansão da constituição do praticante, ampliando, se assim podemos dizer, sua humanidade, como uma “recontextualização” – lembrando-se da ideia de que as crianças *especiais*, em sala de aula, se sentem *descontextualizadas*, conforme a afirmação da terapeuta já apontada antes.

No contato, pode haver compreensão entre cavalo e praticante (como em “O cavalo me entende”), identificação e espelhamento: “Se o praticante está irritado, o cavalo também se irrita”; depois que o cavalo se *assustou*, a praticante disse que se *assustava* também; quando me encostei na árvore, o cavalo ia querer fazer a mesma coisa; e, certa vez, jocosamente, Bruno posicionou o praticante em cima de suas próprias costas, dizendo que a aula tinha sido feita sobre um outro

¹⁵⁷ Todavia, a suposição de um fluxo de força proveniente do cavalo parece estar mais relacionada a uma atitude de apropriação pelos terapeutas do que a uma disponibilização ou empréstimo por parte do cavalo, sendo tomada por meio do exercício de controle sobre seu corpo.

¹⁵⁸ Em troca, os cavalos também se alteram nesta relação. Estando sob condições de limitação, sua *natureza* é alvo de controle e eles ficam *cansados* com o trabalho. Numa elaboração hipotética, talvez na exaustão do cavalo esteja implicada a ideia de gasto de energia, o que leva a pensar que o cavalo, ao ser montado, cede sua energia ao praticante e, neste caso, seria o praticante que ocupa o posto do “patrão”, extraindo do trabalhador sua força e energia.

animal, desta vez, o *jegue*, aludindo a si próprio. Outra analogia foi esboçada quando os terapeutas explicaram que o comportamento dos cavalos seria dado por uma *junção de fatores* (sua *índole*, sua *tendência filogenética*, o *ambiente*, o *manejo* dado a eles, além de sua *disposição diária*), e que, por isso, ele seria *que nem gente*. Ou, se o cavalo para de caminhar e está *preguiçoso*, é porque ele é “que nem as pessoas” e “*tem dia que a gente está preguiçoso mesmo*”.

Pode haver encaixe, sincronia e isopraxis (Haraway, 2008), como em “junta a respiração com o cavalo” ou “a gente quer fazer juntos”. Pode haver senso de fusão e complementaridade. Em conversa com a praticante Isabela, cadeirante, ela disse ter a sensação de *estar correndo* quando o cavalo trotava, principalmente ao *fechar os olhos*, e que *não percebia diferenças entre o seu corpo e o do cavalo* quando montada. Ideia que a terapeuta repetiu, ao dizer que “o objetivo da equoterapia é fazer com que os dois corpos [do praticante e do cavalo] sejam sentidos como um corpo só”. Se o corpo da praticante se movimenta em conjunção com o corpo do cavalo e, conforme o cavalo trota, ela tem a sensação de estar correndo, é como se o corpo do cavalo fizesse a extensão do corpo dela, podendo expandir sua constituição e trazer um senso de *liberdade* a ela. Ideia esta que vai ao encontro da montaria tomada como um modo físico e psicológico de expandir as fronteiras do *self* (Davis *et al*, 2014).

Vimos acima, na sessão lúdica com o praticante Alex, que a terapeuta tomou a transmissão de coragem entre cavalo e “cavaleiro” (“Se o cavaleiro é corajoso, o cavalo fica corajoso também”), supondo uma alteração mútua entre humano e cavalo que, neste caso, faz a *coragem* circular entre ambos. Nesta alteração conjunta, entrevê-se, ainda, certa possibilidade de ser conduzido a outro estado ou espaço de existência, num *dever*, e que traz também à mente o centauro como um símbolo de união entre seres que, fora destas circunstâncias, seriam descontínuos.

Também as sentenças “você galopou bem” (dita pelo terapeuta ao praticante) e “gosto de

trotar” (dita pelo praticante) indicam mais uma forma de fusão¹⁵⁹ (uma que não faz menção ao cavalo como executor do trote ou galope), que pode ser percebida, ainda, quando a terapeuta Marina afirmou que seu envolvimento com os cavalos era *vital*. Entende-se, ainda, a fusão como um fenômeno em que “*a maioria das características anatômicas e neurofisiológicas das espécies Homo sapiens e Equus caballus se completam para formar o fenômeno Homo-caballus*”, conforme aparece no capítulo “O Milagre da Neurofisiologia da Equitação”¹⁶⁰ (Rink, 2002). É recorrente, a este respeito, a ideia de que humanos e equinos, juntos, podem se unir e formar um centauro (Birke, 2010, Davis et al, 2013a; Game, 2001).

A noção de que o praticante deve, idealmente, se *concentrar* e *sentir* o corpo do cavalo está associada com a busca por certa *harmonia* entre os corpos. O praticante deve alcançar a “montaria ideal” fazendo uma série de *alinhamentos* e *ajustes* no assento sobre o cavalo, isto é, adequando o posicionamento de seu corpo (a postura correta estaria na ordenação precisa da tríade “orelha-ombro-quadril”, conforme disse a terapeuta), além do modo de sentar-se em relação às costas do cavalo (o assento adequado estaria fundamentado na dupla glúteos-quadril). Estes procedimentos, certamente, agrupados sob a finalidade de “humanizar” (ou equilibrar) o corpo do praticante. Vejamos como a proposta de *harmonia*, bem como a de *equilíbrio*, aparece na literatura especializada:

Na fisioterapia a cavalo, devemos buscar uma estabilização dinâmica da coluna. O corpo se desequilibra e se equilibra com as articulações relaxadas, com diferentes grupos musculares (agonistas, antagonistas e sinergistas, em flexão ou extensão) trabalhando juntos, mas não isoladamente. O corpo do cavaleiro deve estar em harmonia consigo mesmo e com o corpo do cavalo (Severo, 2010, p.70-1).

¹⁵⁹ Embora em alguns momentos a possibilidade de uma fusão na equoterapia seja deslocada, como dá a entender a troca do termo “cavaleiro” por “praticante”, como no seguinte trecho: “Um cavaleiro habilitado consegue montar como se fizesse parte do cavalo. No entanto, na equoterapia, um cavaleiro, por necessidades especiais, montará na condição de praticante. Nesse caso, estudamos os movimentos musculares desejáveis e indesejáveis, os reflexos condicionados e o comportamento psicomotor do praticante, visando à aplicação das técnicas terapêuticas específicas a cada indivíduo” (Severo, 2010 p.54-5).

¹⁶⁰ Capítulo do livro “Desvendando o Enigma do Centauro”, de Bjarke Rink (2002), disponível em: http://www.desempenho.esp.br/livro/get_capitulo.cfm?id=82&f_imp=1 (Acesso Outubro de 2014).

Daí que o contato acomoda um certo senso estético. A execução de ações está, geralmente, associada a uma estética corporal apreendida pelo olhar. Há uma estética do corpo, em cima do cavalo, quando terapeutas acentuam movimentos *certos*, o jeito *correto*, e a postura *bonita* ao se sentar sobre o cavalo, em contraponto ao corpo *torto* e *desarrumado*. Além disto, terapeutas conversaram a respeito dos movimentos do praticante, dizendo que a extensão de seus dedos estava *certinha* e *bonitinha*: “Ele melhorou aqui, ele melhorou geral. A extensão dos dedinhos tá certinha, tá muito bonitinha, todos os dedinhos estão respondendo”. Também o corpo do cavalo e seus movimentos têm apreço estético. O cavalo Nini, por exemplo, é a *pintura da perfeição*, na opinião de Marina. E o cavalo Gamil, por sua vez, é *imponente* em seu andar, como me chamou a atenção a mãe do praticante Leandro, enquanto seu filho e o cavalo passaram à nossa frente, dizendo: “Olha como ele anda, todo imponente”. Conforme apontou Paul Patton (2003, p.83), o juízo estético dado aos cavalos é um dos motivos que leva às pessoas a amarem os cavalos (dentre outros, tais como as assim tomadas qualidades de poder, velocidade, inteligência e capacidade dita “infinita” de responder aos desejos humanos). Sua capacidade estética permitiria, inclusive, que uma paisagem fique mais bonita, como aparece no título do poema de Alice Walker, a quem Patton faz menção (2003, p.98)¹⁶¹. Ademais, a relação entre treino, com suas técnicas boas e ruins, e a beleza nos movimentos do treinador e do animal foi sinalizada também por Vicki Hearne (2007). De acordo com a autora, a *beleza*, para os treinadores de cavalos, serve inclusive como um “critério de verdade” (Hearne, p.124)¹⁶².

O contato pode trazer *alegria*, *prazer* e até *magia*. Como me disse a mãe de uma praticante, sua filha se sentia *mais feliz* quando montava no cavalo, e que este *transmitia alegria*, *amizade* e

¹⁶¹ “*Horses Make a Landscape Look more Beautiful*”. A ideia de beleza pode, quiçá, ser entendida inclusive como o *leitmotiv* da equoterapia, levando os praticantes ao encontro dos cavalos para “embeleazar” os primeiros. E, neste caso, retomamos a ideia do cavalo como uma espécie de adorno ou mesmo de decoração corporal ao corpo do praticante, já evocada quando discutimos anteriormente o uso de próteses pelos praticantes.

¹⁶² “*Beauty is a sign, even a criterion of truth*”. Ilustra o argumento a seguinte passagem do livro *Colonel Podhajsky. The complete training of horse and rider* (New York: Doubleday, 1967), citado pela autora: “*if the horse becomes more beautiful in the course of his work, it is a sign that the training principles are correct*” (p.123-4).

carinho àquela. Além disto, como vimos anteriormente, a mãe de outros praticantes disse que seus filhos a *ouviam mais* depois que faziam a sessão, porque teriam feito algo de que *gostam*. Para outra mãe, ainda, a relação de sua filha com o cavalo era *linda e tinha uma magia*. Ela me disse: “*Não sei o que é, mas ela desperta a minha filha. Não é o físico. É porque ela gosta mesmo, eu vejo que ela se sente bem*” (embora o contato possa trazer *resistência* também, tema já discutido antes, quando alguns praticantes se sentiam *incomodados* ao colocar o capacete de segurança, se *recusavam* ou eram *resistentes* a subir no cavalo, podiam *fazer manha*, e mesmo *se jogar* do cavalo).

A experiência física estabelecida entre humanos e não humanos, desta forma, demonstra o corpo se constituindo ao longo de um processo relacional, no qual cavalos e praticantes experienciam um ao outro ao caminharem articulados entre si. Mas, se os praticantes ficavam “mais felizes” na equoterapia do que numa sala fechada em atendimento convencional, os cavalos, em contrapartida, ficavam mais *limitados* nas baias do que se estivessem *soltos* no pasto. Assim, a oposição entre “dentro e fora” ou ambiente “aberto e fechado”, aplicada tanto às condições de felicidade de cavalos quanto de praticantes, pode ser pensada em termos de suas preferências como algo do tipo:

ABERTO: SOLTO: LIVRE: DESCONTROLADO: ANIMADO: FELIZ

X

FECHADO: PRESO: CONTROLADO: DESANIMADO: TRISTE: LIMITADO

Deste modo, se o encontro pode fazer diferentes criaturas estarem juntas por um período de tempo definido, em relações de constituição mútua, o “estar junto” em questão também dispõe os seres em graus de controle de uns sobre os outros¹⁶³, como já tratei na discussão do capítulo 2. Não

¹⁶³ É preciso que alguém carregue o cavalo, para que o cavalo carregue o praticante apropriadamente. Assim, a presença do cavalo requer a presença do auxiliar-guia, e o auxiliar-guia, de sua parte, garante a presença do cavalo.

obstante, ao mesmo tempo em que o contato pode propiciar senso de liberdade e fusão a uns, como vimos para a praticante Isabela, a montaria estabelece um jogo de ações corporais (voluntárias ou não) que, no limite, torna todos os membros deste agrupamento tanto sujeitos passivos como ativos na execução de forças; o praticante deve puxar a rédea com mais ou menos *força*, praticante e terapeuta devem ter cuidado para não serem *pisados* pelo cavalo ou *levar um coice*, e assim por diante.

Para aquele que está montado no cavalo, o *comando* de encostar os pés na barriga do animal pretende fazer com que ele retome o passo. Já para o cavalo, esta forma de contato estabelece condições de obediência. Há, portanto, um alinhamento hierárquico que perpassa a relação praticante-cavalo e os possíveis benefícios advindos dela. Na interação entre cavalo e terapeuta, evidentemente, também o contato é sinônimo de controle e obediência: só há montaria porque o cavalo *obedece* (“tolera”) e persiste em sua marcha, carregando o praticante (e, no limite, toda a *equipe*). Patton (2003) abordou a complexidade das relações de treino com cavalos, propondo que o que ele chama de sentimentos e atitudes como respeito, amor, maravilha e gozo, da parte do treinador, coexistem com modalidades de exercício de poder sobre os cavalos. Daí que, na visão do autor, o treino pode “enriquecer” a relação com o animal e, assim como a montaria, menos do que separar, pode trazer mais consciência e respeito para com o animal (Patton, 2003, p.84). Vicki Hearne, por sua vez, lança mão da ideia de “autoridade genuína” do treinador, como instância responsiva em suas relações com o animal, e não um mero uso da força coercitiva sobre ele (2007 [1986], p.xvi).

Estes modos de encontrar-se com e desencontrar-se dos outros membros do grupo e de suas funções, porém, não se polarizam em torno de ações de colaboração ou competição contínuas, como ações excludentes entre si, mas se alternam sucessivamente, de acordo com as circunstâncias. Além de *cooperação* ou *disputa*, o encontro traz também lacunas ou falta de respostas às ações

anteriores. E, finalmente, o encontro pode trazer uma relação potencialmente arriscada, e por isto requer que os seres em relação estejam permanentemente atentos.

* * *

Mas de que modo podemos considerar a agência do cavalo diante das relações que os interlocutores estabelecem com eles? Está em questão o seu “saber” como um modo de perceber as coisas e ter conhecimento sobre elas¹⁶⁴, ou sua agência se manifesta mais em termos da capacidade mecânica de agir e fazer coisas? Nestas condições, sua agência é intencional e voluntária, tomada como uma decisão? É oportuno nos determos, brevemente, para discutir a natureza da agência dos cavalos, tanto na objetivação dos cavalos em seus atributos terapêuticos, como nas relações que se dão com os cavalos em ação.

A agência pode significar a capacidade de agir sobre algo ou alguém. Neste caso, o cavalo manifesta múltiplas agências; conforme discutimos acima, ele pode *ajustar* o tônus muscular do praticante, trazer mais *equilíbrio* a seu corpo e, ainda, modificar sua *visão de mundo*. Diante destas ideias, o cavalo é tomado como agente em termos de agir na “melhoria” do *caminhar, sentar, falar, fazer, olhar, e participar* do praticante. Pode remeter à ideia de estar apto a sentir, perceber e saber fazer aquilo que é adequado às pessoas, terapeutas e praticantes. Por outro lado, quando os cavalos param de caminhar intencionalmente (da perspectiva dos terapeutas), penso estar em jogo uma agência semelhante à resistência, pois o animal está *enrolando, fingindo, desafiando*. Ademais, entendo que o *surtar* do cavalo é também uma espécie de agência, ainda que entendida como motivada por razões de ordem fisiológica, tal como quando a terapeuta explicava o comportamento do cavalo Tic-Tac, dizendo-me: “*Ele surtou. Ficou nervosão, deve ter sido o resultado de uma mistura de dor, vento e escuridão*”. E, assim creio, mesmo a *imprevisibilidade* do cavalo pode ser

¹⁶⁴ O nome da *equipe* “Crescendo a Cavalos” sugere que a agência do cavalo é múltipla; sua agência como fonte de aprendizagem pode significar tanto um aprendizado físico e corporal, como emocional e intelectual para aquele que o monta.

considerada uma forma de o animal exercer sua agência (restaria identificar, contudo, de que maneira cada uma destas capacidades agentivas aludem mais à sua condição de sujeito ou objeto).

Em conjunto, as noções de que o cavalo *sente*, *percebe* e *sabe* (e *faz*, na medida em que sente e percebe e sabe) foram levantadas em campo, por terapeutas, praticantes e familiares destes. Por exemplo, quando a mãe de uma praticante disse que “O animal é puro, ele não mente. Eles conhecem a pessoa, e sabem quem não é boa pessoa”. Noutra ocasião, durante uma sessão, o praticante, montado no cavalo, mexeu seu quadril para a frente algumas vezes, e *bateu com os pés* na barriga do cavalo *sozinho*, como que dando o *comando*. A terapeuta chamou minha atenção para isto, e disse: “Olha como é, o cavalo não está fazendo o comando de agora, porque sabe que não é a hora certa, que não é para acelerar nem para trotar”. Depois, ela me contou de uma ocasião em que quase *chorou*, ao ver quando Vagalhão, que estava caminhando rápido ao final da sessão, no momento em que *viu* que quem estava com a cenoura nas mãos para dar a ele se tratava de uma garotinha *bem pequenininha*, ele chegou, *bem devagarzinho*, e pegou a cenoura dela. A terapeuta completou, me dizendo assim: “Ele sabe, ele percebe. Eles têm esta sensibilidade, coisa que muita gente não tem”. Esta noção do cavalo como um ser benevolente se assemelha ao que Temple Grandin (2005) escreveu:

Cavalos são super-sensitivos a seus cavaleiros e estão constantemente respondendo às necessidades dos cavaleiros sem mesmo serem solicitados (...). É por isso que aprender a dirigir um cavalo é completamente diferente de aprender a dirigir uma bicicleta. O cavalo garante que ninguém se machuque” (p.6).

Outro exemplo encontramos no cartaz em homenagem a Vagalhão, no qual se diz: “Ele sabia que estava ajudando pessoas muito especiais”.

Seguindo as passagens acima, temos a ideia de que o cavalo age intencionalmente, de acordo com o que *sabe* e *sente* (“ele não mente”¹⁶⁵ (...); eles “sabem quem não é boa pessoa”; “sabe

¹⁶⁵ Mas, como vimos anteriormente, do ponto de vista dos terapeutas, o cavalo pode *fingir* e *enganá-los*. Então, 230

que não é a hora certa” e “sabia que estava ajudando”). Neste caso, o cavalo sabe como agir, e age em conformidade com a preocupação humana, ele tem uma sensibilidade aguçada (“coisa que muita gente não tem”).

Em um artigo em que se discute a temática da comunicação, sensibilidade, corporalidade e troca de afetos nas relações entre humanos e animais não-humanos, Despret (2004) retoma o caso de Hans, um cavalo que levantou polêmica porque, assim acreditava-se, ele podia resolver contas matemáticas. Diante desta aparente façanha, gerou-se um debate em torno das capacidades do animal, e estudiosos levantaram três possibilidades para explicar a habilidade de Hans: tratava-se de um fenômeno paranormal que acometia o cavalo; tratava-se de uma trapaça entre o cavalo e seu mestre; ou então ocorria que, telepaticamente, o cavalo lia a mente das pessoas e assim podia adivinhar as respostas corretas. Mas, notadamente, a conclusão a que estes estudiosos chegaram foi outra:

De fato, o cavalo não podia contar, mas ele podia fazer algo ainda mais interessante: ele não apenas conseguia ler corpos, mas podia fazer os corpos humanos serem movidos e afetados, moverem e afetarem outros seres, e desempenharem coisas sem que eles mesmos soubessem (2004, p.3, minha tradução)¹⁶⁶.

Neste episódio emblemático, não somente o cavalo Hans resolvia as contas aritméticas na medida em que podia decifrar as dicas corporais que seu interrogador fornecia, sem se dar conta, na frente do animal mas, o que é ainda mais surpreendente, é que o cavalo *afetava* o comportamento de seu interrogador, ao provocar nele “movimentos não-intencionais mínimos” (Despret, 2004, p.2), estes, por sua vez, suscitados pela expectativa e o desejo de que o cavalo acertasse a resposta.

Ora, a afirmação da mãe da praticante sobre o cavalo Vagalhão, supramencionada (de que

enquanto o cavalo *engana* alguns, ele é honesto e não *mente* para outros. Em ambos os casos, todavia, encontra-se o suposto de que os cavalos são dotados de um estado interno e de intencionalidades, sendo, portanto, capazes de tomar decisões (uma capacidade discricionária).

¹⁶⁶ No original, “*Indeed, the horse could not count, but he could do something more interesting: not only he could read bodies, but he could make human bodies be moved and be affected, move and affect other beings and perform things without their owners’ knowledge of it*”.

“Ele sabe, ele percebe. Eles têm esta sensibilidade, coisa que muita gente não tem”) é bastante próxima à ideia de que os cavalos podem notar movimentos sutis nas pessoas e serem sensíveis a eles. Significativamente, a agência do animal também entra em discussão quando se diz que os cavalos manifestam suas *vontades e interesses*. Na equoterapia, o cavalo é um animal que sabe *obedecer* e se *comportar* (ao contrário da égua Sol, quem “ainda não tinha experiência” e “não sabia se comportar”). Além disto, o atributo da obediência encontra-se associado com a capacidade de compreensão do cavalo, como na frase seguinte, dita pela terapeuta ao praticante: “*Ainda bem que Dominó entende e faz. Já pensou se ele entendesse e não quisesse fazer?*”. Ou, quando, noutra sessão, disse o praticante à terapeuta: “*O 'Choco' não está me escutando, ele não fala nada*”, ao que Lúcia respondeu, dizendo ao praticante que o cavalo não *fala*, mas *ouve* sim, e que, inclusive, ele ia levar o praticante ao local onde ele queria ir (próximo ao trator que estava parado na pista).

A agência do cavalo, neste caso, é também tomada como a capacidade de entender e agir em conformidade ao esperado. Sua agência é, assim, acomodada por um conjunto de práticas comunicativas e de controle. No pasto, a ração e o cabresto fazem o cavalo se aproximar, e assim (somente assim?), eles podem ser *pegos*. Já nas montarias, o auxiliar-guia garante que o cavalo caminhe da forma desejada e no ritmo esperado pelo terapeuta. Mas, por *já saber* que tem de dar outra volta, o cavalo pode *querer cortar caminho*. O cavalo sabe até mesmo que está desobedecendo (ele *finje* certos estados para os terapeutas e tenta *enganá-los*); ele tem expectativas e é afetado pelo seu entorno; ele tem a capacidade de perceber diversos fenômenos ao seu redor. (e, justamente porque veem, observam, e fazem um juízo sobre as ações de terapeutas, praticantes, e as condições em que vivem, é que os cavalos, potencialmente, podem *cismar, brigar, competir, desafiar* e até mesmo *surtar*).

Deste modo, as várias modalidades de interação com o cavalo durante as montarias levam à elaboração de explicações relativas ao estado interno dos cavalos e às possíveis intenções

associadas a seus movimentos corporais. Em certa medida, os interlocutores humanos desta pesquisa reconhecem os cavalos como seus interlocutores¹⁶⁷; os cavalos geram sinais de comunicação a eles e, de certo modo, são também “intérpretes” das ações dos terapeutas e, nalgumas vezes, já *sabem* de antemão a tarefa que devem vir a cumprir. Diante das características elencadas acima (cavalos *sabem*, *sentem*, *percebem* e *enganam*, dentre outras), algumas das características tomadas como distintivas humanas são revistas, pois um conjunto de propriedades tipicamente humanas é compartilhado pelos cavalos¹⁶⁸.

Se, de um lado, terapeutas dizem que o cavalo *sabe* (tanto o conhecimento para fins “positivos”, de ter a *sensibilidade* e *saber* o ritmo que o praticante quer andar; quanto o conhecimento para fins “negativos”, de *saber* que vai ter de dar mais uma volta, e por isso vai tentar *enganar*), esta capacidade de antecipar o futuro e entender o que terão de fazer pode ser explicada também como uma propriedade de todos os seres vivos:

Nós humanos não somos os únicos que fazemos coisas em prol do futuro ao re-presentá-lo no presente. Todos os *selves* vivos fazem isso de algum jeito ou outro. Representação, propósito, e futuro estão no mundo – e não apenas naquela parte do mundo que nós delimitamos como a mente humana. É por isto que é apropriado dizer que há agência no mundo vivo que vai além do humano (Kohn, 2013, p.41-2, minha tradução)¹⁶⁹.

Temos, assim, que cavalos (e todos os outros seres vivos) são *selves*¹⁷⁰ que “representam o

¹⁶⁷ Mas, é válido notar, entender os sinais dos cavalos e o seu comportamento não era tanto um problema da ordem do intelecto para as pessoas envolvidas. Importava muito mais “resolver”; isto é, fazê-los seguir o esperado durante as montarias e, caso eles não o fizessem, buscavam-se saídas que os reengajassem na prática (como descobrir se eles estavam com dor, cansados, com medo, preguiçosos, folgados, fingindo, enganando, e assim por diante). Por exemplo, uma vez, quando me recostei à palmeira do lado de fora da pista do redondel, para observar o grupo, a terapeuta disse para eu não “ficar ali parada”, senão o cavalo “ia querer fazer igual”. É oportuno notar que ao “querer fazer o mesmo”, o cavalo tenha me associado a ele mesmo, recostado e, por isso mesmo, descansando.

¹⁶⁸ E, precisamente, são justamente estas capacidades tomadas como distintivamente humanas, conferidas aos cavalos, que estariam ausentes ou pouco presentes nos praticantes (por exemplo, como vimos diversas vezes terapeutas explicando-me que alguns praticantes *pouco ou nada entendiam*). Neste sentido, o cavalo é tomado como até mais humano do que o praticante, manifestando algo que ele não tem. O mesmo pode ser pensado no que concerne aos terapeutas, na medida em que, assim foi dito anteriormente, eles não seriam capazes de executar as movimentações e contrações múltiplas que o cavalo exerce no corpo do praticante. E, de modo geral, eles teriam, ainda, algo que vai além do humano, uma vez que estariam aptos a perceber o praticante no âmago de sua individualidade.

¹⁶⁹ No original, “*We humans are not the only ones who do things for the sake of a future by re-presenting it in the present. All living selves do this in some way or another. Representation, purpose, and future are in the world-and not just in that part of the world that we delimit as human mind. This is why it is appropriate to say that there is agency in the living world that extends beyond the human*” (p.41-2).

¹⁷⁰ De acordo com o autor, todo ser vivo é um *self* que está envolto em modos de representação baseados em

mundo” (Kohn, 2013). Por isso, a agência é uma propriedade de todos os *selves*, e tem a ver com o fato de que a representação, o propósito e o futuro não se circunscrevem ao humano, mas constituem propriedades do mundo vivente.

Com efeito, há também uma noção de agência em questão para os praticantes. Conforme os comentários dos terapeutas, os praticantes apresentam condições mais ou menos *autônomas*: alguns precisam de *ajuda*; outros dão *trabalho*, *demandam*, são totalmente *dependentes*, e “precisam do outro para tudo, o tempo todo, até para ir ao banheiro”; e, ainda, uns “se negam a fazer coisas, dentro e fora de casa”. No geral, sua capacidade agentiva era associada à ausência ou inadequação de movimentos. De um lado, praticantes manifestavam uma condição *passiva*, de *comodismo*, e eram *descontextualizados*. De outro, praticantes podiam fazer *manha*, *bater* nos terapeutas, não querer montar no cavalo, sair correndo, e até mesmo *se jogar* dele.

No que se refere tanto aos cavalos e aos praticantes, a natureza de sua agência é múltipla e pode ser tomada ora como mecânica e involuntária, ora como intencional e voluntariosa, conforme e percebida pelos terapeutas e familiares.

3.4. Outros efeitos do encontro

Tratamos anteriormente da possibilidade de que a condição dos praticantes seja alterada positivamente (ao terem um corpo e saúde *melhores*) neste encontro com os cavalos e os terapeutas. Com efeito, mais do que um partícipe, o cavalo é a condição fundamental da constituição da *mudança* e *melhora* dos praticantes. Neste contexto, o cavalo manifesta a capacidade singular de tornar o praticante mais “pessoa” e, deste modo, é como se o habilitasse para um “melhor” desempenho na vida.

processos indexicais e icônicos (Kohn, 2013), ao passo que o modo de referência simbólico é o único que é de exclusividade das relações sociais entre seres humanos.

Mas também a condição dos cavalos vem a sofrer modificações. Além das transformações já tratadas como necessárias à atuação do cavalo na equoterapia – como na fala da terapeuta: “Antigamente, ele era muito bravo. Não queria andar e murchava as orelhas. E aí fui treinando, treinando e ele melhorou. Agora faz 3 anos. Quase que eu não compro porque ele era muito bravo. Que nem o Nini”. E ela continuou, dizendo que: “Depois dos treinamentos ele melhorou e ficou mais dócil. Hoje Tic-Tac é um cavalo bem calmo, constante e submisso”. E, para que ele traga força, potência e equilíbrio ao corpo do praticante, o cavalo também acaba por sofrer mudanças tais como ficar cansado, estressado e sobrecarregado ao longo do dia¹⁷¹.

Além de estressados, os cavalos são tornados animais *constrangidos e limitados* que, ao ficarem *presos* nas baias (o que ocorre, alternadamente, ao longo do dia), ficam *tristes*, ao contrário do que ocorre quando estão *soltos* no pasto, onde ficam mais *felizes*. Penso, então, que se os cavalos podem oferecer a sensação de *liberdade* aos praticantes cadeirantes, como ao fazê-los sentir que estão *correndo*, eles mesmos, os cavalos, estão presos e impedidos. É como se houvesse, portanto, uma alternância excludente entre, de um lado, os estados de felicidade e liberdade concedidos aos praticantes, e, de outro, os estados de *confinamento, sobrecarga e estresse*, a que os cavalos são levados a viver.

Neste sentido, o encontro, para os cavalos, implica uma transação profundamente assimétrica¹⁷², em que humanos são privilegiados às expensas de cavalos. Ao mesmo tempo em que cavalos podem *melhorar* a condição dos praticantes, eles têm a sua *disposição* “diminuída”; é como se sua energia lhes tivesse sido extraída.

¹⁷¹ Por exemplo, alguns cavalos ficaram mais *estressados* porque tiveram de *trabalhar* mais do que normalmente, disse-me a terapeuta, por consequência de Dominó ter ficado doente e por isso teve de ser *afastado* dos atendimentos. Eu brinquei com ela, dizendo que se tratava de um “efeito Dominó”. Ela respondeu, afirmando que não havia “nada de especial neste efeito”, uma vez que essa mudança no comportamento dos outros cavalos seria consequência de estarem mais cansados.

¹⁷² Uma relação que estabelece uma assimetria fundamental entre as pessoas e os cavalos porque terapeutas querem sua obediência e que façam movimentos precisos; o auxiliar-guia lhes puxa pela corda; e o praticante, monta sobre seu corpo, cujo peso o cavalo deve carregar. Além de que seus movimentos seguem, em sua maioria, as tarefas estabelecidas pelos terapeutas.

Por outro lado, podemos pensar os desdobramentos deste encontro como também um processo de “manufatura” ou “montagem” de corpos que, no propósito de *melhorar* os praticantes, ao mesmo tempo tem de treinar e disciplinar os cavalos. Mas em meio a esta transformação corporal de praticantes e cavalos, vimos que também os terapeutas sofrem desdobramentos; eles devem se *controlar* durante os atendimentos, e pode ser que sintam dores no braço ou no pescoço, porque, ao longo do dia, têm de segurar os praticantes, a partir do chão.

O corpo, neste sentido, traz alto potencial de variação (de praticantes, *melhorados*; de cavalos, *treinados* e *disciplinados*, de terapeutas, *controlados*), passando longe da ideia de corpo como um dado bruto, biológico e natural. Se pensarmos ao mesmo tempo tanto as condições da pessoa quanto do animal, bem como o modo como elas são alocadas e reposicionadas, sugiro que o encontro pode trazer transformações a todos:

- 1) Pode deslocar condições de *limitação* e instaurar outras (se pensarmos na mudança da *condição passiva* dos praticantes, enquanto os cavalos são, eles mesmos, *limitados* e *impedidos* de saltar);
- 2) Pode fazer emergir categorias semelhantes ou idênticas para se referir a humanos e cavalos, aquilo que gostam e desgostam, e evocando uma natureza ou interioridade que pretende explicar suas ações. Neste sentido, não haveria tanta preocupação em separar categorias que se referem aos cavalos daquelas que se referem aos praticantes. Esta aplicação de termos, que por vezes ocorre de maneira simétrica, leva a pensar que uma base interpretativa equivalente ou semelhante é lançada para dar conta das ações e interpelações de ambos.

Em casos de identificação entre pessoas e cavalos, a relação sujeito-objeto, constitutiva das montarias, se desloca e, de certo modo, modifica também os termos da relação natureza-cultura. Se

o cavalo “é que nem gente”, as fronteiras traçadas entre humanos e animais são remexidas, ainda que provisoriamente. Neste encontro transespecífico, portanto, a troca de recursos explicativos aplicados à uma espécie e outra são embaralhados, de modo que a exposição de uma criatura à outra intensifica a troca e faz proliferar elementos híbridos em cada “divisor” (Latour, 2013, p.30), ao invés de separar categoricamente humanos e animais.

De certo modo, se a equoterapia implica em transformações para todos os membros do grupo, em seu arranjo relacional, ela é um tipo de “prática antropo-zoo-genética” (Despret, 2004). Uma vez que a relação cavalo-praticante traz alterações para ambos, trata-se mais de uma forma de intra-ação do que de interação, seguindo a distinção (proposta por Barad, 2007, e da qual Haraway se valeu para sustentar sua noção de “espécies companheiras”, 2008): “*Assim, o conceito 'intra-agindo' fala melhor para um foco em como as partes se encontram e se modificam como um resultado de seu encontro, em oposição a 'interagindo', o qual se refere às partes se encontrando mas deixando umas às outras inalteradas* (Davis et al, 2013b, p. 323, minha tradução)”¹⁷³. E, na concepção de Haraway, temos o seguinte:

Companion species is a permanently undecidable category, a category-in-question that insists on the relation as the smallest unit of being and of analysis. By species I mean, with thanks to Karen Barad’s theory of agencial realism and intra-action, a kind of intra-ontics/intra-antics that does not predetermine the status of the species as artifact, machine, landscape, organism, or human being (2008, p.165).

Antes de chegarmos à conclusão deste capítulo, porém, façamos algumas considerações que, assim imagino, são interessantes e podem contribuir para pensarmos outros aspectos implicados na equoterapia. Com a inspiração lançada pelo estudo de Marcel Mauss a respeito da magia (2000 [1902-1903]), se voltarmos a pensar na montaria como um rito, na medida em que o rito “força”, “constrange” e atua sobre todos (Mauss, 2000 [1902-1903], p.9), temos que o terapeuta é uma

¹⁷³ No original, “*Thus, the concept 'intra-acting' speaks better for focusing on how parties meet and change as a result from their meeting, as opposed to 'interacting', which refers to parties meeting and leaving each other unchanged*” (p.323).

espécie de equivalente ao feiticeiro. Ele se vale de instruções verbais distribuídas a todos, praticante, cavalo e auxiliar-guia. Além disto, antes de qualquer sessão terapêutica iniciar, o cavalo deve estar preparado, bem como o praticante, ambos vestindo os equipamentos adequados, e a comunicação verbal do terapeuta em relação tanto ao cavalo como ao praticante pode ser pensada como uma espécie de encantamento ou rito oral, visando “evocar um poder” (p.67). A sessão também se desenrola a partir de uma fórmula: ela tem começo, meio e fim, e em cada uma das etapas há prescrições que devem ser cumpridas por todos, em termos de seu comportamento e entre si: “*O facto [sic] de que todo o encantamento é uma fórmula e que todo o rito manual tem virtualmente uma fórmula, demonstra já o carácter formalista de toda a magia*” (p.68). E, ainda que a sessão terapêutica admita algumas iniciativas individuais, ela é, de modo significativo, “um fenômeno essencialmente coletivo”, em que cada um de seus membros “*sente-se constantemente subordinado a poderes que o ultrapassam e que o incitam a actuar*” (p.110). De acordo com o autor, em geral, a noção de que algo tem uma propriedade mágica, em si mesmo, deriva sempre de condições muito específicas:

A utilização de coisas com propriedades é, em geral, condicionada aos ritos. Antes de tudo o mais, existem regras para a colheita: tais regras prescrevem a observância de condições de tempo, de lugar, de meio, de intenção e outras ainda, se possível. A planta que vai ser utilizada tem de ser apanhada à beira de um rio, num cruzamento, com lua cheia, à meia noite, com dois dedos, com a mão esquerda, abordando-a pela direita, depois de ter tido este ou aquele encontro, sem pensar nisto ou naquilo, etc. As mesmas prescrições para os metais, para as substâncias animais...” (p.125).

Desenvolvendo ainda a ideia da montaria como uma sorte de rito mágico, em um de seus primeiros procedimentos, o cavalo é trazido do pasto à baía e preparado para a sessão. O praticante veste o capacete, deve ficar *calmo* e não pular em cima do cavalo, não puxar demais as rédeas e nem o pelo dele, deve, ainda, respirar profundamente e se concentrar. O auxiliar-guia, de sua parte, deve puxar o cavalo amarrado, e ele o faz silenciosamente. O terapeuta, em dias de sol, veste uma viseira e óculos de sol. Ele deve se autocontrolar e minimizar os riscos. E já tratamos,

anteriormente, da apreensão do contato com o cavalo pelas mães de praticantes como uma magia: “É linda a relação. Tem uma magia. Não sei o que é, mas ela desperta a minha filha. Não é o físico. É porque ela gosta mesmo, eu vejo que ela se sente bem”. E também pelos terapeutas, presente na ideia de que o cavalo Vagalhão “ensinou a magia de crescer a cavalo” aos praticantes, e também na noção de que o cavalo opera *milagres* (quando o braço da praticante mexeu sozinho).

Vale, ainda, nos atermos a algumas outras ideias implicadas no rito e na magia. Se, conforme Mauss argumenta (2000 [1902-1903]), “*existe uma certa relação entre os seres e as coisas interessadas no rito*” (p.74), pergunto, então, qual seria a relação que associa cavalos e praticantes nesta prática, e que permite conceber a ideia de que pessoas com deficiência podem ter sua saúde melhorada a partir do contato com o cavalo? Como vimos na discussão sobre as bases científicas de que a equoterapia lança mão para explicar seu funcionamento, a similaridade ou equivalência da marcha humana e do cavalo (*deambulação*), aponta para certa continuidade corporal entre humano e animal. Por outro lado, o princípio da lei da contrariedade, em que “o igual afasta o igual para suscitar o seu contrário” (Mauss, 2000 [1902-1903], p.85), talvez seja útil para explicar o que nos parece ser o paradoxo fundamental da equoterapia, a saber, a noção – contraintuitiva, diga-se de passagem – de que o praticante, a partir do contato com o cavalo, um animal, pode se tornar “mais humano”. Sugiro que seres não-humanos, de um lado, e seres humanos não-tão-humanos (ou com sua humanidade “comprometida”), são aproximados porque teriam em comum um “referente ausente” em relação ao ser humano, e entenda-se aqui o ser humano em sua ocorrência típica, plena, com a capacidade de fala, cognição total e a forma bípede¹⁷⁴. Assim, explica-se, talvez, a razão pela qual o contato entre um não-humano (o cavalo) e um humano atípico (o praticante), pode gerar um humano mais próximo do típico.

* * *

¹⁷⁴ Sobre o bipedismo e a condição humana dada pela verticalidade, consultar Kim (2013, p.393).

Neste capítulo, procurei descortinar os atores em termos de sua atuação, tanto como participantes na explicação teórica acerca do funcionamento da equoterapia, como também como participantes da técnica, que se engajam face-a-face nas sessões terapêuticas, sejam elas as montarias ou não.

Comecei o capítulo 3 tratando de quem são os praticantes e a alteridade creditada a eles, conforme aparecem em termos daquilo que está sendo buscado no tratamento e, em que medida, as características ressaltadas por familiares e terapeutas nos informam uma noção de pessoa *especial* e seu contraste com a noção de humano e pessoa *típica*. Depois, destacamos os terapeutas e a discussão sobre os campos semânticos e de conhecimento que informam suas práticas, explicações e interpretações no que concerne aos cavalos e aos praticantes. Discuti o seu papel como terapeutas *controlados*, que classificam as ações e movimentos alheios (de cavalos, praticantes e até mesmo de seus familiares). Em seguida, foi discutida a presença dos auxiliares-guia como ingredientes de contraste ao par *especial-típico*, e em que medida seu papel elucidado que certas capacidades humanas, as quais alimentam a divisão humano-animal, podem ser apagadas contingencialmente, pois que, no decurso das sessões, ele pouco ou nada é permitido falar. E, portanto, ainda que seja ele quem mantenha o cavalo sob controle, exercendo força física com sua mão, ao segurar firme no cabresto (e, neste aspecto, ele exerce sua superioridade diante do animal), o auxiliar-guia está reduzido à função de repassar a autoridade do terapeuta (e, neste caso, é o terapeuta quem exerce sua superioridade diante dele, numa relação patrão-trabalhador).

Na segunda seção do capítulo, avancei para o exame dos tratamentos e posições creditadas aos cavalos, tendo como enfoque o seu papel ambíguo de agente próximo tanto às máquinas como aos terapeutas. Procuramos seguir a oscilação do cavalo em sua condição de sujeito e objeto no decorrer das práticas de montaria, tanto ao cooperar com os terapeutas como ao desobedecê-los. A caracterização naturalista do cavalo enquanto presa e animal gregário também foi examinada a fim

de discutirmos a sua condição de agente nas relações sociais. Além disto, mencionamos de que modo o cavalo como símbolo de força, poder e gentileza incondicional é destacado na equoterapia, bem como sua valorização como representante da *natureza* e da *liberdade*. Concluimos a seção com apontamentos sobre a natureza terapêutica do cavalo, tanto como agente passivo, “manipulado” pelos terapeutas nos treinos, como agente volitivo e intencional.

Assim, com este capítulo final, retomei com mais afinco a discussão acerca dos benefícios terapêuticos obtidos no contato com o cavalo. Em seguida, a partir destes elementos técnicos, científicos, médicos e simbólicos, analisei as múltiplas derivações que este encontro produz para os praticantes, levando em consideração também os desdobramentos trazidos para os cavalos enquanto seres sencientes e que merecem atenção. Depois de traçadas algumas considerações sobre o que ocorre nesta amálgama entre corpo, sensações, percepções, emoções, e capacidades agentivas, tanto humanas quanto animais, é chegado o momento de concluirmos este trabalho.

CONCLUSÃO:

AFINAL, *“O QUE É QUE CAVALO SABE”*



Imagem 16. “*Centauress*”, John La Large. Fonte: Online Collection of Brooklyn Museum.

CONCLUSÃO: AFINAL, “O QUE É QUE CAVALO SABE?”

“Talvez possamos, ironicamente, aprender, a partir de nossas fusões com animais e máquinas, como não ser o Homem, essa corporificação do logos ocidental”

– Donna Haraway, *Manifesto Ciborgue*, p. 83.

Vimos, anteriormente, que os cavalos manifestam múltiplas características e capacidades, do ponto de vista dos humanos com quem interagem, e múltiplas são também as formas e maneiras pelas quais as pessoas, na equoterapia, se engajam com os cavalos.

Notadamente, em um processo que visa à promoção da saúde humana, os cavalos são inseridos e reconhecidos como partícipes ativos. Sua presença, justamente por carregar um certo *risco* e ao mesmo tempo oferecer *prazer* aos humanos ao seu redor, faz as pessoas lançarem mão de um certo modo de lidar com eles, um modo pragmático em que, constantemente, devem atentar para seu estado naturalcultural. Na compreensão do cavalo enquanto sujeito observador extrai-se o modo como eles enxergam e se relacionam com seu entorno (suas respostas diante de outros animais, tal como os cavalos, pavões, vacas, gavião; diante de veículos, tal como os caminhões, tratores, carros, motocicletas, bicicletas; diante de pessoas, tal como os praticantes, terapeutas, auxiliares e familiares; diante das pistas, tal como a pista de grama, areia, ladeira, bosquinho, chão de concreto; diante de objetos, como a bola, plástico de lona, cabresto, ração, cenoura).

Mas, neste cenário, interrogo-me: o que as pessoas sabem sobre o que o cavalo *sabe*? Como meus interlocutores vêm a pensar o conhecimento que os cavalos têm e manifestam nestas circunstâncias? De que maneira são eles reconhecidos pelos praticantes, familiares, terapeutas e auxiliares-guia, enquanto sujeitos que conhecem o mundo? Nesta conclusão, procuro traçar alguns esboços conclusivos a respeito destas questões.

No capítulo 2, mostramos que, ao longo da malha terapêutica, os cavalos corporificam e

simbolizam certos atributos. Com efeito, grande parte das explicações que os terapeutas partilharam comigo, com vistas a me esclarecer sobre o funcionamento da equoterapia, sustentavam-se em processos de ordem fisiológica, motora e neurológica, decorrentes do contato entre os corpos do cavalo e do praticante (tais como promover *ajustes tônicos* e *estimular* seu sistema nervoso central, ter um corpo mais *estável* e um jeito de falar *melhorado*). Mas havia também explicações de ordem psicológica (tais como aumentar a *autoestima* do praticante e mudar sua *visão de mundo*), emocional (tal como *acalmar* o praticante) e de natureza híbrida (tal como a noção de que os praticantes ficam mais *equilibrados* e *centrados*). De um modo geral, estes argumentos acionam o cavalo como agente, tanto tomando-o como um símbolo (seu porte, força e velocidade) como um sujeito real-carnal (e suas características de ordem físico-anatômicas, como seu movimento tridimensional e músculos, quanto atributos sensoriais, como cheiro e textura).

No capítulo 3, diante da edificação do entrelaçamento humano-animal para as finalidades terapêuticas apresentadas na equoterapia, coloquei sob escrutínio tanto as diferentes pessoas em suas relações interpessoais e com os cavalos, como também os cavalos tomados enquanto seres de agência diversificada, conforme eram vistos nos engajamentos diários com as pessoas, e dos quais eles emergiam com certas características, qualidades e atributos. Neste arranjo relacional, diferentes cavalos e diferentes pessoas vêm a “tornar-se com” uns com os outros, tanto em termos de um devir relacional, como também na consumação desta transformação, que se realiza na medida em que os vínculos de desenrolam, pois as pessoas, distintamente, acionavam características, preferências, agências e tipo de relação travada com os cavalos, ao sabor do momento.

Para entender o modo como as divisões binárias entre natureza e cultura e/ou entre humano e animal aparecem e operam neste quadro de relações, observei os esquemas de pensamento e ação que os terapeutas e familiares ativam em seus relacionamentos com os cavalos e praticantes, e que culminam em atribuir a eles “naturezasculturas” (Haraway, 2008), ao posicionar e simultaneamente

deslocá-los, em termos, de um lado, das propriedades e naturezas dos cavalos, como seres individuais e membros da espécie *Equus caballus*; de outro, das propriedades e traços dos praticantes, tomados tanto em sua individualidade, a partir de suas *demandas* pessoais, mas também reunidos como pessoas “atípicas”, e que, por isso, manifestam uma condição humana *especial*.

No esforço desta pesquisa, procurei examinar os sentidos dados à diferença manifestada pelos praticantes (que, em sua maioria, são pessoas com deficiência), e que os leva à equoterapia e, ao mesmo tempo, os sentidos dados à distinção dos cavalos da equoterapia em relação aos demais. Vimos que, se os cavalos são avaliados – positivamente – em termos de sua constituição corporal (possuindo um corpo que pode *estimular, equilibrar e ajustar* aquele que nele monta, devido a propriedades como o *movimento tridimensional, força e potência*, dentre outros), os praticantes, inversamente, são avaliados – negativamente – em termos de uma constituição corporal que precisa ser “melhorada” (são *instáveis, agitados*, podem cair, falta *equilíbrio*, dentre outros). Se a expressão *especial*, no caso dos praticantes, vem a caracterizar o estatuto da “pessoa com deficiência”, já no caso dos cavalos, ela vem a distinguir o estatuto do cavalo como um animal *treinado e experiente*, e que deve cumprir as atribuições que lhe cabe na equoterapia.

A questão que balizou este trabalho funda-se na ideia – um tanto intrigante – de que, cientificamente falando, o contato com os cavalos (um animal) pode ser benéfico à saúde dos praticantes (um humano) – e “saúde” entendida aqui nos sentidos reportados no campo, como uma combinação de aspectos fisiológicos, neurológicos, mentais, psicológicos, emocionais e sociais. E que, ao se afirmar o valor terapêutico dos animais, eles parecem aceder à uma condição de maior valor e reconhecimento moral pelas pessoas. Pretendi examinar como, a partir do contato com o cavalo, a equoterapia pode “*desenvolver o praticante em suas dimensões biológica, psicológica, social e espiritual, nas áreas de saúde e educação*” (Severo, 2010, p.333).

Neste sentido, procurei entender as bases das relações entre cavalos, terapeutas, praticantes e

familiares de praticantes, acompanhando os atendimentos da *equipe* profissional de equoterapia em um Centro Hípico na cidade de São Carlos, SP. Enfatizei as sessões terapêuticas como o foco da análise, com o objetivo de discutir o papel dos cavalos em ação como membros da *equipe* de equoterapia. Simultaneamente, também levei em conta o modo como os mesmos são percebidos pelos sujeitos humanos envolvidos.

Para entender a participação dos cavalos na equoterapia, segui o modo como os benefícios são tematizados, desde as conversas com terapeutas, em campo, como levando em consideração algumas publicações técnicas na área. Pretendi, assim, examinar os arranjos relacionais entre os praticantes (em sua maioria, pessoas *especiais*), os *típicos* (referidos em contraste aos especiais, ou seja, pessoas “sem deficiência”, corporificados pelos terapeutas, auxiliares-guia, e familiares dos praticantes, além de alunos e professores da aula de equitação, também oferecida pela Hípica) e os cavalos – arranjos válidos na medida em que, além de mostrar as possibilidades de articulação entre estes seres singulares, nos lançou a entrever a instabilidade da noção de humano, em suas variações *especial e típico*, e na noção de animal, uma vez que os cavalos expressam alguns traços tomados como distintivamente humanos.

Partindo das visitas ao Centro Hípico, procurei observar a natureza de relacionamentos que, ao trazerem juntos e de uma só vez, pessoas com “deficiência” e cavalos, podem reverberar nas definições de humano e animal. Em apoio à discussão etnográfica, lancei mão de alguns debates das denominadas Antropologia Pós-Social e Pós-Humana (Despret, 2004; Haraway, 2008; Ingold, 2000; Kirksey & Helmreich, 2010; Knight, 2005; Kohn, 2013), que se interessam em refletir sobre a presença de animais não-humanos em variados âmbitos da vida. Na esteira destes argumentos, os animais são encarados, sobretudo, em termos de atores e não somente como símbolos. No caso de minha pesquisa, a presença dos animais importa tanto diante do que os cavalos podem agenciar em termos de relações pragmáticas e contingentes, como também nos aspectos simbólicos que a eles

são atrelados.

No que tange aos desafios de inserirmos tanto os cavalos como as pessoas com “deficiência” em um trabalho de cunho antropológico, este estudo se pautou pelo esforço em considerá-los não como pontos estabilizados de não-comunicação e desvinculados do social, ou tampouco como meros sujeitos representados ou alvos da representação de outrem, mas sim como atores profícuos do social, e com equivalente consideração neste estudo, embora, obviamente, viessem a informar esta análise de modos distintos. A este respeito, a discussão sobre relações corporificadas e modos de comunicação extralinguísticos mostrou-se fundamental.

Ademais, neste trabalho, situei a equoterapia em relação às zooterapias tradicionais e suas formas de apropriação dos animais para finalidades terapêuticas. Localizei também o que, em minha avaliação, pareceram-me ser alguns princípios de ação simpática e mágica, que associa diferentes seres e têm eficácia por meio do contato. Passei, rapidamente, para uma breve revisão da presença de cães na cinoterapia ou *pet* terapia e, então, a uma comparação entre os cavalos da equoterapia e equinos usados (empregados) em outras finalidades. Em seguida, avancei por alguns pontos implicados na relação com os animais que a chamada sociedade ocidental moderna entretece, com ênfase na crítica ético-política que é oferecida por certos autores, que nomeiam o especismo como uma prática discriminatória que põe os humanos acima dos outros animais.

Adentrando o cenário etnográfico, procurei mostrar as bases práticas que levam ao funcionamento da equoterapia no Centro Hípico onde fiz minha pesquisa de campo. É crucial que uma série de procedimentos sejam tomados a fim de que cavalos e praticantes estejam ali presentes. Para entrar na equoterapia, os cavalos passam por um período de avaliação. Os praticantes, de sua parte, são *adaptados* por meio de um processo de *aproximação* com os cavalos. Os cavalos, já ingressos na *equipe*, estão continuamente sujeitos aos treinos como medida disciplinadora, sempre que *desobedecem* aos comandos, *aceleram muito*, *chacoalham demais* com o praticante em cima,

ou *se mordem* repetidamente.

Vimos que o grupo, integrado e ao mesmo tempo fragmentado em posições específicas, se assemelha a um organismo ou corpo coletivo, que, embora, às vezes, assuma uma aparência errática, mantém-se articulado como um todo (porque suas partes só voltam a se apartar quando o tempo da sessão se esgota). Para que cavalos e pessoas permaneçam unidos durante a montaria, os membros da *equipe* se valem de certas estratégias comunicativas: com os cavalos, os *beijinhos*, os *tapinhas* e a verbalização de seu nome; com os praticantes, o assovio, seu nome, e o estalo com os dedos das mãos. Além disso, a *equipe* se orienta a partir de uma série de inferências sobre os movimentos corporais e ações alheias, de humanos e animais, e que podem remeter a seus estados internos. Assim, fluxos de comunicação entre seres até então bastante díspares, somados às formas de atenção dedicadas ao outro, vão costurando e dão suporte às relações entre praticantes, cavalos, terapeutas, auxiliares e, assim, compõem, efetivamente, um grupo em si mesmo.

Sobretudo, busquei apontar que a presença dos cavalos tece uma ambiguidade constitutiva e profícua nas relações. Os cavalos da equoterapia trazem ideias sobre o “animal” (como na fala da mãe da praticante, que disse “*O animal não mente, eles conhecem a pessoa... Eles sabem quem não é boa pessoa*”), mas, sobretudo, sinalizam para as diferenças na categoria “animal”. Tomados como um todo, os cavalos são enfaticamente diferenciados dos *pets* domésticos pelos terapeutas. Já os cavalos da equoterapia, na medida em que são cavalos *especiais*, diferenciam-se dos cavalos em geral. Um cavalo de equoterapia, portanto, não é qualquer cavalo, ele é *treinado e acostumado a tolerar* as pessoas e os barulhos ao seu redor. Além disto, vimos que, entre os próprios cavalos da Hípica, há notáveis diferenças em sua individualidade; alguns podem ser mais ou menos *obedientes, sensíveis, dóceis, preguiçosos, encrenqueiros e bravos* do que outros, e assim por diante.

Encontramos, ainda, imprecisões no que se refere ao papel que o cavalo desempenha na *equipe*. Sua função está próxima a de terapeutas; eles complementam o lugar de terapeutas

(terapeutas podem obter outros resultados a partir da presença dos cavalos); eles os assistem (vide o termo “terapia assistida por animais”), ou então os substituem, provisoriamente, e então viram os *astros* e os *grandes terapeutas* na montaria. Mas também os cavalos podem cumprir a função de uma ferramenta e outras derivações (*bola de pilates viva, máquina, recurso, adendo cibernético*). Vale notar, todavia, que em meio a todos estes papéis, cavalos são sujeitos dotados de *intenção*. Longe de serem tomados como *recursos* neutros, os cavalos se impõem, muitas vezes, aos humanos com os quais se relacionam; eles reagem e respondem. Em alguns casos, cavalos eram agentes morais e agiam intencionalmente, fosse por sua *sensibilidade* com a situação (quando era um *anjo* para as pessoas), fosse por *preguiça* ou *folga* (quando *já sabia* que teria de trotar mais uma vez, e por isso *enganava* os terapeutas – parando de caminhar, *fingindo* querer urinar ou estar sentindo dores).

Além de tratar da aproximação dos cavalos com e como objetos, nos deparamos também com os cavalos enquanto símbolos (de *porte, altura, força, guerra, natureza, beleza, energia, magia, liberdade, anjo*, e, claro, *saúde*), além, notadamente, da profusão dos cavalos enquanto sujeitos, e com vontades próprias a serem consideradas. Como agentes, esses animais têm capacidade terapêutica significativa e qualidades únicas (o movimento tridimensional faz o *ajuste tônico* e, como me disse a terapeuta, “*isso nenhum ser humano consegue fazer*”, além de possuírem uma sensibilidade única). Mas também, muitas vezes, eles *desobedecem* aquilo que deles se espera, *fingindo* ou *enrolando* os terapeutas. Tomados como *trabalhadores*, estes cavalos, idealmente, se comportariam como cavalos *condicionados, mansos e obedientes*. Mas eles se *submetem*, e isto os *estressa*. Já no pasto, local onde os cavalos “*naturalmente gostam de extravasar*” (e também a sua *casa*), a situação se inverte: lá, os cavalos podem “*podem querer brigar e dar coice*” porque, sob a “*condição de presa na natureza*”, eles são *naturalmente desconfiados*.

No limite, o cavalo (provisoriamente) vem a substituir o lugar dos outros membros da

equipe. Ele se torna tanto uma espécie de “coterapeuta” para os praticantes e seus familiares (do ponto de vista dos terapeutas e familiares), como um “assistente” e “auxiliar”, para os terapeutas, dando suporte à sua prática. Por outro lado, no que tange à eficácia na equoterapia, ela reside tanto nos cavalos e nos movimentos que sua fisiologia e anatomia abarcam, mas também é determinada pelos treinos, que os disciplinam e os fazem se comportar do jeito correto, isto é, com obediência, ao longo das montarias. Estas expressões e atribuições reforçam, assim, o apontamento que fizemos anteriormente sobre a ambivalência e a tensão constitutiva que estrutura as relações com estes animais, alternando-se e mesclando as posições de *máquina/coisa/recurso/objeto* e *sujeito/trabalhador/agente/terapeuta*.

De um modo geral, neste estudo, as relações humano-animal importam tanto no que dizem respeito à sociedade humana quanto no que concerne à relação humano-animal ela mesma (Fijn, 2011), mas também naquilo que elas permitem refletir sobre quem é o animal para cada uma das pessoas (sejam elas as *típicas* ou as *especiais*) em presença umas das outras.

Em síntese, se a relação com os animais, neste caso, está envolvida com certo aumento da humanidade do praticante, como se o praticante pudesse adquirir novas capacidades e disposições, aproximando-se mais de um *típico*, isto é, daquele que é considerado o “mais humano” e, por isto, têm muito a nos dizer sobre os humanos, também “*a dimensão da deficiência é importante e diz respeito a todas as pessoas e não somente a quem possui uma deficiência*” (Mello, 2014, p.59).

É nesta perspectiva que a trama de ideias aqui ensejada pretende contribuir com as possibilidades de continuamente repensarmos humanos e animais em suas relações ilimitadas, coconstitutivas e, porque não, de curiosidade mútua.

* * *

Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-tôa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retorço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhanha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua...

– Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p.324-5

Bibliografia

- ADAMS, Carol. **The sexual politics of meat: a feminist-vegetarian critical theory**. New York: Continuum, 256p. 1990.
- ALEXANDER, R. McN. Bipedal animals, and their differences from humans. **Journal of Anatomy**, London, v.204, pp321–330, 2004.
- ALTHAUSEN, S. **Adolescentes com síndrome de Down e Cães: compreensão e possibilidades de intervenção**. 2006. 170p. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- AMARAL, L. A. & COELHO, Antônio Carlos. Nem santos nem demônios. Considerações sobre a imagem social e a autoimagem das pessoas ditas "deficientes". **Os urbanitas**. Revista Digital de Antropologia Urbana. Ano 1, vol.1, nº.0, 2003. Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/urbanitas1.html>
- ANDE Brasil. **1º Curso Básico de Equoterapia**. Araras: CEREN, Centro de Estimulação e Reabilitação Neurológica "José Canzi Júnior", Apostila, 169 p. 2010.
- BACHI, Karen. Equine Facilitated Psychotherapy: the gap between Practice and Knowledge. **Society and Animals**, vol. 20, p.364-380, 2012.
- BARAD, K. **Meeting the universe halfway. Quantum physics and the entanglement of matter and meaning**. Durham, NC: Duke University Press. 2007.
- BARBOSA, G. **Efeito de um programa de equoterapia nos aspectos psicomotores de crianças com indicativos do TDAH**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). São Carlos, 2013.
- BIRKE, Lynda. "Learning to Speak Horse": The Culture of "Natural Horsemanship". **Society and Animals**, vol. 15, p.217-239, 2007.
- BOECKEL, J. V. **"When we find meaning in art, our thinking is most in sync with nature**. 2011. Disponível em: <http://www.anecologyofmind.com/reviews.html>. Acesso em Fevereiro, 2015.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. **Haraway no país do Futebol: o caso do Exoesqueleto de Nicolelis**. Revista Pontos de Vista (USP), Jun 17, 2014.
- CAPOTE, P.S.O; COSTA, M.P.R. **Terapia assistida por animais: aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- CASSIDY, Rebecca. **Horse People. Thoroughbred culture in Lexington & Newmarket**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. 2007.
- COETZEE, J.M. **The lives of animals**. Chichester: Princeton University Press, 127p, 2001.
- COSTA NETO, E.M. Healing with animals in Feira de Santana city, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, vol. 65, p. 225-230, 1999.
- COSTA NETO, Eraldo Medeiros & ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Zooterapia. **Os Animais na Medicina Popular Brasileira**. Recife: NUPPEA, 2010.
- DAVIS, Dona; COWLES, Sarah; MAURSTAD, Anita. Riding up forested mountain sides, in wide open spaces, and with walls: developing an ecology of horse-human relationships. **Humanimalia**, vol. 4, n.2, 2013a.

_____. Co-being and intra-action in horse–human relationships: a multi-species ethnography of be(com)ing human and be(com)ing horse. **Social Anthropology**. 21, 3 322–335. 2013b.

_____. My Horse Is My Therapist: The Medicalization of Pleasure among Women Equestrians. **Medical Anthropology Quarterly**, vol. 00, Issue 0, pp. 1–18, 2014.

DEMELLO, Margo. **Animals and Society. An Introduction to Human-Animal Studies**. New York: Columbia University Press. 2012.

DEPAUW, K.P. **The review of research in therapeutic riding**. In: B.T.Engel (ed). *Therapeutic riding 2: strategies for rehabilitation*. Durango: Barbara Engel Therapy Services. 2000.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP. 2002. 92p. 2002.

DESPRET, Vinciane. The body we care for. Figures of anthro-zoo-genesis. **Body and Society**, London, Thousand Oaks and New Delhi, vol. 10 (2-3), p. 111-134, 2004. Disponível em: http://orbi.ulg.ac.be/bitstream/2268/135549/1/despret_2004_thebodywecarefor.pdf

DIAMOND, Cora. The Difficulty of Reality and the Difficulty of Philosophy. In: CAVELL, Stanley. **Philosophy and animal life**. New York: Columbia University Press. 2008.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Coleção Antônio de Morais Silva. Estudos de língua portuguesa. Academia Brasileira de Letras. 2ªEd, 2011.

DIAS, Adriana. **Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social**. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPCD/Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013

DOMINGUES, Camila Mantovani. **Terapia fonoaudiológica assistida por cães**. São Paulo: EDUC, 122p. 2010.

FUNDAÇÃO DE ARTICULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E ALTAS HABILIDADES NO RIO GRANDE DO SUL (FADERS). Disponível em: <http://www.faders.rs.gov.br/servicos/3/9/14>. Acesso em 13 de Maio de 2015.

FELIPE, Sônia. T. Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt. **Revista Brasileira de Direito Animal**, vol.1, n.1, p. 207-229, 2006.

_____. **Acertos abolicionistas: a vez dos animais**. Crítica à moralidade especista. São José, Santa Catarina. Edição da Autora. Ecoânima, 2014, 320p.

FERRIGNO, Mayra V. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Campinas, SP. 280p. 2012.

FIJN, Natasha. **Living with herds. Human-animal Coexistence in Mongolia**. New York: Cambrigde University Press, 274 p., 2011.

FRANCIONE, G. The Use of Nonhuman Animals in Bomedical Research: Necessity and Justification. **Journal of Law, Medicine & Ethics**. 241 2007. P.241-8.

_____. & Garner, R. **Animal Rights Debate: Abolition or Regulation?** New York, NY, USA: Columbia University Press, 2010.

GAME, A. Riding: embodying the centaur. **Body and Society**. 7(4): 1–12. 2001.

GEORGE, Isabel & JONES, Rob Lloyd. **Animals at war**. London: Usborne Publishing. 56p. 2006.

- GONÇALVES, D. A. **Fisioterapia assistida por animais (FAA) em crianças e adolescentes**. Monografia (Bacharel)- Fisioterapia. Faculdade Anhanguera de Taubaté, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/85408077/TCC-Fisioterapia>>. Acesso em: Outubro, 2014.
- GONÇALVES, Valéria de Sá B.; LIMA, Lima, I. M. C. A e CAVALCANTI, Maria das Neves. Brasília Brasil. **XII Congresso Internacional de Equoterapia. Encontro entre dois amigos**. 2006, p. 17-23.
- GRANDIN, Temple. **Animals in translation. Using the Mysteries of Autism to Decode Animal Behavior**. New York: Scribner. 358p. 2005.
- HAMMOUD, Rita. Equoterapia: O que é isso? **Revista Espaço e Saúde**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaespacosaude.com.br/equoterapia-o-que-e-isso/>>. Acesso em Outubro, 2014.
- HANSEN, Natalie Corinne. Rethinking Cross-Species relations: Feminist Interventions, **Michigan Feminist Studies**, vol. 23, no. 1, 15-32p. 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/spo.ark5583.0023.103>>. Acesso em 13 de Maio de 2015.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org e trad). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.33-117. 2009.
- _____. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008. 423p.
- HEARNE, Vicki. **Adam's Task. Calling animals by name**. New York: Knopf. 274p. 2007 [1986].
- HELMREICH, Stefan. An anthropologist underwater: immersive soundscapes, submarine cyborgs, and transductive ethnography. **American Ethnologist**. Massachusetts Institute of technology, vol. 34, n.4, p.621-641. 2007.
- HRIBAL, Jason. Emily the Cow and Tyke the Elephant. Resistance is Never Futile. **Counter Punch**. 2007.
- _____. Más vale caballo que caudel. A Horse is Worth More Than Riches. **Counter Punch**. 2007. Disponível em: <<http://www.jasonhribal.com/#!essays>>. Acesso em: Outubro, 2014.
- _____. Animals are Part of the Working Class Reviewed. **Borderlands Journal**, vol.11, n.2, 2012.
- HURN, Samantha. **Humans and other animals**. Cross- Cultural Perspectives on Human-Animal Interactions. London: Pluto Press, 265p. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2010.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling, and skill**. New York: Routledge, 2000.
- KIM, Joon Ho. **O estigma da deficiência física e o paradigma da reconstrução biocibernética do corpo**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 511p. 2013.
- KIRKSEY, S. E. & HELMREICH, S. The emergence of multispecies ethnography. **Cultural Anthropology**, 5(4): 545–76. 2010.
- KNIGHT, John. **Animals in person: cultural perspectives on animal-human intimacy**. Oxford/New York: Berg. 276 p., 2005.
- KOHN, Eduardo. **How Forests Think. Toward an Anthropology beyond the Human**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 267p. 2013.
- LATOUR, Bruno. **An Inquire into Modes of Existence**. An Anthropology of the Moderns. London: Harvard

University Press. 486 p. 2013.

LEVAI, Laerte Fernando. **Direito dos Animais**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2ª edição. 2004.

LIMA, Ana Carla de. **A representação social da interdisciplinaridade para os profissionais que atuam com equoterapia**. Dissertação (Mestrado)- Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Campo Grande – MS. 2005.

LIMA, Daniel Vaz. **O Campeiro e o Cavalo na Doma. Um estudo etnográfico sobre a relação entre humanos e animais no pampa Sul-Rio-Grandense**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Pelotas. Ciências Sociais. 2013.

LOPES, Pedro. **Negociando Deficiências: identidades e subjetividades entre pessoas com “deficiência intelectual**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. 181p. 2014.

MACIEL, Maria Esther (org). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 421 p.

MARÇOLLA, Bernardo Andrade. Cavalos, cavaleiros, centauros: Uma perspectiva transpessoal em Grande sertão: veredas. **Ângulo**, v.115, 2008, p. 32-39, 2008. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/94/82>. Acesso em: Fevereiro, 2015.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral da magia**. Lisboa: Edições 70, 183 p. (Perspectivas do homem). 2000 [1902-1903].

MELLO, Anahi Guedes de. Artigo 6: Mulheres com deficiência. In: DIAS, Joelson; FERREIRA, Laíssa da Costa; GUGEL, Maria Aparecida e FILHO, Waldir Macieira da Costa (orgs). **Novos Comentários à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2014.

MOREIRA, Luis Carlos Saldanha. O cavalo: um motivador terapêutico. 112-119. In: SEVERO, José Torquato (org.). **Equoterapia: equitação, saúde e educação**. São Paulo: Senac, 2010. 363 p.

MURRAY, Samantha. Corporeal Knowledges and Deviant Bodies: Perceiving the Fat Body. **Social Semiotics**, 17:3, 361-373, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10350330701448694>. Acesso em Fevereiro, 2015.

OLIVA, V.N.L.S. Terapia assistida por animais. In: COSTA-NETO, E.M.; ALVES, R.R.N (orgs). **Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira**. Recife: NUPPEA. 2010. 268p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**, 2011. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/hq/2011/WHO_NMH_VIP_11.01_por.pdf (Acesso em Fevereiro de 2015).

PATTON, Paul. Language, Power and the Training of Horses, p.83-99. In: WOLFE, Cary (ed). **Zoontologies. The question of the animal**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press. 2003.

PLUMWOOD, Val. Surviving a Crocodile Attack. **Utne reader**. 2000.

POVINELLI, Elizabeth. **Economies of Abandonment. Social belonging and Endurance in Late Liberalism**. Durham/London: Duke University Press. 2011.

RAMÍREZ BARRETO, Ana Cristina. Antropología filosófica y especismo. In: **De humanos y otros animales**. México D.F.: Editorial Driada. 2009. 213p.

_____. Ontología y antropología de la interanimalidad. Merleau-Ponty desde la perspectiva de Tim Ingold. **Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 05 (01), p.32-57. 2010. Disponível em: <http://www.aibr.org/antropologia/netesp/0501.php>. Acesso em Outubro, 2014.

- REGAN, T. **The case for animal rights**. Berkeley/LA: University of California Press, 1983.
- _____. **Defending animal rights**. Chicago: University of Illinois Press, 2001.
- RENNESSON, Stéphane; GRIMAUD, Emmanuel; CÉSARD, Nicolas. Insect Magnetism. The communication circuits of Rhinoceros beetle fighting in Thailand. **Hau, Journal of Ethnographic Theory**, 2 (2), 257-86. 2012.
- RESENDE, Ana Paula Crosara e VITAL, Flavia Maria de Paiva (orgs). **A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008. 164p.
- RINK, Bjarke. **Desvendando o enigma do cavalo**. Livro online. 2008. Disponível em: http://www.desempenho.esp.br/livro/lista_capitulo.cfm?livro=4. Acesso em Fevereiro de 2015.
- ROBERTS, Monty. **O homem que ouve cavalos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 [1935]. 343p.
- RODRIGUES, Adriana M. V. N. et al. Uso de órtese para abdução do polegar no desempenho funcional de criança portadora de paralisia cerebral: estudo de caso único. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.*, Recife, v. 7, n. 4, p. 423-436, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292007000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 de Maio de 2015.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 460 p.
- SÁ, Guilherme José da Silva. “Abraços de mono”: Elos perdidos e encontros intersubjetivos em etnografia com primatólogos no Brasil. 2010. **Mana**, 16(1): 179-211, 2010.
- _____. **No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. 220p.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003 [1976].
- SERPELL, James; COPPINGER, Raymond & FINE, Aubrey. The Welfare of Assistance and Therapy Animals: An Ethical Comment, p. 415-431. In: FINE, Aubrey. **Handbook on Animal-Assisted Therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. Burlington, MA: Academic Press, 2000.
- SEVERO, José Torquato (org.). **Equoterapia: equitação, saúde e educação**. São Paulo: Senac, 2010. 363 p.
- SHUKIN, Nicole. **Animal capital. Rendering Life in Biopolitical Times**. London/Minnesota: University of Minnesota Press. 2009.
- SIBILIA, Paula. O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade. **Verve**, 6: 199-226, 2004.
- SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Porto Alegre/São Paulo: Lugano. 2004[1975].
- SOLOMON, Olga. What a dog can do: children with autism and therapy dogs in social interaction. **ETHOS**, v. 38, p.143-166, 2010.
- SUPERLE, Michelle. Animal Heroes and Transforming Substances. Canine Characters in Contemporary Children's Literature. In: GROSS, AARON and VALLELLY, ANNE (eds). **Animals and the human imagination: a companion to animal studies**. New York: Columbia University Press, 2012. p.174-202.
- TANNUS DE MESQUITA, Claudia. Equoterapia holística: reeducar de forma ecológica e integrada para uma nova era de consciência. Brasília, Brasil. **XII Congresso Internacional de Equoterapia. Encontro entre dois amigos**. 2006, p. 17-23.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-

1800). São Paulo: Cia. das Letras, 2001 [1983]. 537p.

TRIGUEIRO, Aline. Consumo, Ética e Natureza: O Veganismo e as Interfaces de uma Política de Vida. **Interthesis**, Florianópolis, v.10, nº1, p.237-260. 2013.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira Vander. **Inquietas Companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana**. São Paulo: Alameda. 2012. 358p.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1998. Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, Vol. 4, No. 3. 1998. p. 469-488.

WEIL, Kari. They Eat Horses, Don't They? Hippophagy and Frenchness. **Gastronomica: The Journal of Food and Culture**, Vol. 7, No. 2 (Spring 2007), pp. 44-51. Published by: University of California Press.

IMAGENS:

Imagem 1. Foto panorâmica do Parque Eco-Esportivo Damha, p.71.

Fonte: <http://www.damha.com.br/empreendimentos/parque-ecoesportivo-sao-carlos/>. Acesso em Janeiro, 2015.

Imagem 2. Foto panorâmica da Hípica, p.72.

Fonte: <http://www.damha.com.br/empreendimentos/parque-ecoesportivo-sao-carlos/>. Acesso em Janeiro, 2015.

Imagem 3. Croqui da Hípica e seus arredores, p.74. Feito pela autora.

Imagem 4. Fachada dos galpões da Hípica, p.75. Foto extraída do sítio eletrônico do Parque Eco-Esportivo Damha.

Imagem 5. Pista de grama, p.75. Foto extraída do sítio eletrônico do Parque Eco-Esportivo Damha.

Imagem 6. Os cavalos da equoterapia no pasto, p.83. Foto da autora, 2014.

Imagens 7 e 8. Auxiliar-guia com os cavalos, do pasto à Hípica, p.109. Foto da autora. 2014.

Imagem 9 e 10. Equipamentos usados nos cavalos, p.111. Fonte: fotografia da autora, 2013, e Wikihow.

Imagem 11. O cavalo Skate, p.112. Foto da autora, 2013.

Imagem 12. “O trote que trata”, p.119. Fonte: <http://terapiacomanimaisgati.blogspot.com.br/> . Acesso em Julho/2014.

Imagem 13. Uma sessão de montaria ao redor da pista de grama, p.135. Foto da autora, 2013.

Imagem 14. Sessão de montaria no “bosquinho”, p.147. Foto da autora, 2013.

Imagem 15. Foto da performance artística “*Que le cheval vive en moi*”, p.176.

Fonte: <http://www.biofaction.com/synth-ethic/?p=63> . Acesso em fevereiro de 2015.

Imagem 16. “*Centauress*”, John La Large, Online Collection of Brooklyn Museum, p.244.

Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Centaur#mediaviewer/File:Brooklyn_Museum_-_Centauress_-_John_La_Farge_-_overall.jpg. Acesso em Fevereiro, 2015.

VÍDEOS:

1. Performance artística ‘*Que le cheval vive en moi*’ (‘*May the horse live in me*’)

<https://www.youtube.com/watch?v=Awz4w22tFHw>

2. Horse Assisted Therapy at Oslo University Hospital

<http://www.famo.no/TSB/AnnKern/vimeo.html>

3. Simulação do movimento tridimensional do cavalo

<https://www.youtube.com/watch?v=NK1VOnx9UV0>